

APARECIDA NEGRI ISQUERDO

Organizadora



TOPONÍMIA

Tendências toponímicas no
estado de Mato Grosso do Sul

Volume 2

 editora
UFMS

• Série **Toponímia** •

APARECIDA NEGRI ISQUERDO

Organizadora



TOPONÍMIA

Tendências toponímicas no estado de
Mato Grosso do Sul

Volume II

Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS

Deliberação nº 05/19

CONSELHO EDITORIAL

Rose Mara Pinheiro (presidente)

Nalvo Franco de Almeida Jr.

Marcelo Fernandes Pereira

Ruy Caetano Correa Filho

Cibelle Olarte

Alessandra Borgo

Além-Mar Bernardes Gonçalves

Geraldo Alves Damasceno Junior

Antonio Conceição Paranhos Filho

Ana Rita Coimbra Motta de Castro

Elisângela de Souza Loureiro

Vladimir Oliveira da Silveira

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

Rosana Cristina Zanelatto Santos

Ronaldo Chadid

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Divisão da Editora UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul, v.2 [recurso eletrônico] /Aparecida Negri Isquierdo, organizadora – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2020.

1 arquivo 13,9 mb (Série Toponímia)

Inclui bibliografias.

Formato: digital

ISBN 978-85-7613-603-3

1. Toponímia. 2. Língua Portuguesa – Palavras e Expressões. 3. Nomes Geográficos – Mato Grosso do Sul. I. Isquierdo, Aparecida Negri. .II. Série.

CDD (23) 469.798

Elaborada pela Bibliotecária Lilian Aguilar Teixeira CRB 1/2448

• Série **Toponímia** •

APARECIDA NEGRI ISQUERDO

Organizadora



TOPONÍMIA

Tendências toponímicas no estado de
Mato Grosso do Sul

Volume II

Campo Grande/MS

2020



© dos autores
1ª edição: 2020

Direitos reservados desta edição:
Editora UFMS

Projeto Gráfico
Lennon Godoi

Editoração Eletrônica
Divisão da Editora UFMS - DIEDU/SECOM/UFMS

Ilustração da Capa
Giselda Tedesco

Revisão
*A revisão linguística e ortográfica
é de responsabilidade da organizadora*

Direitos exclusivos
para esta edição



Divisão da Editora UFMS - DIEDU/AGECOM/UFMS
Av. Costa e Silva, s/nº | Bairro Universitário | 79070-900
Fone: (67) 3345-7203 - Campo Grande - MS
e-mail: diedu.agecom@ufms.br

Editora associada à



ISBN: 978-85-7613-603-3
Versão digital: setembro 2020



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais. br.creativecommons.org

À Prof^a. Dr^a. *Maria Vicentina de Amaral Dick*, em reconhecimento pelas suas contribuições teóricas para os estudos sobre a Toponímia, em especial pela assessoria científica prestada ao Projeto ATEMS, pelas experiências partilhadas e confiança transmitida.



Sumário

APRESENTAÇÃO _____	8
PROJETO ATEMS: PARÂMETROS METODOLÓGICOS _____	20
Ana Paula Tribesse Patrício Dargel	
Aparecida Negri Isquerdo	
FITOTOPÔNIMOS: INFLUÊNCIA DA VEGETAÇÃO NO PROCESSO DE NOMEAÇÃO _____	66
Suely Aparecida Cazarotto	
OS HIDROTOPÔNIMOS DE MATO GROSSO DO SUL: O QUE OS DADOS DO ATEMS REVELAM _____	93
Carla Regina de Souza Figueiredo	
ZOOTOPÔNIMOS: A FAUNA E SEU REFLEXO NA TOPONÍMIA DE MATO GROSSO DO SUL _____	120
Renato Rodrigues Pereira	

PARTICULARIDADES TOPONÍMICAS E TERMINOLÓGICAS NA MESORREGIÃO DOS PANTANAIS SUL-MATO-GROSSEENSES _____	140
Ana Claudia Castiglioni	
Marlene Schneider	
A TOPONÍMIA COMO EXPRESSÃO DO AMBIENTE FÍSICO: UM OLHAR SOBRE A INFLUÊNCIA DO BIOMA CERRADO _____	162
Suely Aparecida Cazarotto	
PADRÕES TOPONÍMICOS DE BASE INDÍGENA EM MATO GROSSO DO SUL _____	179
Marilze Tavares	
SINTAGMA TOPONÍMICO: UM EXAME COM BASE EM DADOS DO ATEMS _____	211
Doraci da Luz Gonsalves	
Marineide Cassuci Tavares	
A MACROTOPONÍMIA DOS MUNICÍPIOS SUL-MATO-GROSSEENSES: MECANISMOS DE CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA _____	228
Aparecida Negri Isquerdo	
Ana Paula Tribesse Patrício Dargel	
OS AUTORES _____	273



APRESENTAÇÃO

A Onomástica, ciência tradicional que reúne fundamentos teóricos e princípios metodológicos que sedimentam pesquisas sobre o estatuto dos nomes próprios de pessoas e de lugares, tem na Toponímia um campo de investigação consolidado que, sobretudo a partir das contribuições de Dauzat (1926)¹, ganhou corpo e se solidificou como ramo dos estudos onomásticos que estuda os designativos de lugares, os topônimos, como signos linguísticos enriquecidos com elementos da cultura, da história, da geografia da região. A despeito do seu caráter interdisciplinar a Toponímia tem como objeto específico de estudo o signo toponímico, itens lexicais da língua que são investidos, pelo uso, de função denominativa. Atribuir nomes a referentes do lugar em que vive é uma prática milenar como uma forma de o homem situar-se no espaço, marcar território, enfim, garantir o seu “poder” sobre novos lugares. Assim, pode-se conceber o ato da nomeação de um lugar como uma forma de apropriação pelo homem do lugar onde habita e exerce suas atividades profissionais.

Nesse sentido, os nomes de lugares circunscritos a um espaço geográfico fornecem elementos que podem se configurar como pistas para a interpretação da história do homem e a sua relação com o espaço, pois, como argumenta Moreno Fernández

¹ DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Origine et évolution. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

(2007, p. 13), “La toponimia es un raro espacio en el que lengua, tierra y hombre rivalizan por el protagonismo”.²

No Brasil, os estudos toponímicos, a despeito de terem sido preocupação de estudiosos das línguas indígenas desde o início do século XX, ganharam corpo a partir da Tese de Doutorado defendida por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, em 1980, na Universidade de São Paulo/USP, *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos*, publicada em 1990, em forma de livro, com o título *A motivação toponímica e a realidade brasileira*³. Essa publicação representou um divisor de águas no âmbito das pesquisas nessa área no Brasil à medida que o modelo de classificação dos topônimos proposto pela autora e os demais fundamentos teórico-metodológicos delineados por ela desencadearam uma gama significativa de publicações que disseminaram a teoria toponímica construída por Dick durante mais de três décadas.

Esse constructo teórico tem orientado as pesquisas nessa área no Brasil, realizadas, tanto no âmbito da USP quanto nas demais universidades situadas nas mais diferentes regiões brasileiras, dentre elas a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pesquisa relacionada ao Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul, cujos resultados são objeto de discussão nos nove capítulos que compõem este livro. Esses textos procuram demonstrar como a toponímia reflete a interface entre a língua, a história e a geografia de Mato Grosso do Sul materializada nos nomes de lugares.

Em pesquisas toponímicas, investiga-se, pois, essa relação no âmbito do léxico, por se entender que é principalmente por intermédio desse nível da língua que se revelam particularidades sobre como uma comunidade linguística manifesta a sua maneira de ver e de representar o espaço que ocupa.

² MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. La lengua, la tierra, el hombre. In: GARCÍA SANCHEZ, Jairo Javier. *Atlas toponímico de España*. Madrid: Arco/Libros S.A., 2007, p. 11-13.

³ DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

Nessa perspectiva, entende-se que o conteúdo desta obra possa ser de interesse de estudiosos da área para além da fronteira de Mato Grosso do Sul, uma vez que, a despeito de focalizar o produto do ATEMS, pauta-se em fundamentos teóricos da disciplina Toponímia, incluindo os concebidos por estudiosos clássicos da toponímia francesa (Longnon, Dauzat), portuguesa (Leite de Vasconcelos), americana (Stewart), espanhola (Terrado Pablo, García Sanches), galega (Sousa Fernández), com destaque para os defendidos por Dick, seus precursores e seguidores, teoria essa que tem se constituído a espinha dorsal das pesquisas toponímicas no Brasil.

Em face disso, julga-se necessário primeiramente registrar esclarecimentos acerca das decisões teórico-metodológicas tomadas pela equipe de pesquisadores do projeto durante o processo de estudo da toponímia sul-mato-grossense e da consequente produção do Atlas, incluindo considerações acerca da concepção e da estrutura do ATEMS⁴.

Ao tratar da questão da importância da cartografia dos nomes de lugares, Terrado Pablo (1999, p. 132) argumenta que “los topónimos son palabras que no tienen valor fuera del espacio físico en el que han nacido y en el que viven [...]. Por eso, es aconsejable acompañar los estudios toponímicos con mapas que ilustren la situación de los topónimos”.⁵

Partindo desse ponto de vista, o autor propõe dois tipos de mapas: *mapas designativos* e *mapas lingüísticos*. Os primeiros “reflejan los nombres de un tipo determinado de realidad; mapas de nombres de ríos, de fuentes, de núcleos de población, de

⁴ O primeiro capítulo deste livro que trata da metodologia que orientou as diferentes etapas do Projeto ATEMS, com destaque para a estrutura da ficha lexicográfico-toponímica que subsidiou a construção do Sistema de Dados e também orientou a produção do Atlas, contém a explicação detalhada sobre a estrutura do ATEMS que reúne mapas gerais (introdutórios), mapas específicos, mapas temáticos e mapa municipal (Campo Grande).

⁵ TERRADO PABLO, J. *Metodología de la investigación en toponimia*. Zaragoza: J. Terrado, 1999.

montañas...”, enquanto os do segundo tipo configuram-se como mapas temáticos, que “reflejan la difusión en el espacio de un tipo léxico, por ejemplo del elemento *Tozal*, o el contraste entre dos tipos, como la extensión de *Tozal* frente a *Pueyo*” (TERRADO PABLO, 1999, p. 132).

Para a cartografia dos dados do ATEMS, foram consideradas essas contribuições adaptando-as aos objetivos do projeto que gerou o atlas, além das orientações de Dick (1996)⁶. Concebendo-se, pois, o atlas toponímico como um amplo estudo sobre os topônimos de determinado espaço geográfico que tem início com o preenchimento da ficha lexicográfico-toponímica que, por sua vez, demanda um estudo filológico dos nomes dos acidentes geográficos, etapa fundamental para as subseqüentes, uma vez que o estudo sobre a etimologia do nome embasa o estudo da motivação toponímica (nome de uma planta, de um animal, de uma pessoa, de um santo...), o ATEMS foi, originalmente, concebido em dois volumes. O primeiro reuniu informações acerca de aspectos histórico-geográficos do estado de Mato Grosso do Sul, da metodologia que orientou a pesquisa, da concepção teórica adotada para a produção do Atlas e dos critérios que orientaram a produção dos 80 mapas que integraram a primeira versão do Atlas. O segundo volume reuniu estudos acerca de tendências gerais da toponímia sul-mato-grossense identificadas no *corpus* estudado⁷.

Segundo essas tendências integram os atlas toponímicos não apenas os mapas, mas também estudos acerca dos dados catalogados, analisados e mapeados. O *Atlas Toponímico da Espanha* (GARCÍA SANCHEZ, 2007, p. 15), por exemplo, não é “exhaustivo, sino selectivo y didáctico”, priorizando a “toponímia mayor” (macrotoponímia) e foi produzido em um único volume composto predominantemente de capítulos de estudo sobre diferentes aspectos da toponímia espanhola em análise, ilustrados com mapas.

⁶ DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico: um estudo de caso. *Acta Semiotica et Lingvistica*. SBPL. São Paulo, v. 6, p. 27-44, 1996

⁷ ISQUERDO, Aparecida Negri et. al. *ATEMS - Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul*. v. 1. Campo Grande: UFMS/CCHS, 2011 (inédito).

Essa também foi a concepção de Atlas Toponímico assumida pela equipe de pesquisa que atuou na produção do ATEMS, incorporando assim tendências consolidadas no âmbito das pesquisas toponímicas, na Europa, mas também sendo seguidas no Brasil, como é o caso do ATITO⁸ – Atlas Toponímico Indígena do Tocantins, primeiro atlas toponímico publicado no Brasil que apresenta um exaustivo estudo de topônimos de origem indígena, priorizando a análise etnolinguística e não incluindo o mapeamento dos dados analisados⁹.

Deste modo, esta obra, o segundo volume da série TOPONÍMIA, a exemplo do primeiro¹⁰, tem como compromisso divulgar resultados obtidos pelo Projeto ATEMS (2008-2011) que gerou dois produtos significativos para a documentação e estudo dos topônimos sul-mato-grossenses: o Sistema de Dados Informatizado do Projeto ATEMS e a produção do Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul que, originalmente, como já pontuado, reuniu 80 mapas toponímicos que representam resultados do estudo do *corpus* de topônimos de acidentes físicos e de uma parcela de acidentes humanos (cidades, vilas, povoados, bairros rurais...) pertencentes aos territórios dos então 78 municípios do Mato Grosso do Sul, extraídos

⁸ ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas Toponímico de origem indígena do estado do Tocantins* - ATITO. Goiânia: Editora da PUC de Goiás, 2010.

⁹ Como o primeiro volume do ATEMS está em processo de revisão para fins de publicação, este livro reúne os estudos inicialmente previstos para o segundo volume do ATEMS, ou seja, os estudos que discutem resultados evidenciados pelo Atlas. Assim, para melhor situar o leitor, no primeiro capítulo desta coletânea, que trata da metodologia construída para o ATEMS, apresenta-se uma amostra dos mapas produzidos, na sua versão original, antecipando assim uma visão abrangente da estrutura e da configuração do Atlas.

¹⁰ ISQUERDO, A. N. (Org.). *TOPONÍMIA* - ATEMS: caminhos metodológicos. v. 1. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2009. Série Toponímia. Esse primeiro volume da série reuniu nove capítulos que discutiram sobre resultados das pesquisas, de caráter acadêmico, que representaram a primeira etapa dos estudos acerca dos nomes de lugares no Mato Grosso do Sul, período em que aconteceram as discussões teóricas que sedimentaram a metodologia que orientou a produção do atlas.

dos mapas oficiais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Os textos que integram esta publicação, à exceção do primeiro que descreve os pressupostos teórico-metodológicos adotados para a produção do ATEMS, abordam vieses que representam resultados do processo de mapeamento dos dados que mais se destacaram e se relacionam diretamente com os tipos de mapas contemplados pela estrutura do Atlas. Assim, foram objeto de reflexão tópicos relacionados à motivação, às camadas étnicas e à estrutura dos sintagmas toponímicos, além de dados relativos a dois biomas representativos do estado de Mato Grosso do Sul (Pantanal e Cerrado) e à macrotoponímia (nomes dos municípios). Desta forma, três trabalhos discutem os dados concernentes às três taxas toponímicas mais produtivas no universo estudado, representados no bloco dos mapas específicos: *fitotopônimos*, *hidrotopônimos* e *zootopônimos*. Em se tratando dos mapas temáticos foram objeto de discussão três temas: a questão dos nomes de lugares de base indígena; a toponímia do Pantanal Sul-mato-grossense e a influência da flora e da fauna do Cerrado na nomeação de acidentes físicos e humanos. A questão da estrutura do sintagma toponímico, quesito contemplado na análise de todos os dados, também mereceu discussão em um capítulo próprio.

Desta forma, para além de apresentar e discutir os parâmetros metodológicos adotados para o projeto – fundamentalmente a teoria de Dick (1990; 1992; 1996; 1999; 2004)¹¹ –, os nove capí-

¹¹ DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990; _____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 3 ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1992; _____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2004, v. 2, p. 121-130; _____. Atlas toponímico: um estudo de caso. *Acta Semiotica et Linguística*. SBPL. São Paulo, v. 6, p. 27-44, 1996; _____. Métodos e questões terminológicas. Estudo de caso: o Atlas Toponímico de São Paulo. *Revista Investigações*. Linguística e Teoria Literária. Recife/UFPE, v. 9, p. 119-

tulos que compõem esta obra focalizam tendências evidenciadas pelo estudo e mapeamento dos topônimos sul-mato-grossenses já analisados. Este volume também é dedicado à Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick como uma homenagem dos pesquisadores do ATEMS pelo papel por ela desempenhado no âmbito dos estudos onomástico-toponímicos no Brasil e, de forma muito particular, para os realizadas no Estado de Mato Grosso do Sul, como Consultora Científica (2008-2011).

Não é demais reiterar que a Toponímia tem objeto de estudo delimitado – análise linguística dos nomes de lugares, os topônimos – e método de trabalho próprio, o que lhe confere caráter científico como área de investigação.

O capítulo que abre o livro – *ATEMS: parâmetros metodológicos* –, assinado por Dargel e Isquerdo, discute o modelo teórico de Dick, de forma mais pontual os fundamentos publicados nas obras de 1990, 1992 e nos artigos científicos de 1996, 1999 e 2004, que contêm os parâmetros gerais para a pesquisa toponímica e a conseqüente produção de um atlas toponímico, que foram concebidos pela toponimista para subsidiar a produção dos atlas planejados por ela, um atlas nacional – Atlas Toponímico do Brasil (ATB) – e um atlas estadual – Atlas Toponímico do estado de São Paulo (ATESP).

O texto discorre de forma detalhada sobre os caminhos metodológicos percorridos nas diferentes etapas do projeto: coleta dos designativos dos mapas oficiais do IBGE; definição da estrutura da ficha lexicográfico-toponímica; sistematização e análise dos topônimos e devido registro em planilhas do formato Excel; concepção e construção do Sistema de Dados informatizado do Projeto; alimentação do Sistema de Dados; produção do atlas – princípios de cartografia e estrutura do ATEMS – visão geral dos tipos de mapas produzidos com destaque para os critérios e objetivos de cada bloco de mapas: gerais, específicos, temáticos e municipal.

Na sequência, o segundo capítulo – *Fitotopônimos: influência da vegetação no processo de nomeação* – apresenta os resultados do estudo realizado por Cazarotto acerca da fitoponímia no ATEMS. A taxa dos *fitotopônimos* foi a mais produtiva no universo de topônimos estudados e são motivados pela grande diversidade de vegetação que compõe a flora característica da paisagem sul-mato-grossense. Esses dados corroboram uma tendência da toponímia brasileira que nas diferentes regiões do Brasil se faz representar pelas espécies peculiares aos diferentes biomas. No Mato Grosso do Sul nomes de acidentes geográficos formados com o nome da palmeira *buriti*, característica do bioma Cerrado, foram os mais produtivos dentre os *fitotopônimos*.

O terceiro capítulo, de autoria de Figueiredo, aborda os dados relativos à segunda taxa mais produtiva na toponímia sul-mato-grossense, os *hidrotopônimos*, nomes em que o elemento água em suas diferentes configurações é item formador do designativo. No texto intitulado *Os hidrotopônimos de Mato Grosso do Sul: o que os dados do ATEMS revelam*, a autora relaciona a hidrotoponímia com as características hídricas do Estado que, por sua vez, é banhado por duas bacias hidrográficas, a do Paraguai e a do Paraná. Em uma região que abriga uma rica hidrografia é justificável a valorização desse elemento da natureza pela toponímia que também evidencia a influência indígena relacionada ao elemento *água* na denominação dos acidentes geográficos. Topônimos como *Aporé*, *Paraguai*, *Paraná*, *Sucuriú* atestam a influência indígena também em nomes que se reportam a recursos hídricos.

O quarto capítulo – *Zootopônimos: a fauna e seu reflexo na toponímia sul-mato-grossense* – de autoria de Pereira centra-se na discussão da influência da *fauna* como motivação toponímica no âmbito dos dados analisados e mapeados pelo ATEMS. A exemplo dos *fitotopônimos* e dos *hidrotopônimos*, os *zootopônimos* deixam transparecer a influência do ambiente físico, no caso da *fauna*, nos nomes dos acidentes geográficos, muitos deles motivados pela presença física dos animais peculiares à localidade nomeada ou até por aqueles que migram constantemente de lugar. Os *zootopô-*

nimos ocuparam o terceiro lugar em termos de produtividade das taxes toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul, sendo a *onça* o animal mais recorrente na toponímia em pauta.

Os dois capítulos subsequentes discutem influências de dois biomas (conjuntos de grandes ecossistemas vegetal e animal com diversidade biológica própria) representativos da configuração físico-ambiental do território sul-mato-grossense em termos de vegetação, fauna, solo, clima..., o *Pantanal* e o *Cerrado*.

Castiglioni e Schneider, no quinto capítulo desta coletânea – *Particularidades toponímicas e terminológicas na mesorregião dos pantanais sul-mato-grossenses* –, exploram especificidades da toponímia do Pantanal Sul-mato-grossense, um bioma particularmente marcado por riquezas naturais nos campos da hidrografia, da fauna, da flora, da geomorfologia que transparecem na nomeação dos acidentes geográficos, muitos deles específicos desse bioma como os corixos, as vazantes, as baías... As autoras examinam nomes de elementos geográficos que se referem à água, incluindo a questão da toponimização desses nomes, ou seja, quando um termo da nomenclatura geográfica se toponimiza para nomear outro acidente, como ocorre com *corixo*, termo que nomeia uma corrente hídrica, ou seja, o termo genérico do sintagma toponímico e que passa a exercer a função de topônimo, o termo específico, em corixo *Corixão*, dentre muitos outros casos.

Já no capítulo seis – *A toponímia como expressão do ambiente físico: um olhar sobre a influência do bioma Cerrado* –, também de autoria de Cazarotto, a discussão volta-se para o exame da relação entre elementos da fauna e da flora representativos do bioma Cerrado e a toponímia sul-mato-grossense. Para tanto, a autora analisa nomes de espécies de animais – *onça*, *cervo* e *anta* (animais típicos do Cerrado) e de plantas representativos desse bioma – *peúva*, *pequi*, *lixira/lixia*, *mangabeira* – que foram alçados à categoria de topônimos em diferentes pontos do Estado, demonstrando, assim, como o nome de um lugar expressa a manifestação de um povo, de uma memória, de fatores físico-geográficos e históricos.

O capítulo sete – *Padrões toponímicos de base indígena em Mato Grosso do Sul* –, produzido por Tavares, tem como foco a discussão da influência de miscigenações étnicas e linguísticas do povo brasileiro no léxico da língua portuguesa, particularmente em unidades lexicais enriquecidas de função toponímica, com destaque para a Tupi que está na base da nomeação de elementos físicos e humanos da América do Sul e do Brasil. A autora discute aspectos da questão indígena envoltos na toponímia sul-mato-grossense, tecendo considerações quantitativas e qualitativas acerca do conjunto de nomes de lugares de origem indígena que integra o *corpus* do Projeto ATEMS, incluindo a discussão de dificuldades em se trabalhar com toponímia indígena em função da própria complexidade que envolve a questão das línguas indígenas no Brasil.

Cassuci Tavares e Gonsalves, por seu turno, no capítulo oito – *Sintagma toponímico: um exame com base em dados do ATEMS* – discutem os dados toponímicos na perspectiva da sua estrutura e formação, examinando a estrutura morfológica do sintagma toponímico – simples e composto – e a sua formação em casos de topônimos com formantes de outras línguas – simples híbrido e composto híbrido. O texto analisa, pois, padrões toponímicos identificados no *corpus*, buscando elucidá-los e descrevê-los.

Por fim, o nono e último capítulo – *A macrotoponímia de Mato Grosso do Sul: apontamentos* –, também assinado por Isquardo e Dargel, ao contrário dos demais que se voltam para a microtoponímia, traz um olhar para a macrotoponímia dos municípios, mais especificamente, discutindo resultados de um estudo toponímico dos nomes dos municípios sul-mato-grossenses. O texto analisa os nomes dos 79 municípios do Estado, examinando-os em termos de referenciais toponímicos, de causas denominativas e de classificação quanto à motivação (taxionomias). Nessa perspectiva, para fins de sistematização, os dados analisados foram agrupados em dois quadros que contemplaram os referenciais de natureza antropocultural e os de natureza física e neles registrado o topônimo e o respectivo detalhamento com referenciais

toponímicos, causas denominativas e taxionomias. Traz, pois, uma discussão teórica acerca da importância de serem considerados e diferenciados esses três parâmetros (referenciais, causas denominativas e motivação) na análise toponímica.

Vale ainda pontuar o caráter inédito e pioneiro do ATEMS, fundamentalmente, por duas razões: apresentar um amplo estudo sobre *todo* o universo da toponímia de Mato Grosso do Sul registrada nos mapas oficiais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e configurar-se como o primeiro atlas toponímico no Brasil a reunir um volume de mapas e um volume de estudos sobre todo o conjunto de topônimos de uma Unidade da Federação. Os inúmeros estudos toponímicos realizados nas diferentes regiões brasileiras têm apresentado resultados parciais da toponímia estudada.

O ATEMS investigou, pois, o léxico da língua dentro de um recorte toponímico da área rural, os designativos de acidentes físicos e de aglomerados humanos vinculados aos 79 municípios do estado de Mato Grosso do Sul (nome dos municípios, dos distritos, dos povoados, das vilas, dos patrimônios...). O topônimo normalmente é escolhido pelo designador/enunciador em virtude de alguma circunstância social ou ambiental relacionada ao ato de batismo do acidente geográfico. Os estudos toponímicos na modernidade tendem a investigar o signo toponímico com o objetivo de identificar não só a sua etimologia e a sua formação, como também elucidar a motivação do denominador/enunciador ao nomear um lugar, levando, para tanto, em conta os fatores sociais e históricos que o influenciaram na escolha do topônimo entre tantos outros possíveis no paradigma.

Desta feita, por intermédio do resgate e do registro da toponímia regional, os estudos toponímicos aqui partilhados com a comunidade acadêmica evidenciam também aspectos históricos e sociais que, por existirem apenas na tradição oral, poderiam um dia desaparecer no âmbito de uma comunidade linguística. Diante disso, reitera-se que a Toponímia, além de

envolver aspectos intralinguísticos, valoriza também de fatores extralinguísticos.

Por fim, abre-se um espaço neste texto introdutório para alguns merecidos agradecimentos. O primeiro estende-se à FUNDECT – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do estado de Mato Grosso do Sul – pelo apoio financeiro concedido ao projeto no período de 2008-2011, sem o qual não teria sido possível a sistematização dos dados, a análise e cartografia do acervo toponímico armazenado no Sistema de Dados, cuja montagem também só se viabilizou graças aos recursos liberados.

Em virtude do seu caráter interinstitucional o Projeto ATEMS aglutinou pesquisadores das diferentes regiões do Estado, razão pela qual os recursos liberados pela FUNDECT também garantiram o apoio logístico para a execução da pesquisa. Manifesta-se também o reconhecimento aos autores que participam desta publicação, todos pesquisadores do projeto vinculados a diferentes instituições de ensino de Mato Grosso do Sul e do país que vivenciaram o passo a passo da pesquisa partilhando e superando desafios. Os agradecimentos se estendem de forma especial à Editora UFMS pelo apoio concedido a esta publicação, o segundo volume da série Toponímia, criada pela Editora para abrigar publicações da área e que, na sua essência, traduz a valorização das pesquisas onomástico-toponímicas na UFMS.

Agradece-se, por fim, aos pesquisadores da área pelas críticas, ao mesmo tempo em que se tem a expectativa de que esta publicação seja útil aos interessados pela área da Toponímia e, sobretudo, possa estimular profícuos diálogos onomástico-toponímicos!

Aparecida Negri Isquerdo



PROJETO ATEMS: PARÂMETROS METODOLÓGICOS

Ana Paula Tribesse Patrício Dargel

Aparecida Negri Isquerdo

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

O modelo teórico-metodológico concebido por Dick, a partir da sua Tese de Doutorado, defendida na Universidade de São Paulo em 1980 e publicada em 1990, com o título *Motivação toponímica e realidade brasileira*, foi aperfeiçoado pela pesquisadora, durante mais de três décadas de pesquisas na área, e tem servido de parâmetro para o desenvolvimento de variantes regionais de atlas toponímicos em execução em diferentes universidades brasileiras. O Projeto ATEMS beneficiou-se dessa fonte à medida que seguiu fundamentalmente os princípios teóricos de Dick nas diferentes fases da pesquisa que gerou os primeiros resultados do Atlas. O projeto, a par de outros objetivos específicos, teve como metas organizar um Sistema de Dados informatizado da toponímia rural (acidentes físicos e humanos) do estado de Mato Grosso do Sul, construído com base nos itens da ficha lexicográfico-toponímica concebida para o registro de cada topônimo catalogado pelo projeto. Esse *corpus* informatizado subsidiou a produção do Atlas, a outra grande meta estabelecida para o projeto que se concretizou por meio da cartografia dos topônimos de acidentes físicos (córregos, rios, serras, ilhas, baías) e humanos (cidades sedes de municípios, vilas, distritos, povoados...), com base nos

modelos adotados, evidenciando aspectos como: estratos linguísticos predominantes; classificação dos topônimos, segundo a motivação; estrutura morfológica dos designativos; particularidades regionais dos topônimos, dentre outros.

Na sequência, estão detalhadas as diretrizes metodológicas que têm orientado o projeto de pesquisa Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS e a consequente produção do Atlas.

2. FONTE DOS DADOS

Tendo em vista os objetivos estabelecidos para o Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul, foram utilizados como fonte de coleta dos topônimos os mapas oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), escalas 1:100.000 disponíveis em rede até 2010.

Na primeira etapa do Projeto (2002-2006)¹, além dos mapas do IBGE, cujas escalas oscilavam entre 1:250,000 (maioria) e 1:100.000, em algumas pesquisas acadêmicas também foram utilizadas outras fontes oficiais, dada a limitação dos mapas então disponíveis: 1) Folhas cartográficas/Mapa da Bacia do Alto Paraguai e do Pantanal do Brasil/escala 1:250.000/Ministério do Exército (1982)²; 2) mapas fornecidos pelas Prefeituras municipais de alguns municípios³; 3) documento fornecido pela SEPLAN (Secretaria de Planejamento do estado de Mato Grosso do Sul) sobre a toponímia sul-mato-grossense⁴.

¹ Pesquisas realizadas como dissertação de Mestrado, orientadas por Aparecida Negri Isquerdo, e defendidas no Mestrado em Letras de Três Lagoas/UFMS, por Schneider (2002), Dargel (2003); Tavares (2004); Gonsalves (2004); Tavares (2005) e Souza (2006). Essas pesquisas contaram com a consultoria científica da Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (USP), coordenadora do ATB (Atlas Toponímico do Brasil), que também participou das bancas de qualificação e defesa das dissertações.

² Schneider (2002).

³ Dargel (2003).

⁴ Tavares (2005).

Como fora vislumbrado pela orientadora dos trabalhos produzidos entre 2002-2006, a etapa subsequente da pesquisa seria acoplar os resultados parciais em uma grande base de dados sobre a toponímia sul-mato-grossense, tendo em vista que os topônimos já haviam sido coletados, classificados e analisados segundo princípios teóricos gerais comuns. Nessa fase da pesquisa, fica, pois, evidente a necessidade de se aproveitar o que estava pronto em um projeto cujo resultado poderia se configurar como uma fonte de consulta significativa para os interessados pela toponímia e, conseqüentemente, pela diversidade linguística, cultural, histórica e geográfica do Estado.

Em face disso, a execução da segunda etapa do projeto (2008-2011), que resultou na primeira versão do ATEMS, deu continuidade às pesquisas toponímicas no Mato Grosso do Sul, agora como um Projeto coletivo e de natureza interinstitucional com a parceria da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e desenvolvido com financiamento da FUNDECT – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do estado de Mato Grosso do Sul.

Essa fase do projeto centrou suas atividades na produção do Atlas dos topônimos que nomeiam acidentes físicos localizados nos então 78⁵ municípios do Estado e de alguns tipos de acidentes humanos urbanos (cidades, vilas, povoados, patrimônios...). Dessa forma, a equipe de pesquisadores do ATEMS, em busca de uma homogeneidade maior da coleta dos dados, decidiu ampliar o inventário de topônimos por meio de nova coleta de topônimos em bases únicas de consulta, no caso, os mapas digitais do IBGE, na versão então mais atual disponível em linha no formato PDF: mapas municipais estatísticos. Essas fontes cartográficas, em sua grande maioria, são de escala de 1:100.000.

⁵ Na atualidade, com a criação do município Paraíso das Águas, o estado de Mato Grosso do Sul é composto por 79 municípios.

3. LEVANTAMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

O levantamento dos dados foi realizado pela equipe de pesquisadores do ATEMS, por meio de consulta manual aos mapas estatísticos do IBGE relativos aos 78 municípios que à época formavam a malha municipal de Mato Grosso do Sul.

Concluída a segunda fase de levantamento dos dados, passou-se à etapa subsequente que consistiu na primeira etapa de análise dos topônimos, necessária para o preenchimento da ficha lexicográfico-toponímica. Essa fase da pesquisa compreendeu as seguintes etapas: consulta a dicionários de língua portuguesa, línguas indígenas, para fins de obtenção do significado dos nomes que deram origem aos topônimos e a consequente identificação da língua de origem e etimologia desses designativos. Apurar o significado do nome é uma condição para a classificação desse nome segundo modelo adotado pelo Projeto ATEMS (DICK, 1990; 1992).

Segundo essa metodologia, o topônimo é classificado a partir do significado básico do nome que lhe deu origem (literal e/ou regional, dependendo do caso). Assim, topônimos formados por unidades lexicais que nomeiam correntes hídricas (rio, córrego, nascente, vertente) recebem a classificação de hidrotopônimos; os que se referem a nomes de pessoas, antropotopônimos; os que se reportam a nomes de santos, hagiopônimos, para mencionar algumas categorias.

Concluída essa etapa da análise, os dados foram registrados em planilhas no formato *EXCEL* por município, reunindo, desse modo, as informações necessárias para o preenchimento da ficha lexicográfico-toponímica que subsidiou a alimentação do Sistema de Dados do Projeto ATEMS.

3.1 A ficha lexicográfico-toponímica

A ficha lexicográfico-toponímica do ATEMS é uma adaptação do modelo elaborado para o Projeto ATESP, concebido e

coordenado pela Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Essa ficha (DICK, 2004, p. 130) contém os seguintes itens: Localização – Município; Topônimo; Acidente geográfico; Taxionomia; Etimologia; Entrada lexical; Estrutura morfológica; Histórico; Informações enciclopédicas; Contexto; Fonte; Pesquisador; Revisor e Data da coleta.

Dadas as peculiaridades e necessidades do Projeto ATEMS e o contexto atual em termos de divisões administrativas do IBGE, como também os recursos fornecidos pela Informática para a formação de *corpora*, para catalogação dos topônimos e posterior registro em um Sistema de Dados Informatizado, sentiu-se a necessidade de ampliar os itens do modelo original. Desse modo, a ficha lexicográfico-toponímica do ATEMS passou a conter, além dos dados constantes da proposta em que se baseou, os seguintes elementos: Tipo de acidente; Variante cartográfico-lexical; Língua de origem; Atlas; Mesorregião; Microrregião; Área; Coordenador e Responsável pelo lançamento das informações toponímicas no Sistema de Dados.

Assim, considerando-se os objetivos traçados, foi definida a ficha lexicográfico-toponímica, com a estrutura a seguir detalhada, como forma de organizar, classificar e apresentar os topônimos no Sistema de Dados do ATEMS que foi estruturado a partir dos itens da ficha.

1. *Localização: Município* – espaço onde está situado o topônimo (*Água Clara*); *Mesorregião* – subdivisão dos estados brasileiros definida pelo IBGE que congrega diversos municípios de uma área com similaridades econômicas e geográficas – onde se situa o topônimo (*Leste; Centro-Norte...*); *Microrregião* – subdivisão das mesorregiões que reúne um agrupamento de municípios limítrofes, que é utilizada pelo IBGE para fins estatísticos e que também é definida com base em similaridades econômicas e sociais (*Campo Grande; Alto do Taquari,...*).

2. *Topônimo* – o nome próprio do acidente, isto é, o elemento específico do sintagma toponímico, conforme a teoria de Dick (1990; 1992) (*Sucuriú*).

3. *Acidente geográfico* – a indicação do tipo de acidente geográfico nomeado, ou seja, o elemento genérico do sintagma toponímico (*córrego, cachoeira, rio, distrito...*).

4. *Variante cartográfico-lexical* – quando detectadas, nas fontes pesquisadas, variações fonético-fonológicas (ortográficos) ou lexicais (por exemplo, *córrego Lageadinho/Lajeadinho, rio Aporé/do Peixe*).

5. *Tipologia do acidente geográfico* – se humano (AH) ou físico (AF).

6. *Área (rural/urbana)* – espaço no qual se situa o topônimo, se na área rural (*córrego, rio, serra...*) ou na urbana (*cidade, vila, povoado...*).

7. *Classificação toponímica* – classificação quanto à motivação do topônimo de acordo com o modelo adotado (DICK, 1992, p. 31-34), que contém vinte e sete taxes; essa classificação fornece os dados qualitativos a respeito do universo pesquisado. Dessa forma, os topônimos de índole mineral, por exemplo, são classificados como litotopônimos (*córrego Pedra Bonita*). Nesse item, foi considerada também a contribuição de Isquierdo (1996, p. 118), que propõe uma subclassificação para os animotopônimos. Por exemplo, em Ribeirão *Bonito* o elemento específico *Bonito*, o topônimo propriamente dito, por remeter a um estado de ânimo do denominador, é classificado por Dick (1992) como animotopônimo. Isquierdo (1996), por sua vez, considera que os animotopônimos podem traduzir estados psíquicos negativos ou positivos e, assim, nessa perspectiva, o mesmo Ribeirão *Bonito* é classificado pela pesquisadora como animotopônimo *eufórico* por deixar transparecer um aspecto positivo/agradável do topônimo. Já em Seringal *Semitumba*, o elemento específico do sintagma toponímico, *Semitumba*, é classificado como animotopônimo *disfórico* por evocar um traço negativo/desagradável na motivação semântica do topônimo.

8. *Língua de origem* – estrato linguístico da unidade lexical que deu origem ao designativo (exemplo: tupi, como em rio *Sucuriú*).

9. *Etimologia* – registro da etimologia do topônimo com base em consultas a dicionários de língua (*Capões* – derivado de *Capão* que, segundo Teodoro Sampaio (1928, p. 179), significa o mato crescido e isolado no campo); registra-se a base linguística dos topônimos de línguas indígenas, africanas, portuguesa e outras de uso não corrente e/ou de caráter regional.

10. *Entrada lexical* – a forma como o topônimo pode ser encontrado e/ou inserido nas obras lexicográficas (*Rompe Dia* → *Romper Dia*);

11. *Estrutura morfológica do topônimo* – o elemento específico do sintagma toponímico pode ser classificado morfológicamente como *simples* – formado por um elemento; como *composto* – em que aparecem dois elementos ou mais na composição do topônimo. Os topônimos podem ser formados por elementos de uma mesma língua ou serem *híbridos*, quando formados por mais de um estrato linguístico. Dessa forma, quanto à formação, o topônimo pode ser *simples híbrido* – com apenas um componente lexical, mas composto com elementos de mais de um estrato linguístico (córrego Taquaral = taquara-tupi + al-português), e *composto híbrido* – formado por dois ou mais itens lexicais oriundos de línguas diferentes (rio *Indaiá do Sul* = Indaiá-Tupi + Sul-português). Na ficha lexicográfico-toponímica o item *a ser segmentada* indica que a origem linguística do topônimo não foi identificada por falta de fontes linguísticas confiáveis e, conseqüentemente, aguarda a segmentação da estrutura morfológica, pois, quando não se consegue apurar com segurança a etimologia da palavra do léxico comum que deu origem ao topônimo, também não se consegue segmentá-la, o que impossibilita a classificação do nome em termos de estrutura formal. Esse fenômeno foi observado, sobretudo, em nomes de origem indígena. Ilustram esse caso, dentre outros, os topônimos *Nabileque* (nome de um rio e de um Pantanal) e *Pandovi* (nome de uma vazante no Pantanal).

12. *Histórico* – dados sobre a história do nome, da fundação da localidade nomeada.

13. *Informações enciclopédicas* – particularidades encontradas sobre o topônimo nos mapas e em referências bibliográficas ou em sites.

14. *Contexto* – aspectos relevantes sobre a motivação do topônimo encontrado nas fontes pesquisadas, como, por exemplo, o registro do topônimo em documentos históricos, em obras literárias....

15. *Fonte* – obra de referência de onde o topônimo foi coletado como mapas, documentos históricos.

16. *Referências bibliográficas* – as referências das obras lexicográficas que registram a unidade lexical-base que foi elevada à categoria de topônimo, quando já registrada em dicionários gerais e regionais, e das diferentes fontes consultadas com a finalidade de buscar informações acerca do designativo inseridas nos microparadigmas *histórico*, *informações enciclopédicas* e *contexto*.

17. *Coordenador* – nome do profissional responsável pela coordenação do Projeto.

18. *Pesquisador* – nome do responsável pela coleta do topônimo da fonte selecionada para a pesquisa.

19. *Revisor* – profissional responsável pela revisão geral da ficha.

20. *Responsável pelo lançamento no Sistema de Dados* – bolsista de Iniciação Científica e/ou pesquisador encarregado da alimentação da ficha lexicográfica-toponímica no Sistema de Dados.

21. *Data da coleta do dado* – ano em que o topônimo foi coletado. Ressalta-se que foi confeccionada uma ficha para cada topônimo que compõe o *corpus*, pois são os dados nela registrados que subsidiaram a análise posterior dos dados.

Na sequência, apresentamos, a título de ilustração, a ficha lexicográfico-toponímica do Projeto ATEMS, resultante da adaptação e ampliação do modelo de Dick (2004).

Quadro 1 - Ficha lexicográfico-toponímica do Projeto ATEMS⁶

Localização/Município: Camapuã
Mesorregião: Centro-Norte
Microrregião: Alto Taquari (MR 03)
Acidente: Município
Topônimo: Camapuã
Variante cartográfico-lexical: (Não há)
Tipo de acidente geográfico (físico/humano): Humano
Área (rural/urbana): Urbana
Classificação toponímica: Litotopônimo
Língua de origem: Tupi
Etimologia: Camapuã: “Cama-poã, o peito arredondado; o peito saliente; a colina arredondada; cômodo; a meia laranja. Rio Grande do Sul, Mato Grosso” (SAMPAIO, 1987, p. 213) Camapuã: “Cama + apuã = elevação arredondada; nome de Rio do Mato Grosso, afluente da margem direita do rio Coxim e cidade, Zona do Rio Pardo” (GREGÓRIO, 1980, p. 540).
Entrada lexical: Camapuã
Estrutura morfológica do topônimo: Composta

⁶ Os dados desta ficha foram extraídos do *Sistema de Dados do Projeto ATEMS*. Campo Grande: UFMS, 2011.

Histórico:

Estimativa da População em 2018: 13.727

Área da unidade territorial (Km²): 6.228,631

Código do Município: 500650

Gentílico: camapuense

Nomes anteriores: Fazenda Camapuã; Sesmaria de Camapuã

Em 1593, jesuítas espanhóis, procedentes de Guairá, subiram os rios Paraná e Pardo e se estabeleceram, com uma Redução, à margem esquerda do Ribeirão Camapuã, a três quilômetros da atual sede do município. Por volta de 1630, bandeirantes paulistas destruíram a Redução, transformando o local num simples pouso daqueles que demandavam às minas de ouro de Cuiabá. Arrefecida a febre de ouro e cessada a penetração das bandeiras, a localidade caiu em completo abandono, situação alterada no início do século XX, quando, em 1921, o Governo do Estado autorizou a reserva ou desapropriação de 3.600 hectares para a formação do patrimônio de Camapuã, no Município de Coxim. Em 1924, foi erguida a primeira casa, onde hoje se localiza a Cidade, por João da Motta, que iniciou, também, a construção de uma igreja, visando a transformar a localidade em um grande núcleo populacional. Vindo a falecer João da Motta, sua obra foi concretizada com a chegada de vários fazendeiros, entre eles Tibúrcio Dias, Firmino Borges, Lázaro Caiana, Francisco Gonçalves Rodrigues e Alaor Gonçalves Rodrigues, que instalaram suas fazendas de gado na localidade.

Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o distrito de Camapuã figura no município de Coxim. Elevado à categoria de município com a denominação de Camapuã, pela lei nº 134, de 30-09-1948, desmembrado do município de Herculânea (ex-Coxim).

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/camapua.html> Acessos diversos.

Informações enciclopédicas:

O município tem população de 13.727 habitantes, tem como base de sua economia a pecuária e o bioma do qual faz parte é o Cerrado.

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/camapua.html> Acessos diversos.

Contexto:

“Fica o sítio, ou fazenda de Camapuã à borda de um pequeno rio, do qual toma o nome, como ali não há outro morador, tem ele toda largueza, que querem os seus donos, que são quatro em uma sociedade para se utilizarem dos lucros, que são grandes nas carreações das canoas, e fazenda, e no mantimento, que vendem aos passageiros” (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 2002, p. 27).

Fonte:

Mapa do IBGE – 1987 – Camapuã – Escala 1:100.000

Referências bibliográficas:

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: <http://www.ibge.gov.br/cidades>; <http://biblioteca.ibge.gov.br/>.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. 5 ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília, DF: INL, 1987.

GREGÓRIO, Ir José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Vol. 2. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

Coordenador: Aparecida Negri Isquerdo
Pesquisador: Marineide Cassuci Tavares
Revisor: Ana Paula Tribesse Patrício Dargel
Responsável pelo Lançamento no Sistema de Dados: Bolsistas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS
Data da Coleta do Topônimo: 2010

Fonte: Elaboração das autoras com base na ficha do ATEMS (2011).

3.3 O sistema de dados do ATEMS⁷

Os dados da ficha lexicográfico-toponímica foram armazenados num Sistema de Dados desenvolvido para esse fim que abriga todas as informações do *corpus*. A primeira versão dessa base de dados foi criada pelo profissional na área de Informática, Bianor Neto, que, além de construir a ferramenta, prestou assistência técnica aos pesquisadores do ATEMS.

O embrião do Sistema de Dados do ATEMS surgiu durante a pesquisa do colega de equipe, Renato Rodrigues Pereira, à época aluno de Mestrado, para armazenamento dos dados da sua dissertação. Como a proposta se mostrou produtiva, a equipe do Projeto ATEMS optou por aperfeiçoar a ferramenta, de maneira a atender os objetivos de um projeto mais amplo. Além disso, foi construído de maneira a abrigar dados de outros Atlas Toponímicos e já contém os topônimos dos municípios do Sul Goiano analisados por Pereira (2009).

⁷ Apresenta-se aqui a estrutura e a configuração do Sistema de Dados do ATEMS em voga até 2012 quando foram produzidos os originais deste texto e, por extensão, desta obra como um todo. Em 2014 o Sistema foi reestruturado a partir de novas linguagens computacionais. A estrutura permanece a mesma, ou seja, estruturado a partir da ficha lexicográfico-toponímica.

O Programa foi construído a partir dos itens da ficha lexicográfica-toponímica e para tanto foi utilizada a linguagem PHP (*Hypertext Preprocessor*) de programação e o MySQL como gerenciador do Sistema de Dados. Esse gerenciador utiliza a linguagem SQL (do inglês *Structured Query Language*) para consulta à base de dados para realizar todas as operações necessárias para trabalhar com as informações do Projeto ATEMS.

A PHP, criada em 1994 por Rasmus Lerdorf, é uma linguagem livre, interpretada e muito utilizada para gerar conteúdos dinâmicos para a *web*. Por ser dinâmica, é possível, por intermédio dela, fazer uma ligação com a base de dados para efetuar cadastros, alterações, exclusões, relatórios, além de ser possível implementar soluções *web* mais velozes, simples e eficientes. A versão aqui apresentada é a 5.3.5 lançada em 6 de janeiro de 2011. A linguagem SQL foi desenvolvida no início de 1970 nos laboratórios da IBM (*International Business Machines*) e, pela simplicidade e facilidade de uso, é utilizada por vários gerenciadores de Sistemas de alimentação de Dados.

O sistema utilizado para gerenciar a base de dados foi o MySQL. A fácil integração desse sistema com a Linguagem PHP (*Hypertext Preprocessor*) favoreceu seu desenvolvimento, visto que a maioria dos pacotes para a Internet estava agrupado à linguagem PHP e ao MySQL, combinação essa utilizada por grandes empresas do mundo inteiro. O MySQL é livre, tem excelente desempenho, é estável e requer poucos recursos de *hardware*. A versão 5.5, utilizada na construção do Sistema de Dados do ATEMS, foi lançada em 15 de dezembro de 2010.

Além das linguagens, foram utilizadas algumas ferramentas para ajudar a desenvolver o sistema. Uma delas é o *PhpMyAdmin*, um *software* desenvolvido em PHP para administração do MySQL pela Internet. A partir desse sistema é possível criar e remover bases de dados, criar, remover e alterar tabelas, inserir, remover e editar campos, executar códigos SQL e manipular campos-chave.

Como padrão para desenvolver, utilizar e testar o sistema foi utilizado o navegador *Firefox*, por ser um navegador *Web* livre fabricado pela Fundação *Mozilla* e centenas de colaboradores. O *Firefox* favorece o desenvolvimento de *plugins* que possibilitam melhorar a vida de seus usuários. Um desses *plugins* foi o *FireFTP*, que permite a comunicação entre o disco rígido do computador do desenvolvedor com o computador do servidor que irá armazenar os arquivos do sistema. Embora tenha sido desenvolvido para rodar sem erros no navegador *Firefox*, o sistema roda nas versões mais recentes do *Internet Explorer* (Navegador padrão do fabricante *Microsoft*) e *Chrome* (Navegador padrão do fabricante *Google*).

O Sistema de Dados do ATEMS foi alimentado pelos bolsistas de Iniciação Científica do Projeto, vinculados ao Curso de Letras do CCHS/UFMS, orientados e supervisionados pela coordenadora geral do Projeto. Na sequência, apresenta-se a descrição da estrutura do Sistema de Dados do ATEMS com destaque para as funções de cada item do *menu*.

3.3.1 Processo de alimentação de dados no Sistema ATEMS

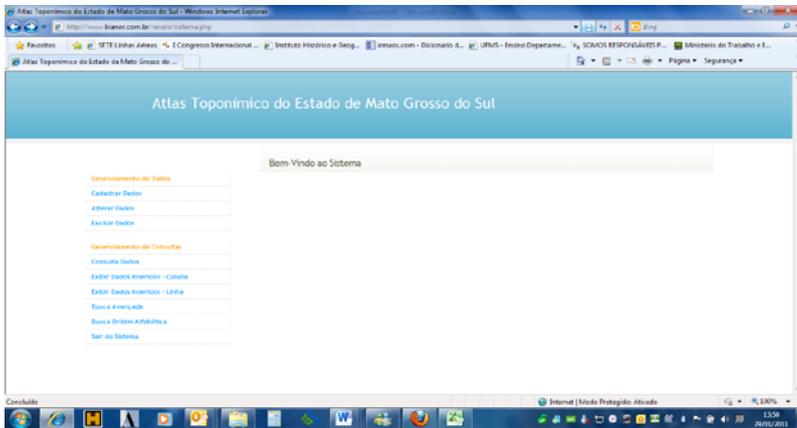
O armazenamento dos topônimos do *corpus* no programa criado para gerar o Sistema de Dados utiliza recursos disponíveis nessa base que, embora sem grandes sofisticções, até onde consta, é a primeira base informatizada no âmbito das pesquisas toponímicas no Brasil, alimentada com dados oficiais disponibilizados pelo IBGE, com capacidade para gerar relatórios diversos de acordo com a necessidade da consulta. O Sistema de Dados do Projeto ATEMS, quando foi finalizado este texto (2018), reunia 7.437 topônimos cadastrados e analisados de acordo com os itens da ficha lexicográfico-toponímica⁸.

⁸ Em maio de 2019, quando foi concluída a revisão dos originais deste livro, o Sistema tinha armazenados cerca de 16.000 topônimos da área rural dos municípios sul-mato-grossenses.

O pesquisador cadastrado no Projeto ATEMS acessa o Sistema de Dados com seu *login* e senha e gerencia as informações a seguir para alimentar dados e/ou consultar informações já registradas no sistema (Figura 1).

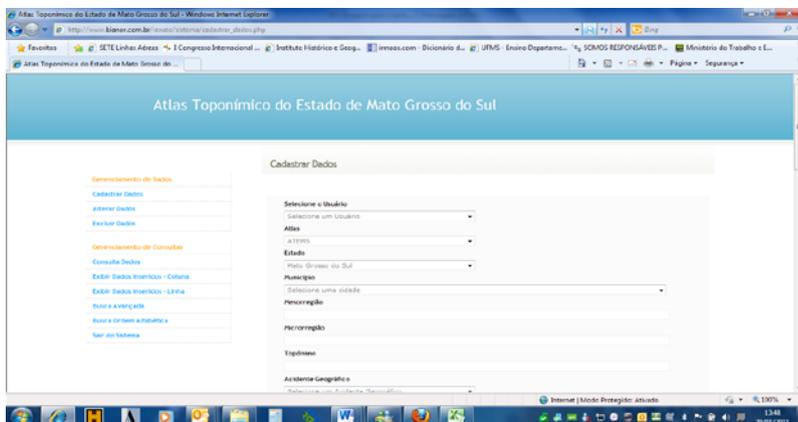
1 – Gerenciamento de dados – tela em que é possível *Cadastrar dados* (no caso de informações novas a serem inseridas); *Alterar dados* (efetuar alguma correção em dados de topônimos já cadastrados ou acrescentar alguma nova informação com vistas a subsidiar o estudo desse topônimo) e *Excluir dados* (retirar informações sobre os topônimos ou até mesmo excluir o nome do acidente geográfico); o Sistema permite o controle de ações associadas a cada categoria de usuário.

2 – Gerenciamento de consultas – o Sistema possibilita várias possibilidades de pesquisa sobre os topônimos, quais sejam: *Consulta de dados* (no caso de o pesquisador desejar investigar os topônimos por mesorregião, microrregião, taxionomia, estrutura morfológica, dados enciclopédicos, enfim, a possibilidade de consulta a todos os itens da ficha lexicográfica-toponímica já cadastrados no Sistema de Dados); *Exibir dados inseridos – coluna* (de acordo com a necessidade do pesquisador, ele pode visualizar os dados em colunas); *Exibir dados inseridos – linha* (essa opção permite ao pesquisador visualizar os dados em linha); *Busca avançada* (neste item, pode-se pesquisar o número total de topônimos cadastrados, ou apenas um dos itens da ficha. A *busca avançada* é configurada conforme a necessidade do pesquisador no ato da consulta e para posterior análise geral de algum dado); *Busca em ordem alfabética* (pesquisa-se, por meio desse item, os topônimos de uma determinada letra do alfabeto. Os topônimos são todos apresentados em ordem alfabética); *Sair do sistema* (momento de sair e fechar o sistema de dados informatizado e *on-line*).

Figura 1: Espelho em tela do processo inicial de alimentação de dados

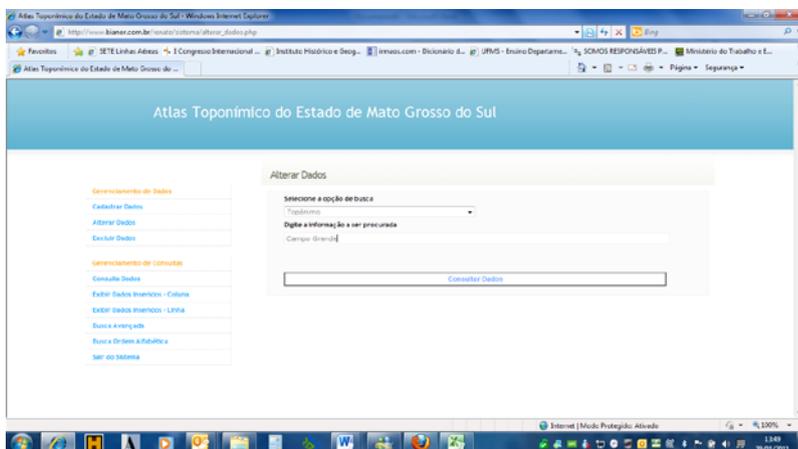
Fonte: Sistema de Dados do Projeto ATEMS (2011).

Para cadastrar os dados dos topônimos na ficha lexicográfico-toponímica gerada pelo Sistema de Dados e inserir todas as informações possíveis e encontradas a respeito dos designativos dos acidentes geográficos como atlas, estado, município, mesorregião, microrregião, topônimo, língua de origem, acidente geográfico, topônimo, enfim, para executar esse procedimento o pesquisador deve selecionar na tela do computador, já logado no sistema de gerenciamento, o item *cadastrar dados* e lançar as informações relativas a todos os elementos possíveis da ficha lexicográfico-toponímica (Figura 2).

Figura 2: Espelho em tela da função *cadastrar dados*

Fonte: Sistema de Dados do Projeto ATEMS (2011).

Se o pesquisador necessitar apenas alterar informações no Sistema de Dados, deverá fazer a busca por um topônimo (por exemplo *Campo Grande*), procedimento que gera a lista de todos os topônimos *Campo Grande* que constam no sistema e, assim, o pesquisador poderá selecionar o que lhe interessa e incluir e/ou alterar informações no sistema (Figura 3).

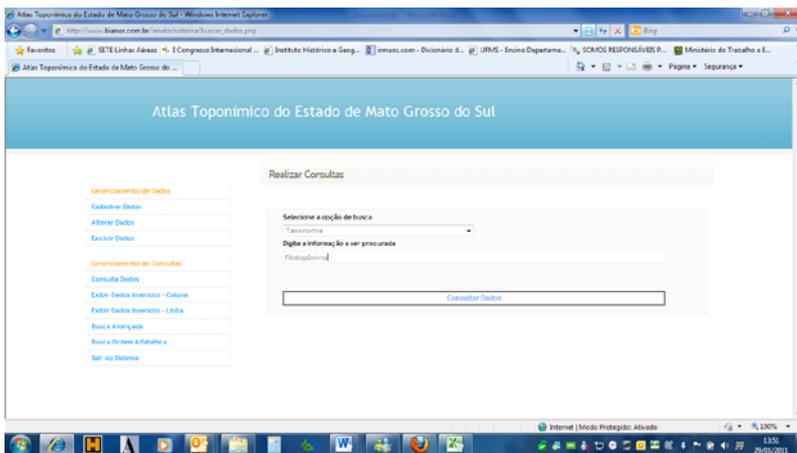
Figura 3: Espelho em tela da função *alterar dados* pela busca pelo topônimo

Fonte: Sistema de Dados do Projeto ATEMS (2011).

Para consultar os dados relativos a um topônimo, por exemplo o item taxionomia toponímica, o pesquisador seleciona a função *consulta* e realiza a busca pela *taxionomia*. O Sistema oferece como opções de busca as 27 taxes toponímicas do modelo de Dick (1990; 1992), adotado pela equipe do ATEMS, e a contribuição de Isquerdo (1996) para a classificação dos animotopônimos em eufóricos e disfóricos.

Na imagem a seguir (Figura 4), foi solicitada a pesquisa pela taxie dos fitotopônimos, razão pela qual a tela disponibilizou todos os fitotopônimos cadastrados no Sistema de Dados do Projeto ATEMS (a pesquisa poderia ser pela taxie dos zootopônimos, dos antropotopônimos, dos hagiopotopônimos ou qualquer outra taxie cadastrada).

Figura 4: Espelho em tela da função *consultar dados*



Fonte: Sistema de Dados do Projeto ATEMS (2011).

O Sistema permite ainda o acesso a detalhes das informações sobre os topônimos a partir da solicitação da pesquisa por ordem alfabética. Para tanto, o usuário deverá selecionar o item da ficha lexicográfico-toponímica que desejar, como, por exemplo, o nome do *Atlas* (ATEMS); do *Município* (Água Clara, Naviraí...); do *Estado* (Mato Grosso do Sul); da *Mesorregião* (Leste, Norte...);

da *Microrregião* (Três Lagoas, Cassilândia, Campo Grande...); do *Topônimo* (Campo Alegre, Canivete, Sucuriú...); do *Acidente geográfico* (rio, córrego, ribeirão...); da *Variante cartográfico-lexical* (rio Aporé\ rio do Peixe); do *Tipo do acidente* (se acidente humano ou se acidente físico); da *Área* (se rural ou se urbana); *Taxionomia* (litotopônimo, animotopônimo, antropotopônimo, litotopônimo, astrotopônimos...); *Língua de origem* (Portuguesa, Guarani, Tupi...); *Etimologia* (descrição da etimologia nos dicionários pesquisados para cada topônimo); *Entrada lexical* (Campo Alegre, Aporé, Buriti...); *Estrutura morfológica* (simples, composto, simples híbrido, composto híbrido); *Histórico* (dados históricos sobre a localidade e ato de nomeação); *Informações enciclopédicas* (tudo que possa ajudar a esclarecer sobre a origem e a história do topônimo em tela).

Figura 5: Espelho em tela da função *exibir detalhes dos topônimos*

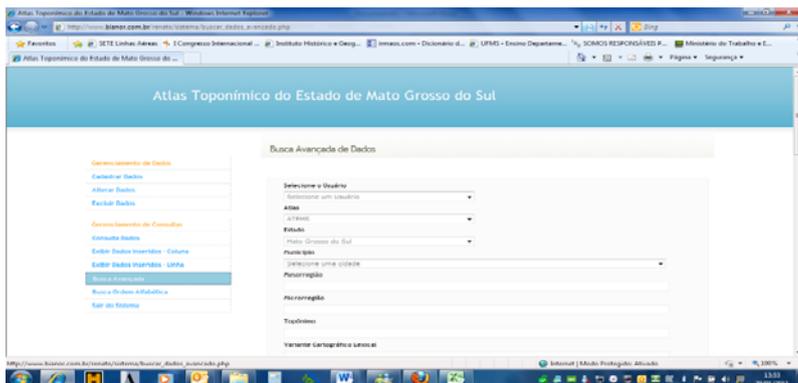
Nome	Município	Cidade	Assentamento	Microrregião	Topônimo	Acidente geográfico	Variante Cartogr-Ofic-Local	Tipo	Área	Taxionomia	Língua de origem	Etimologia	Entrada Lexical	Estrutura morfológica	Histórico	Informações Enciclopédicas
JT245	Rio do Peixe	APORÉ	Três Lagoas (MS 07)	Campo Alegre	Córrego		Físico Rural	Rural	Geomorfotopônimo	Portuguesa			Campo Alegre	Composto		
JT246	Rio do Peixe	APORÉ	Três Lagoas (MS 07)	Campo Alegre	Ribeirão		Físico Rural	Rural	Geomorfotopônimo	Portuguesa			Campo Alegre	Composto		
JT247	Rio do Peixe	APORÉ	Três Lagoas (MS 07)	Canivete	Córrego		Físico Rural	Rural	Erpantônimo	Portuguesa			Canivete	Simples		
JT248	Rio do Peixe	APORÉ	Três Lagoas (MS 07)	Caracul	Córrego		Físico Rural	Rural	Dualônimo	Portuguesa			Caracul	Simples		
JT249	Rio do Peixe	APORÉ	Três Lagoas (MS 07)	Centro do	Ribeirão		Físico Rural	Rural	Dualônimo	Portuguesa			Centro	Simples		
JT250	Rio do Peixe	APORÉ	Três Lagoas (MS 07)	Cano	Ribeirão		Físico Rural	Rural	Compostônimo	Portuguesa			Cano	Simples		

Fonte: Sistema de Dados do Projeto ATEMS (2011).

Para uma pesquisa pormenorizada a respeito dos topônimos armazenados, há a opção *busca avançada* que auxilia na obtenção de informação sobre a quantificação dos dados armazenados no sistema, à medida que, com esse recurso, o sistema gera a relação completa de topônimos. Além disso, possibilita relatórios gerais sobre cada item da ficha, a depender do interesse do usuário. Se o pesquisador desejar, por exemplo, verificar apenas os topôni-

mos de estrutura morfológica simples, poderá realizar a *busca avançada* ao clicar essa opção e, assim, sucessivamente (Figura 6).

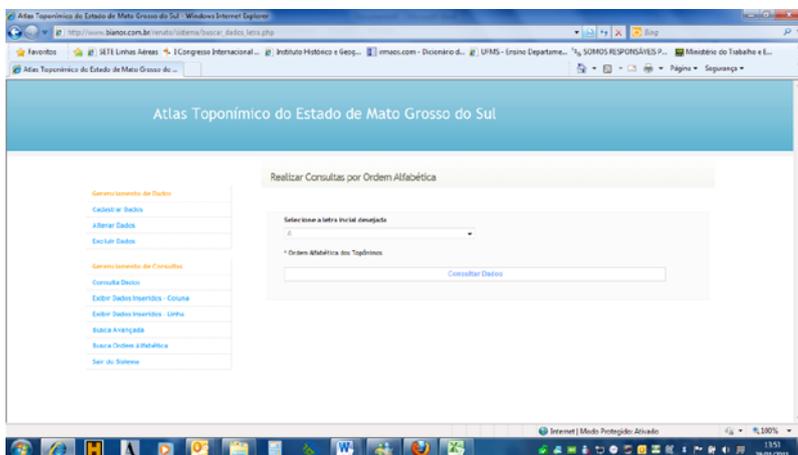
Figura 6: Espelho em tela da função *busca avançada*



Fonte: Sistema de Dados do Projeto ATEMS (2011).

A busca de informações toponímicas por ordem alfabética também é bastante simples, pois, ao se abrir a tela para consulta de dados, o pesquisador, no campo em que aparece a letra A, seleciona a letra do alfabeto do seu interesse, bastando para tanto clicar na letra e logo depois em *consultar dados* (Figura 7).

Figura 7: Espelho em tela da função *consulta de dados por ordem alfabética*



Fonte: Sistema de Dados do Projeto ATEMS (2011).

4. A ANÁLISE E A CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS TOPONÍMICOS

Conforme já esclarecido, o ATEMS segue em linhas gerais o modelo taxionômico de Dick (1992, p. 31-34), bem como as orientações teóricas da mesma toponomista em termos de concepção de sintagma toponímico, de classificação da estrutura morfológica do topônimo e da estrutura da ficha lexicográfico-toponímica. Contudo, dadas as particularidades identificadas na toponímia do estado de Mato Grosso do Sul, algumas escolhas/adaptações se fizeram necessárias, conforme especificação nos tópicos subsequentes.

4.1 Classificação toponímica

Na taxa dos animotopônimos, como anteriormente assinalado, adotou-se a subclassificação eufórico e disfórico (ISQUERDO, 1996)⁹ por se considerar item relevante no estudo desses topônimos. Os animotopônimos eufóricos evocam boas sensações, o vislumbre, a esperança do denominador no ato do batismo do nome, enquanto os topônimos classificados como animotopônimos disfóricos refletem sentimentos como a tristeza, a ausência de esperança, o desânimo do nomeador ao dar o nome ao acidente geográfico.

Outras decisões foram tomadas em relação à taxa dos geomorfotopônimos, como no caso dos topônimos (córrego) *Jardim* e (córrego) *Campo* que, *a priori*, poderiam evocar a classificação como fitotopônimos, mas que, com base em estudos pontuais realizados pela equipe de pesquisadores e consulta a diferentes fontes lexicográficas – dicionários gerais de língua portuguesa e dicionários de especialidades –, considerando o sema básico constante da definição desses termos, percebeu-se que os itens lexicais *jardim*, em referência à determinada região, e *campo*, na toponímia, remetem ao *terreno* e não a um referente de índole

⁹ Cf. também sobre o assunto Isquerdo (2013).

vegetal, razão pela qual, pelo menos por ora, esses topônimos foram classificados como *geomorfotopônimos*. Do mesmo modo, decidiu-se classificar nessa mesma categoria os topônimos (córrego) *Várzea* e (córrego) *Varjão* que poderiam ser classificados como *litotopônimos*, todavia, a análise do significado das unidades lexicais *várzea* e *varjão* demonstrou que o traço semântico principal desses nomes é *terreno* e não os aspectos de índole mineral, o que sustenta a classificação de *geomorfotopônimo* atribuída a esses dois topônimos.

Quanto aos hidrotopônimos, considerou-se, em essência, algo que remete ao sema água e, para tanto, observou-se a questão do aspecto, ou seja, da descrição sob a ótica do designador no ato da nomeação. O córrego *Roncador*, por exemplo, remete à água que faz barulho, seja por ser um córrego subterrâneo ou por apresentar corrente de água forte e, assim, *roncar* ou *fazer barulho*. O córrego *Pulador* também foi classificado como hidrotopônimo por se considerar que o aspecto ou estado da água que pula foi o conteúdo semântico valorizado pelo enunciador ao nomear esse acidente físico.

Sublinhe-se que essas decisões dos pesquisadores do ATEMS não teve, em momento algum, a intenção de refutar o modelo teórico adotado, mas sim realizar adequações às particularidades regionais da nomenclatura toponímica sul-mato-grossense, tomando como referência o conteúdo semântico do item lexical com função toponímica como prevê a proposta de Dick (1990; 1992). Enfim, trata-se de um novo olhar a respeito das peculiaridades de alguns topônimos¹⁰.

A própria Dick (2004, p. 127), ao discorrer sobre os hidrônimos e hidrotopônimos, ressalta que:

¹⁰ Ressalta-se que as reflexões acerca do quesito estrutura morfológica aqui apresentadas tiveram o respaldo da consultora científica do Projeto, a Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, que sempre destacou a necessidade de se observarem os dados e os classificarem de acordo com a realidade linguística em que estejam inseridos os topônimos.

[...] os acidentes hidrográficos, de um modo geral, têm motivação variada e, assim, é possível separá-los em grupos de amostragem: a. topônimos que conservam o elemento água ou a unidade lexical hidrográfica no enunciado toponímico, seja de origem indígena ou portuguesa, indicando, portanto, uma concepção muitas vezes *aspectual* ou de *Estado* (grifos nossos) [...] b. topônimos com motivação semântica variada: origem religiosa, ergológica, geomorfológica, etc.

Desta forma, nos casos arrolados a equipe de pesquisadores do Projeto ATEMS baseou-se nessa orientação de Dick para tomar decisões em casos pontuais relacionados a particularidades regionais que se refletem nos topônimos.

4.2 Estrutura morfológica

Em relação a esse particular, considerando a natureza dos dados examinados em termos de origem linguística dos topônimos, no âmbito do Projeto ATEMS, manteve-se a proposta de Dick (1990; 1992), no que diz respeito à classificação da *estrutura* morfológica do termo específico do sintagma toponímico em *simples* e *composto*. Entretanto, tendo em vista que a classificação de um nome como *híbrido* mencionada pela toponimista reporta-se à *formação* do topônimo em termos linguísticos e não propriamente à classificação morfológica, como já apontado no item 3.1 deste capítulo (“ficha lexicográfico-toponímica”), trabalhou-se com duas categorias em termos de formação linguística do topônimo: *simples híbrido* e *composto híbrido*. Essa opção teve como propósito melhor abrigar o grande contingente de topônimos de formação híbrida na toponímia sul-mato-grossense.

Desta forma, foi considerado *simples híbrido* (KEHDI, 1992) o topônimo formado por um item lexical formado por mais de um estrato linguístico (Taquaral = taquara-Tupi + al-Português) e *composto híbrido* o designativo cuja estrutura reúne duas ou mais unidades lexicais oriundas de línguas diferentes (rio *Indaiá do Sul*

= Indaiá-Tupi + Sul-Português). Conforme o explicitado no item 3.2 deste texto, o Sistema ATEMS prevê no item *estrutura morfológica* duas categorias que remetem à estrutura propriamente dita (simples e composto), considerando formações não híbridas, e duas que se reportam à natureza da formação híbrida (simples híbrido e composto híbrido). Na sequência são apresentados outros exemplos de topônimos que abonam essas categorias de topônimos de formação híbrida e demonstram o caminho percorrido na análise dos dados no que tange a esse particular:

4.2.1 – Simples híbridos

Pirizal

[De “*piri* – Tupi (morfema lexical) + -zal - sufixo da língua portuguesa] 1. Bras. Terreno onde é abundante o *piri*; juncal” (FERREIRA, 2004). “*Piri*: o junco, planta aquática de que se fazem esteiras” (SAMPAIO, 1928, p. 293). Em termos de estrutura morfológica, o topônimo foi classificado como simples com formação híbrida por ser formado por um item lexical de origem na língua tupi e um sufixo de base portuguesa.

Monjolinho

Monjolo [morfema lexical de língua africana - quimbundo] + inho [sufixo da língua portuguesa] – “1 B engenho rudimentar, acionado à água, us. para pilar milho e descascar café 2 B N. bezerro novo, sem chifres; mujolo, novinho 3 negro brasileiro empregado como escravo na agricultura colonial ∝ etim. voc. quimb., prov. da designação do povo; ‘engenho rudimentar’” (HOUAISS, 2001).

4.2.2 – Composto híbrido

Capão Verde

Capão “[Tupi] – *caá* – *pãu*, a ilha de mato; o mato crescido e isolado no campo” (SAMPAIO, 1928, p. 215) + Verde [língua portuguesa].

Buriti Preto

Buriti “[morfema lexical do Tupi] Variante de *mbiriti*, “árvore que emite líquido” (SAMPAIO, 1928, p. 171). É uma espécie de palmeira característica da região do Cerrado, fica às margens das veredas + Preto [unidade lexical da língua portuguesa].

Lúcio-Cuê

Lúcio [nome próprio de base portuguesa] + Cuê [morfema lexical da língua guarani]. Embora a forma *cuê* ora seja classificada pelos estudiosos de línguas indígenas como de base tupi, ora como de origem guarani, para fins de classificação etimológica, a unidade lexical *Cuê*, no âmbito do Projeto ATEMS, foi considerado de origem guarani, haja vista a marcante presença de falantes de guarani na região em que se registrou a ocorrência de *Cuê*. Além disso, os estudos linguísticos atuais ainda não conseguiram traçar uma clara separação entre tupi e guarani antigos. Ademais, a língua guarani pertence ao tronco linguístico Tupi.

Laranjaí

Laranja [morfema lexical de língua portuguesa] + í [morfema lexical da língua tupi]. O elemento $\backslash i \backslash$, que pode aparecer nas variações $/y \backslash$ e $/u \backslash$, é um morfema lexical de base indígena, com o significado de água ou rio, e descrito por Tibiriçá (1997) como um

[...] termo que aparece em quase todos os rios do Brasil, de nome tupi; significa água, rio: jundia-í (rio do bagre); jacare-í (rio do jacaré); jaguara-í (rio da onça); pira-í (rio do peixe) etc. Nota: este y tupi é de difícil pronúncia, pois são poucos os idiomas que o possuem; difere do y grego e do u francês; existe apenas na língua chinesa, coreana, turca e romena (esta última por influência turca); às vezes aparece na forma u: gauara-ú (rio das garças), isto porque sua verdadeira pronúncia é um meio termo entre I e U, como acontece com tyba, que em alguns topônimos é tiba (itatiba) e em outros tuba (caraguata-tuba)” (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 172).

Exemplos dessa natureza são abundantes na toponímia sul-mato-grossense – dos 7.437 topônimos cadastrados no Sistema ATEMS até o fechamento deste volume, 1.407 (18,91%) ou são de base indígena ou são formações híbridas com pelo menos um formante de língua indígena. Uma das características marcantes da toponímia do Mato Grosso do Sul é, pois, a presença indígena na formação dos topônimos, o que ao mesmo tempo representa um fator complicador para o toponimista, considerando-se que a fronteira entre o Tupi e o Guaraní nem sempre são perceptíveis. Isso se aplica também à toponímia de outras localidades do Brasil, ou do Brasil em toda a sua extensão, o que ficou claro na análise sobre a língua de origem de designativos que compõem o ATEMS.

No exame do estrato linguístico da unidade lexical que deu origem ao topônimo nem sempre é possível comprovar qual língua originou o designativo. No Brasil, é complexa a questão da identificação da língua de origem e do tronco linguístico dos topônimos porque há designativos adotados quando o Tupi e o Guaraní, por exemplo, estavam inter-relacionados, ou seja, quando ainda não se conhecia bem a fronteira entre as duas línguas.

Na atualidade, essa questão ainda é alvo de muitas discussões. Em Mato Grosso do Sul, por exemplo, há a língua guaraní falada na área de fronteira, além de ser língua oficial no Paraguai, país que faz divisa com o Brasil, além de resquícios de línguas do tronco tupi faladas no Brasil e utilizadas pelos bandeirantes e monçoeiros na época da colonização e exploração das riquezas brasileiras e que, inclusive, ainda são línguas em uso em alguns pontos do Brasil.

5. CARTOGRAFIA DOS DADOS DO ATEMS

Os mapas toponímicos não são meramente ilustrações de dados, ao contrário, são documentos elaborados, a partir de dados confiáveis, que fornecem a diversos ramos do conhecimento

humano informações sobre os nomes de acidentes geográficos e, por extensão, acerca da língua, da cultura, dos povos e dos estratos linguísticos predominantes em uma região, dentre outras informações possíveis.

Da mesma maneira como se precisou do técnico de Informática para a construção do Sistema de Dados do Projeto ATEMS, também foi fundamental e imprescindível a participação de um geógrafo¹¹ com experiência em Cartografia para a produção da base cartográfica e dos mapas toponímicos. A colaboração de uma profissional com experiência em *design* gráfico também foi fundamental para a edição final dos mapas¹².

Necessário se faz registrar que a elaboração e a edição dos mapas toponímicos obedeceram a uma padronização em termos de base cartográfica e de distribuição dos elementos constitutivos dos mapas. Para a construção da base cartográfica do ATEMS, foi utilizada a Projeção Geográfica *Datum-Sad69*, fonte: Base Cartográfica Digital – IBGE, 2005, escala 1.500.000. Junto com a rosa dos ventos, a escala e a legenda são as convenções cartográficas que conferem o *status* de mapa a uma figura, por isso são dados essenciais na produção de um mapa.

Um Atlas Toponímico¹³ é composto por mapas que sistematizam várias informações acerca do universo toponímico de um determinado espaço geográfico buscado, predominantemente, em fontes oficiais, ou seja, abriga estudo sobre topônimos registrados em mapas oficiais¹⁴. Um Atlas Toponímico reúne, enfim,

¹¹ Ângelo F. N. Ribeiro – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), universidade parceira no âmbito do Projeto ATEMS.

¹² Luciene Gomes Freitas Marins – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

¹³ Vale registrar que a diferença básica entre Atlas Toponímico e Atlas Linguístico é que o segundo volta-se para a língua oral e busca documentar a variação linguística, sobretudo de natureza diatópica, com base na língua em uso.

¹⁴ Em uma pesquisa toponímica pode-se complementar os dados oficiais por meio de pesquisa de campo, a depender dos propósitos da pesquisa, mas se o objetivo for a produção de um atlas toponímico a fonte primária

mapas que refletem o viés de análise adotada acerca da toponímia investigada como as categorias toponímicas mais evidentes, seja no conjunto da área em estudo (país, estado, município...), seja por microrregião ou por município; pode-se ainda representar em mapas, por exemplo, em que regiões ou microrregiões de um Estado elementos da natureza (água, flora, fauna, geomorfologia...) mais influenciou o homem no momento de atribuir nomes ao espaço em que vive ou onde se encontra o maior percentual de topônimos motivados pela questão da religiosidade, dentre outras causas denominativas.

O enfoque em um atlas toponímico é essencialmente linguístico à medida que focaliza a etimologia, a base linguística dos topônimos e, nesse sentido, os mapas podem demonstrar em que pontos do espaço em estudo se concentram influências de outros estratos linguísticos, como das línguas indígenas, no caso, tão significativas no Mato Grosso do Sul. Por fim, o tratamento da estrutura formal do topônimo pode ser visualizado também em mapas e, desse modo, pode-se demonstrar, por exemplo, onde se concentra a maior quantidade de topônimos simples e compostos e os de formação híbrida, além de casos de concentração de sufixos indicadores de diminutivo ou de aumentativo nos designativos de determinadas regiões ou comuns em toda a área investigada.

Não é demais reiterar que um estudo toponímico configura-se como a documentação linguístico-histórico-cultural de uma região. Assim, ao se compararem os dados coletados e apresentá-los em mapas, evidenciam-se muitos fatos da história, da cultura e da geografia da região, enfim, do modo de vida dos povos que a habitam ou que já a habitaram.

No caso específico do ATEMS, o estudo da toponímia do Mato Grosso do Sul permitiu evidenciar marcas de correntes migratórias, da colonização, de acontecimentos históricos como a Guerra do Paraguai, da passagem dos bandeirantes pelo

deve ser sempre o mapa oficial da região investigada.

Estado, entre outros aspectos. Ainda pode-se afirmar que informações obtidas por meio do estudo de topônimos, como, por exemplo, as referentes aos fluxos migratórios que contribuem para a compreensão das transformações socioespaciais dos lugares, tornando-se, portanto, fontes importantes também para a ciência geográfica.

Na sequência descrevem-se, de forma sucinta, os procedimentos metodológicos adotados na confecção dos mapas toponímicos na primeira versão do ATEMS concluída em 2011¹⁵. Alguns desses mapas integram os textos de estudo acerca de tendências toponímicas que afloraram na produção do projeto e que integram esta publicação.

5.1 Princípios de cartografia dos dados

Na cartografia dos dados toponímicos que integram o Sistema de Dados do ATEMS, adotou-se fundamentalmente como princípio norteador a proposta de Dick (1996, p. 33-41), acrescida da colaboração de Dargel (2003), de Tavares (2005), pesquisadoras do projeto, e de contribuições de especialistas da área, trabalhos que foram adaptados e ajustados aos objetivos do Projeto ATEMS.

A metodologia para a elaboração de cartas toponímicas proposta por Dick (1996, p. 40) prevê três modelos essenciais de cartas: as *cartas gerais* que se relacionam “ao conjunto dos estratos etno-dialetológicos”, apresentadas com cores distintas para diferenciarem os estratos linguísticos; as *cartas individuais* referentes a camadas dialetais que “permitem visualizar a quantificação numérica de cada uma delas em zonas areais”. Nessa proposta os topônimos devem ser “inscritos em cartas taxionômicas cromáticas qualitativas ou temáticas” (DICK, 1996, p. 40).

¹⁵ A primeira versão do ATEMS está em revisão com vistas à publicação. Neste texto e nos outros que integram esta publicação são divulgados mapas específicos que se relacionam diretamente a cada temática discutida.

Conforme o anteriormente explicitado neste texto, a metodologia¹⁶ do ATEMS foi paulatinamente construída nas várias etapas do projeto sempre orientada pelo constructo teórico de Dick, disseminado nas suas inúmeras publicações, em especial as de 1990; 1992; 1996; 2004; 1999. Em se tratando de cartografia essa prática não foi diferente. No modelo apresentado por Dargel (2003), foram enfatizados os seguintes aspectos nas cartas toponímicas: taxes toponímicas, estratos linguísticos (língua de origem dos topônimos) e estrutura morfológica do topônimo – quase todos os mapas no modelo cromático de Dick. Além disso, há três mapas que a pesquisadora previu, naquele momento, como o “ideal” de mapas toponímicos: as cartas categorias toponímicas de Água Clara – a taxa foi inscrita exatamente onde se localiza o acidente geográfico; a estrutura morfológica dos topônimos de Água Clara; os estratos linguísticos de Água Clara – as duas últimas seguem o mesmo critério da primeira.

A proposta de Tavares (2005), por sua vez, deu ênfase às taxonomias toponímicas da região pesquisada; ao tipo de acidente (se físico ou se humano) por município e à quantificação geral dos acidentes físicos e humanos por município. Podemos considerar que o modelo de Dargel segue a proposta de Dick (1996), adaptada em alguns aspectos ao universo pesquisado, e que o modelo de Tavares segue, respectivamente, os modelos de Dick e de Dargel.

Dessa forma, na etapa do tratamento cartográfico do ATEMS foram consideradas a par da orientação teórica de Dick (1996), as aplicações dessas orientações realizadas pelas duas pesquisadoras do projeto (DARGEL, 2003; TAVARES, 2005).

Na produção da primeira versão do ATEMS foram adotados dois critérios para a representação dos dados nos mapas, a saber: *cromático*, concretizado de duas formas: *cores distintas* para

¹⁶ O volume 1 da Série TOPONÍMIA (ISQUERDO, 2019) reúne textos que discutem a trajetória seguida pelo Projeto ATEMS na sua primeira etapa de execução (2002-2006).

identificação do fato toponímico e *escala cromática* de uma mesma cor para indicar a produtividade do fenômeno em destaque. As cores dos mapas também obedeceram a critérios específicos, como será explicitado na continuidade deste tópico. Adotou-se como cor predominante os tons *terra* que valorizam a tradição *Kadiwéu*, uma etnia indígena representativa da cultura sul-mato-grossense.

Outro critério utilizado foi o sistema *símbolo/cor* para representação dos fatos toponímicos, inspirando-se na metodologia da Geolinguística. Para tanto, houve, na medida do possível, a combinação de símbolos e de cores, para representar as três dimensões que orientaram a análise dos dados: taxionômica, camada étnica (língua de origem) e estrutura formal.

Procedimento similar foi adotado para indicar a língua de origem, qual seja o uso da combinação *símbolo/cor*. Assim, nos mapas voltados para essa dimensão, o quadrado vermelho representou a língua portuguesa e o círculo azul, palavras de base tupi. Quando houve ocorrência de topônimos oriundos de diferentes línguas indígenas, essas foram marcadas com símbolos e cores distintas, normalmente combinando diferentes tons de verde.

Já a estrutura morfológica, também combinando *símbolo/cor*, foi visualizada normalmente da seguinte forma: quadrado vermelho, para topônimos simples; círculo azul, para nomes compostos. As informações relacionadas a topônimos com formação híbrida – simples híbrido e composto híbrido –, como foram menos produtivas, receberam símbolos e cores distintas, dependendo do caso¹⁷.

Em alguns casos foi adotado o modelo de Dargel (2003), aplicado ao município de Água Clara, em que a informação sobre a taxionomia, o extrato linguístico e a estrutura morfológica

¹⁷ A amostra de mapas apresentada na sequência deste texto exemplifica os diferentes tipos de mapas e respectivos critérios de representação dos dados.

é registrada no local exato de localização do acidente no mapa (os mapas 7, 8 e 9 do ATEMS (nomes de rios) foram produzidos segundo esse modelo).

5.1.1 – Estrutura do ATEMS – tipos de mapas

A representação cartográfica da toponímia sul-mato-gros-sense foi estruturada em quatro tipos de mapas. Na sequência, além da descrição de cada tipo, é apresentada uma amostra de mapas de cada categoria¹⁸.

5.1.1.1 Mapas gerais: de caráter introdutório, têm o propósito de fornecer uma visão geral do universo espacial estudado por meio do sistema de representação por símbolo/cor: nove mapas que trazem a representação do espaço geográfico estudado segundo o IBGE (mapas 1 a 4); a densidade toponímica por município (mapa 5); taxionomia toponímica mais produtiva por município (mapa 6); nomes de rios – taxionomias (mapa 7), camadas étnicas (mapa 8) e estrutura morfológica (mapa 9). Confira Figuras 8, 9 e 10 na sessão de Anexos deste texto, respectivamente, nas páginas 56, 57 e 58.

5.1.1.2 Mapas específicos, subdivididos em dois blocos, segundo a natureza do acidente geográfico nomeado – acidentes humanos (mapas 10 a 13b) e acidentes físicos (mapas 14 a 44) –, esses mapas representam fatos toponímicos específicos, como a produtividade de cada taxa toponímica nos 78 municípios do Estado; a língua de origem dos topônimos e a estrutura formal dos designativos. O mapa 10, do tipo cromático com cores distintas, visualiza a distribuição dos municípios segundo a época da

¹⁸ Reitera-se que este texto se pauta na primeira versão do ATEMS que, como já assinalado, está passando por processo de revisão. Consequentemente, muitos dos mapas produzidos em 2011 estão sofrendo ajustes, considerando, dentre outros aspectos, orientações específicas da área da Cartografia, um dos ramos da Geografia.

sua fundação, considerando-se, para tanto, as quatro sincronias estabelecidas por Isquierdo (2008) a partir da análise de diferentes recortes de natureza histórica que marcaram as diversas fases do povoamento e da colonização do território sul-mato-grossense (1700-1900; 1900-1949; 1950-1976; 1980-2003). Já a série de mapas de 11a a 13b, relativos aos acidentes humanos, mapeiam o mesmo fenômeno por meio de dois tipos de representação (cromático e símbolo/cor). As figuras 11 e 12 na seção de Anexos ilustram a aplicação desse procedimento metodológico (p. 59 e 60).

Para o bloco dos mapas específicos relativos aos acidentes físicos foi adotado o sistema cromático, o do tipo escala cromática para os relativos à produtividade das 27 *taxes* do modelo de Dick (1992) na toponímia sul-mato-grossense, e para os que representam dados relativos à camada étnica e à estrutura morfológica mais produtiva em cada município. Para esses mapas foi utilizada a cor *terra* em diferentes tons que valorizam a cultura regional. Na seção de Anexos, as figuras 13 e 14 trazem exemplos desse tipo de mapa (p. 61 e 62).

5.1.1.3 Mapas específicos que trazem a representação dos dados toponímicos sob um olhar mais pontual, também representados pelo sistema de escala cromática¹⁹ (indicação da produtividade do fenômeno por diferentes tonalidades de uma mesma cor, considerando-se para tanto intervalos estatísticos para indicação das densidades toponímicas). Para cada tema foi utilizada uma cor distinta. Essa modalidade de mapas tem como foco tendências que se destacaram no conjunto da toponímia sul-mato-grossense: 1) **motivação toponímica** – as três taxionomias mais produtivas e, consequentemente, os topônimos mais recorrentes em cada uma delas: **fitotopônimos** (mapas 45 a 48); **hidrotopônimos** (mapas 49 a 51); **zootopônimos** (mapas 52 a 54); 2) **questão indígena**, tema

¹⁹ O sistema de representação por meio de escalas cromáticas é utilizado no *Proxecto de Cartografía da toponimia de Galicia* e no *Proxecto Cartografía de apelidos de Galicia* que faz uso de ferramentas de informática que permitem “colocar a información toponímica sobre a representación xeográfica” (SOUSA FERNÁNDEZ, 2010, p. 19).

que gerou quatro mapas que representam a densidade de fenômenos relacionados à presença de línguas indígenas na toponímia do Estado (mapas 55 a 59); 3) a **toponímia do Pantanal sul-mato-grossense**, tema selecionado dada a importância do bioma Pantanal para a cultura, a língua e a economia de Mato Grosso do Sul. Na série de mapas temáticos relacionados à toponímia do Pantanal (mapas 60 a 71) foram mapeados topônimos que nomeiam quatro tipos de correntes hídricas – corixos, vazante, rios e córregos –, as duas primeiras são típicas desse bioma. Para cada viés selecionado foram produzidos três mapas voltados para os três quesitos considerados para a análise de toda a toponímia dos acidentes físicos do estado de Mato Grosso do Sul e a dos acidentes humanos relativos aos nomes de municípios: taxionomia; camadas étnicas e estrutura morfológica. Como cada tendência contemplada pelos mapas temáticos foi objeto de estudo específico cujos resultados estão sendo disponibilizados neste livro como capítulos, os mapas temáticos relacionados integram o corpo desses textos²⁰.

5.1.1.4 Mapa municipal, a última categoria de mapas concebidos para o ATEMS, tem como função representar dados específicos de um município, no caso os topônimos do município de Campo Grande selecionado para a primeira versão do Atlas, por abrigar a capital do Estado. Para essa modalidade de mapa foi utilizada a base cartográfica do município de Campo Grande. Em virtude das características dos mapas municipais que registram sobretudo topônimos de acidentes físicos, a única forma de representação possível entre as por ora adotadas foi o sistema símbolo/cor. E, dada a especificidade desse tipo de simbologia, foi impossível representar em um mesmo mapa a toponímia de todos os elementos geográficos registrados nos mapas oficiais. Em face disso, adotou-se o sistema

²⁰ Cf. neste volume os textos assinados por Cazarotto (fitotopônimos); Figueiredo (hidrotopônimos); Pereira (zootopônimos); Tavares (toponímia indígena); Castiglioni e Schneider (toponímia do bioma Pantanal), Cazarotto (influência do bioma Cerrado na toponímia) e Tavares e Gonsalves (sintagma toponímico).

de representação por acidente nomeado, tendo sido selecionados os seguintes tipos: rios e ribeirões, córregos e cabeceiras (mapas 72 a 80). Também para os mapas municipais foram considerados os três tipos de abordagem adotados para a análise dos dados toponímicos: taxionomia (mapas 72, 75 e 78), camadas étnicas (mapas 73, 76 e 79) e estrutura morfológica (mapas 74, 77 e 80). Nos anexos deste trabalho, as figuras 15, 16 e 17 trazem exemplos dos mapas toponímicos do município de Campo Grande (p. 63 a 65).

Ao longo deste texto, procurou-se elucidar e descrever os caminhos metodológicos adotados para o desenvolvimento do projeto, particularmente, o norte seguido para a construção do Sistema de Dados do ATEMS e para cartografia dos dados armazenados. Foram decisões amplamente discutidas e amadurecidas, mas, como todas opções, passíveis de outros olhares. Os demais textos que compõem esta publicação discutem o produto do ATEMS a partir de diversos recortes que refletem as tendências mais marcantes evidenciadas pelo Atlas. Como foi possível notar, a Toponímia é uma disciplina interdisciplinar e por isso pode ser estudada sob diversas perspectivas teóricas distintas, a depender dos objetivos do pesquisador. É certo, todavia, que, independente dos objetivos do estudioso, o viés linguístico do topônimo não pode ser preterido, uma vez que, antes de tudo, os nomes de lugares, os topônimos, configuram-se como signos linguísticos enriquecidos (DICK, 1990).

REFERÊNCIAS

ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – UFMS. *Sistema de Dados do Projeto ATEMS*. Campo Grande: UFMS, 2011 (acesso restrito).

ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – UFMS: <http://atems.ufms.br/>. Acessos diversos.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *Entre Buritis e Veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão Sul-mato-grossense*. 2003. 264 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2003.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. p. 121-130.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico: um estudo de caso. *Acta Semiotica et Linguística*. SBPL. São Paulo, v. 6, p. 27-44, 1996.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas. Estudo de caso: o Atlas Toponímico de São Paulo. *Revista Investigações - Linguística e Teoria Literária*, Recife/UFPE, v. 9, p. 119-148, mar. 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Positivo, 2004.

GONSALVES, Doraci da Luz. *Um estudo da toponímia da porção Sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos*. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2004.

HOUAISS, A; VILAR, M. S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva, 2001.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *IBGE Cidades*. <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acessos diversos.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Mapas*. Bases e referenciais » bases cartográficas » mapas municipais. ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/ms/. Acessos diversos.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996, 420 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara/SP, 1996.

ISQUERDO, Aparecida Negri et. al. *ATEMS - Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul*. v. 1. Campo Grande: UFMS/CCHS, 2011 (inédito).

ISQUERDO, Aparecida Negri. A motivação toponímica: algumas reflexões. In: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BIDARRA, Jorge. (Orgs.). *Pesquisas sobre léxico: reflexões teóricas e aplicação*. 1. ed. Campinas/SP: Pontes; Cascavel/PR: Edunioeste, 2013. p. 81-96.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. *Revista Prolíngua*, João Pessoa/PB, v. 2, n. 2, p. 34-52, jul./dez. 2008.

ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *TOPONÍMIA*. ATEMS: caminhos metodológicos. v. 1. Campo Grande: Editora UFMS, 2019. Série Toponímia.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.

PEREIRA, Renato Rodrigues. *A toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do sul goiano*. 2009. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2009.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.

SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio. Sobre un proxecto de cartografía da toponímia de Galicia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lidia Almeida (Orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. IV, Campo Grande: Editora UFMS, 2010. p. 15-31.

SOUZA, Carla Regina. *Toponímia e entrelaçamentos históricos na rota da Retirada da Laguna*. 2006. 233 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2006.

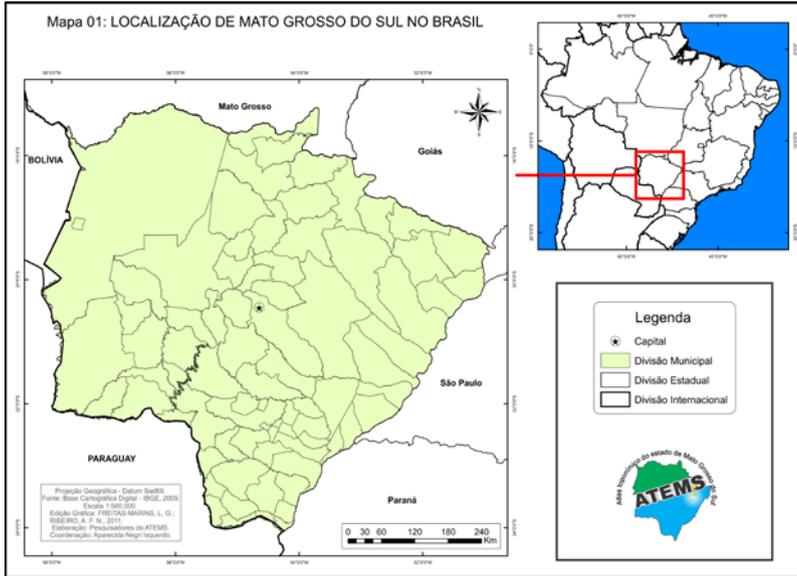
SCHNEIDER, Marlene. *Um olhar sobre os caminhos do Pantanal sul-mato-grossense: a toponímia dos acidentes físicos*. 2002. 173 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2002.

TAVARES, Marilze *Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*. 2004. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2004.

TAVARES, Marineide Cassuci. *Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história*. 2005. 238 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2005.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi: Significado dos nomes geográficos de origem tupi*. São Paulo: Traço Editora, 1997.

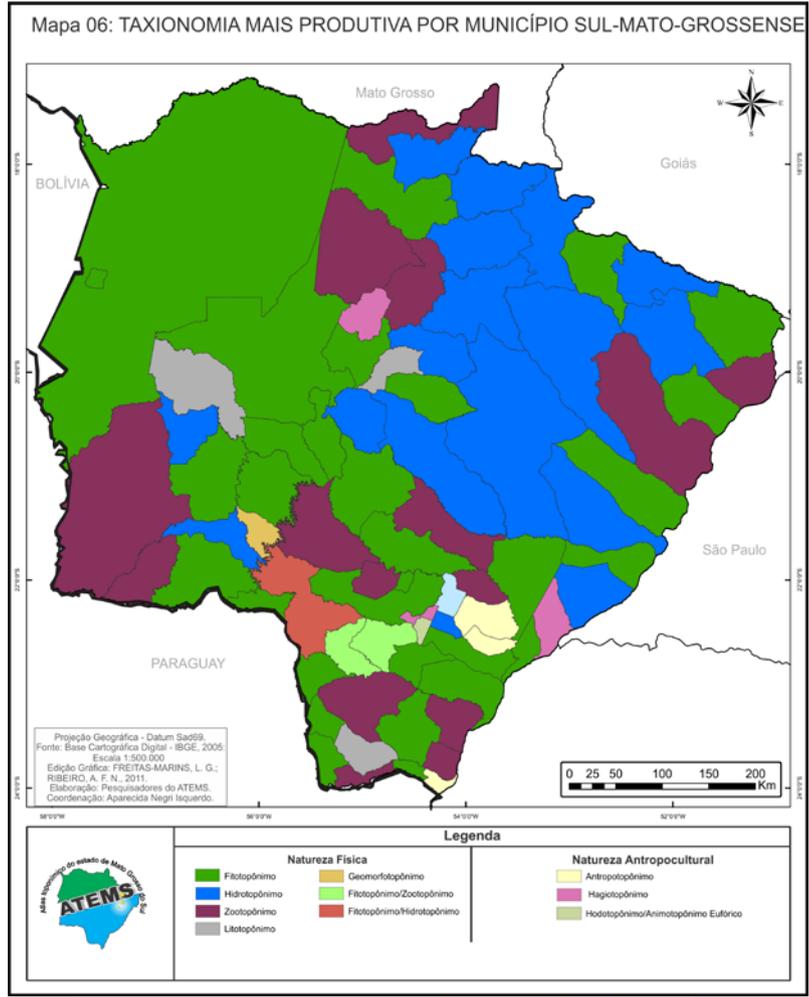
ANEXO A

Figura 8: Mapa 1 – ATEMS – Localização de Mato Grosso do Sul no Brasil

Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO B

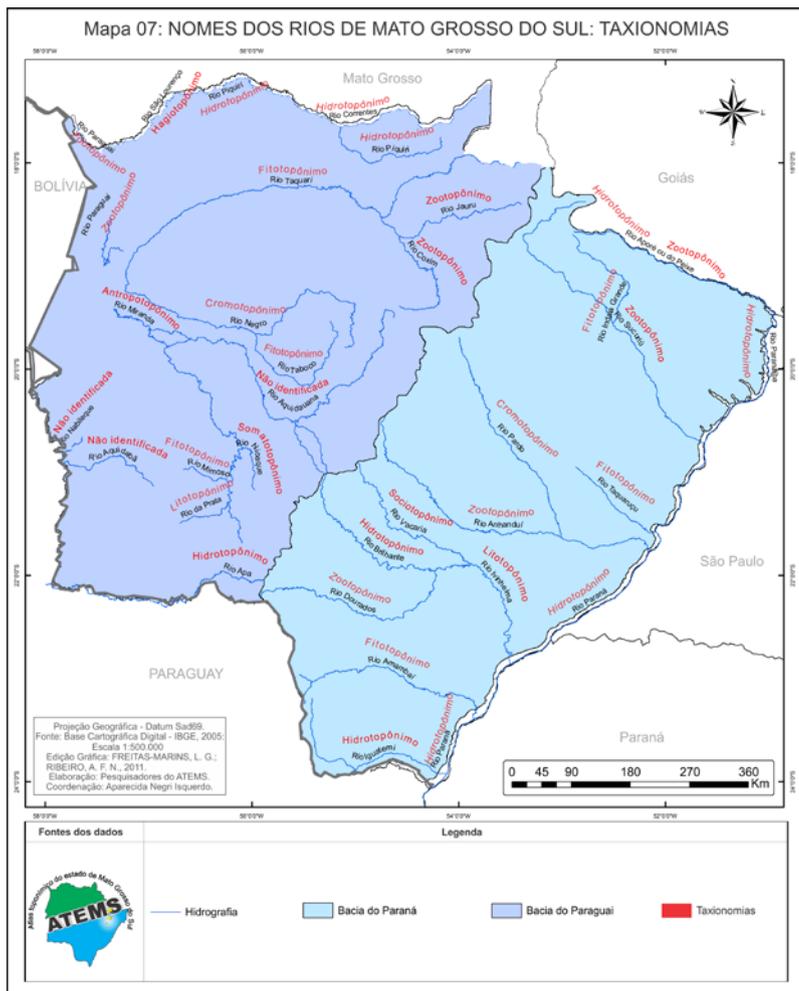
Figura 9: Mapa 6 – ATEMS – Taxionomia mais produtiva por município



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011).

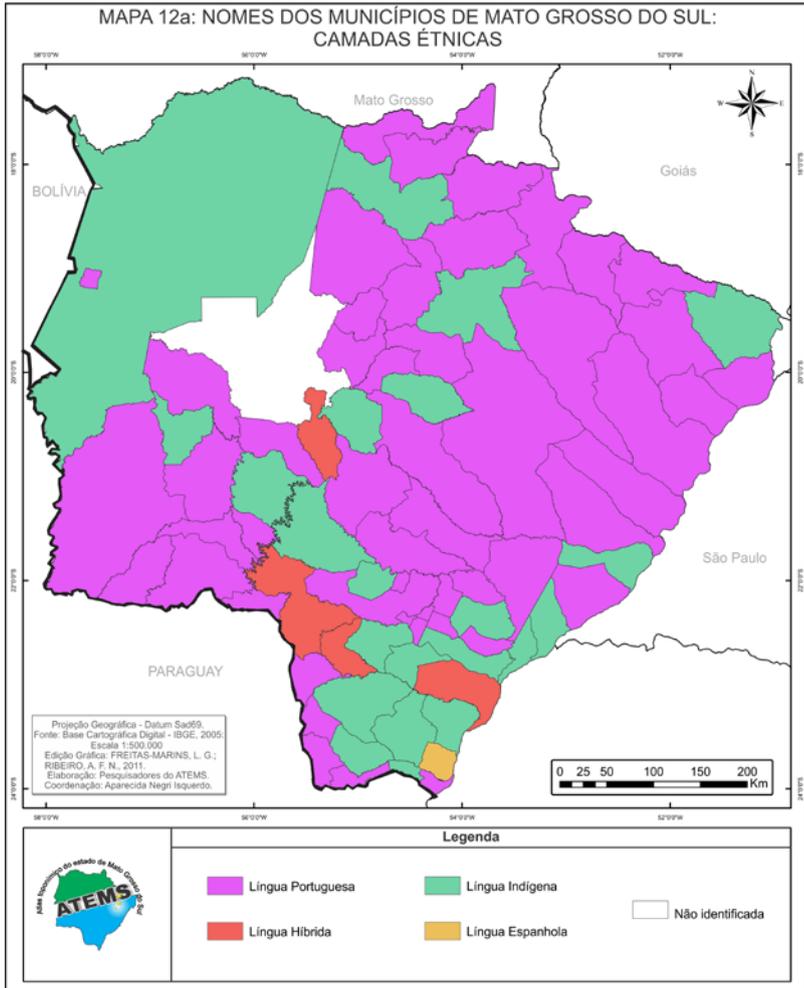
ANEXO C

Figura 10: Mapa 7 – ATEMS – Nomes dos rios de Mato Grosso do Sul - taxionomias



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011).

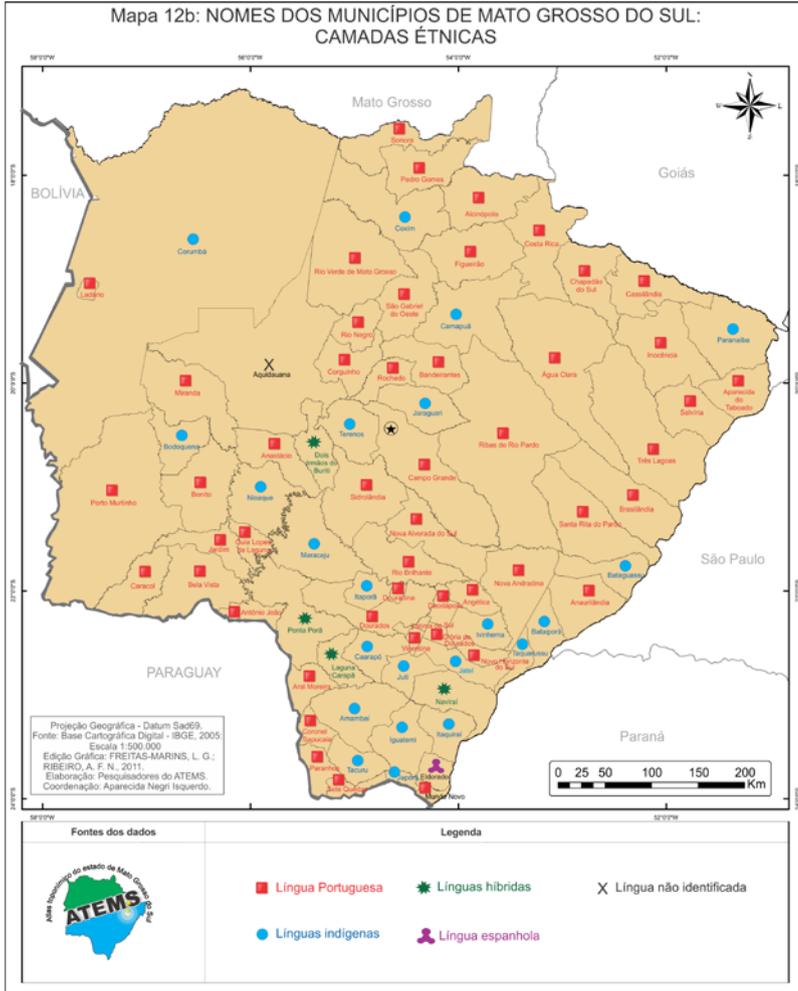
ANEXO D

Figura 11: Mapa 12a – ATEMS – Nomes dos municípios de Mato Grosso do Sul – camadas étnicas

Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011).

ANEXO E

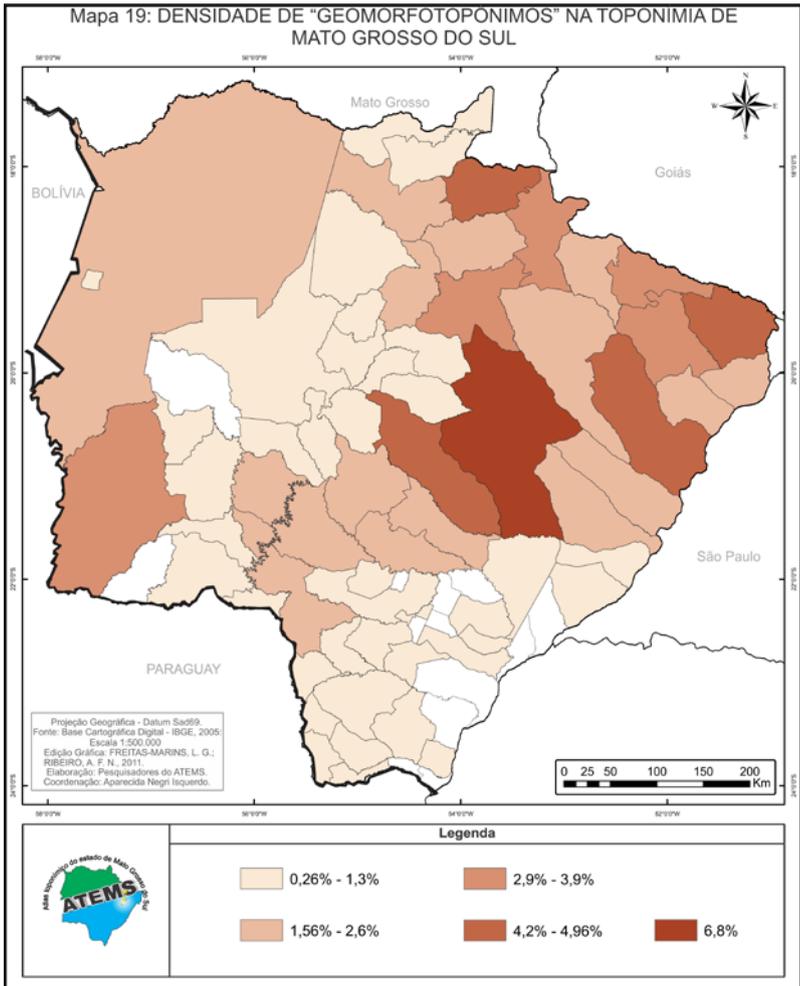
Figura 12: Mapa 12b – ATEMS – Nomes dos municípios de Mato Grosso do Sul – camadas étnicas



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011).

ANEXO F

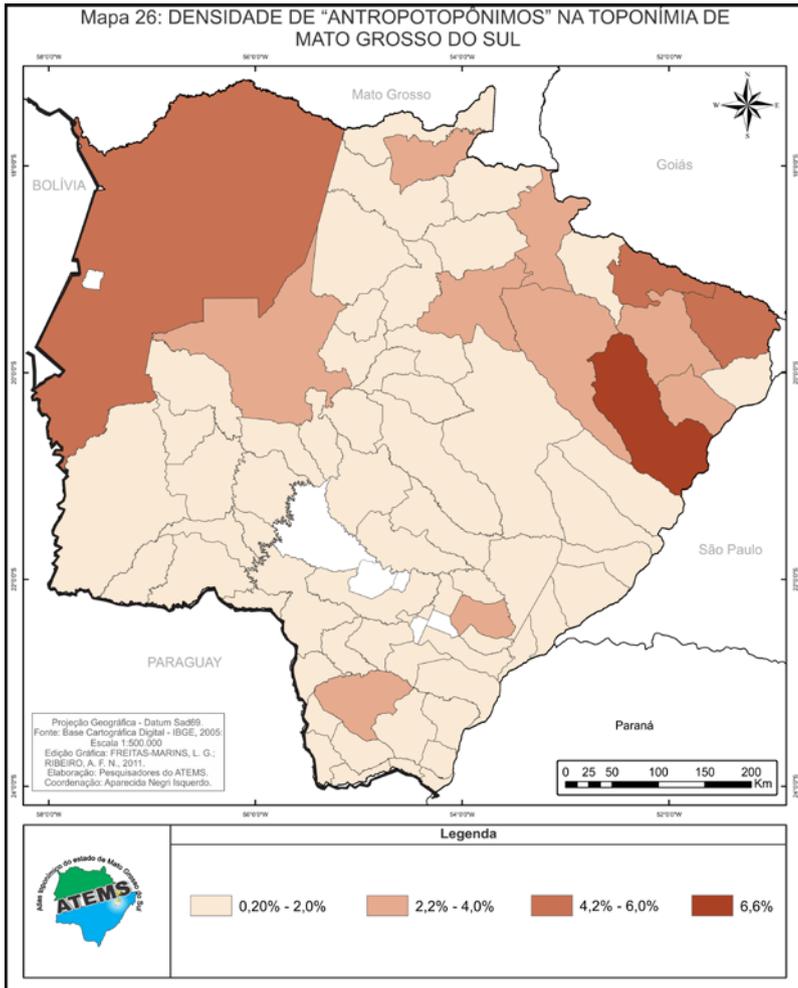
Figura 13: Mapa 19 – ATEMS – Densidade de “geomorfotopônimos” na toponímia de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011).

ANEXO G

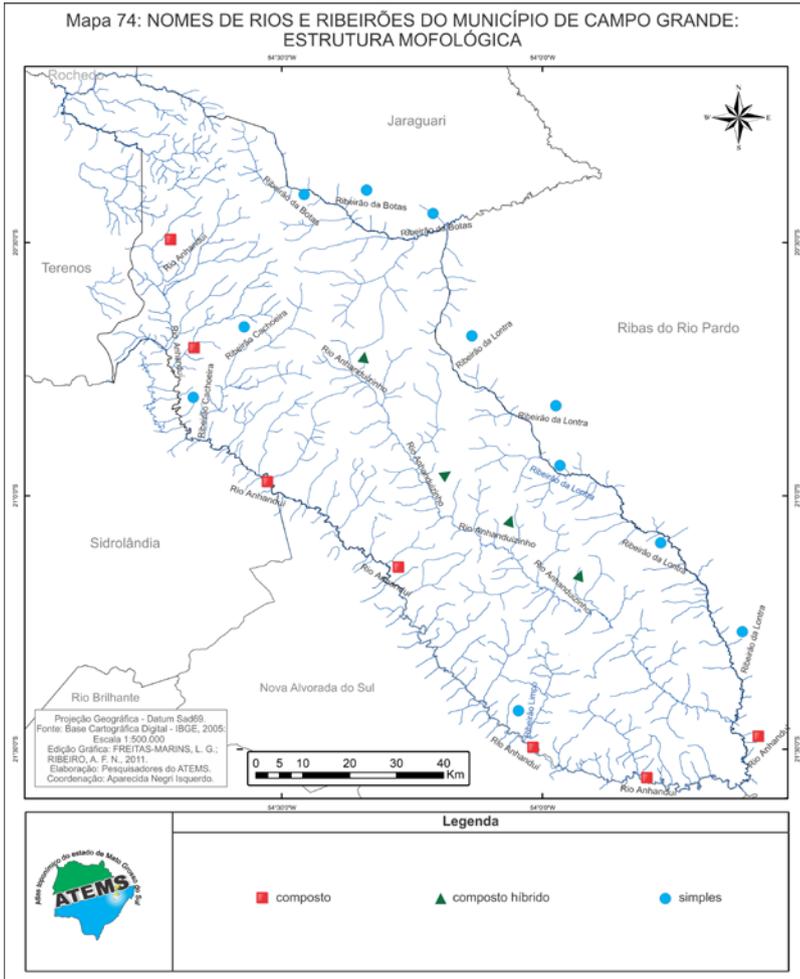
Figura 14: Mapa 26 – ATEMS – Densidade de “antropotopônimos” na toponímia de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011).

ANEXO H

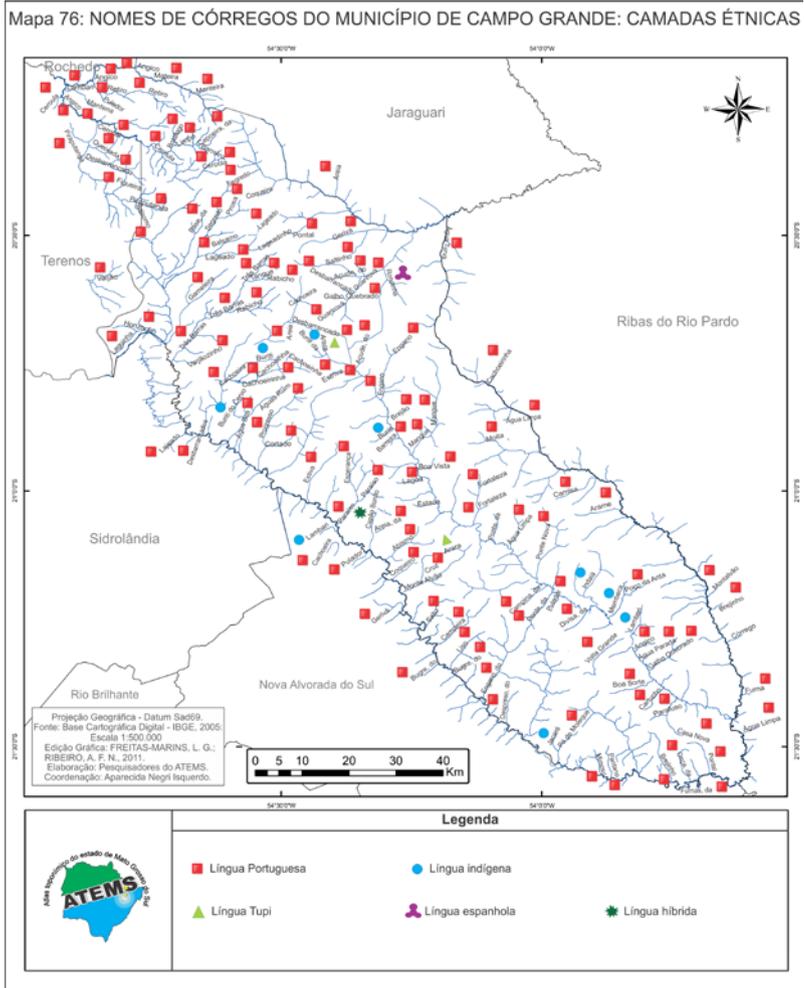
Figura 15: Mapa 74 – ATEMS – Nomes de rios e ribeirões do município de Campo Grande – estrutura morfológica



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011).

ANEXO I

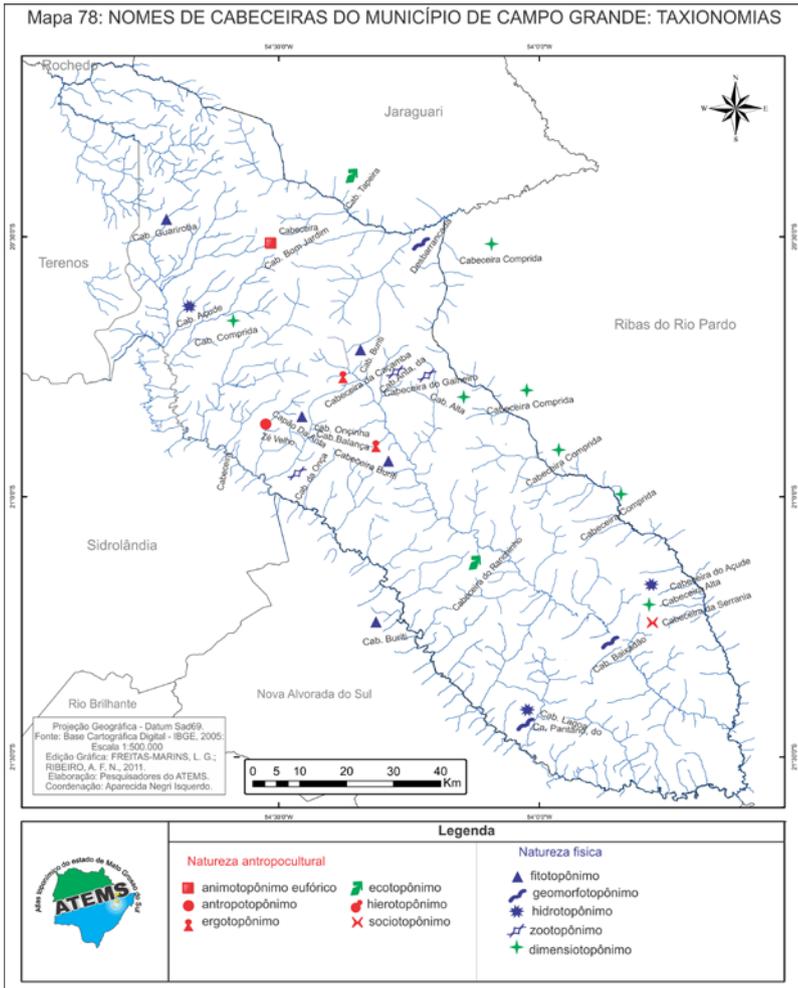
Figura 16: Mapa 76 – ATEMS – Nomes de córregos no município de Campo Grande – camadas étnicas



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011).

ANEXO J

Figura 17: Mapa 78 – ATEMS – Nomes de ccabeceiras no município de Campo Grande – taxionomias



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011).



FITOTOPÔNIMOS: INFLUÊNCIA DA VEGETAÇÃO NO PROCESSO DE NOMEAÇÃO

Suely Aparecida Cazarotto

Os fitotopônimos, conforme definição de Dick (1992, p. 31), são “topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, ou de espécies diferentes; além de formações não espontâneas individuais e em conjunto”. O venezuelano Salazar-Quijada (1985, p. 26), por seu turno, conceitua fitotopônimo como “(Del griego *phytón*: planta). Son aquellos topónimos que hacen referencia a nombres de la flora, tal es el caso de: El Bucare, El Jobo, Flor Amarilla, El Mamón, El Guayabal etc”.

Percebe-se, por intermédio da análise de topônimos que, ao escolher um nome para “batizar” um acidente físico e/ou humano, o homem procura retratar o que de mais valioso possui em sua localidade. Nesse momento entra em cena a vegetação, pois é dela que o homem extrai parte de seu alimento, consegue madeira resistente para a construção de casas e folhas que servem para cobri-las ou espécies vegetais que servem de ornamentação. Desse modo, nomeando um acidente geográfico, físico ou humano, com o nome de um elemento vegetal, o homem estaria “rendendo sua homenagem” a algo que lhe é útil e necessário à vida.

Nesse sentido, Nunes (1921, p. 134), no texto *A vegetação na toponímia portuguesa*, esclarece:

Compreende-se facilmente que as plantas que mais abundavam ou o arvoredo que em maior quantidade se encontrava nos arredores dos sítios habitados deviam ter exercido influência bastante notável na sua nomenclatura e sido um dos fatores que mais contribuíram para dar aos lugares os seus nomes: não era ela que desempenhava um papel importantíssimo na vida dos seus habitantes, alimentando-os com os seus produtos?

Salvado (1960), por sua vez, pondera que o povo, como bom observador, tende a assinalar o que destoia da monotonia que o rodeia – aquilo que é exótico ao seu “habitat” – e, geralmente, utiliza esse(s) elemento(s) na denominação do(s) lugar(es) onde se encontra. Assim, “os topônimos parecem confirmar [...] essa tendência em realçar a presença duma árvore [...] que destoava no meio da arboricultura meramente decorativa, uma raridade no meio da flora mantida e remoçada no decurso dos tempos” (SALVADO, 1960, p. 96).

Essas ponderações ratificam o princípio de que o estudo dos topônimos de uma localidade pode revelar aspectos da flora local. Dick (1990, p. 145-196), por exemplo, apresenta um exaustivo estudo sobre os fitotopônimos brasileiros e a influência que as variadas espécies florísticas do Brasil exercem na denominação de lugares. “O estudo da vegetação terrestre constitui, para o leigo, uma das mais árduas tarefas que se lhe possa propor, pela variedade das espécies que se entrecruzam em porções delimitadas do espaço geográfico analisado” (DICK, 1990, p. 145). A toponimista identifica fitotopônimos nos mais diversos lugares do Brasil e aproxima-os das espécies vegetais encontradas nesses lugares.

No âmbito do Projeto ATEMS, constata-se que a toponímia do estado de Mato Grosso do Sul reúne uma quantidade considerável de fitotopônimos, taxa que alçou maior índice de produtividade no *corpus* estudado, contabilizando um total de, aproximadamente, 1.080 nomes¹, distribuídos entre os topôni-

¹ Relatório gerado no Sistema de Dados do Projeto ATEMS em 18 de maio de 2014.

mos de acidentes físicos (1.037) e humanos (43) da área rural, que são motivados pela variada vegetação que compõe a flora característica do Estado.

Nessa perspectiva, e seguindo a tendência geral da toponímia brasileira, verifica-se que os fitotopônimos sul-mato-grossenses, além de evidenciarem marcas da realidade étnica e físico-geográfica da região estudada na denominação dos acidentes geográficos, o que nos permite recorrer à citação de um estudioso português, entendendo que a conclusão apresentada por ele para a toponímia portuguesa também se aplica a este estudo: “Não admira, pois, que em toda parte a vegetação figure em quantidade superior a outro qualquer entre os elementos que contribuíram para a toponímia [...]” (NUNES, 1921, p. 134).

1. FITOTOPÔNIMOS SUL-MATO-GROSSENSES: APRESENTAÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E ANÁLISE

Este estudo analisa os 1.037 fitotopônimos que nomeiam acidentes físicos (rios, riachos, córregos, cachoeiras, vazantes, cabeceiras, morros etc.) do estado de Mato Grosso do Sul. Cabe novamente considerar que os resultados alcançados pelo Projeto ATEMS ratificam o papel da vegetação como fonte motivadora de designativos na toponímia de uma região e, desse modo, confirmam a importância da vegetação na vida do homem, uma vez que as plantas, sendo essenciais ao ser humano, acabam se tornando “motivo” de nomeação dos acidentes geográficos, como pode ser verificado nos nomes de várias espécies florísticas sul-mato-grossenses que nomeiam acidentes físicos por todo o território sul-mato-grossense.

A Tabela 1, a seguir, reúne os fitotopônimos relativos aos 78 municípios² sul-mato-grossenses, distribuídos entre as quatro me-

² À época da coleta dos dados que originaram este trabalho, o estado de Mato Grosso do Sul era composto por 78 municípios, sendo “Paraíso da Águas” (emancipado em 3 de dezembro de 2009 - www.paraisosdasaguas.com.br).

sorregiões geográficas (Pantanaís Sul-mato-grossenses, Centro-Norte, Leste e Sudoeste) e nas onze microrregiões geográficas (MR-01 - Baixo Pantanal; MR-02 – Aquidauana; MR-03 – Alto Taquari; MR-04 – Campo Grande; MR-05 – Cassilândia; MR-06 – Paranaíba; MR-07 – Três Lagoas; MR-08 – Nova Andradina; MR-09 – Bodoquena; MR-10 – Dourados e MR-11 – Iguatemi) do Estado de Mato Grosso do Sul³.

Tabela 1: Produtividade de fitotopônimos nos municípios sul-mato-grossenses

MESORREGIÃO	MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FITOTOPÔNIMOS
PANTANAIS SUL-MATO-GROSSENSES	BAIXO PANTANAL (MR-01)	Corumbá	42
		Ladário	05
		Porto Murtinho	17
	AQUIDAUANA (MR-02)	Anastácio	21
		Aquidauana	19
		Dois Irmãos do Buriti	16
		Miranda	02
CENTRO-NORTE	ALTO TAQUARI (MR-03)	Alcinópolis	24
		Camapuã	28
		Coxim	11
		Figueirão	23
		Pedro Gomes	13
		Rio Verde de Mato Grosso	12
		São Gabriel do Oeste	11
		Sonora	05

ms.gov.br - Acesso em: 24 jul. 2016) o único município sul-mato-grossense a não ser contemplado neste estudo enquanto unidade administrativa autônoma, embora a toponímia, na atualidade circunscrita a esse município, figure entre os dados aqui analisados só que distribuída no território dos municípios dos quais foi desmembrada a área de Paraíso das Águas.

³ A divisão do estado de Mato Grosso do Sul em meso e microrregiões foi extraída de estudo realizado pelo IBGE (2008). IBGE. Diretoria de Geociências – Coordenação de Geografia. Projeto Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas - Outubro/2008. Objetivo do Projeto: Atualizar a divisão regional do Brasil elaborada pelo Departamento de Geografia e divulgada em 1989. Disponível em: www.mi.gov.br. Acesso em: 28 fev. 2010. (CAZAROTTO, 2010, p. 22)

MESORREGIÃO	MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FITOTOPÔNIMOS
CENTRO-NORTE	CAMPO GRANDE (MR-04)	Bandeirantes	14
		Campo Grande	26
		Corguinho	15
		Jaraguari	18
		Rio Negro	03
		Rochedo	06
		Sidrolândia	25
		Terenos	11
LESTE	CASSILÂNDIA (MR-05)	Cassilândia	30
		Chapadão do Sul	16
		Costa Rica	29
	PARANAÍBA (MR-06)	Aparecida do Taboado	09
		Inocência	37
		Paranaíba	58
		Selvíria	17
	TRÊS LAGOAS (MR-07)	Água Clara	39
		Brasilândia	13
		Ribas do Rio Pardo	37
		Santa Rita do Pardo	14
		Três Lagoas	31
	NOVA ANDRADINA (MR-08)	Anaurilândia	19
		Bataguassu	07
		Batayporã	05
Nova Andradina		19	
Taquarussu		05	
SUDOESTE	BODOQUENA (MR-09)	Bela Vista	17
		Bodoquena	01
		Bonito	14
		Caracol	06
		Guia Lopes da Laguna	04
		Jardim	04
		Nioaque	26

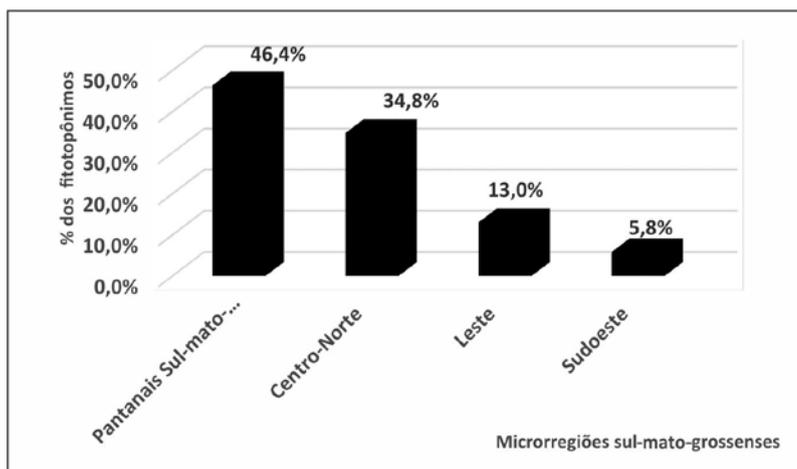
MESORREGIÃO	MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO	NÚMERO DE FITOTOPÔNIMOS
SUDOESTE	DOURADOS (MR-10)	Amambaí	17
		Antônio João	06
		Aral Moreira	08
		Caarapó	06
		Douradina	03
		Dourados	13
		Fátima do Sul	Sem ocorrência
		Itaporã	04
		Juti	11
		Laguna Carapã	07
		Maracaju	12
		Nova Alvorada do Sul	17
		Ponta Porã	17
		Rio Brilhante	15
	Vicentina	Sem ocorrência	
	IGUATEMI (MR-11)	Angélica	02
		Coronel Sapucaia	07
		Deodápolis	02
		Eldorado	05
		Glória de Dourados	02
		Iguatemi	14
		Itaquiraí	05
		Ivinhema	02
		Japorã	03
		Jateí	05
		Mundo Novo	01
Naviraí		17	
Novo Horizonte do Sul	01		
Paranhos	06		
Sete Quedas	03		
Tacuru	02		

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pela autora.

Os dados apresentados na Tabela 1 – índice de produtividade da fitotoponímia nos 78 municípios sul-mato-grossenses – também foram representados por meio do Mapa 18 produzido para a primeira versão do ATEMS (ISQUERDO, *et. al.*, 2011), apresentado na Figura 1 parte deste trabalho (Anexo A, p. 88).

Com o objetivo de propiciar maior visibilidade à distribuição dos fitotopônimos pelo território sul-mato-grossense, o Gráfico 1 traz o percentual de ocorrências de topônimos formados com nomes de plantas, segundo as quatro mesorregiões⁴ do Estado.

Gráfico 1: Ocorrências de fitotopônimos nas mesorregiões sul-mato-grossenses⁵



Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pela autora e editado por Luciene Gomes Freitas Marins

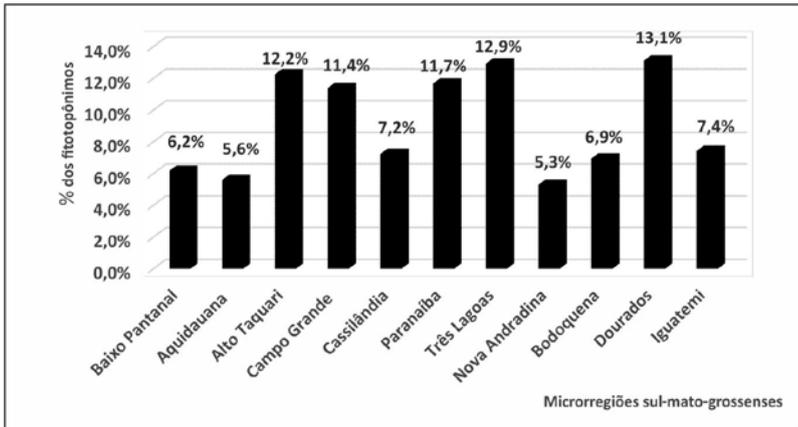
Ainda com o intento de demonstrar a distribuição dos fitotopônimos no território sul-mato-grossense, o Gráfico 2 traz a distribuição das ocorrências dessa taxa toponímica, segundo as onze microrregiões⁶ do Estado.

⁴ “Mesorregião é uma subdivisão dos estados brasileiros que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais que, por sua vez, são subdivididas em microrregiões. Foi criada pelo IBGE e é utilizada para fins estatísticos e não constitui, portanto, uma entidade política ou administrativa.” Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 24 jul. 2016.

⁵ A densidade fitotoponímica por município pode ser visualizada na Figura 1 apresentada no Anexo A deste trabalho (p. 88).

⁶ Microrregião, de acordo com a Constituição Brasileira de 1988 (art. 25,

Gráfico 2: Ocorrências de fitotopônimos nas microrregiões sul-mato-grossenses



Fonte: Sistema de dados do ATEMS. Elaborado pela autora e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

1.1 Distribuição dos fitotopônimos sul-mato-grossenses: algumas particularidades

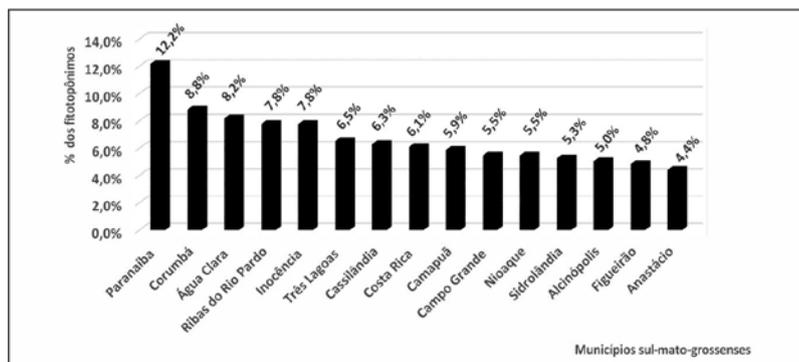
- Os municípios de Fátima do Sul e de Vicentina foram os únicos a não reunirem fitotopônimos na denominação dos acidentes físicos.
- Dos três municípios que compõem a microrregião de Cassilândia (MR-05), dois apresentaram significativo índice de fitotopônimos: Cassilândia (30) e Costa Rica (29).

§3º), refere-se a um agrupamento de municípios limítrofes cuja finalidade é integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, definidas por lei complementar estadual. Entretanto, raras são as microrregiões assim definidas, pois o termo é muito mais conhecido em função de seu uso prático pelo IBGE que, para fins estatísticos e com base em similaridades econômicas e sociais, divide os diversos Estados da Federação brasileira em microrregiões. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 24 jul. 2016.

- Os municípios vinculados às microrregiões de Nova Andradina (MR-08), de Dourados (MR-10) e de Iguatemi (MR-11) não evidenciaram índices significativos de fitotopônimos.
- Dentre as 11 microrregiões do estado do Mato Grosso do Sul, Nova Andradina (MR-08), composta por cinco municípios, foi a que reuniu menor número de fitotopônimos: 55.
- A microrregião de Três Lagoas (MR-07) concentrou, em três de seus cinco municípios, o maior índice de fitotopônimos entre as onze microrregiões, computando um total de 107 topônimos.
- A mesorregião Pantanaís Sul-mato-grossenses, que compreende as microrregiões do Baixo Pantanal (MR-01) e de Aquidauana (MR-02), reuniu o menor índice de ocorrências de fitotopônimos dentre as quatro mesorregiões: 122.
- A mesorregião Leste, que abriga as microrregiões de Cassilândia (MR-05), de Paranaíba (MR-06), de Três Lagoas (MR-07) e de Nova Andradina (MR-08), concentrou o maior índice de fitotopônimos entre as quatro mesorregiões, totalizando 385 nomes.

O Gráfico 3, a seguir, reúne os municípios sul-mato-grossenses que se destacaram em termos de produtividade de fitotopônimos na nomeação de acidentes físicos de seus territórios.

Gráfico 3: Municípios sul-mato-grossenses com maiores índices de fitotopônimos⁷



Fonte: Sistema de dados do ATEMS. Elaborado pela autora e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

Sabe-se que os topônimos – nomes próprios dos lugares – surgem à medida que o denominador sente a necessidade de “batizar” acidentes geográficos, a exemplo do que ocorre com as unidades lexicais da língua comum que também surgem de acordo com a necessidade do homem de nomear fatos, invenções, situações cotidianas. Basílio (1989, p. 09) argumenta que existem “dois bons motivos para formarmos palavras: a utilização da ideia de uma palavra em outra classe gramatical; e a necessidade de um acréscimo semântico numa significação lexical básica”. Kehdi (1992, p. 07), por seu turno, ao tratar do processo de formação de palavras, esclarece que “o acervo lexical da língua portuguesa é constituído de uma grande maioria de palavras herdadas do latim, às quais se acrescentaram palavras de outras origens, além de vocábulos formados em nosso próprio idioma”.

Assim, a formação de novas palavras se dá a partir de elementos já existentes no léxico a fim de facilitar a apreensão das novas formas pela memória humana, ou seja, no processo de formação de novas palavras o usuário da língua recorre a me-

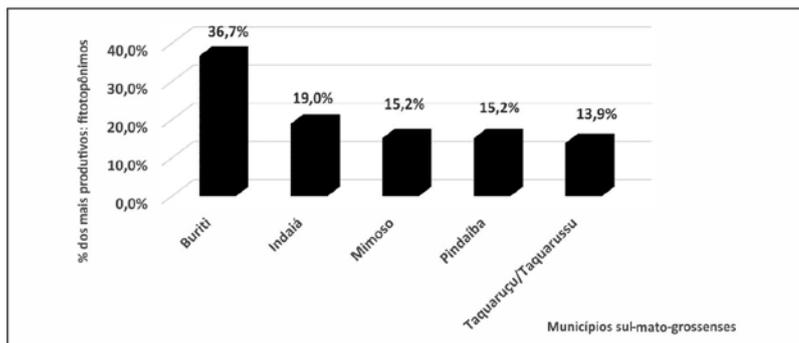
⁷ Um elevado índice de fitotopônimos, nesse contexto, compreende uma quantia igual ou superior a duas dezenas

canismos que permitem a utilização de elementos já inscritos no léxico de sua língua e vale-se ora do processo de formação ora do de composição. No *corpus* do Projeto ATEMS foram identificados quatro tipos de estrutura de topônimos: simples, simples híbrido, composto, composto híbrido.

Na análise dos fitotopônimos aqui apresentada foram contemplados os tipos mais ocorrentes, ou seja, os formados por elementos simples e compostos e os formados apenas por sintagmas simples, demonstrados nos gráficos que seguem.

O Gráfico 4, na sequência, destaca os cinco fitotopônimos mais produtivos no estado de Mato Grosso do Sul, considerando-se no cômputo dos dados os formados por topônimos com estrutura morfológica simples e composta.

Gráfico 4: Fitotopônimos de estrutura simples e composta mais produtivos na toponímia sul-mato-grossense⁸



Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pela autora e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

Dentre os topônimos compostos com o formante *Buriti*, há variantes toponímicas, como *Buriti Vermelho* (Sonora), *Buriti de Cima* (Água Clara), *Buriti de Baixo* (Água Clara), *Buriti Preto* (Pedro Gomes) e *Buriti do Cervo* (Campo Grande). A exemplo

⁸ Foram computados para o Gráfico 4 em cada topônimo as formas simples e compostas formadas com um mesmo item lexical (ex. *Buriti* e *Buriti Preto*).

do formante *Buriti*, também o topônimo *Indaiá* aparece, sobretudo, em topônimos compostos híbridos, tais como *Indaiá do Sul* (Cassilândia) e *Indaiá Grande* (Cassilândia, Chapadão do Sul e Inocência). Já os de estrutura simples híbrida como *Buritinho*, *Buritizal*, *Indaiazinho* e *Indaiaba* estão disseminados por vários municípios do estado de Mato Grosso do Sul.

A Tabela 2 reúne os cinco fitotopônimos de estrutura simples e composta mais frequentes no Estado e sua respectiva distribuição, conforme os municípios sul-mato-grossenses.

Tabela 2: Fitotopônimos de estrutura simples e composta e sua distribuição pelos municípios sul-mato-grossenses

MUNICÍPIO	BURITI ⁹ (58)	INDAIÁ ¹⁰ (30)	MIMOSO (24)	PINDAÍBA (24)	TAQUARUÇU/ TAQUARUSSU (22)
Água Clara	03	01	02	07	--
Alcinópolis	01	--	--	--	--
Anastácio	03	--	--	--	--
Anaurilândia	02	--	01	01	--
Antônio João	01	--	--	--	--
Aquidauana	01	01	--	--	--
Bandeirantes	01	--	01	--	--
Bataguassu	01	--	--	01	--
Bela Vista	--	--	--	--	01
Bodoquena	--	--	--	--	01
Bonito	--	--	02	--	02
Brasilândia	01	--	--	--	02
Camapuã	01	02	--	01	01
Campo Grande	03	02	--	--	--
Cassilândia	01	05	01	--	--
Chapadão do Sul	01	02	01	01	--

⁹ Aqui também estão sendo considerados tanto o topônimo *Buriti* (forma simples) quanto os compostos em que um dos elementos formadores seja o nome *Buriti*.

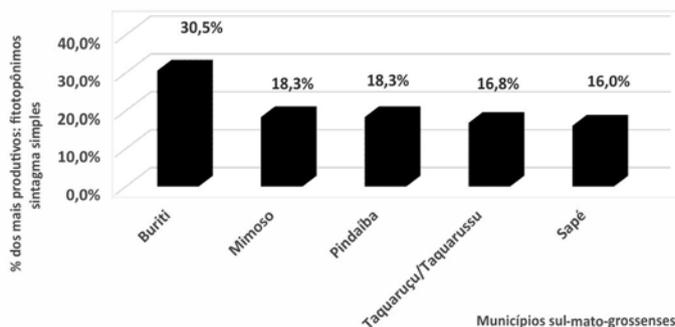
¹⁰ Também, neste caso, estão sendo computados os topônimos de estrutura simples e composta, envolvendo o nome *Indaiá*.

MUNICÍPIO	BURITI (58)	INDAÍÁ (30)	MIMOSO (24)	PINDAÍBA (24)	TAQUARUÇU/ TAQUARUSSU (22)
Corguinho	01	01	01	--	--
Costa Rica	04	01	--	--	--
Coxim	01	--	--	--	--
Dois Irmãos do Buriti	05	--	--	--	--
Figueirão	02	01	01	--	--
Guia Lopes da Laguna	--	--	--	02	--
Inocência	04	02	01	--	--
Jaraguari	--	--	--	--	01
Jardim	--	--	01	--	--
Maracaju	--	--	--	--	03
Naviraí	--	--	--	01	--
Nioaque	03	--	01	--	04
Nova Alvorada do Sul	02	--	--	01	01
Nova Andradina	--	--	01	01	--
Paranaíba	01	--	--	01	--
Pedro Gomes	01	--	--	--	--
Porto Murtinho	--	--	--	--	02
Ribas do Rio Pardo	03	06	03	01	--
Rio Brilhante	--	--	--	--	01
Rio Negro	01	--	--	--	--
Rio Verde de Mato Grosso	--	01	--	--	--
Santa Rita do Pardo	01	01	02	--	01
São Gabriel do Oeste	01	01	01	--	--
Selvíria	03	--	02	02	--
Sete Quedas	--	--	--	--	01
Sidrolândia	02	01	01	--	01
Sonora	01	--	--	--	--
Terenos	--	01	01	01	--
Três Lagoas	02	01	--	03	--

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pela autora.

O Gráfico 5, que segue, apresenta os cinco fitotopônimos mais produtivos no estado de Mato Grosso do Sul, considerando tão somente os formados por um item lexical (estrutura simples).

Gráfico 5: Fitotopônimos de estrutura simples mais produtivos na toponímia sul-mato-grossense



Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pela autora e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

A Tabela 3, por sua vez, traz o detalhamento dos dados reunidos no Gráfico 5, ou seja, o cômputo dos fitotopônimos mais produtivos, considerando, para tanto, apenas os de estrutura simples.

Tabela 3: Fitotopônimos de estrutura simples e sua distribuição segundo os municípios sul-mato-grossenses

MUNICÍPIO	BURITI (40)	MIMOSO (24)	PINDAÍBA (24)	TAQUARUÇU/ TAQUARUSSU (22)	SAPÉ (21)
Água Clara	01	02	07	--	--
Alcinópolis	01	--	--	--	--
Anastácio	01	--	--	--	--
Anaurilândia	02	01	01	--	--
Antônio João	01	--	--	--	--
Aparecida do Taboado	--	--	--	--	02
Aquidauana	01	--	--	--	01
Bandeirantes	01	01	--	--	01
Bataguassu	01	--	01	--	01
Bela Vista	--	--	--	01	--
Bodoquena	--	--	--	01	--
Bonito	--	02	--	02	--
Brasilândia	01	--	--	02	01

MUNICÍPIO	BURITI (40)	MIMOSO (24)	PINDAÍBA (24)	TAQUARUÇU/ TAQUARUSSU (22)	SAPÉ (21)
Camapuã	--	--	01	01	--
Campo Grande	02	--	--	--	01
Cassilândia	01	01	--	--	--
Chapadão do Sul	--	01	01	--	01
Corguinho	01	01	--	--	--
Costa Rica	03	--	--	--	--
Coxim	--	--	--	--	01
Dois Irmãos do Buriti	03	--	--	--	--
Figueirão	01	01	--	--	--
Guia Lopes da Laguna	--	--	02	--	--
Inocência	02	01	--	--	
Jaraguari	--	--	--	01	01
Jardim	--	01	--	--	--
Maracaju	--	--	--	03	--
Naviraí	--	--	01	--	--
Nioaque	02	01	--	04	--
Nova Alvorada do Sul	02	--	01	01	01
Nova Andradina	--	01	01	--	01
Paranaíba	01	--	01	--	03
Pedro Gomes	--	--	--	--	01
Porto Murtinho	--	--	--	02	--
Ribas do Rio Pardo	03	03	01	--	01
Rio Brillhante	--	--	--	01	01
Rio Negro	01	--	--	--	01
Rochedo	--	--	--	--	01
Santa Rita do Pardo	01	02	--	01	--
São Gabriel do Oeste	01	01	--	--	--
Selvíria	03	02	02	--	--
Sete Quedas	--	--	--	01	--
Sidrolândia	01	01	--	01	--
Terenos	--	01	01	--	01
Três Lagoas	02	--	03	--	--

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pela autora.

2. ESPÉCIES VEGETAIS QUE MELHOR REPRESENTAM A FLORA NA TOPONÍMIA SUL-MATO-GROSSENSE: DESTAQUES

Dentre os nomes que remetem às espécies vegetais características das formações da fitogeografia sul-mato-grossense, alcançaram maior produtividade os topônimos *Buriti*, *Indaiá*, *Mimosa* (capim), *Pindaíba*, *Taquaruçu* e *Sapé*, sucintamente abordados a seguir.

2.1 A palmeira buriti¹¹

O nome buriti, do tupi, "corruptela *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira [...] Alt. *Murity*, *Mirity*, *Mority*" (SAMPAIO, 1987, p. 209), designa uma espécie de palmeira nativa do Brasil e está incorporado ao léxico comum da língua portuguesa do Brasil e também nomeia acidentes geográficos em todo o território nacional. Essa tendência se confirmou neste estudo, pois o topônimo *Buriti* alcançou o maior índice de produtividade entre os fitotopônimos identificados na toponímia do estado de Mato Grosso do Sul. Sampaio (1987, p. 85), ao tratar dos tipos de palmeiras abundantes no Brasil, esclarece que

[...] as palmas são, de fato, tipo vegetal tão distinto, tão característico e tão comum em nossa terra, que a sua beleza e frequência [...] não podia deixar de influir para o nome que o devia designar. Daí vem encontrarem-se amiudadas vezes, em nosso mapa geográfico, as denominações de diversas espécies de palmeiras.

E, tratando particularmente da palmeira buriti, o mesmo autor registra que

[...] o *burity*, a *Mauritia Vinífera* dos botânicos, com as suas belas folhas espalmadas em leque, aparece, dando o seu

¹¹ Cf. a respeito de informações sobre a espécie vegetal buriti em Cazarotto (2010, p. 130-131).

nome a grande número de localidades nas regiões dos campos elevados, onde cresce, formando capões cerrados nas baixadas das cabeceiras dos rios (SAMPAIO, 1987, p. 86).

Em seu artigo *A motivação de topônimos indígenas de Mato Grosso do Sul*, Tavares (2008, p. 271) esclarece que

[...] entre os fitotopônimos indígenas examinados, *Buriti* é o de maior frequência e identifica diversos tipos de acidentes geográficos físicos e humanos, não apenas no Estado, mas em todo o Brasil. Essa escolha recorrente pode ser explicada pelo fato de *buriti* ser o nome de um tipo de palmeira que pode ser facilmente encontrada na natureza, e ser útil, sobretudo aos indígenas porque fornece folhas que podem ser usadas em coberturas de casas (das habitações utilizadas por alguns grupos indígenas principalmente no passado), o palmito comestível e o óleo extraído de seus frutos. Isso tudo acabou conferindo a essa árvore o estatuto de fitotopônimo de maior ocorrência em Mato Grosso do Sul.

Nota-se que a palmeira *buriti* é um elemento característico da vegetação do Estado e o topônimo *Buriti* predomina na toponímia sul-mato-grossense, nomeando acidentes geográficos – físicos e/ou humanos – de praticamente todas as microrregiões do território sul-mato-grossense. O elemento *buriti* também incorpora formações variadas, seja como base de formas derivadas conforme ocorre em *Buritizinho*, *Buritizal*, seja como base de topônimos compostos: *Buriti de Cima*, *Buriti de Baixo*, *Buriti Preto*, *Buriti Vermelho* e *Buriti do Cervo*, como já mencionado neste estudo. Reunidos, os topônimos que trazem o elemento *buriti* em formações simples ou compostas perfazem um total de 58 ocorrências, nomeando acidentes físicos. Acredita-se que a frequência do nome *buriti* na toponímia sul-mato-grossense, bem como em toda a toponímia nacional, decorra do fato de essa espécie vegetal integrar a flora de todo o território brasileiro, como já atestaram os estudos de Dick (1990) e de Isquerdo e Seabra

(2010)¹², por exemplo. A difusão de topônimos formados com o nome da palmeira buriti e suas variantes na toponímia sul-mato-grossense pode ser observada no Mapa 45 do ATEMS, reproduzido na Figura 2 (Anexo B, p. 89).

2.2 A palmeira indaiá

O nome indaiá que designa uma espécie de palmeira de origem brasileira, de pequeno porte é de origem tupi, “*indayá*, corr. *Anda-yá*, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira *Attalea compta*” (SAMPAIO, 1987, p. 223). O nome buriti teve ocorrência formando topônimos simples e compostos, na nomeação de 30 acidentes físicos por todo o território sul-mato-grossense. De acordo com Ferreira (2004), a maioria das espécies de palmeiras indaiá situa-se no Brasil Central. A produtividade do topônimo *Indaiá* (e respectivas variantes), na toponímia sul-mato-grossense está demonstrada no Mapa 46 do ATEMS que compõe a Figura 3, parte integrante deste trabalho (Anexo C, p. 90).

2.3 O capim mimoso

O item lexical capim-mimoso, ou simplesmente mimoso, ocupa o terceiro lugar no “ranking” de espécies vegetais com maior produtividade entre os fitotopônimos sul-mato-grossenses, com 24 ocorrências na denominação de acidentes físicos. Vale o registro de que o termo capim mimoso designa um tipo de “erva da família das gramíneas [...], de pequeno porte, folhagem fina e inflorescência muito delicada”, também denominado como “apenas mimoso” (FERREIRA, 2004); “uma erva de colmo ramoso e roliço, cuja forragem é de qualidade superior, podendo-se considerar esta planta como uma das melhores gramíneas

¹² Para maiores informações sobre o nome *Buriti*, na toponímia de Mato Grosso do Sul e de Minas Gerais, conferir Isquerdo e Seabra (2010).

do Brasil” (CRUZ, 1985) e outras espécies com características semelhantes a essas. São típicas dos campos e uma das formações vegetais características do estado de Mato Grosso do Sul. A produtividade do topônimo *Mimoso* na toponímia de Mato Grosso do Sul está representada no Mapa 47 do ATEMS que é reproduzido na Figura 4 deste trabalho (Anexo D, p. 91).

2.4 A árvore pindaíba

O termo pindaíba designa dois tipos de árvores: arbusto de galhos flexíveis, casca escura, folhas grandes; árvore que fornece madeira pra obras internas e carpintaria e cuja casca dá material para cordoaria (CORRÊA, 1984). O topônimo *Pindaíba*, do tupi “*pindahyba*, corr. *pindá-yba*, a vara do anzol, a cana do anzol [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 288), assim como as variantes *Pindaivinha* e *Pindaibão*, na toponímia sul-mato-grossense, nomeiam 24 acidentes físicos. O Mapa 48 do ATEMS, mostrado, neste texto, por meio da Figura 5 (Anexo E, p. 92), traz a produtividade do topônimo *Pindaíba* no Mato Grosso do Sul.

2.5 A taquara e o sapé

O nome *Taquarussu/Taquaraçu*, do tupi “*taquar-uçú*, a cana grande, a taquara grossa, bambu” (SAMPAIO, 1987, p. 319) nomeia 22 acidentes físicos no Mato Grosso do Sul, enquanto o termo *sapé* (ou capim-sapé) designa uma espécie de planta, “gramínea, herbácea cujo caule mede de 50 a 80 cm de altura; as folhas são longas e lanceoladas, as flores se ajeitam em panículas e o rizoma (raiz) é carnoso, branco, não muito grosso e apresenta nós em toda sua extensão” (CORRÊA, 1984) e foi usado para nomear 21 acidentes físicos, denominando ilhas, córregos e cabeceiras sul-mato-grossenses. Do tupi “corr. *eçá-pé*, ver caminho, aluminar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos e tetos de habitação” (SAMPAIO, 1987, p. 304).

3. FITOGEOGRAFIA *VERSUS* FITOTOPONÍMIA: OUTRAS PARTICULARIDADES¹³

No âmbito das espécies vegetais recuperadas pela toponímia sul-mato-grossense, o fato de o ipê, considerado um símbolo do Brasil e a árvore eleita como símbolo de Mato Grosso do Sul, ter tido pouca produtividade causou certa “estranheza”. O termo ipê foi registrado duas vezes na toponímia sul-mato-grossense, uma como nome de um córrego no município de Dourados e outra na nomeação do distrito *Ipezal*, pertencente ao município de Angélica, na verdade uma variante do termo ipê.

A ocorrência de apenas dois designativos ligados à erva-mate: *Erva, da* (três ocorrências: um córrego em Anaurilândia e dois em Nova Andradina) e *Hervalzinho* (córrego em Nova Andradina) também causa certa “estranheza” devido ao fato de o estado de Mato Grosso do Sul ter a sua história imanentemente ligada à produção/extração da erva-mate, razão pela qual tinha-se a expectativa de essa atividade econômica ter influenciado a toponímia, em especial a dos municípios localizados ao sul do Estado, na fronteira do Brasil com o Paraguai.

Mesmo tendo sido realizadas referências a determinadas espécies das formações vegetais características do estado de Mato Grosso do Sul, sabe-se que muito mais pode ser produzido devido à riqueza que o tema “a vegetação como motivação toponímica” proporciona. Os exemplos aqui trazidos demonstram que a presença de nomes de espécies vegetais típicas da vegetação sul-mato-grossense na fitotoponímia é marcante, à medida que se estende por todas as regiões do Estado, o que confirma a estreita relação entre a fitogeografia e a fitotoponímia.

¹³ Cf. Cazarotto (2010, p. 136).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão deste estudo, vale, mais uma vez, ressaltar que a utilização em grande quantidade de determinados nomes de plantas características de uma região na nomeação de acidentes físicos (e também humanos) “na maioria das vezes (é) motivada pela abundância da espécie na localidade e/ou até mesmo pela presença significativa de alguma em particular que sirva de ponto de referência para a identificação da localidade” (ISQUERDO, 1997, p. 38).

Assim, acredita-se que a presença da vegetação nos nomes dos 1.037 acidentes físicos de Mato Grosso do Sul se dê, primeiramente, porque os elementos florísticos exercem forte influência sobre o homem no momento de atribuir nomes a elementos do seu ambiente, dada a importância da flora não somente para os humanos mas também para todos os seres vivos.

Considerando o exposto, acredita-se estar justificada a predominância dos fitotopônimos, com um total aproximado de 1.080 ocorrências, na toponímia do estado de Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – UFMS. *Sistema de Dados do Projeto ATEMS*. Campo Grande: UFMS, 2011 (acesso restrito).

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

CAZAROTTO, Suely Aparecida. *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses: uma proposta*. 2010. 321 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 2010.

CORRÊA, Manuel Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, 1984.

CRUZ, Gilberto Luiz da. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI – Versão 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia como signo de representação de uma realidade. *Fronteiras – Revista de História (UFMS)*, Campo Grande/MS, v. 1, n. 2, p. 27-46, jul./dez. 1997.

ISQUERDO, Aparecida Negri et. al. *Atlas toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS*. v. 1. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011 (inédito).

ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A trilha dos “buritis” no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul. In: BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *O léxico em foco*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 80-91. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109155/ISBN9788579831256.pdf?sequence=2>. Acesso em: 01 set. 2016.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.

NUNES, José Joaquim. A vegetação na toponímia portuguesa. *Boletim da Classe de Letras*, Lisboa, v. XIII, p. 131-175, 1918/1919, ed.1921 [1919].

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. *La toponímia en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

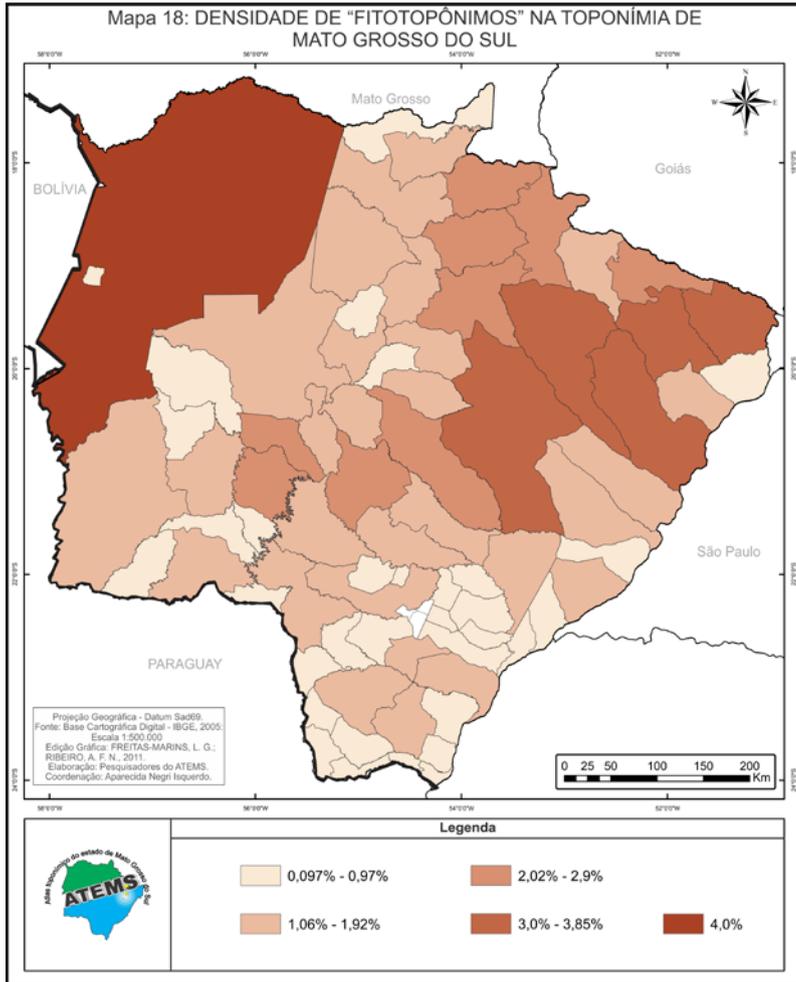
SALVADO, Artur. Topónimos olivícolas portugueses. *Boletim da Junta Nacional do Azeite*, Lisboa, ano XV, n. 59-60, jul./dez. 1960.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília – DF – INL, 1987.

TAVARES, Marilze. A motivação de topônimos indígenas de Mato Grosso do Sul. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina/PR, v. 2, n. 11, p. 257-275, dez. 2008.

ANEXO A

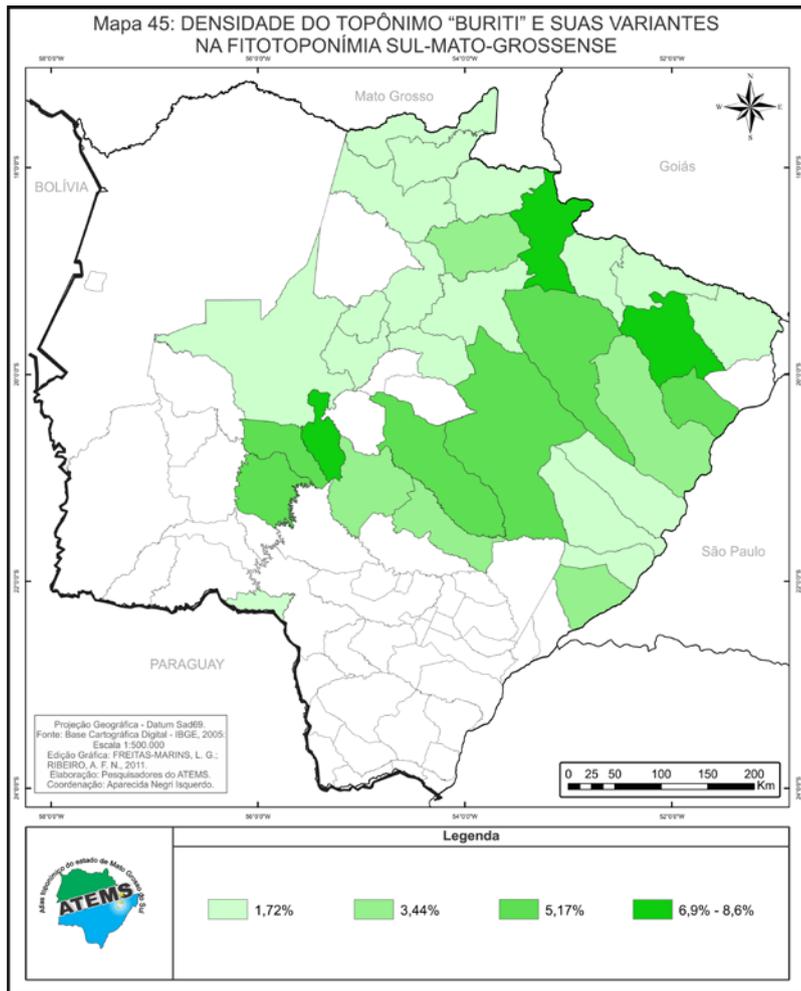
Figura 1: Representação cartográfica da produtividade dos fitotopônimos na toponímia de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO B

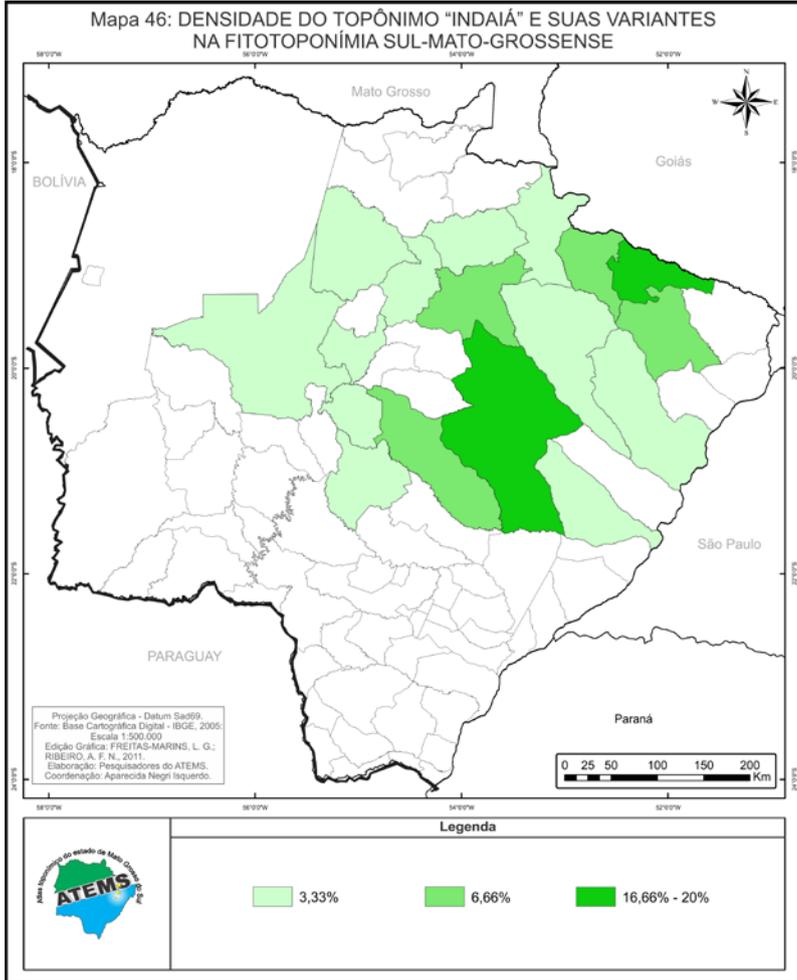
Figura 2: Representação cartográfica da produtividade do topônimo *Buriti* na toponímia de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO C

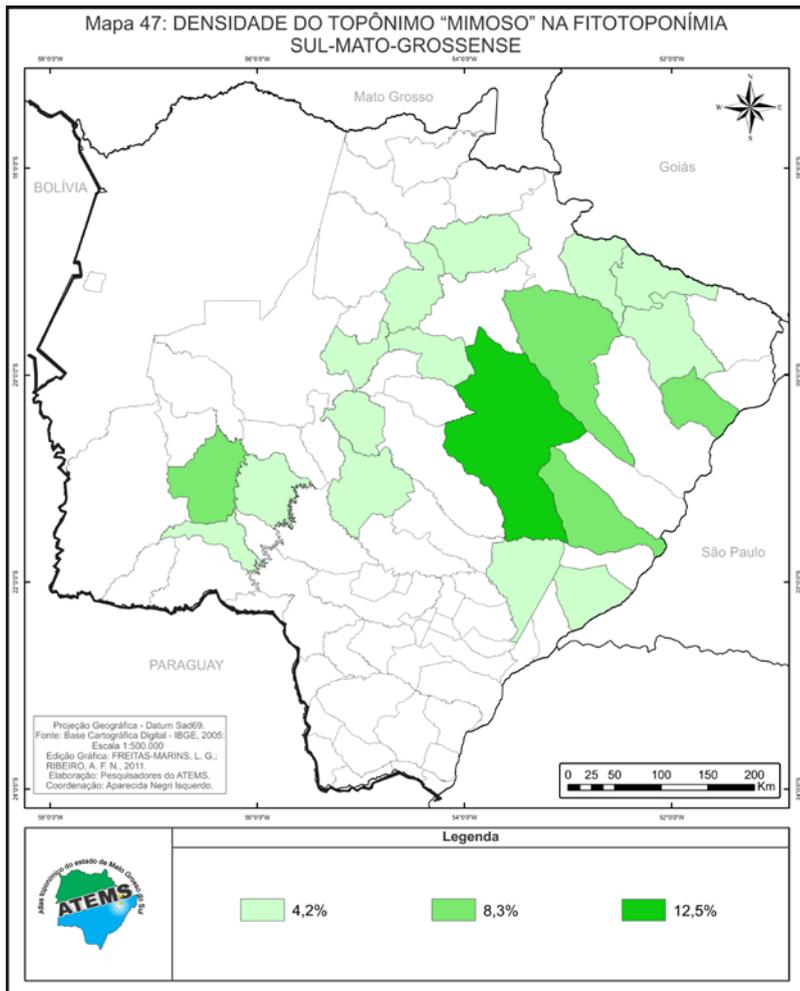
Figura 3: Representação cartográfica da produtividade do topônimo *Indaiá* na toponímia de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO D

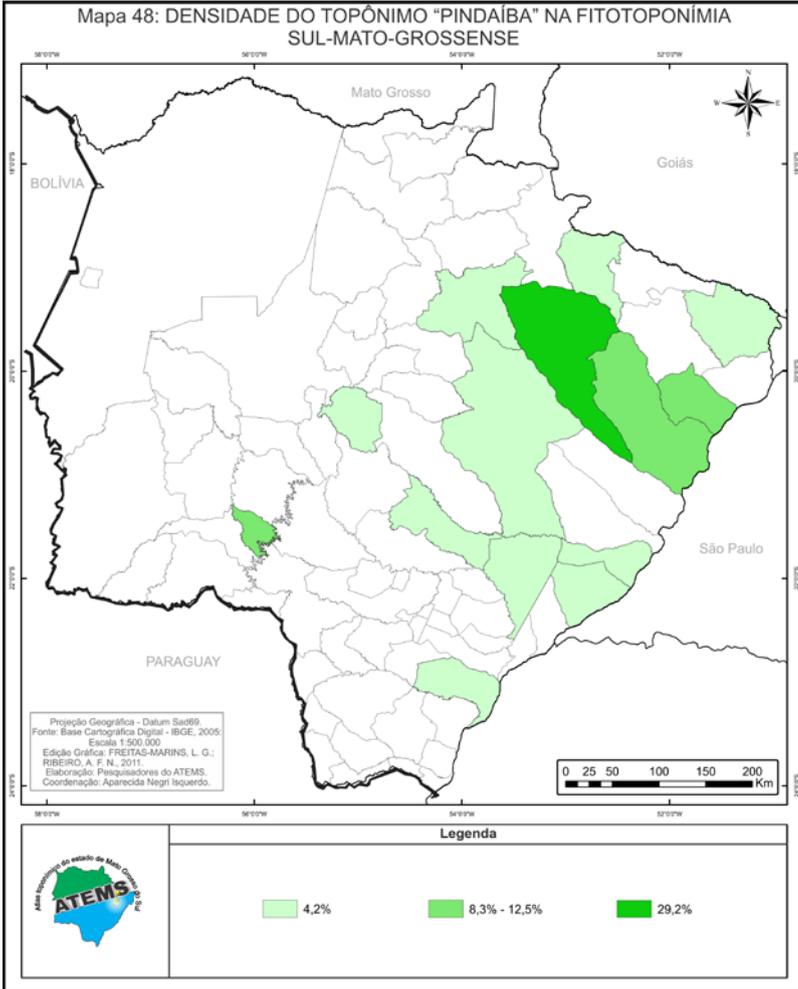
Figura 4: Representação cartográfica da produtividade do topônimo *Mimoso* na toponímia de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO E

Figura 5: Representação cartográfica da produtividade do topônimo *Pindaíba* na toponímia de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)



OS HIDROTOPÔNIMOS DE MATO GROSSO DO SUL: O QUE OS DADOS DO ATEMS REVELAM

Carla Regina de Souza Figueiredo

Desde a Grécia Antiga discutiam-se quais elementos eram responsáveis pela formação de todas as coisas. Os filósofos pré-socráticos Tales de Mileto, Anaxímenes, Heráclito e Empédocles de Agrinoto atribuíram, respectivamente, à água, ao ar, ao fogo e à terra o *status* de elementos da natureza primordiais para a sobrevivência humana (CHAUI, 2005, p. 39). Embora a física e a química moderna associem o conceito de elemento aos diferentes tipos de átomos responsáveis pela formação das moléculas e consequentemente da matéria, os gregos, de certo modo, não estavam tão enganados, uma vez que não se nega a importância dos quatro itens na construção da história da própria Humanidade.

Os cursos d'água, por exemplo, interferem na maneira como o homem se comporta e se organiza no espaço em que vive. Por serem vias naturais de acesso, rios, córregos, lagoas, dentre outras correntes hídricas, servem não só como fonte de subsistência dos seres vivos, mas também como demarcadores territoriais capazes de aproximar ou isolar povos, de gerar ou impedir o desenvolvimento de uma determinada região.

Observar a hidrografia de um lugar é desvendar as riquezas que subjazem às suas águas; além das crenças, dos mitos e das histórias criadas, vivenciadas e contadas pelos que por ali

passaram e/ou habitaram. Em várias ocasiões os topônimos que nomeiam os acidentes hidrográficos são a “chave reveladora de muitos mistérios”, uma vez que particularizam e consolidam olhares lançados sobre esses lugares.

Segundo Dick (1992, p. 31), os acidentes relativos a cursos d’água em geral que recebem alguma designação remetente à natureza hidrônímica e a importância deste tipo de acidente para as condições de vida humana devem ser categorizados como hidrotopônimos.

O Mato Grosso do Sul é privilegiado por recursos hídricos¹ e traz na nomenclatura dos seus acidentes geográficos um conjunto significativo de hidrotopônimos. No decorrer da história desse Estado, os rios foram fonte de sustento aos vários grupos indígenas que ali se acomodaram, além de servirem de acesso aos espanhóis, aos paraguaios, aos bandeirantes paulistas, dentre outros, no período de colonização desse território. Ao observar os nomes dos principais rios sul-mato-grossenses, é possível verificar o quanto as expectativas e impressões dos habitantes e colonizadores da região foram sedimentadas por meio dos topônimos. As designações dos rios *Aporé*, *Paraguai* e *Paraná* ilustram, por exemplo, a influência dos povos indígenas.

Aporé é um topônimo que ainda não teve a sua real motivação elucidada. As hipóteses levantadas caminham em direções diversas. No entanto, em todas, o referente água está presen-

¹ Duas bacias hidrográficas banham o território sul-mato-grossense, a saber: a Bacia do Paraguai e a Bacia do Paraná. Entre os vários rios pertencentes a cada uma delas, destacam-se o Paraná, o Pardo, o Verde e o Aporé na Bacia do Paraná, e o Paraguai, o Cuiabá, o São Lourenço, o Taquari e o Negro na Bacia do Paraguai. Quanto ao relevo, as serras mais importantes no Mato Grosso do Sul são a do Urucum, a da Bodoquena, a do Amambá, a do Caiapó e a de Maracaju, que é a divisora de águas entre a Bacia do Paraná e a Bacia do Paraguai. Outra forma de relevo encontrada na região é o Pantanal, maior planície alagável do planeta, drenada pelo rio Paraguai e seus afluentes. (Informações retiradas do Mapa *Mato Grosso do Sul: relevo e hidrografia* da série Brasil-geográfico na escala 1:5000.000 e Anuário Estatístico do Brasil. Adaptação do IBGE disponível em www.portalpositivo.com.br. Acesso em: 20 jan. 2011).

te (DARGEL, 2003, p. 93). Pode ser uma variante de Guaporé, originado de ygaporé, ygapó², que designa a água que invade, enchente; ou uma adaptação fonética de Aporã/Iporã³, que significa rio bonito, ou ainda, remeter-se a aparí, do tupi abá-r-y, o rio dos índios (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 21). Já o topônimo *Paraguai* é o resultado da combinação do tupi Paraguá-y, que designa o rio dos papagaios ou o rio dos cocares ou das coroas (SAMPAIO, 1928, p. 281). *Paraná*, por sua vez, advindo do tupi para'-nã, foi escolhido pelo fato desse rio ter uma grande extensão e se assemelhar ao mar (SAMPAIO, 1928, p. 283).

No conjunto total de topônimos registrados no Sistema de Dados do Projeto ATEMS, os hidrotopônimos representam a segunda taxa mais recorrente, ou seja, aproximadamente 15%⁴, distribuídos conforme se demonstra a seguir por meio da Tabela 1 (p. 96) e do Mapa 20 do ATEMS, reproduzido na Figura 1 (Anexo A, p. 116).

Vale registrar que, neste trabalho, computaram-se como hidrotopônimos todos os nomes em que a *água* consubstancia como elemento formador, sobretudo nos de base indígena. O genérico *y* exemplifica como o sistema linguístico tupi registrava, num mesmo léxico, uma forma genérica para assinalar “água”, incluindo à designação o conteúdo semântico como de rio ou de córrego. Dick (1990, p. 226; 270) ora reconhece como hidrotopônimo ora como zootopônimo nomes como *Tatui*⁵, variante de *Tatú - y*, o rio do tatu (SAMPAIO, 1928, p. 290).

² Segundo Sampaio (1928, p. 347-348), trata-se de um designativo de origem tupi. Yg - y refere-se à água, o líquido; o rio, a corrente; e y-apó, a água transbordada, a inundação; a cheia do rio; os alagados à margem dos grandes rios.

³ Do tupi Y-porã, rio bonito (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 61).

⁴ Distribuição de hidrotopônimos no território sul-mato-grossense segundo o Relatório gerado pelo Sistema de Dados do Projeto ATEMS em 26 de janeiro de 2011.

⁵ -i é uma variante da base tupi *y* (cf. DICK, 1990, p. 216-226).

Tabela 1: Distribuição dos *hidrotopônimos* no território sul-mato-grossense⁶

Mesorregião	Microrregião	Municípios	Total de hidrotopônimos
Mesorregião Pantanaís Sul-mato-grossenses	Microrregião do Baixo Pantanal (MR-01)	Corumbá	26
		Ladário	00
		Porto Murtinho	16
	Microrregião de Aquidauana (MR-02)	Anastácio	08
		Aquidauana	19
		Dois Irmãos do Buriti	08
		Miranda	05
Mesorregião Centro-Norte	Microrregião do Alto Taquari (MR-03)	Alcinópolis	30
		Camapuã	42
		Coxim	11
		Figueirão	26
		Pedro Gomes	17
		Rio Verde de Mato Grosso	11
		São Gabriel do Oeste	11
	Microrregião de Campo Grande (MR-04)	Sonora	10
		Bandeirantes	18
		Campo Grande	26
		Corguinho	15
		Jaraguari	13
		Rio Negro	04
		Rochedo	09
Sidrolândia	17		
Terenos	24		

⁶ Fonte: Relatório gerado pelo Sistema de Dados do Projeto ATEMS em 26 de janeiro de 2011.

Mesorregião	Microrregião	Municípios	Total de hidrotopônimos
Mesorregião Leste	Microrregião de Cassilândia (MR-05)	Cassilândia	34
		Chapadão do Sul	13
		Costa Rica	37
	Microrregião de Paranaíba (MR-06)	Aparecida do Taboado	10
		Inocência	55
		Paranaíba	40
		Selvíria	12
	Microrregião de Três Lagoas (MR-07)	Água Clara	73
		Brasilândia	09
		Ribas do Rio Pardo	62
		Santa Rita do Pardo	17
		Três Lagoas	32
	Microrregião de Nova Andradina (MR-08)	Anaurilândia	28
		Bataguassu	03
		Batayporã	05
Nova Andradina		14	
Taquarussu		05	
Mesorregião Sudoeste	Microrregião de Bodoquena (MR-09)	Bela Vista	14
		Bodoquena	07
		Bonito	05
		Caracol	05
		Guia Lopes da Laguna	01
		Jardim	06
		Nioaque	11

Mesorregião	Microrregião	Municípios	Total de hidrotopônimos
Mesorregião Sudoeste	Microrregião de Dourados (MR-10)	Amambaí	18
		Antônio João	05
		Aral Moreira	03
		Caarapó	05
		Douradina	03
		Dourados	12
		Fátima do Sul	01
		Itaporã	03
		Juti	03
		Laguna Carapã	08
		Maracaju	12
		Nova Alvorada do Sul	16
		Ponta Porã	21
		Rio Brilhante	14
		Vicentina	01
	Microrregião de Iguatemi (MR-11)	Angélica	01
		Coronel Sapucaia	05
		Deodápolis	04
		Eldorado	06
		Glória de Dourados	03
		Iguatemi	13
		Itaquiraí	07
		Ivinhema	04
		Japorã	02
		Jateí	03
		Mundo Novo	03
		Naviraí	08
Novo Horizonte do Sul	00		
Paranhos	08		
Sete Quedas	03		
Tacuru	04		

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pela autora.

Conforme anunciado anteriormente, o Mapa 20 do ATEMS (Figura 1)⁷ representa, em termos de produtividade, a distribuição dos hidrotopônimos de acordo com o município sul-mato-grossense.

Embora as microrregiões de Bodoquena, de Dourados e de Iguatemi representem, juntas, o maior número de municípios distribuídos por mesorregião, nota-se que não foram as mais representativas na manifestação de hidrotopônimos. A disposição das Bacias do Paraná e do Paraguai, somadas aos tipos de formação de relevo encontrados no Mato Grosso do Sul, justificam tal constatação, pois os dados refletem uma maior concentração de hidrotopônimos nas regiões que possuem um vasto volume de cursos d'água. Observa-se que aproximadamente 42,22% dos hidrotopônimos estão localizados na mesorregião Leste (Água Clara: 73 ocorrências – 6,86%; Ribas do Rio Pardo: 62 ocorrências – 5,83%; Inocência: 55 ocorrências – 5,17%; Paranaíba: 40 ocorrências – 3,76%; Costa Rica: 37 ocorrências – 3,48%; Cassilândia: 34 ocorrências – 3,19%; Três Lagoas: 32 ocorrências – 3,01%); 26,71% na Centro-Norte (Camapuã: 42 ocorrências – 3,95%; Alcínópolis: 30 ocorrências – 2,82%; Campo Grande: 26 ocorrências – 2,44%); 23,31% na Sudoeste e 7,71% nos Pantanaís sul-mato-grossenses (Corumbá: 26 ocorrências – 2,44%).

A mesorregião Sudoeste se destaca se a categoria dos topônimos de natureza hídrica for organizada segundo a base linguística, pois há uma grande influência de outras línguas que não a portuguesa nessa área territorial. A título de exemplificação, pontuam-se os municípios de Amambai (MR-10), Iguatemi (MR-11) e Paranhos (MR- 11) por terem em vários topônimos a remissão ao elemento água em sua formação. Dos 18 registrados em Amambai, 11 têm pelo menos um elemento de língua indígena (Ipuí-pucu – duas ocorrências; Piquiri – duas ocorrências; Maracaí – uma ocorrência; Acanheí – uma ocorrência; Guaí – uma ocorrência; Ipoí – uma ocorrência; Laranjaí – uma ocorrência;

⁷ Cf. Anexo A deste trabalho (p. 116)

Ponteí – uma ocorrência; Ipuitã – uma ocorrência). Em Iguatemi, dos 13 cadastrados, 11 se enquadram na situação mencionada (Iguatemi – duas ocorrências; Piraí – uma ocorrência; Pirajuí – uma ocorrência; Ipoí – uma ocorrência; Maracaí – uma ocorrência; Ipané – uma ocorrência; Iguaçu – uma ocorrência; Guai-cué – uma ocorrência; Sanga Puitã – uma ocorrência; Iguapeí – uma ocorrência). Já em Paranhos, seis dos oito hidrotopônimos têm etimologicamente influência do tupi (Piraí – duas ocorrências; Pirajuí – duas ocorrências; Iguatemi – uma ocorrência; Ipoí – uma ocorrência) e também há um do espanhol (Lagunita – uma ocorrência). A seguir, a tabela de distribuição dos *hidrotopônimos* em Mato Grosso do Sul de acordo com a(s) língua(s) de origem.

Tabela 2: Distribuição dos hidrotopônimos catalogados no Projeto ATEMS segundo a base linguística

Língua de Origem	Percentual em relação ao nº total de hidrotopônimos registrados no ATEMS
Africana	0,29%
Bororo	0,09%
Espanhola	0,38%
Guarani	0,29%
Portuguesa	87,52%
Portuguesa + espanhola	0,09%
Portuguesa + guarani	0,29%
Portuguesa + tupi	2,24%
Tupi	8,28%
Tupi + guarani	0,29%
Tupi + portuguesa	0,19%

Fonte: Sistema de dados do ATEMS. Elaborado pela autora.

Quanto à estrutura morfológica dos hidrotopônimos sul-mato-grossenses, aproximadamente 57,92% são simples (ex. *Brilhante*, *Salto*, *Salobra*), 0,48% são simples híbridos (ex. *Laranjaí*, *Ponteí*), 38,96% são compostos (ex: *Cabeceira Comprida*, *Rego d'água*) e 2,62% são compostos híbridos (ex: *Sanga Puitã*, *Laguna Ita*).

Segundo Dick (1992, p. 55), principalmente antes da chegada dos europeus ao Brasil, costumavam-se registrar as impressões que as reservas hídricas ou a topografia despertavam em seus habitantes por meio de um denominador básico como córrego, vale, rio, dentre outros, acrescido da indicação e/ou das características como a cor, o volume e a extensão do acidente ou ainda por meio das tendências e costumes dominantes na época da nomeação. O tipo de criação de topônimos sinalizado pela autora se confirma no Mato Grosso do Sul. A quantidade de hidrotopônimos formados por meio dos itens lexicais *água*, *cabeceira*⁸ e *cachoeira* revelam esse fato. Veja as tabelas 3, 4, e 5 e as figuras 2, 3 e 4 que reproduzem os mapas toponímicos 49, 50 e 51⁹, com as respectivas distribuições desses nomes no Estado, na sequência deste texto.

Tabela 3: Distribuição dos hidrotopônimos formados pelo item lexical *água* e suas variantes, segundo os municípios sul-mato-grossenses.

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Água	Porto Murtinho (MR-01)	01
	Aquidauana (MR-02)	01
Aguaçu	Corumbá (MR-01)	02
Aguada	Corumbá (MR-01)	01
	Selvíria (MR-06)	01
	Nova Alvorada do Sul (MR-10)	02
Aguão	Rochedo (MR-04)	01
Aguinha	Nova Andradina (MR-08)	01
Água Amarela	Alcinópolis (MR-03)	01
	Anaurilândia (MR-08)	01
	Jardim (MR-09)	01

⁸ Cabeceira designa a nascente de um rio ou de um riacho.

⁹ Os mapas 49, 50 e 51 estão reproduzidos, respectivamente, nas Figuras 2 (Anexo B, p. 117), 3 (Anexo C, p. 118) e 4 (Anexo D, p. 119) que integram este texto.

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Água Azul	Anastácio (MR-02)	01
	Dois Irmãos do Buriti (MR-02)	01
	Bela Vista (MR-09)	02
	Dourados (MR-10)	01
	Ponta Porã (MR-10)	01
Água Azul 2	Bela Vista (MR-09)	01
Água Boa	Aquidauana (MR-02)	01
	Alcinópolis (MR-03)	01
	Campo Grande (MR-04)	01
	Corguinho (MR-04)	01
	Jaraguari (MR-04)	01
	Rochedo (MR-04)	02
	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01
	Santa Rita do Pardo (MR-07)	01
	Antônio João (MR-10)	01
	Aral Moreira (MR-10)	01
	Dourados (MR-10)	01
	Maracaju (MR-10)	01
	Água Boa	Ponta Porã (MR-10)
Eldorado (MR-11)		01
Itaquiraí (MR-11)		01
Tacuru (MR-11)		01
Água Boa I	Corguinho (MR-04)	01
Água Boa II	Corguinho (MR-04)	01
Água Bonita	Alcinópolis (MR-03)	01
	Sonora (MR-03)	02
	Costa Rica (MR-05)	01
	Água Clara (MR-07)	01
	Rio Brilhante (MR-10)	03

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Água Branca	Corumbá (MR-01)	02
	Porto Murtinho (MR-01)	01
	Aquidauana (MR-02)	01
	Pedro Gomes (MR-03)	01
	Sonora (MR-03)	01
	Água Clara (MR-07)	01
	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01
	Santa Rita do Pardo (MR-07)	01
	Anaurilândia (MR-08)	01
	Nioaque (MR-09)	02
	Eldorado (MR-11)	01
Água Clara	Aquidauana (MR-02)	01
	Água Clara (MR-07)	03
	Maracaju (MR-10)	01
Água da Lagoa	Camapuã (MR-03)	01
Água da Tapera	Dourados (MR-10)	01
Água do Burro	Anaurilândia (MR-08)	01
Água do Mateiro	Jateí (MR-11)	01
Água do Peixinho	Anaurilândia (MR-08)	01
Água do Seno	Inocência (MR-06)	01
Água Doce	Porto Murtinho (MR-01)	01
	Terenos (MR-04)	01
Água Emendada	Figueirão (MR-03)	01
	Corguinho (MR-04)	01
	Costa Rica (MR-05)	02
	Alcinópolis (MR-03)	01
	Figueirão (MR-03)	01
	Jaraguari (MR-04)	01
Água Emendada	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Água Fria	Porto Murinho (MR-01)	01
	Dois Irmãos do Buriti (MR-02)	01
	Figueirão (MR-03)	01
	Terenos (MR-04)	01
	Costa Rica (MR-05)	02
	Paranaíba (MR-06)	01
	Guia Lopes da Laguna (MR-09)	01
	Dourados (MR-10)	01
	Maracaju (MR-10)	01
	Rio Brillhante (MR-10)	01
Água Limpa	Corumbá (MR-01)	02
	Porto Murinho (MR-01)	01
	Aquidauana (MR-02)	01
	Alcinópolis (MR-03)	01
	Camapuã (MR-03)	02
	Figueirão (MR-03)	01
	Pedro Gomes (MR-03)	03
	São Gabriel do Oeste (MR-03)	01
	Bandeirantes (MR-04)	01
	Campo Grande (MR-04)	01
	Corguinho (MR-04)	01
	Rochedo (MR-04)	02
	Sidrolândia (MR-04)	01
	Terenos (MR-04)	01
	Cassilândia (MR-05)	01
	Aparecida do Taboado (MR-06)	01
	Paranaíba (MR-06)	03
	Água Clara (MR-07)	01
	Brasilândia (MR-07)	01
	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	02
Três Lagoas (MR-07)	01	
Anaurilândia (MR-08)	03	
Bataguassu (MR-08)	02	
Dourados (MR-10)	01	
Fátima do Sul (MR-10)	01	
Nova Alvorada do Sul (MR-10)	01	

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Água Limpa	Vicentina (MR-10)	01
	Itaquiraí (MR-11)	01
Água Parada	Figueirão (MR-03)	01
	Campo Grande (MR-04)	01
	Costa Rica (MR-05)	01
	Inocência (MR-06)	02
	Água Clara (MR-07)	02
	Três Lagoas (MR-07)	01
	Nioaque (MR-09)	01
	Maracaju (MR-10)	01
	Água Preta	Figueirão (MR-03)
Ribas do Rio Pardo (MR-07)		01
Água Quente	Camapuã (MR-03)	02
Água Ruim	Alcinópolis (MR-03)	01
	Campo Grande (MR-04)	01
	Rio Brilhante (MR-10)	02
Água Santa	Camapuã (MR-03)	01
	Costa Rica (MR-05)	01
	Água Clara (MR-07)	01
Água Santa I	Inocência (MR-06)	01
Água Santa II	Inocência (MR-06)	01
Água Suja	Rio Verde de MT (MR03)	01
	Laguna Carapã (MR-10)	01
	Ponta Porã (MR-10)	01
Água Sumida	Costa Rica (MR-05)	01
Água Tirada	Três Lagoas (MR-07)	01
	Maracaju (MR-10)	01
Água Turva	Campo Grande (MR-04)	01
	Sidrolândia (MR-04)	01
	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01
	Bela Vista (MR-09)	01
	Caracol (MR-09)	01
Água Verde	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01
Água Vermelha	Alcinópolis (MR-03)	01
	Camapuã (MR-03)	01
	Pedro Gomes (MR-03)	01
	São Gabriel do Oeste (MR-03)	01
	Sonora (MR-03)	01

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Água Vermelha	Jaraguari (MR-04)	01
	Aparecida do Taboado (MR-06)	01
	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01

Fonte: Sistema de dados do ATEMS. Elaborado pela autora.

A Figura 2 (Anexo B, p. 117) visualiza a distribuição dos topônimos formados com o elemento “água” e suas variantes, segundo o município sul-mato-grossense.

Já a tabela, na sequência, apresenta o conjunto de hidrotopônimos decorrentes do item lexical cabeceira e variantes.

Tabela 4: Distribuição dos hidrotopônimos formados pelo item lexical *cabeceira* e suas variantes, segundo os municípios sul-mato-grossenses

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Cabeceira	Figueirão (MR-03)	01
	Sonora (MR-03)	01
	Inocência (MR-06)	02
	Maracaju (MR-10)	01
	Ponta Porã (MR-10)	01
Cabeceira Alta	Sonora (MR-03)	01
	Costa Rica (MR-05)	01
	Bandeirantes (MR-04)	01
	Inocência (MR-06)	02
	Água Clara (MR-07)	02
	Três Lagoas (MR-07)	01
Cabeceira Bonita	Alcinópolis (MR-03)	01
Cabeceira Branca	Bandeirantes (MR-04)	01
Cabeceira Comprida	Alcinópolis (MR-03)	01
	Camapuã (MR-03)	01
	Figueirão (MR-03)	01
	São Gabriel do Oeste (MR-03)	01
	Terenos (MR-04)	01
	Cassilândia (MR-05)	01
	Costa Rica (MR-05)	01
	Aparecida do Taboado (MR-06)	01
	Inocência (MR-06)	02
	Paranaíba (MR-06)	02

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Cabeceira Comprida	Água Clara (MR-07)	07
	Brasilândia (MR-07)	01
	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	02
	Nova Andradina (MR-08)	01
Cabeceira Curta	Água Clara (MR-07)	01
	Batayporã (MR-08)	01
Cabeceira d'água	Cassilândia (MR-05)	01
Cabeceira da Anta	Figueirão (MR-03)	01
Cabeceira da Areia	Água Clara (MR-07)	01
Cabeceira da Carla	Anaurilândia (MR-08)	02
Cabeceira da Chácara	Paranaíba (MR-06)	01
Cabeceira da Coruja	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira da Égua	Cassilândia (MR-05)	01
Cabeceira da Estiva	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira da Estrada	Costa Rica (MR-05)	01
	Água Clara (MR-07)	01
	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01
Cabeceira da Fazenda Velha do Rio Verde	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01
Cabeceira da Ferrugem	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01
Cabeceira da Joanhina	Alcinópolis (MR-03)	01
Cabeceira da Lagoa	Alcinópolis (MR-03)	01
	Bandeirantes (MR-04)	01
	Cassilândia (MR-05)	01
Cabeceira da Mata	Costa Rica (MR-05)	01
Cabeceira da Novilha	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira da Onça	Camapuã (MR-03)	01
	Costa Rica (MR-05)	01
	Antônio João (MR-10)	01
Cabeceira da Pedra	Bandeirantes (MR-04)	01
Cabeceira da Pintada	Costa Rica (MR-05)	01
Cabeceira da Porca	Figueirão (MR-03)	01
Cabeceira da Tapera	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira das Vacas	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira do Açude	Alcinópolis (MR-03)	01
	Camapuã (MR-03)	01
	Sonora (MR-03)	01
	Água Clara (MR-07)	01
	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01
Cabeceira do Açude	Nova Andradina (MR-08)	01

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Cabeceira do Apa	Ponta Porã (MR-10)	02
Cabeceira do Arame	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01
Cabeceira do Arroz	Alcinópolis (MR-03)	01
Cabeceira do Basto	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira do Caçador	Ponta Porã (MR-10)	01
Cabeceira do Capão	Costa Rica (MR-05)	01
Cabeceira do Cemitério	Camapuã (MR-03)	01
Cabeceira do Chico	Alcinópolis (MR-03)	01
Cabeceira do Córrego Escondido	Bodoquena (MR-09)	01
Cabeceira do Coxo	Alcinópolis (MR-03)	01
Cabeceira do Croado	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira do Curralão	Antônio João (MR-10)	01
Cabeceira do Divino	Cassilândia (MR-05)	01
Cabeceira do Elói	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira do Engenho	Cassilândia (MR-05)	01
	Bela Vista (MR-09)	01
	Ponta Porã (MR-10)	01
Cabeceira do Enterro	Água Clara (MR-07)	01
Cabeceira do Indaiá	Água Clara (MR-07)	01
Cabeceira do João Teodoro	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira do Marco	Pedro Gomes (MR-03)	01
Cabeceira do Nino	Paranaíba (MR-06)	01
Cabeceira do Padre	Camapuã (MR-03)	01
Cabeceira do Pangaré	Figueirão (MR-03)	01
	Costa Rica (MR-05)	01
Cabeceira do Pitoco	Água Clara (MR-07)	01
Cabeceira do Portreiro	Água Clara (MR-07)	01
Cabeceira do Redondo	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	02
Cabeceira do Rego	Água Clara (MR-07)	01
Cabeceira do Retiro	Costa Rica (MR-05)	01
Cabeceira do Ronda	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	02
Cabeceira do Tanque	Água Clara (MR-07)	01
Cabeceira dos Cardosos	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira dos Porcos	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira Furada	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira Grande	Alcinópolis (MR-03)	01
	Inocência (MR-06)	01
Cabeceira Grande do Buriti	Água Clara (MR-07)	01
Cabeceira Larga	Costa Rica (MR-05)	01
	Inocência (MR-06)	01

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Cabeceira Limpa	Cassilândia (MR-05)	02
	Chapadão do Sul (MR-05)	01
	Paranaíba (MR-06)	01
	Nova Andradina (MR-08)	01
Cabeceira Limpa	Nova Alvorada do Sul (MR-10)	02
Cabeceira Pindaíba	Figueirão (MR-03)	01
Cabeceira Queixada	Água Clara (MR-07)	01
Cabeceira Redonda	Costa Rica (MR-05)	01
Cabeceira Samambaia	Paranaíba (MR-06)	01
	Alcinópolis (MR-03)	01
	Camapuã (MR-03)	01
Cabeceira Seca	Ribas do Rio Pardo (MR-07)	01
	Camapuã (MR-03)	01
	Camapuã (MR-03)	01
Cabeceira Suja	Chapadão do Sul (MR-05)	01
	Inocência (MR-06)	01
	Paranaíba (MR-06)	02

Fonte: Sistema de dados do ATEMS. Elaborado pela autora.

A Figura 3 (Anexo C, p. 118) fornece a distribuição dos topônimos formados com o item lexical “cabeceira” e suas variantes, segundo o município sul-mato-grossense.

Tabela 5: Distribuição dos hidrotopônimos formados pelo item lexical *cachoeira* e suas variantes, segundo os municípios sul-mato-grossenses.

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Cachoeira	Porto Murtinho (MR 01)	02
	Aquidauana (MR 02)	01
	Miranda (MR 02)	01
	Camapuã (MR 03)	01
	Coxim (MR 03)	02
	Bandeirantes (MR 04)	02
	Campo Grande (MR 04)	01
	Corguinho (MR 04)	01
	Terenos (MR 04)	01

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Cachoeira	Cassilândia (MR 05)	01
	Chapadão do Sul (MR 05)	01
	Costa Rica (MR 05)	01
	Inocência (MR 06)	02
	Paranaíba (MR 06)	02
	Selvíria (MR 06)	01
	Água Clara (MR 07)	02
	Ribas do Rio Pardo (MR 07)	01
Cachoeira	Juti (MR 10)	01
	Maracaju (MR 10)	01
	Nova Alvorada do Sul (MR 10)	02
	Ponta Porá (MR 10)	01
	Naviraí (MR 11)	01
Cachoeirão	Dois Irmãos do Buriti (MR 02)	01
	Bandeirantes (MR 04)	01
	Terenos (MR 04)	03
	Chapadão do Sul (MR 05)	01
	Inocência (MR 06)	01
	Anaurilândia (MR 08)	02
	Nova Andradina (MR 08)	01
Cachoeirinha	Anastácio (MR 02)	01
	Miranda (MR 02)	02
	Camapuã (MR 03)	02
	Coxim (MR 03)	03
	São Gabriel do Oeste (MR 03)	01
	Campo Grande (MR 04)	02
	Corguinho (MR 04)	01
	Jaraguari (MR 04)	01
	Sidrolândia (MR 04)	01
	Terenos (MR 04)	01
	Cassilândia (MR 05)	02
	Costa Rica (MR 05)	01
	Aparecida do Taboado (MR 06)	02
	Inocência (MR 06)	01
	Paranaíba (MR 06)	01
	Água Clara (MR 07)	01
	Brasilândia (MR 07)	01
	Ribas do Rio Pardo (MR 07)	02
	Santa Rita do Pardo (MR 07)	01
	Anaurilândia (MR 08)	01
Nova Andradina (MR 08)	02	

Topônimo	Localidade	Nº de ocorrências
Cachoeirinha	Jardim (MR 09)	03
	Nioaque (MR 09)	01
Cachoeiras	Santa Rita do Pardo (MR 07)	01
Cachoeira Branca	Jaraguari (MR 04)	01
	Ribas do Rio Pardo (MR07)	01
Cachoeira da Pedra	Bandeirantes (MR 04)	01
Cachoeira Preta	Ribas do Rio Pardo (MR07)	01

Fonte: Sistema de dados do ATEMS. Elaborado pela autora.

A exemplo do ocorrido em relação à produtividade dos hidrotopônimos formados com os itens lexicais *água* e *cabeceira*, o Mapa 51, reproduzido na Figura 4 (Anexo D, p. 119), demonstra a produtividade dos topônimos formados a partir da unidade léxica *cachoeira* no Mato Grosso do Sul.

Nota-se, entre os hidrotopônimos de estrutura morfológica composta, o desejo do denominador em solidificar uma característica natural do acidente nomeado. O processo de toponimização se dá por meio dos seguintes processos: a) ou de dois acidentes hidronímicos (ex: *Cabeceira d'água*, *Cabeceira do Açude*); b) ou do acidente geográfico seguido de um nome descritivo referente ao solo, à fauna ou à flora (ex: *Cachoeira da Pedra*, *Água do Peixinho*, *Cabeceira da Mata*), c) ou do acidente somado a uma característica aspectual desse (ex: *Água Turva*, *Cabeceira Suja*, *Cachoeira Preta*); d) ou do acidente junto a uma impressão psíquica do denominador em relação ao lugar nomeado (ex: *Água Santa*, *Cabeceira Bonita*); e) ou do acidente seguido de designativos de locais de trabalho, de pontos de encontro de membros de uma comunidade (ex: *Cabeceira do Engenho*, *Cabeceira do Cemitério*) e f) ou, ainda, da relação de posse entre o homem e o acidente geográfico (ex: *Cabeceira do João Teodoro*, *Cabeceira da Carla*).

Considerando o total de topônimos catalogados pelo Projeto ATEMS, os mais produtivos com os itens lexicais *água*, *cabeceira* e *cachoeira* foram, respectivamente, *Água Limpa* (39 ocorrências - 3,66%), *Cachoeirinha* (34 ocorrências - 3,19%) e *Cabeceira Comprida* (23 ocorrências - 2,16%). Os dois primeiros representam também

o segundo e o terceiro hidrotopônimos mais recorrentes entre aqueles categorizados nessa taxa, antecedido apenas pelo topônimo *Pulador* (42 ocorrências – 3,95%), objeto da tabela a seguir.

Tabela 6: Distribuição do topônimo *pulador* no território sul-mato-grossense

LOCALIDADE	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
MESORREGIÃO PANTANAIS SUL-MATO-GROSSENSES	05
Microrregião do Baixo Pantanal (MR-01)	
Porto Murtinho	01
Microrregião de Aquidauana (MR-02)	
Anastácio	02
Aquidauana	02
MESORREGIÃO CENTRO-NORTE	14
Microrregião do Alto Taquari (MR-03)	
Alcinópolis	02
Camapuã	02
Figueirão	01
Pedro Gomes	01
Rio Verde de Mato Grosso	01
Microrregião de Campo Grande (MR-04)	
Bandeirantes	03
Campo Grande	01
Jaraguari	01
Sidrolândia	01
Terenos	01
MESORREGIÃO LESTE	18
Microrregião de Cassilândia (MR-05)	
Costa Rica	01
Microrregião de Paranaíba (MR-06)	
Inocência	01
Paranaíba	01
Microrregião de Três Lagoas (MR-07)	
Água Clara	05
Brasilândia	01
Ribas do Rio Pardo	05
Santa Rita do Pardo	01
Três Lagoas	01
Microrregião de Bodoquena (MR-09)	
Bela Vista	01
Caracol	01

LOCALIDADE	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
MESORREGIÃO SUDOESTE	05
Microrregião de Dourados (MR-10)	
Amambai	01
Maracaju	01
Nova Alvorada do Sul	03

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborada pela autora.

Sabendo-se que o topônimo propriamente dito é antecedido por um elemento genérico, definidor da classe onomástica à qual pertence, numa tentativa de contar a suficiente explicação de sua substância ou a clareza lógica para justificar a escolha de uma designação que não outra, conclui-se que o conteúdo semântico do topônimo precede, em uma análise toponímica, à própria investigação da intencionalidade do denominador no ato do batismo de um acidente. Assim, em topônimos como *Água Azul* e *Cachoeira Preta*, nota-se que o segundo elemento descreve a coloração da água, bem como em *Água Limpa* e *Cabeceira Suja*, deseja-se imprimir as impressões que o denominador teve frente aos acidentes.

Partindo do conteúdo semântico dos topônimos córrego *Pulador* e córrego *Roncador*¹⁰, por exemplo, aparentemente não há uma taxa específica capaz de explicitar as motivações desses nomes. Por isso, tem-se adotado a postura de averiguar que aspecto descrito se encontra na essência do topônimo analisado. Precursor de Dick – em quem a autora também se baseou para elaborar seu modelo taxionômico – George Stewart (1954) afirma que, a partir de um aspecto descritivo, é possível o resgate de alguma qualidade permanente ou semi-permanente do acidente nomeado (físico ou humano) capaz de diferenciá-lo, sob o ponto de vista do denominador, de qualquer outro acidente. Segundo o mesmo estudioso (STEWART, 1954, p. 03-04), a categoria de nomes descritivos pode ser subdividida em *pure description*, *associative description* e *relative description*. A primeira agruparia as designações que refletem qua-

¹⁰ Topônimo registrado nas microrregiões de Alto Taquari, Cassilândia, Bodoquena e Dourados.

lidades específicas e inalienáveis à coisa nomeada (ex. córrego *Água Limpa*). Já na *associative description*, estariam os nomes que não descrevem necessariamente o acidente em si, mas para identificá-lo, associa o topônimo a elementos naturais ou não que o circundam e que de alguma forma interferem na sua própria existência (ex. córrego *Cabeceira Grande do Buriti*). No grupo da *relative description* estariam incluídos os topônimos que indicam os pontos cardinais e/ou distâncias (ex. córrego *da Cabeceira da Fazenda Velha do Rio Verde*).

Seguindo os preceitos teóricos apresentados, os topônimos córrego *Roncador* e córrego *Pulador* foram classificados como hidrotopônimos por trazerem no cerne dos nomes qualidades genuínas desses acidentes. O primeiro refere-se a um córrego submerso cuja água “ronca”, e o outro, provavelmente, à característica de ser correntoso ou de apresentar pequenas quedas de água. Ainda segundo as contribuições de Stewart (1954, p. 02), percebe-se que os topônimos descritivos sedimentaram impressões do denominador captadas por um ou mais de seus sentidos, nos casos específicos, a visão e a audição. Outros designativos servem para exemplificar os acidentes que foram nomeados segundo a questão aspectual: cabeceira do *Esparrame*, rio *Brilhante* e córrego *Apa-mi*¹¹.

A partir de algumas considerações traçadas sobre a disposição dos hidrotopônimos em Mato Grosso do Sul¹², verifica-se, sobretudo, a estreita relação existente entre a nomenclatura dos acidentes geográficos e as características típicas dos recursos hidrográficos, do relevo, da fauna e da flora desse Estado.

¹¹ Morfologicamente *Apa-mi* tem formação híbrida resultante do processo de composição por justaposição que combinou uma lexia de origem tupi (*apa*) e outra oriunda do guarani (*mi*). *Apa* é forma adjetival que caracteriza aquilo que é desmoroante, desabado (SAMPAIO, 1928, p. 153), enquanto *mi* pode configurar tanto um sufixo verbal de súplica, como um participio de um verbo auxiliar ou pode formar um grau do imperativo. Se for utilizado como um monossílabo tônico, *mi* pode significar pequeno, miúdo, prolixo (SAMPAIO, 1986, p. 104).

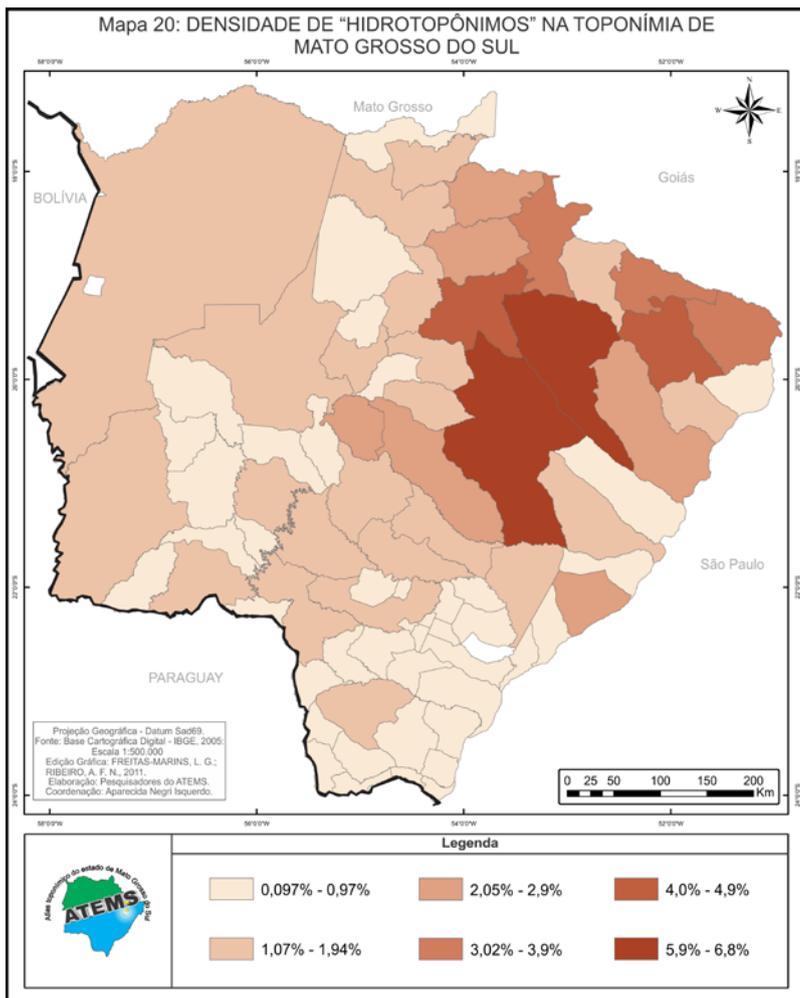
¹² A respeito da hidronímia de Mato Grosso do Sul, cf. estudos realizados por Isquerdo e Seabra (2010) e Castiglioni (2014).

REFERÊNCIAS

- ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – UFMS. *Sistema de Dados do Projeto ATEMS*. Campo Grande: UFMS, 2011 (acesso restrito).
- CASTIGLIONI, Ana Claudia. *Dicionário enciclopédico de topônimos do estado de Mato Grosso do Sul: uma proposta de modelo*. 2014. 233 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2014.
- CHAUÍ, Marilena. *Filosofia – Ensino Médio*. São Paulo: Ática, 2005.
- DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do bolsão sul-mato-grossense*. 2003. 264 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2003.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1992.
- IBGE. *Mapa Mato Grosso do Sul: relevo e hidrografia*. Série Brasil-geográfico-escala 1:5000.000 e Anuário Estatístico do Brasil. Adaptação do IBGE. Disponível em: www.portalpositivo.com.br. Acesso em: 20 jan. 2011.
- ISQUERDO, Aparecida Negri et. al. *Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS*. v. 1. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011 (inédito).
- ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotoponímia na fronteira entre os estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia de Almeida (Orgs.). *As Ciências do Léxico*. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. 5. Campo Grande: Editora UFMS, 2010. p. 79-99.
- SAMPAIO, Mário Arnaud. *Vocabulário guarani português*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.
- SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.
- STEWART, George Rippey. A classification of place-names. *Names*, Berkeley, v. 2, n. 1, p. 01-13, mar. 1954.
- TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi*. Significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço Editora, 1985.

ANEXO A

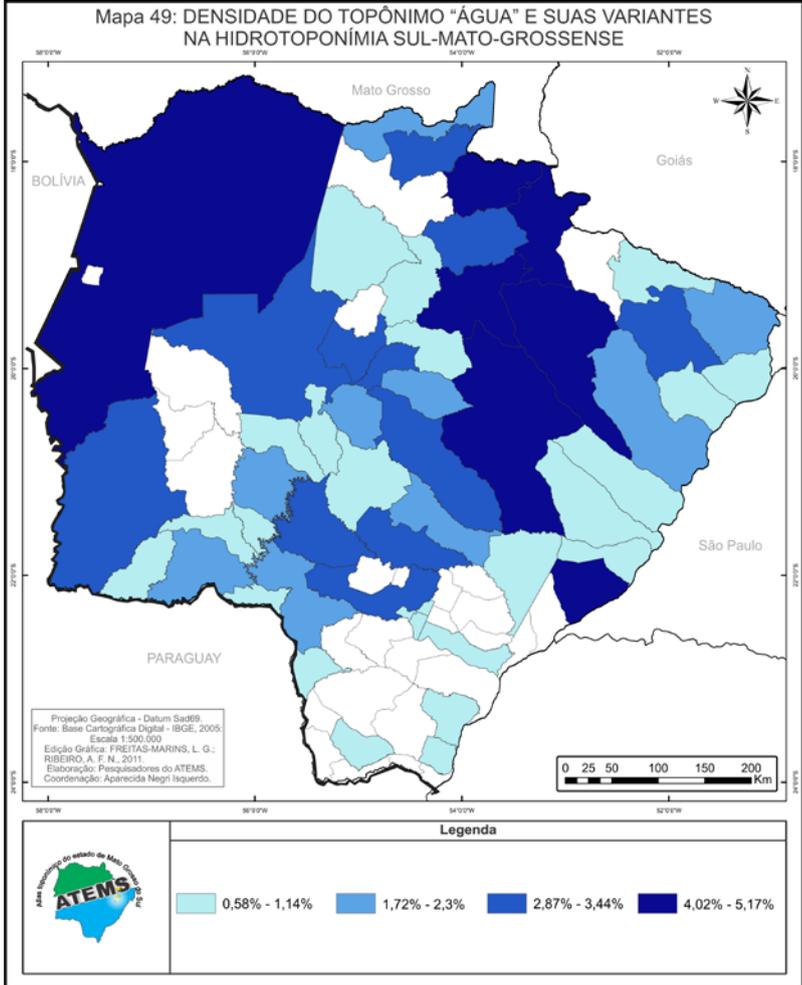
Figura 1: Representação cartográfica da produtividade dos hidrotopônimos na toponímia de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO B

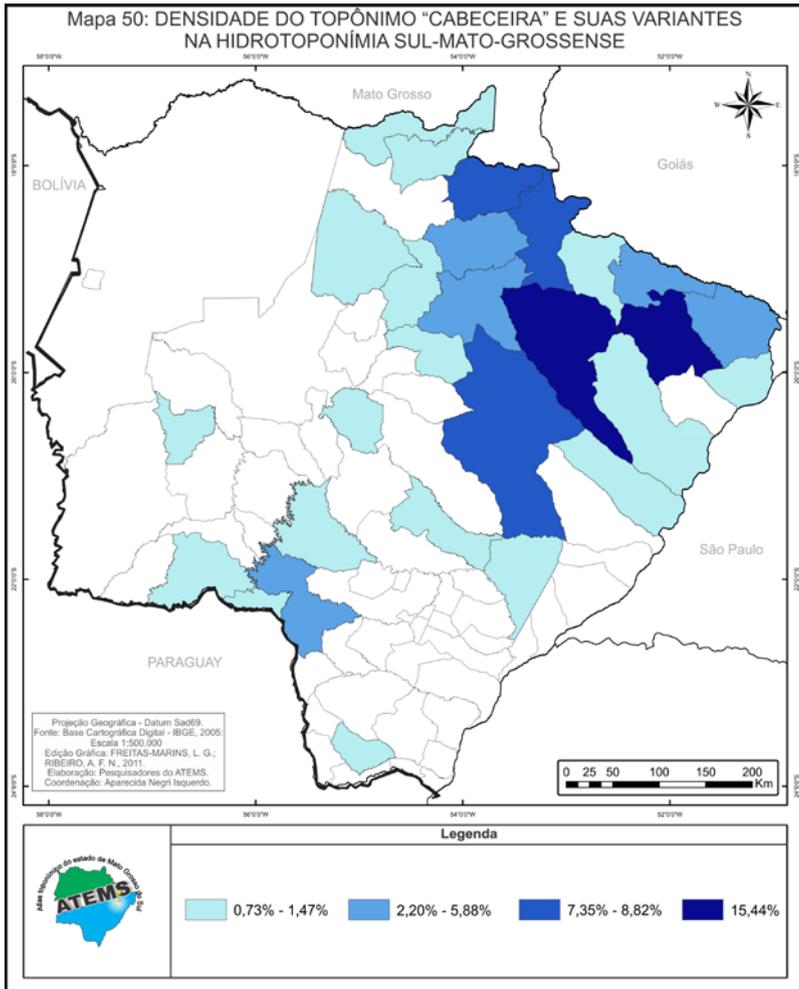
Figura 2: Representação cartográfica da produtividade do topônimo *água* na toponímia de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO C

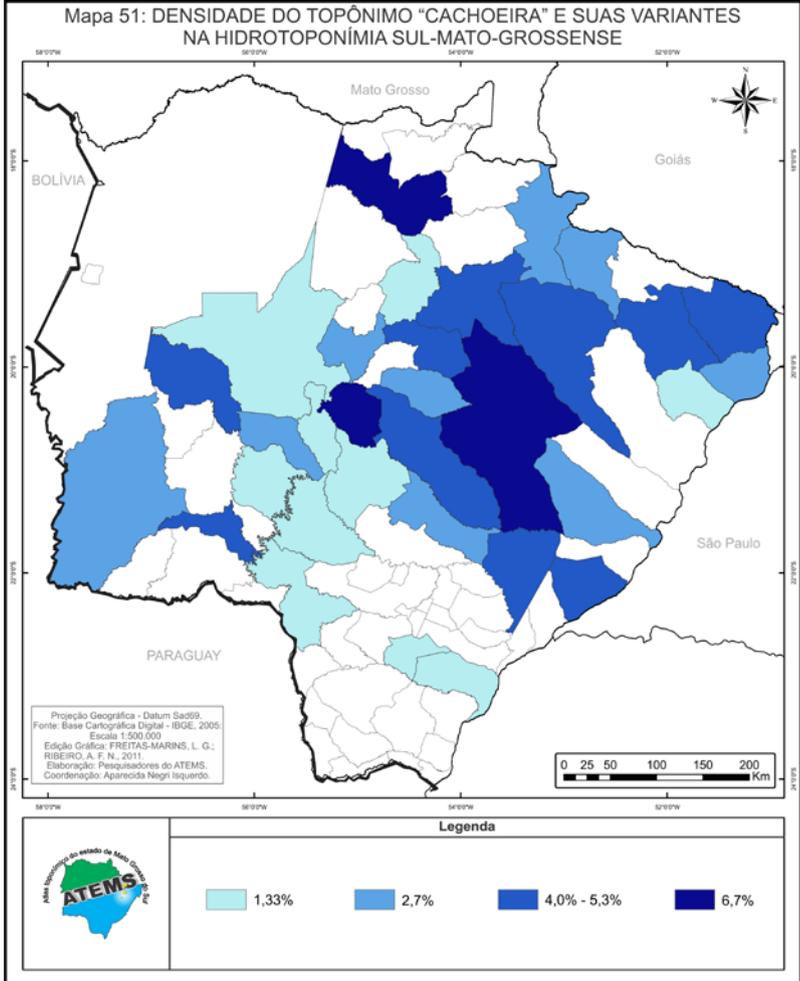
Figura 3: Representação cartográfica da produtividade do topônimo *cabeceira* na toponímia de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO D

Figura 4: Representação cartográfica da produtividade do topônimo *cachoeira* na toponímia de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)



ZOOTOPÔNIMOS: A FAUNA E SEU REFLEXO NA TOPONÍMIA DE MATO GROSSO DO SUL

Renato Rodrigues Pereira

A fauna da região estudada, a exemplo dos topônimos motivados pela flora, reflete-se nos nomes dos acidentes geográficos, revelando, desse modo, a influência do ambiente físico na geração dos designativos. Percebe-se que esse fato ocorre não só por estarem os zootopônimos vinculados à vida das populações, como também pela presença física dos animais lembrados na localidade onde se situam os acidentes físicos e humanos nomeados. Nesse particular, Dick (1990, p. 256), retomando a posição de Theodoro Sampaio (1928), explica que

[...] dificilmente um nome dessa categoria estaria desvinculado da existência real da espécie, na localidade. O processo denominativo, segundo se depreende dos conceitos do autor, estaria, assim, em estreita aproximação ao meio geográfico, desde que cada habitat possui uma “comunidade animal ou florística peculiar”.

Stewart (1954, p. 13), por sua vez, assinala que o animal pode influenciar o designador em decorrência de um encontro casual do homem com um animal na localidade ou perto dela, enquanto García Sánchez (2007, p. 187), no Atlas Toponímico da Espanha, destaca que os animais mudam de lugar constante-

mente, o que pode ser um inconveniente no processo onomástico de um determinado lugar. No âmbito do Projeto ATEMS, as pesquisas têm verificado que esse tipo de denominação costuma aparecer com bastante frequência na toponímia de Mato Grosso do Sul. Importa destacar que

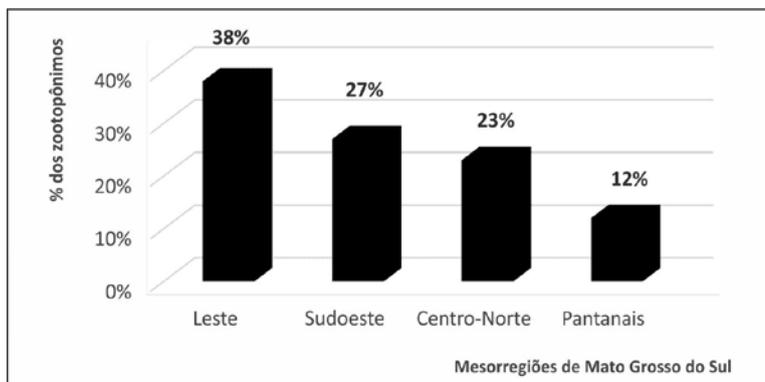
[...] o animal, porém, não participa apenas utilitariamente de uma comunidade primitiva, na medida em que lhe serve de fonte alimentícia. Sua função, quase sempre, vai mais longe, figurando em um eixo relacionante integrado por ele mesmo e pelo próprio homem que o personifica (DICK, 1990, p. 262-263).

Os topônimos de índole animal, representados por diferentes espécies, ocuparam a terceira posição em termos de produtividade na toponímia do estado de Mato Grosso do Sul, com 1.038 ocorrências¹³.

Esse considerável número de zootopônimos é distribuído praticamente pelos 78 municípios do universo estudado, ficando somente o município de Novo Horizonte do Sul sem topônimos com motivação zootopônica. Em termos de mesorregiões, o *corpus* de zootopônimos é distribuído da seguinte forma: Centro-Norte de Mato Grosso do Sul (243), Leste de Mato Grosso do Sul (393), Sudoeste de Mato Grosso do Sul (279) e Pantanais Sul-mato-grossenses (123). O Gráfico 1, a seguir, demonstra a divisão dos zootopônimos em cada uma das mesorregiões em termos percentuais. A Figura 1, apresentada no Anexo A, deste trabalho (p. 136) reproduz o Mapa 24 do ATEMS, que contém a distribuição da produtividade dos zootopônimos nos municípios sul-mato-grossenses.

¹³ Relatório gerado no Sistema ATEMS em 20 de janeiro de 2011.

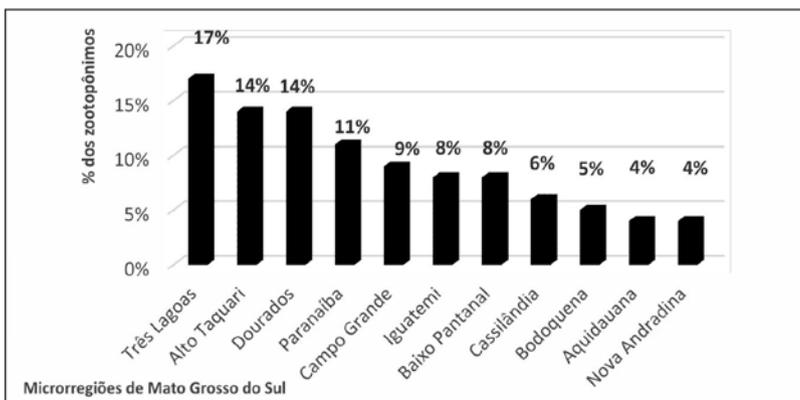
Gráfico 1: Distribuição de zootopônimos nas mesorregiões de Mato Grosso do Sul



Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelo autor e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

No que concerne à distribuição dos zootopônimos segundo as onze microrregiões do Estado, temos o seguinte quadro: Alto Taquari (146), Campo Grande (97), Cassilândia (66), Paranaíba (112), Nova Andradina (37), Três Lagoas (178), Bodoquena (55), Dourados (139), Iguatemi (85), Aquidauana (41) e Baixo Pantanal (82), conforme o Gráfico 2 que traz essas informações em valores percentuais.

Gráfico 2: Distribuição de zootopônimos nas microrregiões de Mato Grosso do Sul



Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelo autor e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

Os dados zootoponímicos apresentados neste estudo, assim como os resultados das pesquisas de Schneider (2002), de Dargel (2003), de Tavares (2004), de Tavares (2005), se opõem aos apresentados por Dauzat (1922, p. 28), que detectou uma menor ocorrência de topônimos de índole animal em relação a outras categorias na toponímia francesa e, também, à perspectiva de Backheuser (1952, p. 172) de que, na toponímia brasileira, os nomes de animais são menos recorrentes.

Isso demonstra que a realidade toponímica de uma determinada região pode ser bastante distinta de outra, uma vez que as denominações acontecem de acordo com a perspectiva do denominador. Sapir (1969, p. 46), ao explicar a influência do ambiente no léxico de uma língua, assinala que “não são especificamente a fauna e os aspectos topográficos da região que uma língua reflete, mas o interesse da nação nesses traços ambientais”. Desse modo, de acordo com o interesse do grupo denominador, o traço ambiental que mais lhe interessa é perpetuado como signo linguístico, marcando a língua com tipologias identificadoras ligadas às suas necessidades e, por extensão, significativas para o grupo que nomeia o espaço que o circunda.

As características zootoponímicas de Mato Grosso do Sul são, pois, um reflexo da fauna local, diversificada pela abundância de animais que são lembrados pelos seus nomes registrados na toponímia dos acidentes geográficos, conforme as possibilidades ou necessidades do denominador.

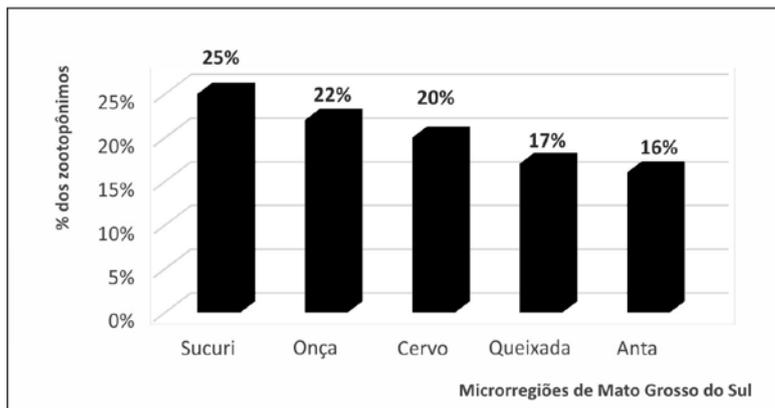
No próximo item, apresentamos a análise dos cinco zootopônimos mais recorrentes na toponímia do Estado.

1.1 Análise dos cinco zootopônimos mais recorrentes na toponímia sul-mato-grossense

Dentre as inúmeras espécies de animais contemplados pela toponímia de Mato Grosso do Sul, cinco se destacaram em termos de produtividade: sucuri, onça, cervo, queixada e anta. O Gráfico 3, na sequência, demonstra a distribuição quantitativa

dos animais cujos nomes são mais recorrentes na zootoponímia do Estado, em termos percentuais.

Gráfico 3: Distribuição quantitativa dos cinco zootopônimos mais produtivos em Mato Grosso do Sul



Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelo autor e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

Ao observar o Gráfico 3, é possível constatar que dos 192 zootopônimos mais recorrentes no Estado, *Sucuri* foi o mais produtivo, com 47 ocorrências (25%); seguido de *Onça*: 43 (22%); de *Cervo*: 39 (20%); de *Queixada*: 33 (17%) e de *Anta*: 30 (16%).

O topônimo *Sucuri* figura em 23 municípios de Mato Grosso do Sul, conforme demonstra a Figura 2, disponibilizada no Anexo B deste trabalho (p. 137). O nome da cobra sucuri, inclusive, serviu como motivação para o nome de um dos principais rios do Estado, o rio *Sucuriú*, localizado na Mesorregião Leste. Entende-se que a alta recorrência desse topônimo na toponímia de Mato Grosso do Sul deve-se ao fato de essa cobra ser uma das mais ameaçadoras entre os répteis da fauna brasileira e, nos rios do Estado, ser um tipo de cobra muito abundante. Algo a se ressaltar é o fato de na época das entradas, bandeiras e monções (expedições com vistas ao povoamento do interior do Brasil no Brasil Colônia), as viagens eram realizadas principalmente pelos rios e um dos maiores medos do homem, se não o maior, era o possível confronto com uma sucuri.

A onça é outro animal que, ainda que tido como perigoso pelo homem, inspirou várias denominações. Corrêa Filho ([1939], p. 123), por exemplo, ao descrever diferentes tipos desse animal, esclarece que, “enquanto a onça pintada é mais ousada, persegue os maiores e não respeita, às vezes, nem o homem, a onça suçuarana, ou parda, é mais tímida”. O nome desse animal foi bastante recorrente entre os topônimos catalogados pelo Projeto ATEMS. A Figura 3, que traz a reprodução do Mapa 53 do ATEMS, mostra a produção do topônimo *Onça* por município sul-mato-grossense (Anexo C, p. 138).

Na sequência, em termos de produtividade, situa-se o topônimo *Cervo*. Embora, segundo Ferreira Neto (2004, p. 68), esse animal não fosse tão apreciado pelos colonizadores como fonte de alimento, ocupa o terceiro lugar em ocorrência na toponímia sul-mato-grossense, conforme demonstra a Figura 4 (Mapa 54 do ATEMS) apresentada no Anexo D deste texto (p. 139). A caça do cervo, quando realizada profissionalmente, era mais rentável que outras atividades como a indústria canavieira, a fabricação de sal ou a criação de gado. As peles dos veados, cervos eram matéria-prima utilizada pelos artesãos na fabricação de selas, arreios e outros acessórios de montaria. Os caçadores, além de aproveitarem a carne como alimento, mesmo não sendo sua fonte preferida, vendiam as peles, o que rendia um bom dinheiro (ALMEIDA, 1951, *apud* QUEIROZ, 2004, p. 08-09).

Alguns desses animais mencionados são citados por Corrêa Filho ([1939], p. 122), ao se referir à fauna mato-grossense:

Marcham pesadamente as antas (*Tapirus americanus*), de pele espessa, em busca dos banhados onde se chafurdem; vagueiam as varas de queixadas ruivas, prontas a avançar, compactas, batendo os queixais, em que sobressaem enormes presas, contra qualquer inimigo [...] Pelas barrancas dos rios e lagoas, forrageiam as capivaras, devorando as plantações, que se lhes põe ao alcance; e nas capoeiras e matas, a cotia aloirada (*Dasyprocta acuti*), e a paca (*Coelogenis paca*), de carne saborosa.

As espécies queixada e anta ocuparam, na toponímia sul-mato-grossense, respectivamente, o quarto e o quinto lugar em produtividade, dentre os zootopônimos. Muito apreciadas pelos colonizadores, essas espécies eram conhecidas, em especial, pela qualidade de sua carne que saciava o paladar de muitas pessoas, servindo-lhes, pois, de alimento. Na fauna de Mato Grosso do Sul ainda é abundante a presença desses dois animais, assim, entende-se o motivo de o nome dessas espécies ter sido tão recorrente na toponímia da região. Na atualidade ainda há a caça desses animais e, por consequência, a necessidade de os órgãos responsáveis por questões ambientais estarem em constante vigilância para que essas espécies não sejam extintas.

Do ponto de vista etnolinguístico, dos cinco topônimos mais produtivos, visualizados no Gráfico 3, somente *Sucuri* é de origem indígena. Vejamos o Quadro 1:

Quadro 1: Origem linguística dos cinco zootopônimos mais produtivos no Mato Grosso do Sul

Topônimo	Língua de Origem
Sucuri	Tupi
Onça	Portuguesa
Cervo	Portuguesa
Queixada	Portuguesa
Anta	Portuguesa

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS

O termo *sucuri*, segundo Sampaio (1928, p. 308), resulta “do tupi *çuú-curí*, que morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática *Eunectes murinus*”.

Dos 47 casos de topônimos *Sucuri*, dez são formados pela variante *Sucuriú*. Segundo Sampaio (1928, p. 308), “*çuucuri-yú* é a forma contrata de *çuucuri-yuba*, a *sucuri* amarela”. No âmbito do Projeto ATEMS e de acordo com os dicionários pesquisados, consideram-se os elementos *i\y\u* como indicadores de água\rio, a exemplo de Sampaio (1928, p. 346) e de Assis (2008, p. 417).

Além dos zootopônimos já analisados, outros casos também merecem destaque em Mato Grosso do Sul, dada a importância que os animais cujos nomes passaram à categoria de topônimo tiveram e ainda têm para a sociedade e, por consequência, serviram de motivação no processo de nomeação de acidentes geográficos físicos e humanos da área estudada.

1.2 Outros casos de zootopônimos: particularidades

A fauna de Mato Grosso do Sul é riquíssima e abriga animais de variadas espécies, tais como capivaras, antas, onças, tamanduás, macacos, emas, seriemas e pássaros, além de peixes, répteis e anfíbios. Esses animais são de grande importância para a biodiversidade do Estado e serviram, também, como motivação para a nomenclatura dos acidentes físicos e humanos do universo pesquisado. Casal (1976 [1817], p. 147), ao tratar da questão da riqueza da fauna do Cerrado¹, assinala que

[...] os veados, por toda a parte numerosos, fornecem com suas peles um ramo de comércio. As onças, antas, porcos do mato, lobos, ou guarás, macacos, tamanduás, raposas, cotias, quatis, pacas, com outras muitas espécies de quadrúpedes comuns às províncias convizinhas, são aqui mui conhecidas, e geralmente perseguidas: dumas aproveita-se-lhes a carne, doutras a pele, e de algumas uma e outra. As perdizes e emas encontram-se freqüentemente nos descampados: os mutuns habitam nos bosques, e com seu lúgubre canto chamam o caçador, que não lhes perdoa: conhecem-se bem os tucanos, os pombos procazes, as aracuãs, as arapongas, os jacus. Grande parte destes viventes morrem freichados pelos selvagens, que os comem sem sal, nem algum outro tempero.

Os dados aqui examinados demonstram que diferentes foram as prováveis motivações zootopônicas: homenagem

¹ O texto *A toponímia como expressão do ambiente físico: um olhar sobre a influência do bioma Cerrado*, neste livro, focaliza fitotopônimos e zootopônimos originados, respectivamente, da flora e da fauna do bioma Cerrado.

ao animal que serve de alimento; utilidade da espécie homenageada na vida diária; temor e presença do animal no contexto em que ocorreu a nomeação.

Dentre os zootopônimos formados com nomes de animais que servem de alimento, destacamos, num primeiro momento, os formados com nomes de peixes: *Douradinho* e *Dourados*, ambos nomeando córregos de Ribas do Rio Pardo, provavelmente em decorrência da abundância do peixe dourado nos rios desse município. Também nomeia um importante rio na mesorregião Sudoeste do Estado, o rio Dourados, que banha o município do mesmo nome (Dourados). Nesse caso é transparente a motivação advinda do nome do peixe, primeiro na nomeação do rio e depois da cidade/município banhado por esse rio; *Lambari* que empresta o seu nome para nomeação de córregos nos municípios de Corguinho e de Sidrolândia; *Piracanjuba* que identifica um ribeirão em Ribas do Rio Pardo; *Piraputanga* que nomeia um ribeirão em Camapuã e cinco córregos, nos municípios de Rio Verde de Mato Grosso, Anastácio, Aquidauana, Camapuã e Terenos, além de ser também o nome de um distrito do município de Aquidauana. Segundo Cunha (1999, p. 240), o item lexical piraputanga é “de origem tupi, “pirapi’tana, pi’ra ‘peixe’, pi’tana ‘avermelhado’. Peixe da família dos carcídeos”. Também nesse caso o nome do córrego pode ter sido motivado pela abundância dessa espécie de peixe nessas correntes hídricas. Ainda relacionadas a nomes de peixes, foram registradas duas ocorrências do topônimo *Traíra* que nomeia dois córregos, um em Coxim e outro em Corumbá. Além disso, formado com nome genérico *peixe* foram identificadas cinco ocorrências de *rio do Peixe* que nomeiam correntes hídricas nos municípios de Rio Negro, Pedro Gomes, Sonora, Aquidauana e Bonito.

A toponímia sul-mato-grossense reúne, portanto, ocorrências significativas de topônimos ligados aos nomes dos peixes existentes nos locais pesquisados, o que se justifica pela grande quantidade de rios, córregos e ribeirões que compõem a hidrografia de Mato Grosso do Sul.

Verifica-se que a importância dos peixes na alimentação do ser humano, desde a colonização, acabaram motivando a nomeação de vários lugares com itens lexicais que recuperam a diversidade da espécie. À época dos monçoeiros no início da colonização das terras sul-mato-grossenses, diversos outros animais também lhes foram muito úteis. Ferreira Neto (2004, p. 68) registra alguns desses animais, destacando os preferidos e os não preferidos entre os colonizadores. Entre os que mais lhes agradavam, estavam a anta, a paca, o veado, o queixada, o caítu, o mutum, a perdiz, a jacutinga, o jaó, o pato e o marreco, e “a tropa não apreciava a carne do cervo, da capivara, do jacaré e da anhuma”. Alguns desses animais foram fontes motivadoras para a nomeação de acidentes geográficos em todo o Estado. Como exemplo, listamos na sequência alguns topônimos e, em nota de rodapé, os municípios em que foram documentados: córrego *Anta*², cabeceira da *Anta*³, córrego da *Anta*⁴, córrego das *Antas*⁵, córrego *Antinha*⁶, córrego da *Antinha*⁷; córrego do *Veado*⁸, córrego *Jacaré*⁹, vazante *Jacaré*¹⁰, cabeceira do *Jacaré*¹¹, ilha do *Jacaré*¹², lagoa do *Jacaré*¹³, córrego *Jacarezinho*¹⁴; corixo *Capivara*¹⁵,

² Bataguassu, Maracaju, Três Lagoas, Aparecida do Taboado, Porto Murtinho, Ribas do Rio Pardo, Anaurilândia.

³ Campo Grande.

⁴ Antônio João, Bataguassu, São Gabriel do Oeste, Água Clara, Sonora, Inocência, Chapadão do Sul, Brasilândia, Aquidauana, Ribas do Rio Pardo, Campo Grande, Costa Rica, Nova Alvorada do Sul, Cassilândia.

⁵ Aquidauana.

⁶ Água Clara.

⁷ Rio Brillhante.

⁸ Rio Negro, Anastácio, Chapadão do Sul, Ribas do Rio Pardo, Miranda, Aquidauana.

⁹ Água Clara, Três Lagoas, Campo Grande, Anaurilândia, Inocência.

¹⁰ Anaurilândia, Bataiporã, Porto Murtinho, Corumbá.

¹¹ Água Clara, Três Lagoas.

¹² Corumbá.

¹³ Terenos.

¹⁴ Anastácio.

¹⁵ Corumbá.

vazante *Capivara*¹⁶, córrego *Capivara*¹⁷, córrego *Anhuma*¹⁸, dentre outros.

Outra espécie de animal que serviu de fonte motivadora para a nomeação de acidentes físicos e humanos em Mato Grosso do Sul é o macaco, topônimo identificado na nomenclatura dos seguintes lugares: córrego do *Macaco* (Camapuã), Povoado *Macaco* (São Gabriel do Oeste), córrego *Macaco* (Ponta Porã, Anastácio, São Gabriel do Oeste, Nova Alvorada do Sul, Selvíria e Juti). De acordo com Tavares (2005), foi possível, por meio de informações orais coletadas junto a uma moradora de São Gabriel do Oeste, comprovar a presença do animal no local no momento em que a pesquisadora fazia um inquérito. Na atualidade ainda há a presença desse animal em várias regiões do Estado onde há reservas de mata. O topônimo *Macaco* é de origem etimológica desconhecida e continua sendo objeto de investigação no âmbito do Projeto ATEMS.

Outros animais também foram fontes motivadoras para a denominação de acidentes geográficos, provavelmente, por terem sido de grande utilidade entre os colonizadores, num primeiro momento e, depois, na ajuda com o trabalho diário: o *boi*, a *égua*, o *burro* e a *mula*. Dick (1990, p. 273) aponta duas espécies de animais que, no contexto cultural brasileiro, ganharam relevância pela função desempenhada no período de colonização – o *boi* e o *cavalo* –, “participando ambos do desbravamento de áreas, e levando consigo as correntes de civilização, através dos campos e cerrados e das zonas ribeirinhas”. No *corpus* analisado foram registra das nove ocorrências da unidade lexical *boi* em função toponímica: córrego dos *Bois*, em Camapuã, Água Clara (02), Aparecida do Taboado, Ribas do Rio Pardo, Inocência e Figueirão; rio dos *Bois*, em Água Clara; ribeirão dos *bois* em Água Clara. Dada a importância econômica desse animal, o termo *boi*

¹⁶ Corumbá.

¹⁷ Pedro Gomes, Corumbá, Três Lagoas.

¹⁸ Pedro Gomes, Rio Verde de Mato Grosso.

figura na toponímia, não só em Mato Grosso do Sul como também em todo o território nacional. Já com relação a cavalo, foram identificadas seis ocorrências em função toponímica: córrego do *Cavalo*, em Terenos, Água Clara e Chapadão do Sul; cabeceira do *Cavalo*, em Nova Alvorada do Sul; corixo dos *Cavalos*, em Corumbá e córrego *Cavalo*, em Inocência.

Na mesma condição encontram-se os animais burro e mula, ambos utilizados no transporte de pessoas e de cargas. Esses vocábulos foram recuperados nos topônimos córrego do *Burro*, em Terenos, Sonora e Nioaque e córrego da *Mula*, em Sonora e em Ribas do Rio Pardo. Dick (1990, p. 275) registra a ocorrência de *Burro* (Rb. do, PR), *Égua* (Cach. da, PA), *Éguas* (C. das, MT; AH GO, Pto. das, BA; Rb. GO) e *Mulas* (C. das, MT), na toponímia brasileira.

De uma beleza exótica, a anhuma serviu de motivação para o nome de dois córregos, um em Pedro Gomes e o outro em Rio Verde de Mato Grosso. Percebe-se que não houve grande recorrência desse topônimo no Estado. Talvez isso se justifique pelo fato de a anhuma não ter sido uma espécie apreciada pelos colonizadores, segundo Ferreira Neto (2004, p. 68). E, ainda, embora a ave tenha predicativos que possam agradar algumas pessoas, geralmente, no que se refere ao paladar, não chama muito a atenção das pessoas e, tampouco, lhes provoca temores. Ferreira Neto (2004, p. 61) apresenta a ave como frequente no Tietê e a descreve com precisão:

[...] uma ave do tamanho, qualidade e semelhança do peru, por nome anhuma; contudo, mais magra e de carne esponjosa, o que a torna imprópria para o consumo. Possuía ferrões nos encontros e pontas das asas e um unicórnio elástico e comprido na cabeça [...] Quando dispunha a gritar, o fazia de tal forma tão estridente, que seu grito podia ecoar a grande distância, indicando que, na certa, havia gente pela vizinhança. À noite, contavam com extraordinária precisão cronométrica de duas em duas horas, a partir de meia-noite e com tal regularidade, que a falta de relógio, seu canto orientava o revezamento

das sentinelas dos acampamentos. Os viajantes falavam maravilhas do unicórnio das anhumas, que funcionava como um excelente contraveneno.

A arara, ave significativa na fauna sul-mato-grossense, foi fonte inspiradora para o denominador na escolha dos nomes de 20 acidentes: vazante *Arara*, em Aquidauana; córrego *Arara*, em Caracol, Angélica, Jaraguari e Jardim; ribeirão *Araras*, em Ribas do Rio Pardo e Costa Rica; córrego *Araras*, em Rio Brillhante e Ribas do Rio Pardo; córrego da *Arara*, em Aparecida do Taboado e Porto Murtinho; serra das *Araras*, em Camapuã e Figueirão; ribeirão das *Araras*, em Costa Rica; córrego das *Araras*, em Anastácio, Maracaju, Rio Verde de Mato Grosso, Ponta Porã, Inocência, Nioaque (02). Léry (1972, *apud* Dick, 1990, p. 259) exalta a beleza da arara, afirmando não acreditar “que se encontre no mundo coisa mais deslumbrante”. Acrescenta ainda que, “quando essa ave se expõe ao sol, como sempre acontece, não se fartam os olhos humanos de contemplá-la”. As formas toponímicas *Arara* e *Araras* nomeiam vários outros acidentes do Brasil, de acordo com Dick (1990, p. 267). Trata-se, pois, de mais uma tendência da toponímia brasileira referendada pela toponímia sul-mato-grossense. No caso, o designador opta por nomes de animais cuja beleza é invejosa aos olhos do homem e, às vezes, ocorre dupla causa denominativa: a beleza do animal associada às características do local nomeado.

As paisagens sul-mato-grossenses são marcadas pela diversidade de aves, abundantemente representadas na toponímia brasileira e, conseqüentemente, na toponímia do Estado: “quem já alguma vez lhe admirou a beleza, não se esquecerá jamais de tais quadros” (CORRÊA FILHO, [1939], p. 124).

A toponímia brasileira, como um todo, reúne uma grande quantidade de nomes de base indígena na nomeação de acidentes geográficos que evidenciam marcas da presença de várias etnias na nomenclatura geográfica brasileira. Um estudo toponímico, numa dimensão etnolinguística, analisa, desde a origem dos nomes, até as influências socioculturais da população que

habita o espaço geográfico em estudo na forma de nomear os acidentes físicos, verificando se no momento da nomeação de um lugar, o denominador se apropriou de nomes oriundos dos diferentes estratos linguísticos que influenciaram a formação do léxico, no caso, do português brasileiro.

Dentre os topônimos de índole animal, percebe-se a influência marcante da cultura indígena, pois dos 978 nomes analisados, 404 são de origem tupi. Exemplificam o fato nomes como *Mutum*, *Sucuri*, *Mutuca*, *Arara*, *Quati*, *Anhuma*, *Seriema*, *Piracanjuba*, *Tamanduá*, *Piraputanga*, *Anhanduí* e *Anhanduizinho*.

A significativa ocorrência de nomes de animais de origem tupi no universo pesquisado pode ser justificado por motivos como: i) os colonizadores que vieram para Mato Grosso do Sul já tinham nomes de origem tupi internalizados no léxico da sua língua; ii) a presença de índios dessa etnia nas bandeiras na época da colonização do interior do Brasil e, conseqüentemente, do sertão sul-mato-grossense contribuiu para a difusão do idioma tupi; iii) incorporação do léxico tupi no acervo vocabular do português brasileiro. Esses fatores, dentre outros, contribuíram para a disseminação do léxico de base tupi em todo o território brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos zootopônimos, terceira taxa mais produtiva na toponímia de Mato Grosso do Sul, evidenciou a valorização da fauna local, uma vez que os nomes de animais foram recuperados para designar lugares como córregos, serras, municípios. Observa-se que os elementos da fauna que motivaram a denominação dos acidentes geográficos aqui focalizados estão, de alguma forma, vinculados à vida do denominador e, por isso, exercem um importante papel no processo onomástico do universo pesquisado.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Cecy Fernandes de. *Ñe'ẽryru: Avañe'ẽ-Portuge/Portuge-Avañe'ẽ*. Dicionário: Guarani-Português/Português-Guarani. São Paulo: Edição Própria, 2008.
- ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – UFMS. *Sistema de Dados do Projeto ATEMS*. Campo Grande: UFMS, 2011 (acesso restrito).
- BACKHEUSER, Everaldo. Toponímia. Suas regras, sua evolução. *Revista geográfica*, Rio de Janeiro, v. 9/10, n. 25, p. 163-195, 1952.
- CASAL, Pe. Manuel Aires. de. *Corografia brasileira*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília (cooperativa), [1939].
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense*. 2003. 264 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2003.
- DAUZAT, Albert. *Les noms le lieux*. Origem et évolution. Paris: Librairie Delagrave, 1922.
- DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. Arquivo do Estado: São Paulo, 1990.
- FERREIRA NETO, João. *Raízes de Coxim*. Campo Grande/MS: Editora UFMS. 2004.
- GARCÍA SÁNCHEZ, Jairo Javier. *Atlas Toponímico de España*. Madrid: Arco/Libros, S. L., 2007.
- ISQUERDO, Aparecida Negri et. al. *Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS*. v. 1. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011 (inédito).
- QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *Vias de comunicação e articulações econômicas do antigo sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX): notas para discussão*. Digitado, 2004.

SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.

SÁNCHEZ, Javier García. *Atlas Toponímico de España*. Madrid: Arco/Libros, S.L., 2007.

SAPIR, Edward. *A Linguística como Ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SCHNEIDER, Marlene. *Um olhar sobre os caminhos do Pantanal sul-mato-grossense: a Toponímia dos acidentes físicos*. 2002. 173 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2002.

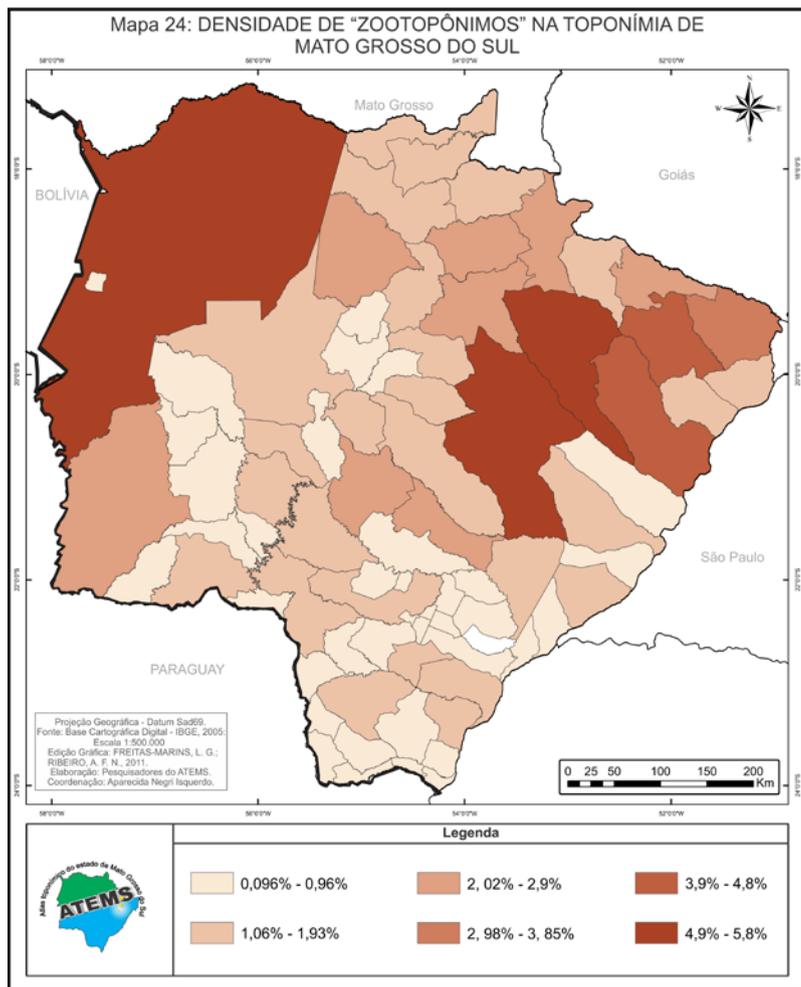
STEWART, George R. A classification of place names. *Names*, Beckerley, v. 2, n. 1, p. 01-13, mar. 1954. (Tradução: Prof. Erasmo de Almeida Magalhães).

TAVARES, Marilze. *Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*. 2004. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2004.

TAVARES, Marineide Cassuci. *Estudo toponímico da região Centro-Norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história*. 2005. 238 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2005.

ANEXO A

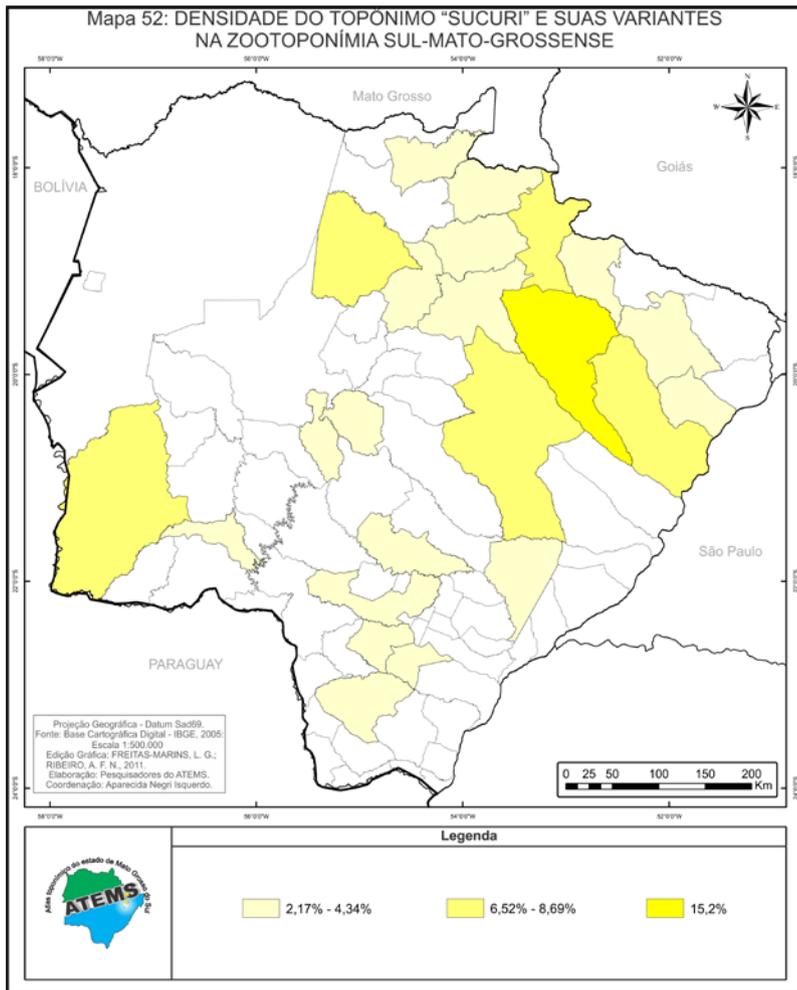
Figura 1: Representação cartográfica da produtividade dos zootopônimos, segundo os municípios de Mato Grosso do Sul.



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO B

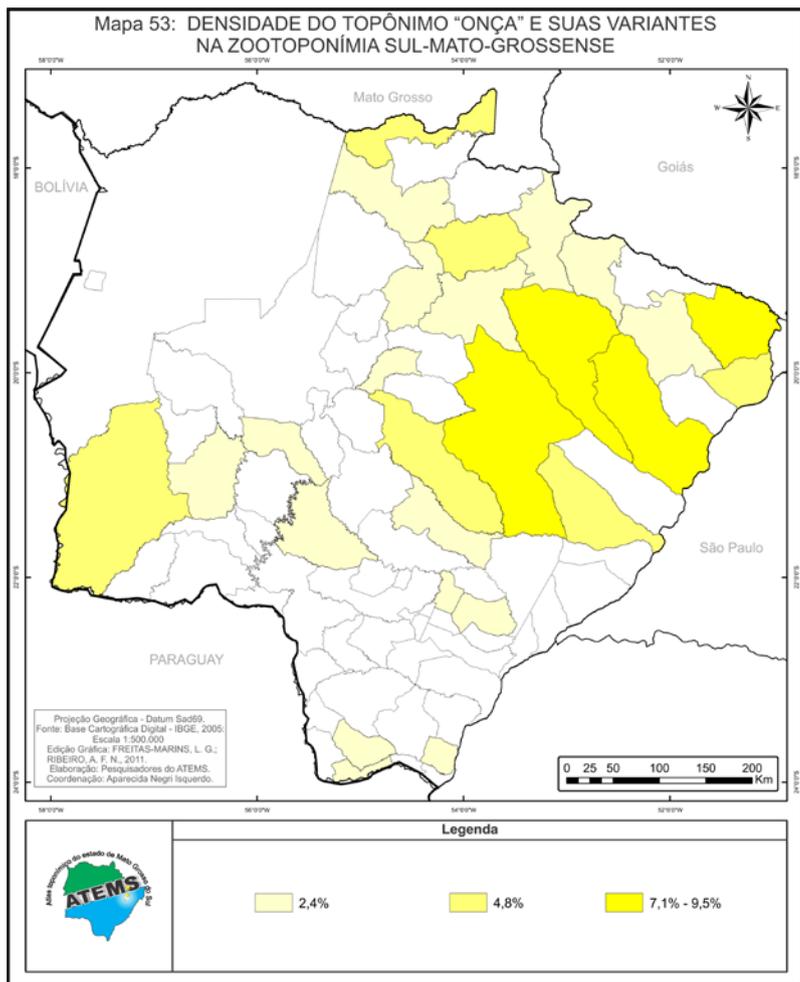
Figura 2: Representação cartográfica da produtividade do topônimo *Sucuri*, segundo os municípios de Mato Grosso do Sul.



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO C

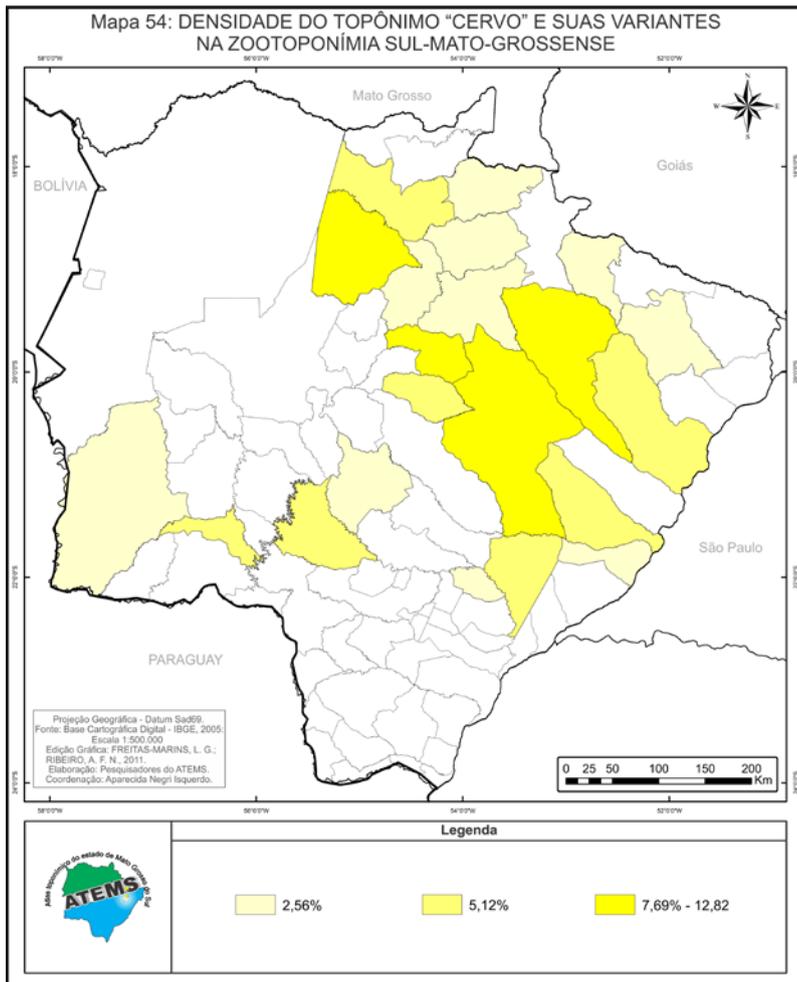
Figura 3: Representação cartográfica da produtividade do topônimo *Onça*, segundo os municípios de Mato Grosso do Sul.



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO D

Figura 4: Representação cartográfica da produtividade do topônimo *Cervo*, segundo os municípios de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)



PARTICULARIDADES TOPONÍMICAS E TERMINOLÓGICAS NA MESORREGIÃO DOS PANTANAIS SUL-MATO-GROSSEENSES

Ana Claudia Castiglioni
Marlene Schneider

O estado de Mato Grosso do Sul possui características bastante marcadas, muitas delas relacionadas às suas riquezas naturais abundantes, especialmente no que se refere à hidrografia. Como não poderiam ser diferentes, essas características geográficas se revelam na língua e, a esse respeito, vale recuperar os apontamentos de Sapir (1969, p. 45) acerca dessa relação: “o léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes”. Assim, quando se tem a disposição o léxico de uma língua, é possível chegar a suposições sobre o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo que nele habita.

Nesse sentido, Dick (1992, p. 64) esclarece que, na parte do léxico relacionado à toponímia, muitos nomes são emprestados à Geografia, especialmente os dos cursos d’água. Esses elementos geográficos são “enriquecidos semanticamente, tornando a terminologia específica um instrumental valioso para as pesquisas científicas e traduzindo, muitas vezes, a realidade conhecida e

experimentada pelo homem” (DICK, 1992, p. 64). Desse modo, ressalta-se a relevância do exame dos nomes dos elementos geográficos que se referem à água que, segundo a mesma autora, “são tão necessários e imprescindíveis à vida humana que os pontos do seu aparecimento revestem-se de significação, tornando-se obrigatório registrá-los toponimicamente” (DICK, 1992, p. 80). Neste texto, focalizam-se aspectos ambientais do Pantanal Sul-mato-grossense que influenciaram a sua toponímia.

1. PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE: LOCALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

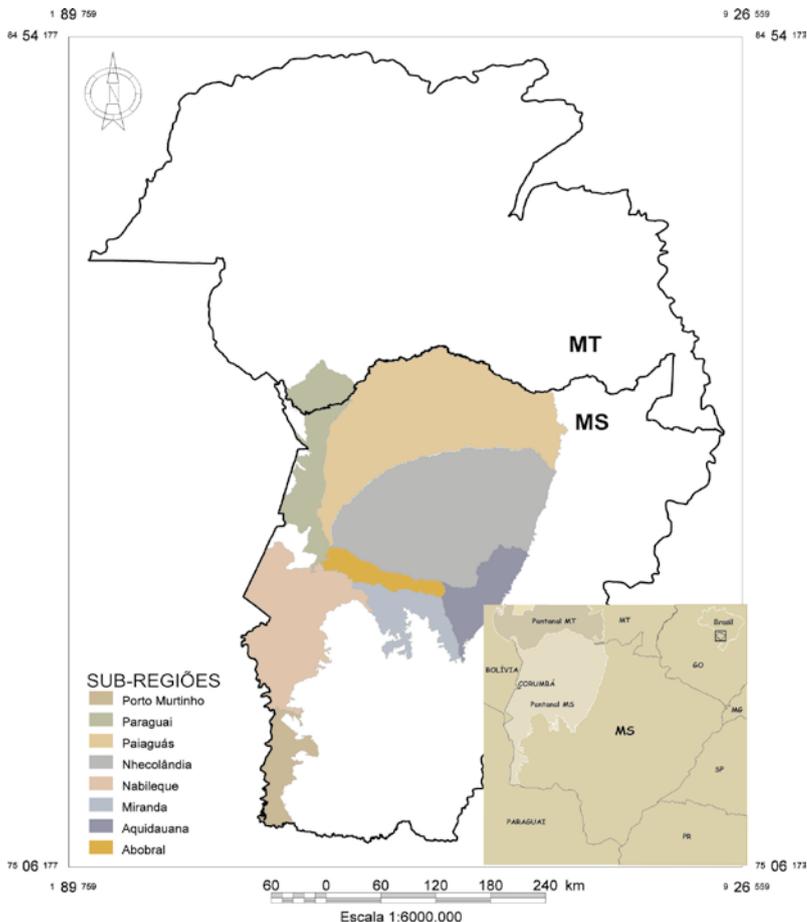
Ao se discorrer sobre o Pantanal Sul-mato-grossense, há que se registrar, primeiramente, o fato de haver diversidade de nomeações tanto quanto às divisões do Pantanal, como quanto às denominações de cada uma delas¹. Isso varia conforme o autor e a época em que a fonte foi publicada. Neste trabalho, adotou-se a classificação de Silva e Abdon (1998, p. 1705) que apresentam a delimitação do bioma Pantanal em onze sub-regiões: *Cáceres*, *Poconé*, *Barão do Melgaço*, *Paraguai*, *Paiaguás*, *Nhecolândia*, *Abobral*, *Aquidauana*, *Miranda*, *Nabileque* e *Porto Murtinho*. Esses autores adotaram como critérios de caracterização dos pantanais os aspectos relativos à inundação, ao relevo, ao solo e à vegetação e ressaltam “a inundação e o relevo [como] os de maior importância na definição do limite” (SILVA; ABDON, 1998, p. 1710). A falta de clareza na delimitação entre os pantanais e entre o pantanal e o planalto é apontada por esses autores como justificativa para a definição dos critérios utilizados, uma vez que “o contorno não é claro, principalmente nas áreas de contato entre planalto e planície” (SILVA; ABDON, 1998, p. 1704).

Vale ressaltar que as sub-regiões de *Cáceres*, *Poconé* e *Barão de Melgaço* se localizam em Mato Grosso, tendo como ponto de divisa o rio *Correntes*, enquanto as sub-regiões *Paiaguás*,

¹ Confira Schneider (2002, p. 55).

Nhecolândia, *Abobral*, *Miranda*, *Aquidauana*, *Nabileque*, *Paraguai* e *Porto Murtinho* pertencem ao Mato Grosso do Sul e são, portanto, o objeto deste estudo. Na Figura 1, a seguir, apresenta-se o mapa com essa divisão do Pantanal.

Figura 1: Delimitação das sub-regiões do Pantanal e respectiva localização na região Centro-Oeste



Fonte: Laboratório de Geoprocessamento da Embrapa Pantanal (2011)

2. O TOPÔNIMO PANTANAL

No que se refere à história sobre o Pantanal, a literatura consultada registra que, quando a região foi alcançada pela primeira vez por uma expedição de homens brancos, estava inundada e recebeu o nome de Mar de Xarayes, em homenagem a uma tribo de índios com esse nome, da família dos guarani, equívoco desfeito quando foi descoberta a inexistência de mar na região (SANT'ANA NETO; VESENTINI, 1992, p. 07). Segundo Bertelli (1984, p. 23), o sertão alagado não era chamado de Pantanal até o ano de 1850. Segundo esse autor, a Corte Portuguesa se referia à região como Melgaço, tanto que, em 07 de julho de 1864, concedeu a Augusto João Manuel Leverger, o primeiro explorador científico do Pantanal, o título de Barão de Melgaço². Florence (1827, apud BERTELLI, 1984, p. 23-24) foi o primeiro a se referir à área como uma região de pântanos, ao descrever que “ao sul ficam os PÂNTANOS GERAIS, donde havíamos navegado, e bem junto de nós, à esquerda, alteia-se sobremaneira o Morro de São Jerônimo”.

Atualmente, essa faixa de território é conhecida como Pantanal, denominação que também é considerada inadequada, de acordo com Calheiros e Fonseca Jr. (1996, p. 19), porque “a área não exhibe características de pântano, mas engloba um conjunto de diferentes feições, de denominação tipicamente regional, cuja existência é reconhecida pelos pantaneiros e corroborada pelos pesquisadores”.

3. TAXIONOMIA DOS “NOMES” DA MESORREGIÃO PANTANAIS SUL-MATO-GROSSENSES

Como mencionado no item 1 deste trabalho, segundo a classificação de Silva e Abdon (1998), o bioma Pantanal divide-se

² Augusto Leverger (1804-1880), Barão de Melgaço, era francês naturalizado brasileiro. Alcançou o posto de almirante e prestou inúmeros serviços ao governo brasileiro.

em 11 sub-regiões, oito delas situadas em Mato Grosso do Sul: *Paraguai, Miranda, Aquidauana, Nabileque, Paiaguás, Nhecolândia, Abobral e Porto Murtinho*.

No âmbito das sub-regiões e dos rios pantaneiros, ocorrem diferentes casos de atribuição de um único nome a topos de natureza diversa que são destacados neste texto: rio, montanha, distrito, cidade. Ilustra esse fenômeno, por exemplo, o topônimo Paraguai que designa os seguintes elementos geográficos: *rio Paraguai, sub-região do Paraguai e ilha Paraguai*. Ao se considerar a etimologia desse nome: *Paraguá-y* “o rio dos papagaios ou ainda o rio dos cocares ou das coroas” (SAMPAIO, 1928, p. 281), surgem indagações quanto à taxionomia desse topônimo, pois, dependendo do sema tomado como parâmetro, segundo o modelo de Dick (1990; 1992), adotado para a classificação dos topônimos sul-mato-grossenses, poderia ser um *ergotopônimo*, se tomado como referência o sema “cocares ou coroas”, ou como *zootopônimo*, se selecionado o sema “rio dos papagaios”. Aventa-se ainda esse designativo como um *corotopônimo*, uma vez que *Paraguai* é o nome de um país vizinho. Todavia, essa terceira suposição foi automaticamente desconsiderada, pois o elemento físico, no caso o rio, é nomeado, na maioria das vezes, antes do elemento humano. O país em questão tem a sua denominação motivada pelo nome do rio e não o contrário. Quanto aos semas “coroa e cocares”, entendeu-se que se relaciona ao fato de o animal papagaio possuir um colorido especial que dá a impressão de coroa\cocar. Desse modo, a análise do topônimo e de seu significado levou ao sema “rio dos papagaios” como critério de classificação, razão pela qual os topônimos formados com a unidade lexical “paraguai” foram classificados no âmbito do ATEMS como *zootopônimos*.

O topônimo *Miranda* também nomeia vários elementos geográficos: uma sub-região, um rio e uma cidade. Segundo Campestrini e Guimarães (1991, p. 89), o nome tem “suas raízes no presídio do mesmo nome”. Todavia, considerando-se que o nome original desse presídio era “Nossa Senhora do Carmo do rio

Mondego”, posteriormente conhecido como Presídio de *Miranda*, cujos alicerces foram lançados em 1778, pelo capitão João Leme do Prado, desbravador dos rios *Miranda* e *Aquidauana*, por ordem do então 6º Capitão-General, Governador das Capitanias de Mato Grosso e Cuiabá, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, pode-se atribuir a motivação do nome à dupla homenagem prestada ao Governador da Capitania, conforme dados disponíveis nos sites do IBGE e da Prefeitura Municipal de Miranda³. Logo, como a nomeação da sub-região é posterior, adotou o nome do principal rio que banha essa parcela do Pantanal, configurando-se também como mais uma homenagem a Caetano Pinto de Miranda e, desse modo, foi classificado como *antropotopônimo* no ATEMS.

Já o topônimo *Aquidauana* nomeia uma sub-região, um rio e uma cidade. Obras históricas regionais trazem informações sobre nomes anteriores que esse curso d’água tivera. Conforme Proença (1997, p. 26), esse rio chamava-se *Uacogo*. Segundo Mello (1968, p. 170), o *Aquidauana* era chamado pelos índios guaykurus de *Nabi-nugo*, que significa água negra. O referido rio é muito importante para a região, por ser navegável e cortar vários municípios do Estado – Corguinho, Dois Irmãos do Buriti, Aquidauana e Miranda – e se encontrar com o rio *Miranda*. Desde a época do início da colonização de Mato Grosso, o rio *Aquidauana* era abundante em alimento e serviu como rota e fonte de sobrevivência tanto para bandeirantes que navegaram em suas águas entre 1600 e 1700 quanto para a rota da Força Expedicionária de Mato Grosso, conhecida como Coluna de Camisão, entre os anos de 1865 e 1867, na época da Guerra do Paraguai (GUIMARÃES, 1999, p. 209). O topônimo *Aquidauana* foi classificado como um *hidrotopônimo*, segundo a taxionomia de Dick (1992), com base nas informações fornecidas pelo site do IBGE: “a opção pelo nome “Aquidauana” revela a influência da cultura indígena em várias regiões de Mato Grosso do Sul, que tem diversos municípios

³ “O nome da cidade e do rio deve-se ao nome do governador da capitania”.
Fonte: <http://www.miranda.ms.gov.br/historia>. Acesso em: 11 fev. 2011.

nominados com termos comuns a etnias indígenas. Segundo a toponímia Guaicuru o termo denomina rio estreito, fino". Ainda segundo as fontes oficiais, "o nome "Aquidauana" aparece em mapas datados do século XVII, pelo menos 200 anos antes da fundação do povoado".⁴

O topônimo *Nabileque* ainda não foi classificado, segundo as categorias do modelo adotado, em virtude de não se ter obtido o significado dessa unidade léxica nas fontes consultadas. Sampaio (1928, p. 09) registra *Nabilek* como uma palavra guaicuru, origem essa também atribuída ao termo por Taunay (*apud* DICK, 1992, p. 34). Assim, a falta de acesso ao significado do termo impediu, por ora, os pesquisadores do ATEMS de atribuir uma classificação a esse topônimo.

Paiaguás, que denomina uma sub-região, faz referência a uma tribo indígena que habitou a região pantaneira, cujos integrantes eram conhecidos como ótimos canoieiros, razão por que esse topônimo foi classificado como um *etnotopônimo*.

Em relação ao topônimo *Nhecolândia*, o nome foi motivado pelo apelido do fundador da região, Joaquim Eugênio Gomes da Silva, o Nheco. Assim, *Nhecolândia* deriva desse apelido. Segundo Houaiss (2001), *lândia* é um "pospositivo, do teutônico comum, como país, terra, região", bastante frequente em topônimos das línguas anglo-saxãs. Maeda (2000, p. 31-68) informa que "um dos hábitos dos pantaneiros é atribuir apelidos ou alcunhas uns aos outros", costume esse influenciado pelas condições culturais e físicas da região, como apelidos relacionados aos aspectos físicos, à personalidade, ao comportamento, à atitude, à fauna regional, à etnia, à origem geográfica, à afetividade familiar do homem pantaneiro. Dick (1990, p. 370) aponta a tendência na toponímia de os *antropotopônimos* trazerem composições desinenciais, como *burgo*, *lândia* e *pólis*. Assim, *Nhecolândia* pode ser considerado um *antropotopônimo*.

⁴ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aquidauana/historico>. Acesso em: 27 mar. 2020.

Já o topônimo *Abobral* deve ter sido motivado pelo nome de uma espécie de planta denominada de *abobra*. Segundo Houaiss (2001), é “design. comum às plantas do gên. *Abobra*, da fam. das cucurbitáceas, que compreende uma sp. apenas, conhecida como abóbora-do-campo (*Abobra tenuifolia*)”, o mesmo que abóbora (‘fruto’) e aboboreira. Com base nessa informação, esse topônimo foi classificado como *fitotopônimo*.

Por fim, o topônimo *Porto Murtinho* se enquadra na categoria dos *sociotopônimos*, apesar de a influência da família Murtinho na criação do porto que deu origem ao povoado que, posteriormente, tornou-se sede de município direcionar a motivação toponímica da nomeação do município para um *antropotopônimo*. Trata-se, na verdade, de um caso de toponimização do elemento geográfico *porto*, uma vez que originalmente *Murtinho* nomeava o *Porto Fluvial Murtinho*, à margem do rio Paraguai, na Fazenda Três Barras, porto esse que propiciava o escoamento da erva-mate, produzida pela Companhia Mate Laranjeira. Segundo informações disponíveis no site do IBGE, o nome do porto foi uma homenagem ao Dr. Joaquim Murtinho, que era Presidente do Banco Rio e Mato Grosso (BRMG), primeiro estabelecimento de crédito a operar no antigo Mato Grosso (QUEIROZ, 2010, p. 125). Como, segundo a teoria de Dick (1992), considera-se, no caso de topônimos compostos, o primeiro formante para fins de classificação, foi considerado o item lexical *porto* para classificar o nome dessa sub-região como *sociotopônimo*.

4. A NOMENCLATURA DOS ELEMENTOS GEOGRÁFICOS DO PANTANAL: ALGUMAS PECULIARIDADES

O foco deste tópico não é o topônimo, mas especificidades da terminologia geográfica (termo genérico do sintagma toponímico) da região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, com o objetivo de examinar particularidades que singularizam a hidronímia do território sul-mato-grossense. Para tanto, analisam-se nomes dos tipos de cursos de água (elementos geográficos) catalogados

na mesorregião dos Pantanaís Sul-mato-grossenses, formada por seis municípios – *Corumbá, Ladário, Porto Murtinho, Miranda, Aquidauana, Anastácio* e *Dois Irmãos do Buriti* – em comparação com os localizados em alguns municípios que fazem fronteira com essa mesorregião – *Caracol, Bela Vista, Jardim, Bonito, Bodoquena, Rio Verde de Mato Grosso* e *Coxim*⁵ –, bem como os municípios de *Anaurilândia* e *Bataiporã*, que apresentaram tipos de elementos em comum com a mesorregião objeto deste estudo.

Observando-se a terminologia referente aos elementos geográficos da área que compreende o Pantanal, constatam-se dados bastante definidos, que ocorrem quase que exclusivamente nessa região. É o caso do termo *corixo* que, segundo Houaiss (2001), é um regionalismo dos estados de Goiás e de Mato Grosso, como equivalente a *corixa*, termo definido como “canal que liga as águas de lagoas, alagados etc. com os rios próximos; *corixe, corixo*”.

Guerra e Guerra (2008), por sua vez, no “Novo Dicionário geológico-geomorfológico”, especificam o caráter regional do uso do termo *corixo*, definindo-o como “denominação regional do Pantanal de Mato Grosso, para os pequenos riachos permanentes que ligam as *baías*”. Das 39 ocorrências do termo *corixo* nos dados do ATEMS, como designação desse tipo de elemento geográfico, 37 se situam na mesorregião dos Pantanaís Sul-mato-grossenses. Há apenas duas ocorrências no município de Coxim, na mesorregião Centro-Norte, que faz divisa com Corumbá, onde se encontra a expressiva maioria dos elementos geográficos designados como *corixo* (35 do total).

Outra particularidade da nomenclatura dos elementos geográficos do Pantanal é *vazante*, termo também bastante produtivo na região pesquisada. Os elementos nomeados por esse termo se caracterizam como massas hídricas que se formam no período

⁵ Os municípios de Coxim e Rio Verde de Mato Grosso possuem terras baixas, pertencendo ao Pantanal. De acordo com o mapa *Municípios do Pantanal*, o primeiro possui 32% de planície alagável, e o segundo 58%. Fonte: Laboratório de Geoprocessamento da Embrapa do Pantanal. *Municípios do Pantanal*, Corumbá, 1997.

do agudo das chuvas, indo de uma baía a outra. Essas *vazantes*, cuja duração é efêmera e o tempo de vida está condicionado às chuvas, podem atingir vários quilômetros de extensão e surgem ziguezagueando pelo terreno, à semelhança dos rios. Não possuem leito ou canal definido por onde circulam as águas, que apenas se espriam pelo terreno. Na estação seca a maioria delas desaparece (ALLEM; VALLS, 1987, p. 46).

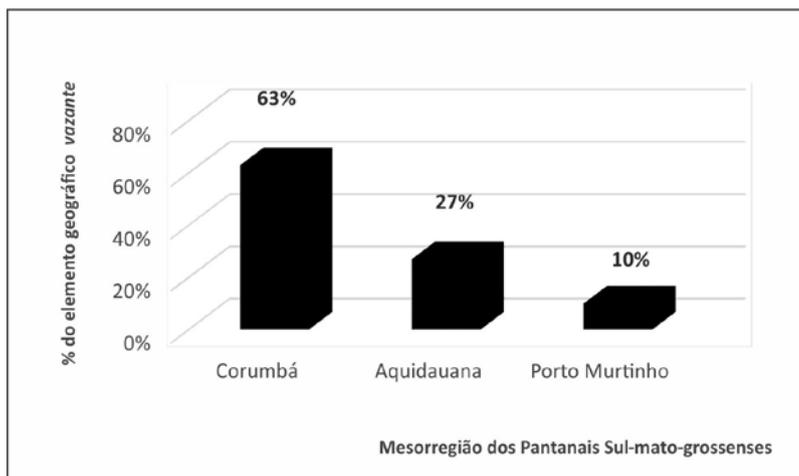
Recorrendo-se novamente ao dicionário especializado, encontra-se a seguinte definição para o termo *vazante*, no âmbito da Geologia e da Geomorfologia:

[...] denominação dada, na Geologia do Brasil, a uma formação sedimentar pleistocênica das margens do rio São Francisco. Do ponto de vista hidrográfico, significa época de águas baixas no leito de um rio. É o oposto a *cheias*. No *pantanal*, *vazante* é a denominação dada aos pequenos riachos temporários que ligam as *baías* [...], pois os riachos permanentes chamam-se *corixos* [...] (GUERRA; GUERRA, 2008).

As duas definições se complementam. Nota-se que a do dicionário especializado reforça a definição do elemento geográfico *corixo* e novamente se reporta ao termo *baía*, designação de outro elemento geográfico característico do Pantanal que também será focalizado na sequência deste estudo.

Observa-se que o termo *vazante* se configura, do mesmo modo que *corixo*, como um termo característico da região do Pantanal, já que dos 103 elementos geográficos do tipo *vazante* catalogados pelo ATEMS, 90 se encontram em algum dos municípios que fazem parte dessa mesorregião: 57 em Corumbá, 24 em Aquidauana e 09 em Porto Murtinho. Esses dados estão demonstrados no gráfico que segue:

Gráfico 1: Distribuição quantitativa do elemento geográfico *vazante*, segundo os municípios da mesorregião Pantanaís Sul-mato-grossenses.



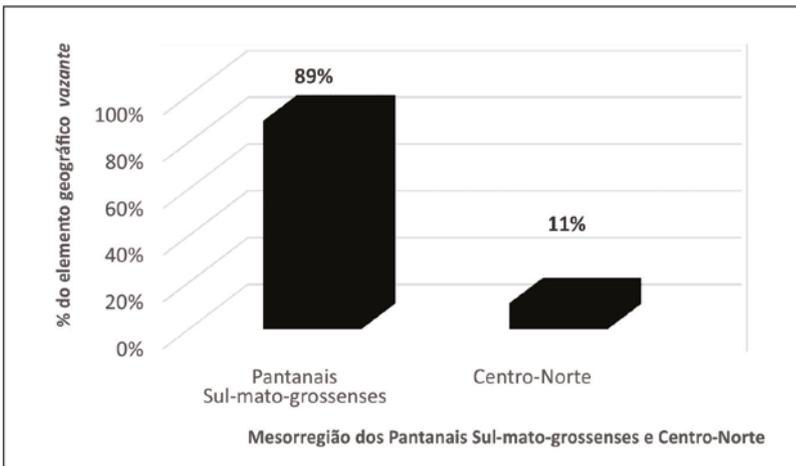
Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelas autoras e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

Dos 103 elementos geográficos do tipo *vazante* registrados no Sistema de Dados do ATEMS, dois se localizam nos municípios de Anaurilândia e Bataiporã, na mesorregião Leste e 11 situam-se na mesorregião Centro-Norte, não pertencendo, assim, à mesorregião dos Pantanaís Sul-mato-grossenses, conforme a divisão geográfica fornecida pela carta-fonte de onde foram extraídos os dados, fato esse que não se configura como exceção que poderia questionar o caráter regional desse termo que designa um elemento geográfico, mas, ao contrário, deve ser tomado como mais um dado que evidencia as particularidades da terminologia geográfica da região estudada, pois, embora esses elementos estejam localizados na mesorregião Centro-Norte, pertencem aos municípios que fazem fronteira com o Pantanal: Coxim e Rio Verde de Mato Grosso. Considerando-se que a delimitação da divisão geográfica é posterior ao aparecimento dos elementos e das nomeações, entende-se que a presença do elemento geográfico *vazante* nesses municípios pode representar um prolongamento da

região pantaneira, haja vista esses municípios também concentram grande contingente de correntes hídricas. Além disso, há que se considerar que a cidade de Coxim configura-se como o local de melhor acesso para os moradores da Sub-região Paiaguás, para compra de produtos e serviços necessários à complementação da sobrevivência do grupo. A população da cidade de Coxim, inclusive, abriga um grande contingente de pantaneiros que migraram para a cidade em busca de melhores condições de vida, ao contrário dos pantaneiros da sub-região da Nhecolândia que têm a cidade de Corumbá como ponto de referência⁶.

O Gráfico 2, na sequência, contém a distribuição do quantitativo de *vazante* como elemento geográfico entre as mesorregiões *Pantanaís Sul-mato-grossenses* e *Centro-Norte*.

Gráfico 2: Distribuição quantitativa do elemento geográfico *vazante*, segundo as mesorregiões *Pantanaís Sul-mato-grossenses* e *Centro-Norte*



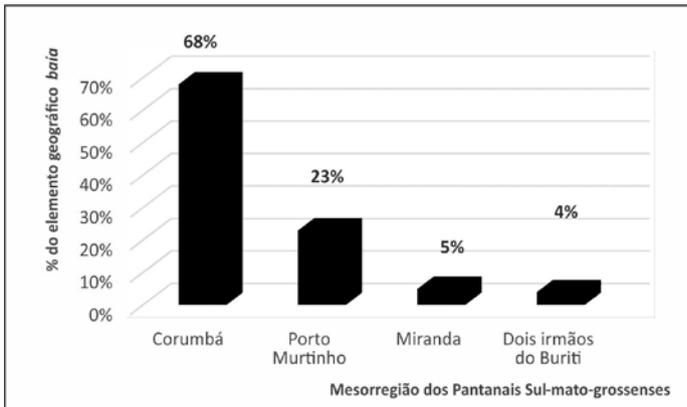
Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelas autoras e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

⁶ Confira a esse respeito o mapa apresentado neste texto, na Figura 1, p. 143.

O termo *baía*, a exemplo dos já focalizados (*corixo* e *vazante*), também nomeia um tipo de elemento geográfico muito peculiar do Pantanal. Cunha (2007, p. 97) define-o como “pequeno golfo, de boca estreita, que se alarga para o interior”. Sentidos semelhantes lhe atribuem Houaiss (2001) e Ferreira (2004), acrescentando as acepções que o termo assume no Pantanal, mas não os marcando como próprios dessa região. Ferreira (2004) registra no verbete *baía* as seguintes acepções: “pequeno golfo, de boca estreita, que se alarga para o interior. 2. Bras. Lagoa comunicante com um rio. 3. Canal para escoamento de pântanos”. O *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente* (IBGE, 2004) define o item lexical *baía* como “porção do oceano, mar ou lago que adentra pelo continente, caracterizando-se por apresentar uma linha de costa com a concavidade voltada para o exterior”. Já Guerra e Guerra (2008), além da definição clássica do termo (“reentrância da costa, porém menor que a de um golfo, pela qual o mar penetra no interior das terras”), acrescentam: “No Estado de Mato Grosso, os habitantes da região do Pantanal chamam de baías às imensas lagoas que são separadas por terras altas, as chamadas *cordilheiras*”.

Considerando-se os sentidos atribuídos ao termo, em especial o de caráter regional fornecido pelo dicionário especializado, pode-se inferir a motivação para o uso do termo *baía* para designar um elemento da planície alagada do Pantanal, já que, nos períodos das chuvas intensas, formam-se grandes inundações que chegam a emendar os cursos de água, lembrando, de fato, um pequeno trecho de mar. A beleza das *baías*, abundantes, sobretudo na Sub-região Nhecolândia, representa um grande atrativo para os turistas que se encantam com o cenário formado pela natureza em especial no período das cheias do Pantanal. Foram catalogados 22 elementos do tipo *baía* pelo ATEMS, todos localizados na mesorregião dos Pantanaís Sulmato-grossenses: 15 em Corumbá, cinco em Porto Murtinho, um em Dois Irmãos do Buriti e um em Miranda, conforme informa o Gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3: Distribuição quantitativa do elemento geográfico *baía*, segundo municípios que formam a mesorregião Pantanaís Sul-mato-grossenses



Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelas autoras e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

Tomando-se agora como parâmetro uma leitura mais geral das ocorrências de termos que designam elementos geográficos, nas quatro mesorregiões que integram o estado de Mato Grosso do Sul, observa-se, dentre os elementos físicos, a predominância do termo *córrego* com 2.079 ocorrências na mesorregião Leste; 1.389 na mesorregião Sudoeste; 1.028 na mesorregião Centro-Norte e 270 ocorrências na mesorregião dos Pantanaís Sul-mato-grossenses. O menor índice de ocorrência do termo *córrego* na região pantaneira é explicada pela presença de *corixo* que concorre com *córrego* na nomeação dos pequenos rios, com tênue fluxo de água, os “riachos”, outro termo que na terminologia geográfica nomeia o mesmo tipo de corrente hídrica. Além disso, é preciso computar nesse particular a abundância do termo *vazante* que, no Pantanal, assume características similares às da tipologia *córrego* e *corixo*, tendo a transitoriedade como diferencial dos demais. Esses dados também ratificam a constatação de que o *corixo* e a *vazante* representam uma particularidade na nomenclatura geográfica do Pantanal em relação às demais regiões de Mato Grosso do Sul, ao lado do termo *baía*, outro ícone da hidrografia pantaneira.

Novamente, a região do Pantanal apresenta dados distintos do restante do Estado, apresentando, por exemplo, a maior recorrência do elemento geográfico *ilha* (46), como mostra a Tabela 1, a seguir, que contém a distribuição dos tipos de elementos físicos, relacionados a correntes hídricas, identificados nos mapas relativos aos 78 municípios do Mato Grosso do Sul, distribuídos segundo as suas quatro mesorregiões administrativas:

Tabela 1: Distribuição quantitativa dos elementos geográficos que nomeiam correntes hídricas armazenados no Sistema de Dados do ATEMS, segundo as mesorregiões de Mato Grosso do Sul

Elemento geográfico	Centro-Norte	Leste	Pantanaís Sul-mato-grossenses	Sudoeste
Arroio	0	1	1	17
Baía	0	0	22	0
Cabeceira	120	89	0	201
Cabo	0	0	0	2
Canal	0	2	0	2
Corixo	2	0	36	0
Córrego	1.028	2.079	270	1.389
Foz	0	3	0	0
Furna	1	0	0	0
Ilha	0	18	46	23
Lago	1	0	0	0
Lagoa	6	43	0	9
Nascente	0	2	0	0
Passo	0	0	0	2
Riacho	1	2	0	2
Ribeira	0	0	0	1
Ribeirão	66	203	4	15
Rio	50	85	56	161
Salto	2	19	0	0
Sanga	0	0	0	5
Serra	34	8	20	11
Vazante	11	2	90	0
Vereda	0	1	0	0

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborada pelas autoras e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

5. A TOPONIMIZAÇÃO DE ELEMENTOS GEOGRÁFICOS NO PANTANAL

O processo de toponimização ocorre quando um termo que designa um elemento geográfico passa a ser o nome próprio, ou seja, o termo genérico se transforma em termo específico – no topônimo propriamente dito. Assim, no ato de batismo de um elemento geográfico, o termo que nomeia a tipologia desse elemento, no caso o termo genérico do sintagma toponímico, é ressemantizado passando para a categoria de topônimo. O sujeito denominador, que é o responsável por essa transformação, desenvolve-a de modo instintivo e natural, conforme a paisagem o influencia no ato designativo. Um exemplo de toponimização nos dados do ATEMS ocorre com o termo *baía*, haja vista a frequência considerável de uso desse termo como nome próprio, ou seja, como topônimo. Além disso, ressalta-se a peculiaridade de o topônimo *Baía* ter sido produtivo apenas em nomes de estrutura simples, em municípios nos quais não aparece como nome de um tipo de elemento geográfico, a saber: córrego *Baía*, em Bonito município que faz fronteira com o Pantanal; ilha *Baía*, lagoa *Baía* e rio *Baía* em Anaurilândia; rio *Baía* em Bataiporã e rio *Baía* em Taquarussu, municípios esses que se localizam em região diametralmente oposta à do Pantanal, na fronteira com São Paulo e Paraná, estados que abrigam em seus territórios o caudaloso rio *Paraná*. Analisando-se o mapa de Mato Grosso do Sul, constatou-se, como já mencionado, que a toponimização do termo *baía*, no caso dos três municípios distantes do Pantanal, aparece sempre associado à proximidade com grandes cursos de água que, na visão indígena e do colonizador, eram semelhantes ao mar. Como topônimo de estrutura morfológica composta, a toponimização do termo *baía* ocorre em Porto Murtinho, como córrego *Baía Branca*; em Aquidauana, como vazante *Baía Branca* e, em Miranda e em Aquidauana, como lagoa *Baía do Miranda*.

No que se refere aos termos citados, *vazante* e *corixo*, embora com alta frequência, e sendo restritos praticamente ao

Pantanal, apenas *corixo* foi toponimizado, passando a nomear seis elementos: *Corixão* (dois corixos em Corumbá; um córrego em Coxim; uma vazante em Rio Verde de Mato Grosso); *Corixinha* que nomeia uma vazante em Corumbá e, por fim, o topônimo *Corixo do Pacu* que dá nome a uma vazante também em Corumbá. Nota-se que na toponimização a forma base *corixo* recebeu, ora um sufixo aumentativo, ora um diminutivo.

Já *vazante*, apesar de nomear um elemento geográfico abundante na região, não passou pelo processo de toponimização, como costumeiramente acontece na toponímia brasileira.

Um termo geográfico que, segundo os dados do ATEMS, é exclusivo dos municípios de Corumbá e Ladário é *morraria*, registrado em Houaiss (2001) e em Ferreira (2004) como “série de morros” ou “extensão de morros em uma região”. O Sistema de Dados do ATEMS reúne 18 ocorrências de elementos geográfico do tipo *morraria* em Corumbá e dois em Ladário. Também com *morraria* ocorreu o processo de toponimização, uma vez que esse termo aparece no ATEMS como denominação de uma serra e de um córrego em Porto Murtinho.

Como assinalado no item 3 deste estudo, o nome de uma das sub-regiões do Pantanal Sul-mato-grossense também resultou do processo de toponimização: Porto Murtinho. Esse topônimo que também nomeia um município situado às margens do rio *Paraguai*, na fronteira entre Brasil e Paraguai, resultou da toponimização do elemento geográfico *porto* que motivou o nome da cidade e, por extensão, o da sub-região.

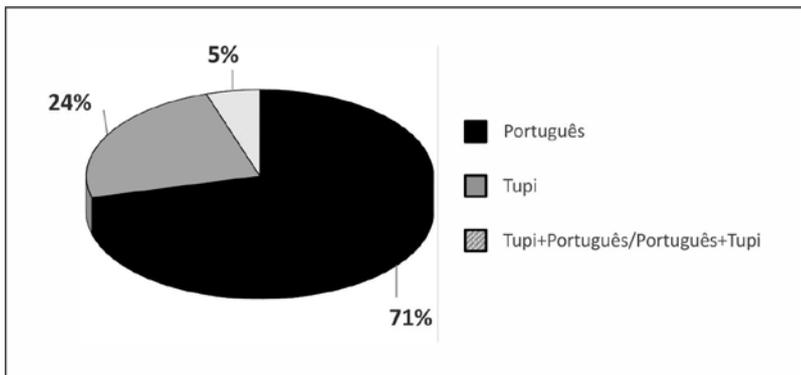
A respeito desse processo de toponimização, Dick (1992, p. 64) esclarece que os termos geográficos transformados em topônimos são chamados de “vocábulo toponímico básicos, que podem ser considerados como o elemento genérico, definidor de um determinado estrato do ambiente”.

6. ESTRUTURA MORFOLÓGICA E LÍNGUA DE ORIGEM NA TOPONÍMIA DO PANTANAL

Em relação à estrutura morfológica, a maioria dos topônimos da mesorregião dos Pantanaís Sul-mato-grossenses é de estrutura simples (ex. rio *Negro*, em Aquidauana), com 573 ocorrências, seguidos pelos compostos (ex. ribeirão *Taquaruçu*, em Anastácio) com 168 ocorrências e pelos simples híbridos (ex. vazante *Taquaral*, em Corumbá) com 19 casos. Com menor índice de ocorrência, aparece a estrutura formada por topônimos compostos híbridos (ex. córrego *Capão Verde*, em Porto Murtinho) com sete casos.

A língua de origem dos topônimos do Pantanal é, em grande parte, a língua portuguesa (ex. vazante *Baía Branca*, em Aquidauana), embora com uma quantia considerável de nomes vindos do tupi (ex. corixo *Sabiá*) e um pequeno número, sete, de nomes oriundos de outras línguas indígenas como o Bororo (ex. córrego *Coxim Branco*, em Anastácio), Guaicuru (ex. córrego *Guaicuru*, em Porto Murtinho), e Guarani (ex. córrego *Bodoquena*, em Miranda), dentre outros. Esses dados podem ser conferidos no gráfico a seguir:

Gráfico 4: Distribuição quantitativa das línguas de origem dos topônimos da Mesorregião Pantanaís Sul-mato-grossenses.



Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelas autoras e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da toponímia do Pantanal aqui apresentada confirmou as impressões experimentadas durante as etapas da coleta e revisão dos dados toponímicos extraídos dos mapas do Ministério do Exército e do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), quando, empiricamente, observavam-se determinadas particularidades que identificam cada região do Estado, e, no caso do Pantanal, havia a expectativa de se encontrar expressiva quantidade de elementos geográficos, como *corixo*, *baía*, *vazante* e *morraria* e, por extensão, de nomes toponimizados, ou seja, a existência de uma quantidade considerável de termos geográficos funcionando como topônimos, especialmente na área do Pantanal, que é caracterizada por elementos físicos muito próprios. Todavia, essa hipótese foi refutada, uma vez que, dos 103 elementos geográficos *vazante*, nenhum foi toponimizado, passando à categoria de topônimo, pelo menos segundo os dados registrados nos mapas tomados como fonte. No que se refere aos 39 elementos físicos denominados como *corixo*, apenas seis se toponimizaram e, com uma recorrência maior, *baía* que nomeia 10 elementos geográficos do território sul-mato-grossense.

O processo de toponimização do termo geográfico para topônimo pode ser observado no estado do Mato Grosso do Sul em outros elementos que não foram discutidos neste texto. É o caso dos topônimos *Cachoeirinha* (30), *Cachoeira* (22), *Lagoa* (17), *Furna* (dez), *Saltinho* (dez), *Lagoinha* (nove), *Ribeirãozinho* (sete), *Cabeceira* (seis), *Salto* (cinco), *Vertente* (quatro), *Corguinho* (quatro). A mesorregião do Pantanal, principal foco de discussão neste texto, além de evidenciar as peculiaridades já mencionadas, revela um certo equilíbrio entre os tipos de elementos geográficos e, conseqüentemente, apresenta dados menos díspares nesse particular, com números próximos, em sua maioria, de recorrência de elementos.

É possível considerar, por fim, que a região do Pantanal, ao mesmo tempo em que abarca uma amostra de todos os elemen-

tos geográficos identificados no restante do Estado, reúne um contingente de elementos físicos, que lhe são únicos - *corixo, vazante, baía*. De fato, na região pantaneira a diversidade de termos geográficos condiz com a sua riqueza natural, especialmente a abundância de correntes hídricas, pois ali tudo é comandado pela água. A diversidade da fauna e da flora, os costumes e os valores de um grupo social peculiar, os pantaneiros, é resgatada de maneira particular pela toponímia em estudo pelo Projeto ATEMS.

REFERÊNCIAS

- ALLEM C. Antônio; VALLS, José. *Recursos Forrageiros Nativos do Pantanal Mato Grossense*. Brasília/DF: Departamento de Difusão de Tecnologia – EMBRAPA, 1987.
- ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – UFMS. *Sistema de Dados do Projeto ATEMS*. Campo Grande: UFMS, 2011 (acesso restrito).
- BERTELLI, Antônio de Pádua. *O paraíso das espécies vivas: Pantanal de Mato Grosso*. São Paulo: Cerifa, 1984.
- CALHEIROS, Débora Fernandes; FONSECA JR., Wilson Correa da (organizadores). *Perspectivas de estudos ecológicos sobre o Pantanal*. Corumbá/MS: EMBRAPA-CPAP, 1996.
- CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande/MS: Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 1991.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. Arquivo do Estado: São Paulo, 1990.
- EMBRAPA PANTANAL. Laboratório de Geoprocessamento. *Mapa das sub-regiões do Pantanal sul-mato-grossense*. Corumbá, 2011, 1:6000.000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Positivo, 2004.

GUERRA, Antônio Teixeira; GUERRA, Antônio José Teixeira. *Novo Dicionário Geológico-geomorfológico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Mato Grosso do Sul, sua evolução histórica*. Campo Grande/MS: Editora UCDB, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. @ Cidades Mato Grosso do Sul Aquidauana. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aquidauana/historico>. Acesso em: 27 mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Vocabulário Básico de recursos naturais e meio ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv4730.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri *et. al.* *Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS*. Campo Grande: UFMS, 2011 (inédito). v. 1.

MAEDA, Raimunda Madalena. *A contribuição dos Apelidos e Alcunhas para formação do léxico de Mato Grosso do Sul: Microrregião Pantanaís*. 2000. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2000.

MELLO, Raul Silveira de. *Para além dos bandeirantes*. São Paulo: Biblioteca do Exército – editora, 1968. v. 67. Coleção General Benício.

PROENÇA, Augusto César. *PANTANAL: Gente, Tradição e História*. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 1997.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Joaquim Murtinho, banqueiro: notas sobre a experiência do Banco Rio e Mato Grosso (1891-1902). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 125-146, jan./jun. 2010.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.

SANT'ANNA NETO, João Lima, VESENTINI, José William. *O Pantanal*. São Paulo: Ática, 1992.

SAPIR, Edward. *A Linguística como Ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SCHNEIDER, Marlene. *Um olhar sobre os caminhos do Pantanal sul-mato-grossense: a toponímia dos elementos físicos*. 2002. 168f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2002.

SILVA, João dos Santos Vila da; ABDON, Myrian de Moura. Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões. *Pesquisa Agropecuária Brasileira* - EMBRAPA, Brasília/DF, v. 33, p. 1675-1813, 1998.

TAVARES, Marilze. *Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*. 2004. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2004.



A TOPONÍMIA COMO EXPRESSÃO DO AMBIENTE FÍSICO: UM OLHAR SOBRE A INFLUÊNCIA DO BIOMA CERRADO

Suely Aparecida Cazarotto

INTRODUÇÃO

A necessidade de organização motivou a nomeação dos lugares, das pessoas e de todas as coisas que rodeiam o homem. Os nomes utilizados na denominação dos ambientes físico e social, por exemplo, revelam a visão de mundo de uma coletividade e merecem uma atenção particular, porque é por meio deles que o homem identifica os elementos da realidade que o cerca e, ao nomear, atribui significação ao seu mundo. Com isso, ‘conhecer’ e ‘denominar’ se posicionam numa relação operacional, cuja representatividade resulta em “ser imprescindível que el mundo esterno pase a ser íntimo para poder ser denominado posteriormente” (DE LA LASTRA; GARCÍA VIVES *apud* DICK, 1990, p. 31).

Assim, o estudo do léxico de uma comunidade de falantes pode fornecer elementos para a leitura da sociedade, pois investigar uma língua é também investigar tendências reveladas pelos diferentes momentos históricos que são consubstanciados, em especial, no léxico que, conseqüentemente, pode evidenciar

as expectativas e o pensamento de um grupo social inserido em um ambiente físico num dado momento da história. Ou seja, o estudo da língua de um grupo possibilita, também, o estudo da cultura local e a compreensão da relação do homem com o mundo que o cerca.

Nessa perspectiva, pode-se entender o léxico como revelador de aspectos da identidade de um grupo e, por essa razão, ocupa um lugar de destaque na cultura. Como argumenta Biderman (1998, p. 91-92),

[...] o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Do ato de nomear, realizado pelo homem, obtém-se o produto da nomeação, o nome, que é objeto de estudo da Onomástica – ciência que estuda os nomes próprios em geral e tem como duas áreas principais de investigação a Antroponímia (estudo dos nomes próprios de pessoas) e a Toponímia (estudo dos nomes próprios de lugares) (DICK, 1980, p. 288).

Os estudos toponímicos mostram que a “nomeação dos lugares sempre foi atividade exercida pelo homem” (DICK, 1990, p. 5) e é notório como o nome de um lugar expressa a manifestação de um povo, de uma memória, de fatores geográficos e históricos. Assim, o sentido dos denominativos – a motivação evocada pelo nome – é o ponto de partida para investigações, quando se procura recuperar e compreender a mentalidade do denominador no momento do batismo do lugar. E mais, conforme a época ou período em que ocorreu esse “batismo” é possível

recuperar tendências culturais distintas incorporadas nas manifestações linguísticas.

A Toponímia é “uma disciplina completa e acabada, com seu campo de estudos específicos (o topônimo) e um método próprio de trabalho (o da investigação científica)” (DICK, 1990, p. 11), e tem como característica a abordagem interdisciplinar porque incorpora aspectos da Geografia, da História, da Antropologia, dentre outras, para subsidiar a interpretação dos topônimos.

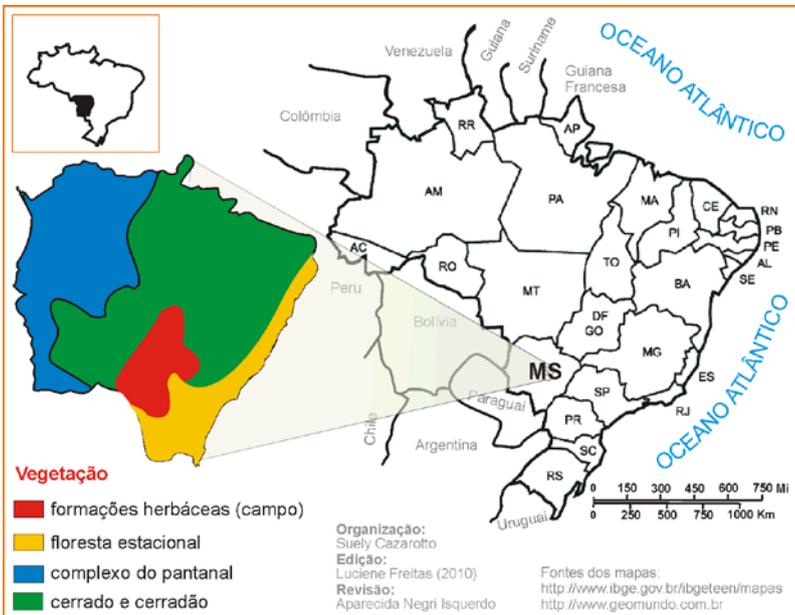
Este estudo analisa a questão da presença de elementos da fauna e da flora do bioma Cerrado na toponímia sul-mato-grossense e a sua possível relação com as características ambientais do espaço investigado.

1. MATO GROSSO DO SUL: CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS

Mato Grosso do Sul possui uma vegetação exuberante em decorrência da formação florística da região que é beneficiada por uma extensa rede hidrográfica – o Estado é banhado a leste pelo rio Paraná e seus afluentes (rios Sucuriú, Verde, Pardo e Ivinhema); a oeste, pelo rio Paraguai e também seus afluentes mais importantes (rios Taquari, Aquidauana e Miranda) e, ainda, pelo rio Paraguai escoam as águas da planície do Pantanal e terrenos periféricos.

A vegetação do Mato Grosso do Sul, de acordo com estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE¹, é marcada pela presença de quatro formações vegetais: a) floresta estacional subcaducifólia tropical – floresta tropical; b) cerrado; c) campo e d) complexo do Pantanal, que podem ser visualizadas na Figura 1, a seguir.

¹ Geografia do Brasil – Região Centro-Oeste - vol. 4, 1977.

Figura 1: Vegetação do estado de Mato Grosso do Sul

Fonte: Cazarotto (2010, p. 30).

Esse mapa das formações vegetacionais do estado de Mato Grosso do Sul identifica o bioma Cerrado como o mais representativo dentre os quatro particularizados na sua fitogeografia, dado que essa é a formação vegetal que recobre a maior parte de seu território.

A par da flora, a fauna, conjunto de animais que faz parte do bioma do Cerrado, é singular e abriga grande contingente de espécies, desde mamíferos até insetos. Fazem parte da fauna do Cerrado a 'savana brasileira', antas, gambás, lontras, capivaras, tatus, tamanduás-bandeira, preguiça, onças-pintadas, para citar algumas espécies. Os pássaros mais conhecidos são tucanos, urubus, garças, águias, beija-flores e canários. E, também, conta com a presença de peixes como lambaris, piabas, bagres, piranhas e dourados. O próximo item focaliza, mais particularmente, a flora e a fauna do Cerrado, tendo em vista os objetivos deste estudo.

2. BIOMA CERRADO: UM OLHAR PARA A FLORA E A FAUNA

O Cerrado é o segundo maior bioma do Brasil e ocupa principalmente a região mais central do território brasileiro. Trata-se de uma das savanas de maior biodiversidade do planeta e com grande concentração de espécies endêmicas. É caracterizado por uma vegetação tipo savana, subclassificada em cerradão (maior porte arbóreo), cerrado, campo sujo e campo limpo, entremeados por matas de galerias, florestas estacionais, campos rupestres e veredas de buritis. O Cerrado possui grande diversidade biológica e presta serviços ambientais na regulação do ciclo hidrológico, já que as cabeceiras das principais bacias hidrográficas do Brasil (Araguaia, Tocantins, Xingu, Tapajós, Paraguai e São Francisco) estão situadas nesse bioma².

Estudo realizado por Pagotto e Souza (2006, p. 18) atesta que o Brasil é o país que apresenta uma das maiores biodiversidades do mundo, “com cerca de 10% de todas as espécies do planeta” e, ainda, que “existem atualmente cerca de 15 milhões de espécies, 1,5 milhão estão representadas na biodiversidade brasileira, sendo o bioma Cerrado um dos mais significativos”. Por sua vez, Mantovani e Pereira (1998, p. 1455) acrescentam que

[...] o Cerrado ocupa aproximadamente 1,8 milhões de quilômetros quadrados, cerca de 25% do território nacional, e abriga uma grande diversidade biológica. [...] Abrange o Planalto Central e cobre grande parte dos Estados de Tocantins, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Maranhão e Piauí, e partes menores dos Estados de São Paulo, Bahia, Pará, Paraná, Sergipe, Amazonas, Roraima, Amapá e Rondônia.

E considere-se, ainda, que o Cerrado é a formação vegetal que melhor marca e individualiza o estado de Mato Grosso do Sul do ponto de vista fitogeográfico.

² O BIOMA CERRADO – Serviço Nacional de Informações Florestais/Serviço Florestal Brasileiro. Disponível em: <http://snif.florestal.gov.br/pt-br/os-biomas-e-suas-florestas>. Acesso em: 22 mar. 2019.

2.1 A flora

Uma grande variedade de plantas do Cerrado é usada pela população: mais de 220 espécies têm uso medicinal e cerca de 400 podem ser usadas na recuperação de solos degradados, como barreiras contra o vento, proteção contra a erosão, ou para criar habitat de predadores naturais de pragas. Mais 10 tipos de frutos comestíveis são regularmente consumidos pela população local e vendidos nos centros urbanos, como os frutos do pequi, do buriti, da mangabeira e as sementes do baru. Muitas dessas plantas servem como base para a alimentação humana, entre elas, o pequi, o baru, a cagaita, o jatobá, e para a preparação de medicamentos, como o velame, a lobeira, a calunga, o barbatimão e uma infinidade de plantas usadas ancestralmente pelas populações do Cerrado. O conhecimento dessas comunidades, associado ao uso e à aplicação das plantas medicinais do Cerrado, também se constitui em um patrimônio cultural imaterial de grande importância³.

Há também, no Cerrado, considerável variedade botânica, merecendo destaque as seguintes espécies arbóreas: lixeira, pau-terra, pequi, pau-de-colher-de-vaqueiro, pau-de-santo, barbatimão, quineira branca e mangabeira (IBGE, 1977, p. 70). O Cerrado ainda compreende diversos tipos de cactos, orquídeas e bromélias, além de espécies como ipê amarelo, babaçu, buriti, calunga, guariroba, sucupira, catuaba, indaiá, macaúba, araçá, jabuticaba, jatobá, pequi, ingá, aroeira-branca, angico, cedro-rosa, quaresmeira roxa, assa-peixe, barbatimão, dentre outras. Debaxo dessas árvores, crescem também diferentes tipos de capim, como o capim-flecha, e mais, onde corre um rio ou um córrego, encontram-se as matas ciliares, ou matas de galeria, que são densas florestas estreitas de árvores maiores que margeiam os cursos d'água e, nos brejos, próximo a esses cursos d'água ou

³ Fauna e flora do Cerrado. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/biomas/cerrado/fauna-e-flora.html>. Acesso em: 02 mar. 2020 .

próximo às nascentes, o buriti domina a paisagem e forma as “veredas de buriti” ou “buritizais”⁴.

É importante ressaltar que, de acordo com estudo realizado pelo biólogo e botânico Fernando Tatagiba⁵, no bioma Cerrado, o buriti é a espécie que caracteriza as veredas e marca a fitofisionomia da região além de ser considerada “a palmeira mais abundante do País”.

Além dos recursos florísticos e hídricos, o Cerrado também abriga uma rica fauna, dado que as características desse bioma são, também, ideais para a vida animal, como atestam Pagotto e Souza (2006, p. 19): “por apresentar formas fisionômicas contrastantes e, por isso, de variação significativa, o Cerrado também está diretamente ligado à manutenção de sua fauna, apresentando locais que podem ser importantes corredores de biodiversidade”.

2.2 A fauna

A fauna do bioma Cerrado é muito rica dada à heterogeneidade de ambientes que o caracteriza: há cerca de 320.000 espécies de animais na região. Dessas, apenas 0,6% são formadas por animais vertebrados, como mamíferos, aves, peixes. Entre os animais invertebrados, os insetos têm posição de destaque com cerca de 90.000 espécies, representando 28% de toda a biota⁶ do Cerrado.

⁴ BIOMA CERRADO. Disponível em: <http://www.ibram.df.gov.br/bioma-cerrado>. Acesso em: 22 abr. 2020.

⁵ TATAGIBA, Fernando. Plantas do cerrado: Buriti. *Biólogo*, [S.l.], 2006. Disponível em: <http://www.biologo.com.br/plantas/cerrado/buriti.html>. Acesso em: 22 mai. 2019.

⁶ “Biota é o conjunto de seres vivos, flora e fauna, que habitam ou habitavam um determinado ambiente geológico, como, por exemplo, biota marinha e biota terrestre, ou, mais especificamente, biota lagunar, biota estuarina, biota bentônica...”. GLOSSÁRIO GEOLÓGICO ILUSTRADO. Biota. Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/biota.htm>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Algumas espécies de animais são consideradas características do Cerrado: a) aves: andorinha, andorinhão, beija-flor, curiangó, urutau, quero-quero, curicaca, rolinha, pomba-de-bando, anu-preto/branco, gavião-caboclo, caracará, urubu-caçador/rei, seriema, gralha-do-cerrado, arapacu-do-cerrado, papa-capim, curió, bicudo, azulão, canário-da-terra, coleirinha, tisiu, joão-de-barro, pássaro-preto, chupim, sabiá-laranjeira, sabiapoca, siriri, bem-te-vi, tesourinha, chanchã, pica-pau, papagaio, tucanuçu, arara-canindé, periquito-rei, maitaca, ema, coruja-buraqueira, codorna, perdiz; b) mamíferos: veado-mateiro/campeiro, catingueiro, lobo-guará, cachorro-do-mato-vinagre, suçuarana, jaguarundi, onça-pintada, cangambá, jaritataca, morcego, tatu-galinha/peba/canastra, tamanduá-bandeira/mirim, tapiti, musaranha, cuíca, anta, sagui, paca, preá, cutia, ouriço-caxeiro, coandu; c) répteis: jabuti, cobra-de-duas-cabeças, jiboia, falsa-coral, caninana, urutu-cruzeiro, jararaca, cascavel, cobra-coral-venenosa, calango, teiú⁷.

Na sequência examinam-se os elementos da flora e da fauna do Cerrado que foram alçados à categoria de topônimos no estado de Mato Grosso do Sul.

3. ELEMENTOS DA FLORA⁸ E DA FAUNA DO CERRADO NA TOPONÍMIA SUL-MATO-GROSSENSE

Neste texto são analisados topônimos que integram a toponímia sul-mato-grossense que são homônimos de espécies da flora e da fauna representativas desse bioma. A presença de elementos florísticos como nomes de acidentes geográficos indica, na maioria das vezes, que esses topônimos se relacionam com a quantidade abundante da flora regional que existe/existiu no

⁷ CERRADO. Fauna e Flora. Disponível em: http://www.portalbrasil.net/cerrado_faunaeflora.htm. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁸ Em razão de o texto *Fitotopônimos: influência da vegetação no processo de nomeação*, que integra esta publicação, discutir a fitotoponímia de Mato Grosso do Sul, neste texto, são traçadas somente breves considerações acerca dos fitotopônimos formados com nomes de plantas do Cerrado.

ambiente ou, ainda, pela presença significativa de alguma espécie que serve/serviu de ponto de referência de determinado espaço (ISQUERDO, 1997, p. 38).

Os fitotopônimos com maior índice de ocorrência na toponímia sul-mato-grossense foram *Buriti* (e variantes) (58), *Indaiá* (30), *Mimoso* (capim) (24), *Pindaíba* (24) *Taquaruçu* (22) e *Sapé* (21). Além desses também foram incorporados à toponímia de Mato Grosso do Sul outros 32 fitotopônimos formados com nomes de plantas do Cerrado: *Mangabeira* (10), *Peúva* (06), *Pequi* (05), *Lixeira/Lixa* (04), *Barbatimão* (03), *Pau-terra* (02), *Araçá* (01) e *Quineira/Quina* (01), sobre os quais serão traçadas considerações, obedecendo-se, para tanto, à ordem alfabética desses nomes.

O topônimo *Araçatuba* (neste estudo, *Araçá*), de origem tupi, “*araçá-tyba*, o sítio dos araçás, onde há araçás em abundância” (SAMPAIO, 1987, p. 156), nomeia um acidente físico no Mato Grosso do Sul. A araçatuba é uma espécie de planta brasileira que cresce preferencialmente nos campos, em lugares úmidos, como nas proximidades dos rios, riachos e lagoas. Arbusto quase árvore, dá madeira de boa qualidade, fortemente impregnada de tanino substância utilizada para curtir couros e peles, com fruto largamente utilizado para a preparação de doces, geleias e refrigerantes (CRUZ, 1985).

Já o topônimo *Barbatimão*, de base portuguesa, nomeia três acidentes físicos sul-mato-grossenses. É uma espécie de árvore pequena, de madeira rubra, de consistência dura e de excelente qualidade, servindo, além de outras aplicações, para obras que ficam expostas às intempéries e a lugares úmidos. O barbatimão é um vegetal muito rico em substância taninosa, chegando a encerrar 50% de tanino. A sua casca, além de ser rica em tanino, fornece matéria corante, de cor avermelhada, muito aproveitada para a fabricação de tinta de escrever (CRUZ, 1985).

Ferreira (2004) traz como sinônimos da unidade léxica barbatimão as seguintes formas: barba-de-timão, ibatimô, uabatimô

e remete ao verbete *caroba* que, de acordo com Sampaio (1987, p. 184), vem do tupi: “*caá-roba*, a folha ou planta amarga”.

A palmeira *buriti*⁹, cujo nome é de origem tupi, “*Burity*, *Mbiriti*, árvore que emite líquido; a palmeira” (SAMPAIO, 1987, p. 171), é o elemento vegetal mais produtivo como designativo de lugares na toponímia sul-mato-grossense, nomeando dois acidentes humanos e trinta e cinco acidentes físicos no Estado. Além da forma simples, *Buriti*, foram documentados topônimos compostos com a unidade lexical *buriti* como um dos componentes: *Buriti 1*; *Buriti 2*; *Buriti, do*; *Buriti de Baixo*; *Buriti de Cima*; *Buriti do Cervo*; *Buriti Preto*; *Buriti Vermelho*; *Buritizedal*; *Buritizedal, do*; *Buritizedinho*.

O topônimo *Lixa*, de base linguística portuguesa, também nomeia acidentes físicos de Mato Grosso do Sul e é homônimo da espécie vegetal: “árvore com ramos terminais angulosos e verrucosos, ramos laterais cilíndricos e folhas ovais, ásperas” (CORRÊA, 1984). No Sistema de Dados do ATEMS (2011) não há ocorrência de topônimo formado com o item lexical *lixreira*, apenas com *lixa*, que nomeia quatro acidentes físicos no Estado: um córrego em Alcinópolis, em Anastácio e em Coxim; uma cabeceira em Coxim.

Houaiss (2007) define *lixa* como “árvore [...] de folhas ovais que, por sua aspereza, são usadas para lixar [...]; embaubarana, imbaubarana”. Já Ferreira (2004) não contempla *lixa* como verbete na acepção de planta, mas, no verbete *lixreira* remete a sambaíba-de-minas-gerais, definindo esse item lexical como “árvore da família das dileniáceas [...], dispersa por todos os campos cerrados, que se caracteriza pelas amplas folhas, ásperas como lixa. Flores e frutos pequeninos. A casca serve para curtir couro, as folhas são empregadas para lixar madeira, e a madeira é usada

⁹ O nome *Buriti*, por ter sido o mais produtivo na fitotoponímia de Mato Grosso do Sul, foi objeto de análise no texto *Fitotopônimos: influência da vegetação no processo de nomeação*, que integra esta obra. A produtividade do topônimo *buriti* nos municípios sul-mato-grossenses está representada na Figura 2, que integra o referido texto (Anexo B, p. 89).

em carpintaria, marcenaria e obras internas". Tavares (2005, p. 89), por seu turno, informa que "essa árvore é muito conhecida em Mato Grosso do Sul pela sua variante lixeira e assume papel especial em algumas comunidades do estado".

Já o topônimo *Mangaba*, de origem tupi, nomeia três acidentes físicos sul-mato-grossenses. Esse termo designa o fruto da mangabeira, "com aproximadamente 5 cm de diâmetro, na forma de maçã" (CORRÊA, 1984), e a forma "*mongaba*, o grude, o visco; alusão ao látex abundante da planta deste nome [...]" (SAMPAIO, 1987, p. 260). Ainda foram identificados outros topônimos formados a partir do item léxico *mangaba* e variantes: *Mangaba, da; Mangabal, Mangabeira, Mangava, da e Mangaval*.

O item lexical *pau-terra*, por seu turno, tem origem portuguesa e, na toponímia sul-mato-grossense, nomeia um acidente físico. O pau-terra é uma espécie de árvore que fornece madeira indicada para construção de canoas, obras internas, carpintaria e caixotaria. A casca e frutos fornecem substância tintorial (CORRÊA, 1984).

Outro topônimo em destaque é *Pequi*, de origem tupi, "*Piquí, py-quí*, a casca áspera, espinhenta" (SAMPAIO, 1987, p. 289), que nomeia um córrego no município de Corguinho. Já a variante *Piqui* é nome de um acidente humano e de três físicos. O termo *pequi* dá nome ao fruto do pequizeiro, arbusto que mede de 4-5 m de altura, de ramos revestidos de pêlos curtos e folhas de configuração mais ou menos oval, aveludadas e macias. O fruto é do tamanho de uma laranja grande e envolve a conhecida e apreciada amêndoa situada na parte central, envolta em numerosos espinhos, sendo estes recobertos por uma substância carnosa, pouco espessa, amarelada, de agradável sabor e muito aromática. Essa planta dá flores de cor branca, cascas e folhas adstringentes e frutos comestíveis (CRUZ, 1985).

O topônimo *Piúva*, do tupi, "*ipeúva, ipê-yba*, a árvore da casca, a casquenta. Alt. *Ipeiba, Ipeúba, Peúba, Piuva*" (SAMPAIO, 1987, p. 226), nomeia um acidente humano e três acidentes físi-

cos na toponímia sul-mato-grossense, enquanto *Pindaíba* – e suas variantes *Pindaíba, da, Pindaibão, Pindaíva* e *Pindaivinha* – denominam 16 acidentes físicos de Mato Grosso do Sul. O item lexical *pindaíba* também é de origem tupi, “*Pindahyba, pindá-yba*, a vara do anzol, a cana do anzol. Pode provir ainda de *pindá-ayba* e significar o anzol ruim [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 288). Nomeia dois tipos de árvores: um arbusto de galhos flexíveis, casca escura, folhas grandes, fruto cápsula, oval e chato, que dá pelo tronco em faixas e tem uma semente; e a outra, uma árvore de folhas alternas, inteiras, pequenas, pilosas, flores pálidas que fornece madeira para obras internas e carpintaria. A casca fornece material para cordoaria (CORRÊA, 1984).

Já *Quina*, nome de base portuguesa, dá nome a um acidente físico no Mato Grosso do Sul e no vocabulário comum designa uma espécie vegetal, também nomeada de quina, quineira ou quina-verdadeira, um tipo de árvore de grande porte, originária do Peru e da Colômbia que foi introduzida no Brasil há mais de um século e cuja cultura foi estimulada pelos poderes públicos, dada a grande importância da substância fornecida por essa planta para o tratamento da Malária, moléstia que antes da descoberta da América não tinha possibilidade de cura e que, com a quina e seu alcalóide quinino, entrou em fase de erradicação, até então considerada impossível. É da casca da quineira que se extrai o quinino (CORRÊA, 1984).

Percebe-se, pelo exame dos fitotopônimos citados, que a diversidade, a utilidade e a beleza das espécies florísticas de um território servem de motivação para o homem no ato da denominação e, ainda, por se tratar de uma das principais riquezas disponíveis para o homem como garantia de sobrevivência, a flora é valorizada pela toponímia.

E, assim como os vegetais, os animais exercem fascínio sobre homem no ato de nomeação de elementos que compõem o seu ambiente e, assim, a par dos fitotopônimos situam-se os zootopônimos, ou seja, topônimos de índole animal. Conforme Dick (1990, p. 256), um zootopônimo “dificilmente estaria des-

vinculado da existência real da espécie, na localidade” e, portanto, “o processo denominativo [...] estaria, assim, em estreita aproximação ao meio geográfico, desde que cada habitat possui uma ‘comunidade animal ou florística peculiar’”.

Dentre os zootopônimos armazenados no Sistema de Dados do ATEMS (2011), cinco se sobressaem na toponímia sul-mato-grossense, nomeando 192 elementos geográficos: *Sucuri* (47), *Onça* (43), *Cervo* (39), *Queixada* (33) e *Anta* (30) e, desses cinco animais que “emprestam” seus nomes para o “batismo” de acidentes geográficos, três – a onça, o cervo e a anta – são típicos do bioma Cerrado¹⁰.

Ainda que o Cerrado conte com uma considerável população de répteis em seu domínio, a *sucuri*, zootopônimo mais produtivo na toponímia de Mato Grosso do Sul, não é mencionada como característica desse bioma, nas fontes consultadas para este estudo.

O topônimo *Onça*, por sua vez, obteve a segunda colocação entre os zootopônimos mais produtivos no Estado. Por sua vez, a unidade lexical *jaguari*, de origem tupi, “Jaguari: *yaguár-y*, o rio da onça” (SAMPAIO, 1987, p. 266), refere-se a uma espécie de onça, portanto, animal típico do Cerrado. O zootopônimo *Jaguari* teve cinco ocorrências em Mato Grosso do Sul, como nomes de acidentes físicos. Além disso, há o registro de *Jaraguari* e *Jaraguari Velho* que nomeiam, respectivamente, um município e um lugar situado nesse mesmo município¹¹.

Já o topônimo *Cervo*, terceiro colocado entre os zootopônimos sul-mato-grossenses, faz referência ao maior veado da América do Sul, que vive nas regiões pantanosas e ao longo das bordas das florestas do Brasil, Uruguai, Paraguai e Guianas. Na

¹⁰ O texto *Zootopônimos: a fauna e seu reflexo na toponímia de Mato Grosso do Sul*, assinado por Renato Rodrigues Pereira, parte desta publicação, discute a zootoponímia em território sul-mato-grossense.

¹¹ *Jaguari* foi considerado variante de *jaguary*: “*yaguar-y*, o rio da onça” (SAMPAIO, 1987, p. 266).

toponímia sul-mato-grossense o topônimo *Cervo* nomeia 39 acidentes geográficos.

O topônimo *Anta*, que ocupou o quinto lugar entre os zootopônimos de Mato Grosso do Sul, incorpora o nome de um mamífero terrestre, o maior da América do Sul (mede até dois metros de comprimento e um de altura e pode pesar até 300 kg). A “anta brasileira”, aqui descrita, é encontrada em toda a América do Sul, exceto no Chile e no Uruguai. No Brasil, são encontradas sobretudo nas áreas próximas aos rios Paraná e Paraguai, na bacia do rio da Prata e na bacia do rio Amazonas.

A presença de nomes de elementos da fauna do Cerrado, recuperados pela toponímia sul-mato-grossense, confirma, mais uma vez, a relação entre a toponímia e meio ambiente físico manifestada na nomeação dos lugares e, conseqüentemente, a importância da toponímia na perpetuação de nomes de espécimes naturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da fauna e da flora de uma determinada localidade pode ser aferida por meio de topônimos que fazem referência aos elementos naturais encontrados nesse ambiente. No estado de Mato Grosso do Sul, faixa do território brasileiro com uma vegetação privilegiada, recoberta em sua maior parte pelo bioma Cerrado com sua riqueza exuberante em termos de flora e de fauna, além de recursos hídricos de grande expressão em seus domínios. Nesse cenário, o Projeto ATEMS tem atestado a influência do bioma Cerrado na nomeação de acidentes físicos e humanos do Estado, tendência confirmada pela expressiva presença de fitotopônimos e de zootopônimos destacados ao longo deste texto, além dos hidrotopônimos¹², taxionomia também dis-

¹² “Topônimos revestidos de natureza hidronímica, [...], vincula-se à importância dos cursos d’água para as condições humanas de vida” (DICK, 1990, p. 196).

cutida nesta obra¹³, o que ratifica a grande contribuição que a natureza oferece ao homem, também como fonte de inspiração para a nomeação de acidentes geográficos.

Por fim, deve-se considerar o fato de que, no ato da denominação, “a escolha de um nome dificilmente comporta a marca da impessoalidade, traduzida por algo aleatório ao ato denominativo em si mesmo” (DICK, 1990, p. 370). Assim, é compreensível a presença de nomes de plantas e de animais do bioma Cerrado na toponímia de todo o território sul-mato-grossense.

REFERÊNCIAS

- ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – UFMS. *Sistema de Dados do Projeto ATEMS*. Campo Grande: UFMS, 2011 (acesso restrito).
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, p. 81-18, 1998.
- CAZAROTTO, Suely Aparecida. *Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses: uma proposta*. 2010. 321 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.
- CORRÊA, Manuel Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, 1984.
- CRUZ, Gilberto Luiz da. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Características do signo toponímico. *Separata da Revista Língua e Literatura*, FFLCH/USP, São Paulo, n. 9, p. 287 -293, 1980.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI – Versão 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

¹³ Cf. o texto *Os hidrotopônimos de Mato Grosso do Sul: o que os dados do ATEMS revelam*, assinado por Carla Regina de Souza Figueiredo, capítulo 3 desta .

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Departamento de Estudos Geográficos e Sócio-Econômicos – Departamento de Geografia. *Geografia do Brasil – Região Centro-Oeste* – v. 4. Rio de Janeiro: Editora IBGE, 1977.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia como signo de representação de uma realidade. *Fronteiras* – Revista de História, Campo Grande/MS, v. 1, n. 2, p. 27-46, jul./dez. 1997.

ISQUERDO, Aparecida Negri et. al. *Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS*. Vol. 1. Campo Grande/MS: UFMS, 2011 (inédito).

MANTOVANI, José Eduardo; PEREIRA, Alfredo. Estimativa da integridade da cobertura vegetal de cerrado através de dados TM/Landsat. In: *Anais do IX Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*. Santos: INPE, 1998, p. 1455-1466.

PAGOTTO, Teresa Cristina Stocco; SOUZA, Paulo Roberto de. *Biodiversidade do Complexo Aporé-Sucuriú*. Subsídios à conservação e manejo do bioma Cerrado. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2006.

SAMPAIO, T. *O Tupi na Geografia Nacional*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1987.

TAVARES, Marineide Cassuci. *Estudo toponímico da região Centro-Norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história*. 2005. 238f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2005.

Sites consultados:

CERRADO: fauna e flora. Disponível em: http://www.portalbrasil.net/cerrado_faunaeflora.htm. Acesso em: 22 abr. 2020.

FAUNA E FLORA DO CERRADO - Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomas/cerrado/fauna-e-flora>. Acesso em: 22 mar. 2020.

GLOSSÁRIO GEOLÓGICO ILUSTRADO. Biota. Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/biota.htm>. Acesso em: 20 abr. 2020.

O BIOMA CERRADO – Serviço Nacional de Informações Florestais/ Serviço Florestal Brasileiro. Disponível em: <http://snif.florestal.gov.br/pt-br/os-biomas-e-suas-florestas>. Acesso em: 22 mar. 2020.

PLANTAS DO CERRADO – Disponível em: <http://www.ibram.df.gov.br/bioma-cerrado>. Acesso em: 22 abr. 2020 .

TATAGIBA, Fernando. Plantas do cerrado: Buriti. *Biólogo*, [S.l.], 2006. Disponível em: <http://www.biologo.com.br/plantas/cerrado/buriti.html>. Acesso em: 22 mai. 2019.



PADRÕES TOPONÍMICOS DE BASE INDÍGENA EM MATO GROSSO DO SUL

Marilze Tavares

INTRODUÇÃO

Discutir toponímia no Brasil é discutir também a miscigenação étnica e linguística presente na constituição do povo e da cultura brasileiros. Não só o Brasil, mas todos os países da América do Sul possuem essa rica herança cultural e linguística, uma vez que tanto os colonizadores espanhóis quanto os portugueses aprenderam e utilizaram, como meio de comunicação, as línguas dos autóctones.

Os reflexos das línguas indígenas podem ser observados facilmente quando se examina o léxico da língua portuguesa, e, quando se trata de unidades lexicais enriquecidas de função toponímica, a influência das línguas indígenas (em uso ou não) pode ser observada ainda mais evidentemente. Nesse contexto, destaca-se a língua Tupi que está presente na nomeação dos elementos físicos e humanos em vários países da América do Sul e em todos os estados brasileiros.

Mais especificamente sobre a toponímia brasileira, Sampaio (1987, p. 68-69) lembra que o Tupi se espalhou por uma grande superfície do país não pela força da própria raça indígena, mas, sobretudo, em razão das expedições dos colonizadores europeus,

que adentravam os sertões e difundiam o idioma que também era chamado de *língua geral*. Assim, no período colonial, o português era a língua oficial no Brasil, mas era o Tupi o idioma mais usado neste território. No que se refere às denominações geográficas, o tupinólogo acrescenta que, mesmo em regiões que nunca haviam sido habitadas por uma tribo da etnia Tupi, esse idioma prevaleceu.

Neste trabalho, apresentam-se considerações quantitativas e qualitativas acerca de um conjunto de topônimos de origem indígenas de Mato Grosso Sul. Os dados foram coletados pela equipe de pesquisadores do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul e encontram-se registrados no Sistema de Dados do referido Projeto.

1. DIFICULDADES EM SE TRABALHAR COM TOPONÍMIA INDÍGENA

O trabalho com topônimos indígenas, se por um lado se mostra instigante e enriquecedor, uma vez que auxilia na recuperação da história e do modo de vida de alguns grupos, por outro lado se constitui, quase sempre, um desafio para pesquisadores da toponímia. Recuperar a origem e o significado dos nomes, por exemplo, em alguns casos, é uma tarefa difícil porque nem sempre o registro nas fontes, geralmente mapas, é feito de acordo com a grafia adequada ou convencional da língua de origem. As palavras, talvez em razão de discrepâncias quanto à pronúncia, foram e vão sendo modificadas com o passar do tempo, e isso somado ao distanciamento dos falantes nativos acaba por inviabilizar a recuperação de sua origem.

Na toponímia sul-mato-grossense, por exemplo, uma das dificuldades – dada à existência de poucas fontes bibliográficas realmente seguras – é indicar como origem a língua Tupi ou a língua Guarani. Sampaio (1987), referindo-se aos estudos de Couto de Magalhães, discute as diferenças e as semelhanças entre essas línguas:

O tupi e o guarani entendem muitos por línguas diferentes e são apenas irmãs diferenciadas por influência dialetal.

É o guarani, ou o tupi falado no Paraguai, o que entre os índios dessa parte do continente se chama de **abanhehen**, *língua de gente*. O tupi falado no Amazonas é, porém, conhecido por **nhehen-gatu**, isto é, *língua boa*.

Observa o general Couto de Magalhães que a diferença entre elas é a mesma que se nota entre paulistas e mineiros falando o português.

Parece-nos, entretanto, que a diferença é um pouco mais acentuada, como já o fizera sentir o mesmo autor citado, no seu “Estudo Antropológico” [...] onde, tratando do tupi e do guarani, compara-os, no grau de semelhança, ao português e ao castelhano. São, de fato, o tupi e o guarani [...] a mesma língua em período diverso: o tupi, num período mais primitivo, quase monossilábico, conservando com escrúpulos as raízes com que formou a aglutinação; o guarani, em um período mais desenvolvido, aquele em que a raiz monossilábica, perde a significação para abandoná-la ao vocábulo aglutinado. Portanto, conclui o autor citado, o tupi é fonte e, por isso denominado o grupo com o nome tupi (SAMPAIO, 1987, p. 75) (Destaques do autor).

Em nota de rodapé na mesma página, entretanto, o autor procura esclarecer que o “guarani e o tupi são dois ramos de um tronco comum desconhecido, de uma língua-mãe hipotética, que poderemos chamar tupi-guarani” (SAMPAIO, 1987, p. 75).

Para se tentar compreender melhor a questão das semelhanças e das diferenças entre a língua Tupi e a língua Guarani, reportou-se também aos estudos de Aryon Rodrigues. Em seu artigo *A originalidade das línguas indígenas brasileiras* ([1999] 2017)¹, o autor lembra que, apesar de muitos brasileiros não terem a consciência

¹ Conferência proferida por ocasião da inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999. O texto foi publicado na Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 9, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/19521/18058>. Acesso em: 29 mar. 2020.

de que vivem em um país multilíngue, são aprendidas no Brasil como maternas cerca de 200 línguas. De fato, o português é a língua majoritária, mas fala-se no país, por exemplo, o japonês, algumas línguas asiáticas e algumas europeias, além das 180 línguas indígenas. Há, segundo o autor, grande diversidade de línguas indígenas do Brasil, tanto no que se refere à natureza *tipológica* como no que diz respeito à natureza *genética*. Considerando o ponto de vista *tipológico*,

[...] há tanto línguas de gramática predominantemente analítica, quanto outras fortemente polissintéticas, com características que só se encontram nas Américas; tanto línguas com inventários fonológicos abundantes, como outras com um número extremamente reduzido de vogais e consoantes [...] (RODRIGUES, 2017 [1999], p. 187).

Já quanto à diversidade *genética*, as 180 línguas indígenas se distribuem por pouco mais de 40 conjuntos, chamados de famílias linguísticas. Como esclarece o pesquisador, dez desses conjuntos constam hoje de uma só língua e o número de línguas nas outras famílias varia de duas a trinta, sendo a família denominada Tupi-guarani a que abarca o maior número de línguas e a que mais está distribuída pelo Brasil. Dez dessas famílias linguísticas, incluindo a Tupi-guarani, guardam entre si uma relação de parentesco genético, “constituindo um conjunto de conjuntos, a que se chama tronco linguístico, nesse caso, o tronco Tupi”. O autor conclui advertindo que existem algumas sugestões sobre outras relações genéticas entre diversas famílias, mas ainda não são confiáveis, por não passarem de especulações (RODRIGUES, 2017 [1999]).

Ao que parece, as explicações de Theodoro Sampaio (1987) e as de Aryon Rodrigues (2017 [1999]), nos textos examinados, diferem um pouco quanto ao emprego dos termos. Para o primeiro, o Tupi e o Guarani são ramos de uma língua que pode ser denominada Tupi-guarani. Para o segundo, Tupi-guarani é a família linguística que, juntamente com outras nove, estão relacionadas ao tronco Tupi. Rodrigues registra ainda que, ao

contrário do que dizem muitos leigos no assunto, Tupi-guarani é uma família linguística e não um idioma.

Apesar dos inúmeros resultados de estudos a respeito das línguas indígenas brasileiras já terem esclarecido muitas questões, atualmente ainda é comum ouvirmos que os indígenas brasileiros falam a língua tupi-guarani. Trata-se de uma generalização inapropriada uma vez que a população indígena do Brasil pertence a diferentes grupos e falam muitas línguas distintas. Rodrigues (1945, p. 333) já havia registrado que, antes da chegada dos colonizadores às Américas, os índios Tupis e os índios Guarani formavam um único grupo, mas, em razão dos processos migratórios e o distanciamento geográfico, a língua que esse grupo falava evoluiu de forma distinta. Assim, do Proto-tupi-guarani surgem o Proto-tupi e o Proto-guarani. O autor esclarece também que, considerando o Tupi e o Guarani,

[...] tem-se que reconhecer, ainda, mais uma divisão em cada um: o *tupi antigo* e o *tupi moderno*, por um lado, e o *guarani antigo* e o *guarani moderno*, por outro lado. O *tupi moderno* – conjunto de dialetos tupis hodiernos – tem o nome especial de *nheengatú* e as tribos que o falam habitam a Amazônia; o *guarani moderno* – conjunto de dialetos guaranis hodiernos – é chamado *avanheém*, sendo falado no sul do Brasil, Paraguai e adjacências (RODRIGUES, 1945, p. 336).

O fato é que a grande maioria dos topônimos de origem indígena inventariada no Sistema de Dados do Projeto ATEMS está registrada nos dicionários de língua Tupi, mas muitos deles também nos de Guarani. Theodoro Sampaio (1987, p. 84) esclarece, por exemplo, que “*Pará* é mar, no guarani; rio caudaloso, em tupi”. Pelas explicações do autor já recuperadas aqui, depreende-se que as diferenças entre as duas línguas, muitas vezes, são tênues. É possível citar o exemplo do que ocorre em *kuruçá*, no Tupi e *kuruçu*, ou *kuruzú* no Guarani que significam “cruz”, em português, ou ainda *abapûera*, em Tupi e *abacuéra*, em Guarani, que são traduzidas como *o homem que já foi, no passado* (SAMPAIO, 1987, p. 84). Além das diferenças serem algumas vezes marcadas por um fonema apenas,

ainda há a questão da pronúncia que se populariza e acaba transformando as unidades lexicais em “verdadeiros enigmas”.

Por esse motivo, no âmbito do Projeto ATEMS, a opção metodológica adotada para a indicação da língua de origem desses topônimos que suscitam dúvidas foi a indicação das duas línguas Tupi/Guarani quando o vocábulo pode ser encontrado em dicionários de Tupi e de Guarani.

Além da complexidade em classificar os topônimos em Tupi ou em Guarani, registra-se, ainda, outra dificuldade no trato dos topônimos indígenas: algumas controvérsias, no que se refere à tradução dos termos. O próprio Sampaio (1987, p. 44) discute essa questão:

Os termos mais simples do idioma brasílico são suscetíveis de controvérsia e a língua mesma dá largas para isso. Veja-se, por exemplo, o nome **igarapé** com que no vale do Amazonas se denomina um pequeno curso d'água ou canal estreito, como um braço entre ilhas.

Os elementos componentes do vocábulo tupi aí estão íntegros e apenas justapostos – **Igara-pé** – e facilmente se traduzem, segundo a regra, *caminho de canoa*. Entretanto, a despeito da facilidade com que esse vocábulo se decompõe e se traduz, não escapa, todavia, à controvérsia (Destaques do autor).

Em face disso, em algumas situações, foi necessário fazer a opção por uma das interpretações possíveis no momento de incluir os topônimos nas categorias toponímicas que tratam da motivação dos nomes. Nesse caso, procurou-se considerar a decisão dos pesquisadores da equipe do ATEMS e registrar a opção feita.

2. ALGUNS NÚMEROS DA TOPONÍMIA INDÍGENA

A herança de línguas indígenas é uma marca muito significativa no panorama toponímico de Mato Grosso do Sul, sobretudo da região sul do Estado. No Sistema de Dados do ATEMS, estão

cadastrados 7.437 topônimos². Desse total, cerca de quase um quinto (1.407 nomes – 18,91%) é de origem indígena ou é formado de nomes com pelo menos um elemento de uma língua indígena.

A seguir, na Tabela 1, apresenta-se a quantidade de topônimos indígenas identificada em cada município. Como exemplos desse tipo de topônimos, citam-se os seguintes: *Jaraguá* (vila em Terenos), *Marabá* (povoado em Coxim), *Piraporã* (distrito em Itaporã), *Caarapó* (município), *Curupai* (córrego em Caracol), *Guaimbé* (Córrego de Ponta Porã), *Nhupeí* (córrego em Tacuru), *Nhum-Verá* (córrego em Coronel Sapucaia).

Ressalta-se que, nas quantidades demonstradas, não estão inclusos os nomes híbridos com formantes de línguas indígenas. Conforme se observa, esses nomes totalizam 1.099, 14,7% do total de topônimos catalogados pelo ATEMS.

Tabela 1: Densidade de topônimos de origem indígena por município

MUNICÍPIO	QUANTIDADES	%
Água Clara	37	3,36
Alcinópolis	22	2,0
Amambai	56	5,09
Anastácio	13	1,18
Anaurilândia	20	1,81
Angélica	9	0,81
Antonio João	6	0,54
Aparecida do Taboado	7	0,63
Aquidauana	19	1,72
Aral Moreira	13	1,18
Bandeirantes	9	0,81
Bataguassu	9	0,81
Bataiporã	7	0,63
Bela Vista	14	1,27
Bodoquena	1	0,09
Bonito	10	0,90

² Dados contabilizados em 2011.

MUNICÍPIO	QUANTIDADES	%
Brasilândia	9	0,81
Caarapó	19	1,72
Camapuã	35	3,18
Campo Grande	17	1,54
Caracol	8	0,72
Cassilândia	20	1,81
Chapadão do Sul	8	0,72
Corguinho	15	1,36
Coronel Sapucaia	10	0,90
Corumbá	54	4,91
Costa Rica	31	2,82
Coxim	09	0,81
Deodápolis	02	0,18
Dois Irmãos do Buriti	11	1,00
Douradina	02	0,18
Dourados	16	1,45
Eldorado	13	1,18
Fátima do Sul	01	0,09
Figueirão	15	1,36
Glória de Dourados	06	0,54
Guia Lopes da Laguna	05	0,45
Iguatemi	33	3,00
Inocência	32	2,91
Itaporã	07	0,63
Itaquiraí	14	1,27
Ivinhema	05	0,45
Japorã	07	0,63
Jaraguari	10	0,90
Jardim	05	0,45
Jateí	10	0,90
Juti	14	1,27
Ladário	03	0,27
Laguna Carapã	14	1,27
Maracaju	18	1,63

MUNICÍPIO	QUANTIDADES	%
Miranda	02	0,18
Mundo Novo	07	0,63
Naviraí	29	2,63
Nioaque	24	2,18
Nova Alvorada do Sul	18	1,63
Nova Andradina	17	1,54
Novo Horizonte do Sul	01	0,09
Paranaíba	34	3,09
Paranhos	14	1,27
Pedro Gomes	12	1,09
Ponta Porã	14	1,27
Porto Murtinho	28	2,54
Ribas do Rio Pardo	32	2,91
Rio Brilhante	11	1,00
Rio Negro	06	0,54
Rio Verde	17	1,54
Rochedo	02	0,18
Santa Rita do Pardo	09	0,81
São Gabriel d'Oeste	14	1,27
Selvíria	14	1,27
Sete Quedas	14	1,27
Sidrolândia	20	1,81
Sonora	07	0,63
Tacuru	16	1,45
Taquarussu	07	0,63
Terenos	11	1,00
Três Lagoas	36	3,27
Vicentina	02	0,18
Total	1.099	100%

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborada pela autora.

A Figura 1 demonstra a produtividade dos topônimos de base indígena nos municípios sul-mato-grossenses, por meio da reprodução do mapa 55 do ATEMS (Anexo A, p. 206).

Outra situação que deve ser mencionada é o fato de os grupos indígenas fixados no Mato Grosso do Sul viverem, em sua maioria, em contato muito constante com a população não indígena, o que levaria a uma influência mútua das línguas envolvidas. E o resultado desse contato pode se refletir também no processo de nomeação dos elementos geográficos. Sapir (1980, p. 153), ao discutir como as línguas exercem influência umas sobre as outras, assegura:

As línguas, como as civilizações, raramente se bastam a si mesmas. As necessidades do intercâmbio põem os indivíduos que falam uma dada língua em contacto direto ou indireto com os de línguas vizinhas ou culturalmente dominantes.

O contato entre línguas é uma situação humana, seja ele por luta ou por simples aproximação. Para o mesmo autor, o tipo mais simples de influência que uma língua pode exercer sobre outra é o empréstimo lexical. Na toponímia, esse contato resulta também em topônimos híbridos, isto é, em designativos geográficos formados por elementos de línguas diferentes.

Os casos de hibridismos mais recorrentes são aqueles de topônimos formados por elementos cujas origens são de língua portuguesa e de língua Tupi ou Guarani, tais como os exemplos que seguem: *Alemão-Cuê* (córrego de Japorã), *Buriti Preto* (córrego de Pedro Gomes), *Cabeceira do Indaiá* (córrego de Água Clara), *Alto do Sucuriú* (localidade de Água Clara), *Monte Jaraguá* (povoado de Coxim), *Ponta Porã* (município), *Carumbezinho* (córrego de Itaporã), *Jaboticabal* (córrego de Nova Andradina), *Guassulândia* (distrito de Glória de Dourados).

No Sistema de Dados do ATEMS, encontravam-se, até o momento da elaboração deste texto, 308 nomes com essa característica, 4.2% do total geral de topônimos cadastrados. Na tabela a seguir podem ser visualizados esses números por município.

Tabela 2: Densidade de topônimos híbridos com formantes de origem indígena por município.

MUNICÍPIO	QUANTIDADES	%
Água Clara	12	3,89
Alcinópolis	03	0,97
Amambai	12	3,89
Anastácio	08	2,59
Anaurilândia	02	0,64
Angélica	04	1,29
Antonio João	02	0,64
Aparecida do Taboado	02	0,64
Aquidauana	04	1,29
Aral Moreira	01	0,32
Bandeirantes	09	2,92
Bataguassu	00	00
Bataiporã	03	0,97
Bela Vista	12	3,89
Bodoquena	01	0,32
Bonito	03	0,97
Brasilândia	01	0,32
Caarapó	05	1,62
Camapuã	13	4,22
Campo Grande	05	1,62
Caracol	01	0,32
Cassilândia	06	1,94
Chapadão do Sul	04	1,29
Corguinho	00	00
Coronel Sapucaia	08	2,59
Corumbá	10	3,24
Costa Rica	13	4,22
Coxim	07	2,27
Deodápolis	01	0,32
Dois Irmãos do Buriti	06	1,94
Douradina	00	00
Dourados	05	1,62

MUNICÍPIO	QUANTIDADES	%
Eldorado	04	1,29
Fátima do Sul	00	00
Figueirão	06	1,94
Glória de Dourados	02	0,64
Guia Lopes da Laguna	00	00
Iguatemi	10	3,24
Inocência	12	3,89
Itaporã	03	0,97
Itaquiraí	02	0,64
Ivinhema	01	0,32
Japorã	02	0,64
Jaraguari	02	0,64
Jardim	02	0,64
Jateí	03	0,97
Juti	04	1,29
Ladário	00	00
Laguna Carapã	07	2,27
Maracaju	01	0,32
Miranda	01	0,32
Mundo Novo	02	0,64
Naviraí	05	1,62
Nioaque	06	1,94
Nova Alvorada do Sul	02	0,64
Nova Andradina	06	1,94
Novo Horizonte do Sul	01	0,32
Paranaíba	10	3,24
Paranhos	05	1,62
Pedro Gomes	02	0,64
Ponta Porã	07	2,27
Porto Murtinho	03	0,97
Ribas do Rio Pardo	06	1,94
Rio Brillhante	04	1,29
Rio Negro	00	00
Rio Verde	02	0,64

MUNICÍPIO	QUANTIDADES	%
Rochedo	00	00
Santa Rita do Pardo	00	00
São Gabriel d'Oeste	01	0,32
Selvíria	02	0,64
Sete Quedas	01	0,32
Sidrolândia	05	1,62
Sonora	01	0,32
Tacuru	08	2,59
Taquarussu	00	00
Terenos	01	0,32
Três Lagoas	02	0,64
Vicentina	01	0,32
Total	308	100%

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pela autora.

Na Figura 2 é possível visualizar a densidade dos topônimos híbridos com formante de base indígena, nos municípios sul-mato-grossenses, representada pelo mapa 56 do ATEMS (Anexo B, p. 207).

Nas Microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina há uma concentração significativa de indígenas da etnia Guarani, divididos em dois subgrupos: Kaiowá e Ñandeva (registre-se que os Ñandeva se autodenominam apenas Guarani). Além disso, é preciso considerar também que vários municípios de Mato Grosso do Sul fazem fronteira com o Paraguai, onde a língua Guarani é oficial desde 1992, juntamente com a língua espanhola. Consideraram-se esses fatores as causas principais da incidência significativa de topônimos indígenas no Mato Grosso do Sul não apenas nessas três microrregiões, mas em todo o Estado.

Nesse sentido, em alguns municípios, a recorrência de topônimos de origem indígena pode ser explicada, sobretudo, pela presença da população indígena no território municipal e/ou pelo fato de a região ser fronteira direta ou indireta com o Paraguai,

onde se fala o idioma Guarani. Nos municípios de Amambai e de Iguatemi, por exemplo, a quantidade de topônimos indígenas é maior que a de designativos de língua portuguesa. É preciso assinalar, no entanto, que, mesmo em outros municípios que não possuem essas características, o percentual de topônimos indígenas é bastante significativo.

Já em municípios como Água Clara, Camapuã, Corumbá, Paranaíba e Três Lagoas, a grande recorrência de designativos de origem indígena não denota particularidade do Estado, no que se refere à influência linguística, uma vez que a origem é Tupi, mas já são unidades lexicais incorporadas à língua portuguesa e, em geral, já registrados em dicionários gerais de língua portuguesa. São itens lexicais tomados pelo denominador para nomear espaços geográficos não apenas no Mato Grosso do Sul, mas em todos os estados da Federação. Esse é o caso, por exemplo, de nomes como *Arara*, *Buriti*, *Lambari*, *Jatobá*, *Peroba* e *Sucuri*, que, em Mato Grosso do Sul, podem ser encontrados em dezenas de elementos geográficos, principalmente físicos.

De modo geral, os municípios do Mato Grosso do Sul são relativamente novos, mas, obviamente, os elementos geográficos físicos são muito antigos, ou seja, quando os desbravadores chegaram à região, eles já existiam e, embora atualmente muitos municípios não tenham áreas indígenas, não se pode desconsiderar que os primeiros habitantes da nossa terra foram os índios e que o Tupi foi a língua geral no Brasil por pelo menos dois séculos.

Outro fato ocorrido na área do atual estado de Mato Grosso do Sul poderia justificar a difusão do idioma indígena que acabou refletido na toponímia: o recrutamento dos índios para o trabalho na extração da erva-mate. Isso acontece quando, por volta de 1.884, a Companhia Mate Laranjeira amplia suas atividades em função das descobertas de novos ervais. A Companhia resolve, então, selecionar e ensinar a atividade extrativista a índios não aldeados que pudessem se locomover de um lugar a outro livremente e, como a mão de obra paraguaia também era aproveitada

pela empresa, índios e paraguaios trabalharam juntos em função da facilidade de comunicação e acabaram divulgando o idioma indígena Guarani em muitos municípios da região sul do Estado.

Esses povos deixaram sua marca impressa fortemente no léxico relacionado ao trabalho com a erva-mate³ e essa situação descrita pode, também, ter contribuído para que os elementos geográficos do entorno da região Sul do então estado de Mato Grosso fossem nomeados sob forte influência indígena, como também ainda ter contribuído para que os nomes atribuídos pelos nativos fossem preservados.

O exame dos dados registrados no Sistema de Dados permitiu constatar ainda que a toponímia indígena pode ser observada muito mais frequentemente nos topônimos de elementos físicos. A título de exemplo, menciona-se que, considerando os nomes de origem Tupi, mais de 1.000 nomeiam elementos geográficos físicos e apenas cerca de 50 designam elementos geográficos humanos. Não pode ser desconsiderado o fato de, no âmbito do ATEMS, o número de elementos geográficos físicos é maior em relação ao número de elementos geográficos humanos. Ainda, assim, proporcionalmente, recai sobre os elementos geográficos físicos a maior incidência de topônimos indígenas.

Uma explicação para essa constatação seria, sobretudo, o fato de a escolha dos nomes de povoados, de distritos e de municípios ser relativamente mais controlada, menos espontânea. A nomeação desse tipo de espaço envolve, muitas vezes, homenagens a colonizadores, políticos, santos de devoção da população local e, nesses campos, o léxico que se torna nome próprio não costuma ter influência indígena.

Já a predominância dos nomes indígenas nos elementos geográficos físicos pode ser explicada, principalmente, porque, em muitos casos, os próprios índios, que primeiramente habitavam o

³ A respeito da influência indígena no vocabulário da erva-mate, informações mais detalhadas podem se encontradas em Justiniano (2005).

local, nomeavam os rios, os córregos, os montes, as lagoas, que já estavam ali antes da chegada do homem não indígena. Além disso, mesmo depois, os colonizadores eram acompanhados por indígenas durante suas expedições e a língua geral continuava a prevalecer na nomeação do espaço que ia sendo por eles conhecidos.

No conjunto de topônimos indígenas coletados até o momento da elaboração deste texto, algumas características recorrentes chamaram a atenção dos pesquisadores da equipe do ATEMS: a presença dos elementos “i/y”, “u” e “cuê” na toponímia sul-mato-grossense.

3. ALGUMAS RECORRÊNCIAS: O CASO DE TOPÔNIMOS FORMADOS COM ELEMENTOS “Y/I”, “U” E “CUÊ”

São comuns no Sistema de Dados do ATEMS topônimos como *Guiraí, Anhanduí, Tatuí, Tejuí, Guapeí, Laranjaí, Laranjaizinho*, singulares pela presença e valor do formante “y/i” em posição final.

Dick (1990, p. 230-231), ao discutir a taxionomia dos hidrotopônimos, mostra que o uso desse elemento é bastante frequente nos vocábulos que nomeiam acidentes geográficos em todo o Brasil. De acordo com Barbosa Rodrigues (*apud* DICK, 1992, p. 220), o “y/i” é

[...] uma letra indispensável no nheengatu quer como vogal, quer como servindo de consoante, porque tem sons especiais, que mediante acentos, como no *i*, facilmente poder-se-ia distingui-los: [...] nunca o *y* tem o som de junta (*i*) e aqui damos os seus sons, segundo o lugar que ocupar na palavra, ou que ele significar.

Também Levy Cardoso (1961) esclarece que o “i” pode significar, além de água, às vezes, rio. O rio *Jacuí*, por exemplo, deriva de *jacu*, que é uma ave, e *i* que significa rio. Dick (1992, p. 231) da mesma forma interpreta: *Tatuí*, o rio dos tatus, e *Capivari*, o rio das capivaras.

Com base nos estudos desses pesquisadores, no ATEMS, interpretou-se *Tejuí*, como “rio dos lagartos”, e *Laranjaí*, como “rio das laranjas”, por exemplo. No caso desse último designativo, notou-se a grande criatividade dos falantes em relação ao nome, uma vez que a um item lexical como laranja que, segundo Hoauiss (2001), é de origem árabe e já incorporado ao léxico da língua portuguesa, acrescenta-se um formante de origem indígena para nomear um referente que faz parte da sua realidade. Mais interessante ainda é a criatividade no processo de formação de *Laranjaízinho* – laranja + í + zinho – em que se teriam presentes elementos da língua Portuguesa, da língua Tupi e da língua Portuguesa novamente. Nesse contexto, é preciso mencionar que Sampaio (1986, p. 114) registra “*naranjahái* – espécie de laranja silvestre e sem fruta”, que seria a forma corresponde na língua Guarani. Por se tratar apenas de uma forma semelhante a *Laranjaí*, optou-se pela primeira possibilidade na interpretação desse dado, ao menos até que se tenha alguma fonte segura a respeito dessa questão, isto é, da elucidação do sentido desse topônimo.

Convém ressaltar que nos casos em que o elemento “y” está em posição final no topônimo como os transcritos anteriormente, mesmo significando “rio dos ...”, por exemplo, foram classificados conforme o conteúdo semântico do elemento a que se associa. Assim, *Laranjaí* foi classificado como fitotopônimo, *Guirai* como zootopônimo e assim por diante. Dick (1990) utiliza o exemplo de *Tatuí* ao discutir a categoria dos hidrotopônimos e a dos zootopônimos.

No Sistema de Dados do ATEMS, à época da elaboração deste trabalho, estavam registrados 191 topônimos formados com o elemento “y/i”. Em praticamente todos os casos, foi possível comprovar, por meio de consultas a obras lexicográficas, que o elemento em questão refere-se mesmo à água ou a rio. Por meio da tabela, a seguir, é possível visualizar em quais municípios a incidência de topônimos formados com esse elemento é maior, considerada a proporção de nomes de origem indígena que aparece no município.

Tabela 3: Municípios com maior ocorrência de topônimos com o elemento “y/i”⁴

MUNICÍPIO	QUANTIDADES DE TOPÔNIMOS INDÍGENAS	QUANTIDADES DE TOPÔNIMOS COM I/Y
Amambai	56	24
Aral Moreira	13	04
Caarapó	19	06
Campo Grande	17	07
Coronel Sapucaia	10	05
Glória de Dourados	06	04
Iguatemi	33	15
Itaquiraí	14	06
Juti	14	08
Naviraí	29	14
Paranhos	14	08
Sete Quedas	14	06
Tacuru	16	09

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborada pela autora.

A densidade de topônimos com o elemento “y/i” também está demonstrada na Figura 3, que traz o mapa 58 do ATEMS, disponível no Anexo C deste trabalho (p. 208).

É preciso registrar que, com exceção de Campo Grande, os municípios nos quais a ocorrência desse elemento é maior coincidem com aqueles em que também há maior concentração de topônimos de língua Guarani.

Ainda que em quantidade menor, merece destaque também o elemento “u” que pode aparecer indicando água, rio. Tibiriçá (1987, p. 172) ao explicar o “i/y”, menciona o elemento “u”.

⁴ Considerou-se a proporção, ou seja, quatro topônimos pode ser uma quantidade significativa se o total for seis ou até 13, mas não será, se o total for mais de 50, por exemplo.

I, Y - termo que aparece em quase todos os rios do Brasil, de nome tupi; significa água, rio: jundia-í (rio do bagre); jacare-í (rio do jacaré); jaguara-í (rio da onça); pira-í (rio do peixe) etc. Nota: este y tupi é de difícil pronúncia, pois são poucos os idiomas que o possuem; difere do y grego e do u francês; existe apenas na língua chinesa, coreana, turca e romena (esta última por influência turca); às vezes aparece na forma u: gauara-ú (rio das garças), isto porque sua verdadeira pronúncia é um meio termo entre I e U, como acontece com tyba, que em alguns topônimos é tiba (itatiba) e em outros tuba (caraguata-tuba) (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 172).

O elemento em questão aparece em *Sucuriú*, que é designativo de 13 elementos geográficos físicos e humanos no Estado. *Sucuriú* aparece sete vezes nomeando rios nos municípios de Água Clara, Chapadão do Sul, Costa Rica, Figueirão, Inocência e Selvíria; aparece duas vezes como nome de córregos nos municípios de Água Clara e Selvíria; uma vez em Água Clara, como designativo de um salto; duas vezes também em Água Clara, no composto *Alto do Sucuriú*, nomeando um distrito e uma localidade; e um em Inocência, no composto *São José do Sucuriú*, dando nome a um povoado. A Figura 4, que reproduz o mapa 59 do ATEMS, mostra a ocorrência desse elemento no conjunto dos municípios de Mato Grosso do Sul (Anexo D, p. 209).

Outra marca bastante recorrente na toponímia indígena de Mato Grosso do Sul são os nomes formados com a forma “cuê”, elemento mórfico que, conforme Sampaio (1987, p. 226), pode ser traduzido como “velho, antigo, o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido”, Guasch e Ortiz (2001, p. 611), registram que “kue” é “sufijo de pasado o de cosa separada de su propio sitio”. Também Sampaio (1986, p. 93) traz o formante “kué”, na acepção “o que foi”.

A seguir demonstra-se a quantidade e a distribuição dos topônimos formados com esse elemento no Mato Grosso do Sul. Acrescenta-se que todos os topônimos do quadro são designativos de elementos geográficos físicos, em sua maioria nomes de córregos.

Quadro 1: Topônimos formados com o elemento “cuê”, por município de Mato Grosso do Sul

MUNICÍPIO	QUANT.	TOPÔNIMOS ⁵
Amambai	08	Anselmo-Cuê, Cristiano-Cuê, Gavino-Cuê, Leiva-Cuê, Lúcio-Cuê, Marco-Cuê, Marcolina-Cuê, Tapeí Cuê
Angélica	01	Félix-Cuê
Aral Moreira	02	Leite Cuê, Nestor Cuê
Bataiporã	01	Moreira Cuê
Bela Vista	04	Caba Cuê, Caba Cuê, Dama Cuê, Oriental Cuê
Caarapó	04	Cole-Cuê, Diogo Cuê, Pai Cuê, Trapiche-Cuê
Coronel Sapucaia	03	Candinha-Cuê, Leiva-Cuê, Ponciano-Cuê
Deodápolis	01	Félix Cuê
Dourados	01	Zoila-Cuê
Eldorado	03	Carajá Cuê, Dinarte Cuê, João Cuê
Iguatemi	08	Chiquilim Cuê, Islã Augusto-Cuê, Marcelina Cuê, Marcolina Cuê, Guai-Cuê, Olivo-Cuê, Regis Cuê, Souza Cuê
Itaquiraí	02	Cai-Cuê, Guai-Cuê
Japorã	02	Ataliga-Cuê, Alemão-Cuê
Jatei	01	Aiaia Cuê
Juti	02	Leoni Cuê, Pai-Cuê
Laguna Carapã	04	Blanco-Cuê, Cigarrilho-Cuê, Conchita-Cuê, Teju-Cuê
Mundo Novo	01	Vito-I-Cuê
Nova Andradina	01	Chapéu-Cuê
Paranhos	02	Destino-Cuê, Leiva-Cuê
Ponta Porã	01	Ladesina-Cuê
Sete Quedas	01	Alemão-Cuê
Sídlândia	01	Dos Cuês
Tacuru	03	Suíte-Cuê, Rufina-Cuê, Valente-Cuê

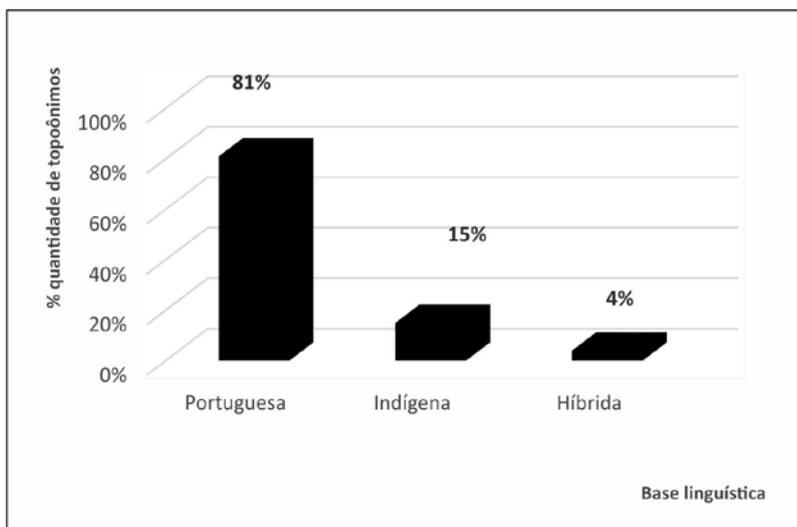
Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pela autora.

⁵ Os topônimos foram transcritos exatamente como aparecem nos mapas de onde foram extraídos. Observa-se que ora o elemento “cuê” aparece ligado ao primeiro vocábulo com o uso de hífen e ora não.

Os dados do quadro demonstram que o formante “cuê” aparece nas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina. Essa região de ocorrência coincide com a de maior concentração de população indígena das etnias Guarani e Kaiowá, o que pode levar à conclusão de que essa seria uma particularidade da toponímia do Estado, resultada da influência da língua indígena em uso na região. Registra-se, porém, que o elemento “cuê” aparece registrado em obras lexicográficas de Guarani e também de Tupi. A Figura 5, apresentada no Anexo E deste trabalho (p. 210), atesta o exposto, por meio do mapa 57 do ATEMS.

Considerando que os totais referentes à toponímia indígena são 1.099 nomes formados de base(s) indígena e 308 formados com pelo menos um elemento de língua indígena, elaborou-se o Gráfico 1, a seguir, como forma de sintetizar os resultados.

Gráfico 1: Quantidade de topônimos indígenas ou híbridos na toponímia sul-mato-grossense



Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pela autora e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

4. A MOTIVAÇÃO DOS TOPÔNIMOS INDÍGENAS

Não se pode perder de vista que os topônimos são signos linguísticos altamente motivados e que, embora aconteçam casos de obscurecimento dos motivos que inspiraram o denominador no momento da escolha do nome do acidente geográfico, muitas vezes os motivos da nomeação são facilmente recuperados ou, pelo menos, passíveis de hipóteses.

Lembrando que o modelo de classificação dos topônimos de Dick (1992), utilizado para o ATEMS, possui 27 categorias. Todavia, os dados do ATEMS revelaram um aspecto bastante significativo, à medida que evidenciam que a maioria dos topônimos indígenas foi classificada em apenas duas categorias, quais sejam, respectivamente, os fitotopônimos e os zootopônimos.

Convém registrar ainda que se constatou a existência de uma quantidade relativamente elevada de nomes, aparentemente de origem indígena, sem classificação no que se refere à motivação, o que pode ser explicado pelo fato de que, não estando esses nomes registrados nos dicionários consultados, algumas vezes não se pode chegar a um consenso sobre o significado dos mesmos.

Está comprovado que a vegetação lidera como fonte motivacional quando os designativos são de origem indígena, mas é necessário mencionar que a grande incidência dos fitotopônimos na nomenclatura geográfica indígena ou não indígena é recorrente em toda a toponímia brasileira, dado justificável pela indiscutível importância dos vegetais para o homem, para os animais, para a terra. A. J. de Sampaio (*apud* DICK, 1990, p. 146) registra que “todo mundo conhece numerosas plantas úteis, campestres e florestais; geralmente se compreende o papel protetor das florestas para os mananciais; não há quem desconheça a utilidade de uma árvore frutífera, ornamental ou de sombra”.

Destacam-se, ainda, as palavras de Sampaio (1987, p. 144), a respeito das denominações indígenas motivadas pela vegetação:

Numa região, como o Brasil, onde a vegetação exuberante, variada e intensa, em vastíssimas zonas, a denominação dos lugares de procedência indígena deve, de contínuo, traduzir a feição local do ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas espécies características. A Geografia aqui reflete, nas denominações de lugares, a característica vegetal de cada uma. Não é, pois, de estranhar-se o freqüente emprego de nomes de plantas, árvores, para indicar um rio, um banhado, um vale, um povoado, uma serra, um acidente geográfico qualquer.

Entre os fitotopônimos indígenas examinados, *Buriti*⁶ é o de maior frequência e identifica diversos tipos de elementos geográficos físicos e humanos, não apenas no Estado, mas em todo o Brasil. Essa escolha recorrente pode ser explicada pelo fato de o *buriti* ser o nome de um tipo de palmeira facilmente encontrada na natureza, e útil, sobretudo aos indígenas porque fornece folhas que podem ser usadas em coberturas de casas (das habitações utilizadas por alguns grupos indígenas principalmente no passado), o palmito comestível e o óleo extraído de seus frutos. Isso tudo acabou conferindo a essa árvore o estatuto de fitotopônimo de maior ocorrência em Mato Grosso do Sul⁷.

Da mesma forma que a flora brasileira, a fauna é diversa e exuberante, ou seja, existem milhares de espécies animais no território brasileiro, o que teria impressionado os colonizadores ao chegarem à nova terra. Por isso, os primeiros relatos de informações sobre o descobrimento da terra, com frequência, faziam referência à vegetação e aos animais aqui encontrados.

⁶ A respeito da ocorrência do designativo *Buriti* na toponímia de Mato Grosso do Sul e também na de Minas Gerais, ver o estudo *A trilha dos "buritis" no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul*, das professoras Maria Cândida Trindade Costa de Seabra e Aparecida Negri Isquerdo (2010).

⁷ A fitotoponímia, taxionomia mais produtiva na toponímia sul-matogrossense catalogada pelo ATEMS, é focalizada no texto "Fitotopônimos: influência da vegetação no processo de nomeação", capítulo dois desta publicação.

Não só a presença da variedade de animais justifica a tendência do homem em atribuir aos elementos geográficos nomes relativos a espécies da fauna, mas também a sua importância. Entre os nativos, por exemplo, os animais eram – e ainda são em algumas regiões do país – indiscutivelmente importantes para a alimentação. Assim, um dos mais importantes alimentos para os povos primitivos e hoje também para as sociedades consideradas modernas é o peixe. De acordo com Dick (1990, p. 272), “o genérico *pira* (peixe) é o vocábulo que maior número de registro acusa, considerando os peixes na toponímia brasileira”. Essa tendência se confirma entre os zootopônimos, uma vez que foram encontrados, em Mato Grosso do Sul, topônimos como córrego *Pirai*, distrito de *Piraporã*, rio *Pirajuí*, rio *Piratinim*, rio *Piraveçê*.

A motivação dos nomes geográficos advinda de nomes de peixe de origem indígena ou não também se justifica pela riqueza hidrográfica do Estado que faz com que as atividades da pesca sejam importante fonte de renda em algumas regiões, e ainda uma das formas de lazer preferidas pelos sul-mato-grossenses e por turistas que visitam Mato Grosso do Sul.

Além dos zootopônimos indígenas motivados por nomes de peixes, há outros que se destacam. A análise aponta que as maiores fontes de inspiração foram a *sucuri*⁸ e a *arara*, que emprestam seus nomes a diversos elementos geográficos. Se esses animais não são ou não eram úteis para os grupos indígenas, pelo menos é possível levantar a hipótese que os impressionavam – ou pelo perigo ou pela beleza. Além desses pode-se elencar, ainda, outros nomes como *Jaguetê*, *Panambi*, *Jaguapiru*, *Guirai*, que nomeiam vários elementos geográficos do Estado.

Também os nomes geográficos de índole mineral, ou seja, os litotopônimos, tiveram recorrência significativa, considerando a toponímia indígena. Dick (1990, p. 125) assegura que a presença de nomes geográficos associados aos minerais e às caracterís-

⁸ Dentre os zootopônimos, *Sucuri* foi o mais produtivo na toponímia do Mato Grosso do Sul. O capítulo quatro desta coletânea trata dessa temática.

ticas constitutivas dos solos ou dos terrenos está ligada a dois aspectos: “um de índole genérica, física, ambiental, específicos às regiões da terra, em sua constituição (areia, barro, lama, pedra, terra, por exemplo); outro, mais restrito, porque diz respeito, de perto, a alguns dos momentos significativos da história de um povo”.

São exemplos de litotopônimos indígenas os nomes *Itaporã* (município), *Itaquiraí* (município), *Ivinhema* (município), *Itahum* (distrito), *Itaqueri* (povoado), córrego *Itaipá*, córrego *Itaipu*. Como se verifica, são recorrentes os nomes formados pelo elemento “ita” (pedra). A esse respeito, Theodoro Sampaio (1987, p. 143), ao tratar “das alterações fônicas no tupi sob a influência da língua portuguesa”, assegura que o vocábulo *ita/itá* é um dos de mais frequente emprego na denominação dos lugares por todo o Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado, estudar toponímia brasileira é adentrar em aspectos da diversidade étnica e linguística, e, quando o foco é toponímia indígena, os desafios são grandes, sobretudo quando se está lidando com dados sobre os quais há poucos registros escritos realmente confiáveis. É preciso esclarecer que a respeito de nomes de origem Tupi já incorporados ao léxico da língua portuguesa não há muitas dificuldades porque geralmente há consenso dos lexicógrafos em relação à etimologia. O problema reside naqueles topônimos que são considerados, por exemplo, da língua Guarani, que está em uso e, portanto, como todas as línguas em uso, sofre variação e mudança que nem sempre são consideradas no momento em que os dicionários são elaborados.

Além disso, a falta de uma revisão cuidadosa dos nomes que são registrados nos mapas pode resultar em erros de grafia que dificultarão a posterior elucidação desses designativos

pelos pesquisadores. Acredita-se que esse pode ser um dos motivos que fazem com que nem mesmo os falantes da língua consigam decifrar certos vocábulos que se encontram em função toponímica.

Acredita-se que o objetivo deste texto, que era apresentar um panorama da toponímia indígena do Mato Grosso do Sul, a partir dos dados registrados no Sistema de Dados do ATEMS, foi alcançado. Como explicitado, há municípios em que a proporção de topônimos indígenas é maior que a proporção de topônimos de língua portuguesa; foi possível verificar também que algumas características como a presença dos elementos “i/y”, “u” e “cuê” são marcantes na composição de vocábulos indígenas utilizados como topônimos, e que as principais fontes motivadoras nesse recorte são as plantas, os animais e as características do solo.

A toponímia indígena de Mato Grosso do Sul poderá ainda render muitas discussões, pesquisas, debates e até controvérsias. Registra-se, portanto, que este estudo está completamente aberto a críticas que ajudem no que se refere ao conhecimento dessa área tão instigante que é a toponímia indígena.

REFERÊNCIAS

- ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – UFMS. *Sistema de Dados do Projeto ATEMS*. Campo Grande: UFMS, 2011 (acesso restrito).
- CARDOSO, Armando Levy. *Toponímica Brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961. (Coleção General Benício – v. 09).
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. Arquivo do Estado: São Paulo, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.
- GUASCH, Antônio.; ORTIZ, Diego. *Diccionario castellano-guarani; guarani-castellano*. 13. ed. Assunción, Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, 2001.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri *et. al.* *Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS*. v. 1. Campo Grande: UFMS, 2011 (inédito).

ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A trilha dos “buritis” no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul. In: BARROS, Lúdia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *O léxico em foco: múltiplos olhares*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 79-91.

JUSTINIANO, Aparecido Lázaro. *Vocabulário da erva-mate no cone sul de Mato Grosso do Sul*. 2005. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2005.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. A originalidade das línguas indígenas brasileiras. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 9, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/19521/18058>. Acesso em: 29 mar. 2020.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Fonética histórica tupi-guarani: diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani*. Separata dos Arquivos do Museu Paranaense. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense Ltda, 1945. v. IV. artigo XIV. p. 333-354.

SAMPAIO, Mário Arnaud (Org.). *Vocabulário guarani português*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1989.

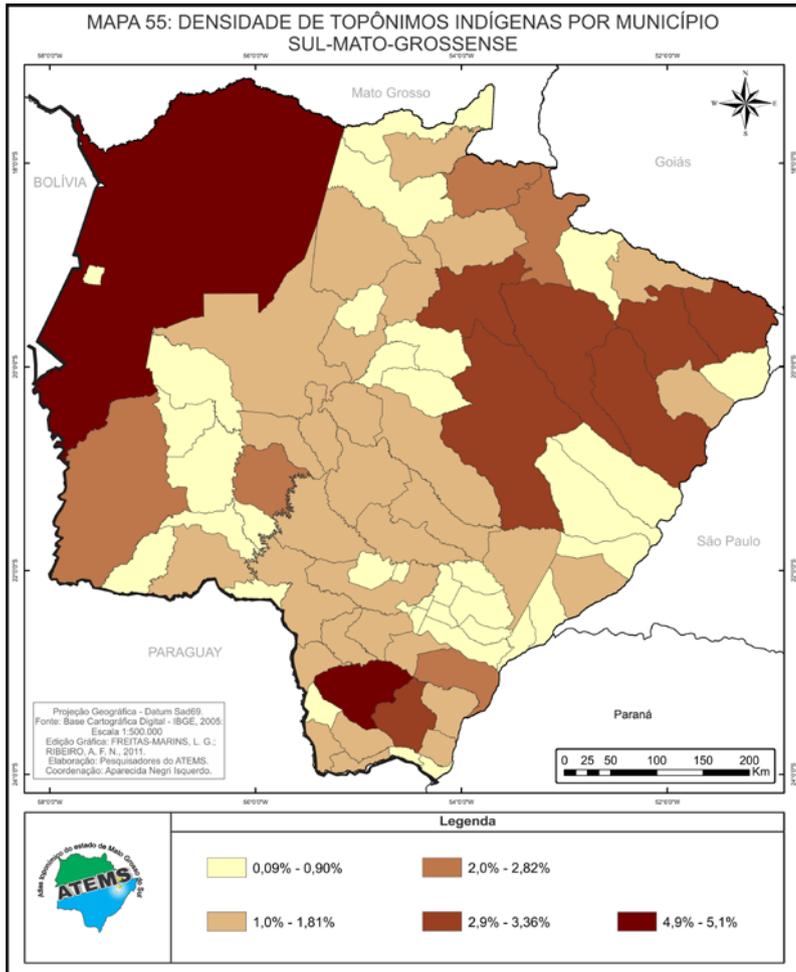
SAPIR, Edward. Como as línguas se influenciam entre si. In: SAPIR, Edward. *A Linguagem: Introdução ao estudo da fala* (tradução e apêndice de J. Mattoso Câmara Junior). São Paulo: Ed. Perspectiva S.A, 1980. p. 153-161.

TAVARES, Marilze. *Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*. 2004. 214f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2004.

TIBIRIÇÁ, Luís Caldas. *Dicionário Guarani Português*. São Paulo: Traço Editora, 1989.

ANEXO A

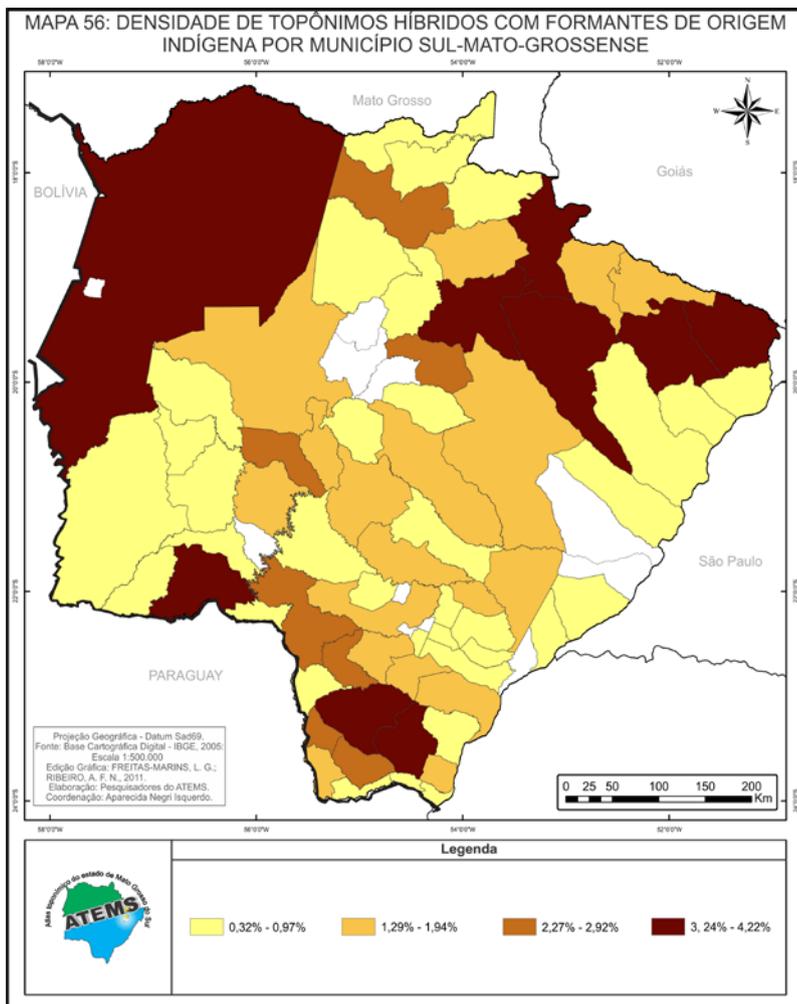
Figura 1: Representação cartográfica da produtividade de topônimos de origem indígena, nos municípios de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO B

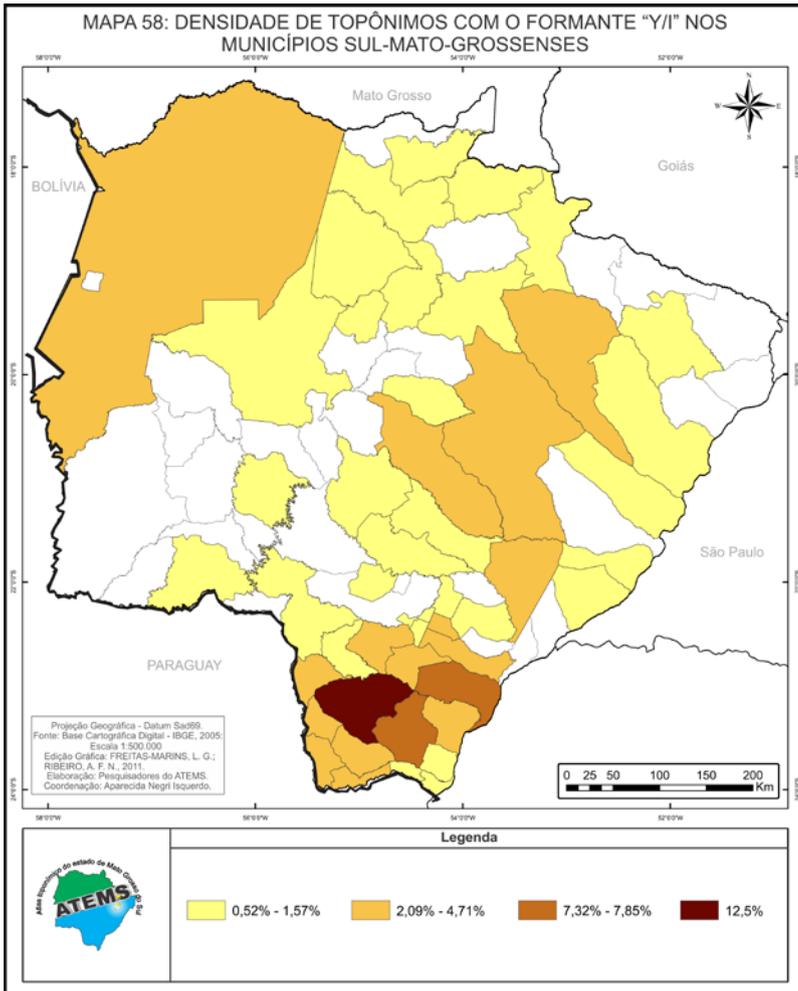
Figura 2: Representação cartográfica da produtividade de topônimos híbridos com formante de origem indígena, nos municípios de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

ANEXO C

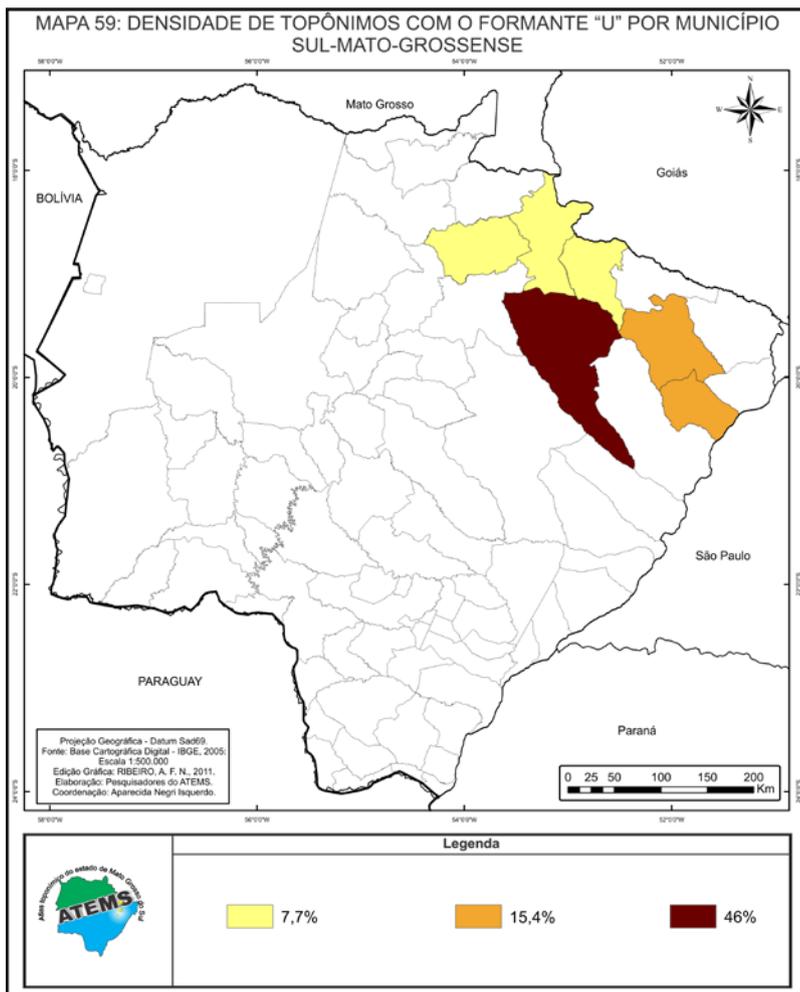
Figura 3: Representação cartográfica da produtividade de topônimos com formante “Y/I”, nos municípios de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)

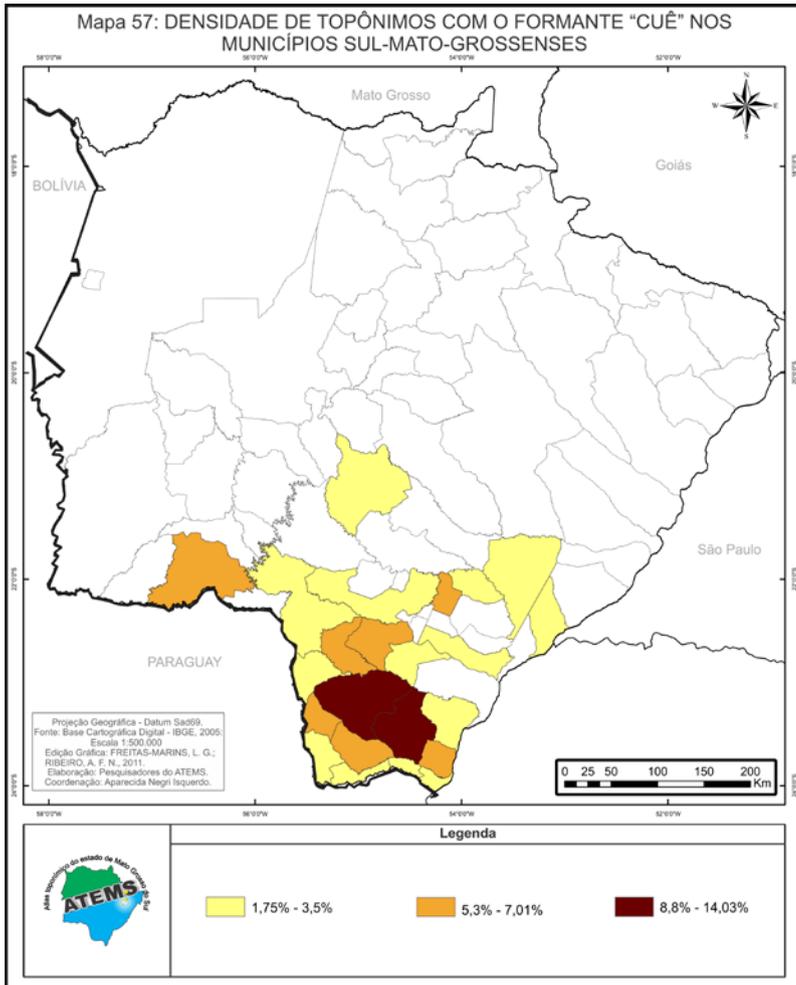
ANEXO D

Figura 4: Representação cartográfica da produtividade de topônimos com formante “U”, em municípios de Mato Grosso do Sul



ANEXO E

Figura 5: Representação cartográfica da produtividade de topônimos constituídos com o formante “cuê”, nos municípios de Mato Grosso do Sul



Fonte: ATEMS (ISQUERDO *et. al.*, 2011)



SINTAGMA TOPONÍMICO: UM EXAME COM BASE EM DADOS DO ATEMS

Doraci da Luz Gonsalves
Marineide Cassuci Tavares

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo de uma cultura, entendida como a somatória de valores de um grupo humano, deve considerar prioritariamente a questão da língua, pois ela se constitui em instrumento revelador do pensamento e dos costumes daqueles que a utilizam. Além de refletir aspectos da cultura, a língua “traduz todo um universo peculiar com suas implicações psicológicas e filosóficas que é preciso alcançar para enriquecimento da experiência” (BORBA, 1984, p. 07). É também por meio da língua que cada grupo social nomeia o meio que o cerca em função de suas necessidades imediatas, o que denota a influência que o ambiente físico e social exerce sobre a linguagem e a forma de uma comunidade linguística ver o mundo.

Ao nomear um lugar, o denominador imprime sua cultura e sua visão de mundo, por meio de denominações que identificam os referentes relacionados à realidade de cada grupo. Particularmente, no ato de nomeação dos lugares a dimensão cultural da língua é muito evidenciada.

Desse modo, a toponímia pode atuar como fonte de conhecimento sobre a presença de grupos étnicos em uma dada região, sobre acontecimentos históricos, influências interculturais e informações sobre a língua falada da região em que o acidente foi nomeado.

O estudo dos topônimos – nomes de lugares – pode ser realizado sob diferentes perspectivas: análise de estratos linguísticos, análise semântica dos nomes (taxionomias) e estudo da estrutura morfológica, por exemplo. Dentre esses vários aspectos que podem ser estudados, discute-se, neste texto, essa última perspectiva de análise linguística mencionada.

Os dados analisados, isto é, os designativos geográficos, foram retirados do Sistema de Dados do Projeto Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS, que considera, para a estrutura morfológica, quatro classificações: simples, simples híbrido, composto e composto híbrido.

É importante destacar que o estado de Mato Grosso do Sul é dividido em quatro mesorregiões que são subdivididas em onze microrregiões assim distribuídas: Mesorregião Pantanaís Sul-mato-grossenses: Baixo Pantanal (MR-01) e Aquidauana (MR-02); Mesorregião Centro-Norte: Alto Taquari (MR-03) e Campo Grande (MR-04); Mesorregião Leste: Cassilândia (MR-05), Paranaíba (MR-06), Três Lagoas (MR-07) e Nova Andradina (MR-08) e, por fim, a Mesorregião Sudoeste: Bodoquena (MR-09), Dourados (MR-10) e Iguatemi (MR-11). A análise dos dados considerou a divisão por mesorregião.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO ELEMENTO ESPECÍFICO DO TOPÔNIMO

Antes de discutir a questão da estrutura dos nomes de lugares, é importante delimitar como são formados os topônimos de um modo geral. Ressalta-se que nome e acidente geográfico aparecem intimamente ligados e, para que haja distinção entre

seus elementos formadores, há que se fazer uma divisão entre eles. Essa divisão, no que concerne à estrutura do topônimo, é proposta por Dick (1992, p. 10), ao apresentar duas partes formadoras do sintagma toponímico: *termo* ou *elemento genérico*, “relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação” como, por exemplo, *córrego*, *rio*, *morro* e *termo* ou *elemento específico*, que é o “topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes”. Assim, no topônimo *Córrego Café* (Camapuã), *Café* é o elemento específico, classificado como fitotopônimo e que, conforme Dick (1992), também revela uma filiação a elementos de ordem natural ou antropocultural, enfim, o campo de estudo do toponimista. Já em designativos em que o elemento específico é composto por mais de uma palavra, para fins de classificação semântica, considera-se o primeiro formante, por exemplo, no topônimo *Córrego Água Amarela* (Alcinópolis), apenas o primeiro termo é tomado como parâmetro. Nesse caso, o topônimo *Água Amarela* é classificado então como hidrotopônimo, porque a unidade lexical *água* refere-se a um elemento hídrico.

Diante do exposto, percebe-se que a formação de um sintagma nominativo de um acidente geográfico se caracteriza da seguinte maneira: elemento genérico + elemento específico. Este último, segundo Dick (1992), é classificado como simples ou composto.

O topônimo é classificado como *simples* quando se define por um só formante, independentemente de apresentar sufixos ou não. Como exemplos de topônimos simples, podemos citar *Brasilândia* (povoado em Campo Grande), *Canivete* (córrego em Ribas do Rio Pardo), *Sombreiro* (córrego em Caracol), *Pontinha* (córrego em Rio Negro). A classificação do topônimo como *composto* ocorre quando há mais de um formante como em *Lagoa Rica* (ribeirão em Ribas do Rio Pardo), *João Grandão* (córrego em Caracol), *Lagoa Feia* (córrego em Campo Grande), *Capão Seco* (distrito em Sidrolândia).

Um termo é classificado como *híbrido* quando for formado por elementos de línguas diferentes. Segundo Kehdi (1992, p. 50), hibridismo “[...] é a designação dada aos vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes”. São comuns, em português, os compostos de elementos grego e latino, árabe e grego, francês e grego, alemão e grego, tupi e português. Dick (1992, p. 14) esclarece que o *topônimo híbrido*, ou elemento específico híbrido, é “aquele designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências; a formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou a indígena + portuguesa”. Na organização do ATEMS, essa composição pode ser observada em topônimos simples híbridos e topônimos compostos híbridos. Convém registrar que um topônimo como *Laranjaí* (córrego em Nova Andradina), no âmbito do Projeto, é analisado como composto híbrido, uma vez que *laranja* é um vocábulo da língua portuguesa e “*i*”, que equivale a “*y*” (água) é da língua tupi. Dick (1990, p. 226) menciona exemplos semelhantes: *Tatuí*, *Pacuí*, *Pirai* – nesses casos, no entanto, não se pode falar em composições híbridas uma vez que esses nomes são formados com elementos da mesma língua.

O topônimo Córrego *Pirizal*, por exemplo, é formado por “*piri* do tupi + sufixo da língua portuguesa -zal. *Piri* é “o junco, planta aquática de que se fazem esteiras” (SAMPAIO, 1928, p. 293); *Pirizal* é, então, “terreno onde é abundante o *piri*; juncal” (FERREIRA, 2004). Esse topônimo, em termos de estrutura morfológica, foi classificado como simples híbrido por ser formado por um morfema lexical com origem na língua tupi e um sufixo de origem da língua portuguesa. Já o composto híbrido é aquele que apresenta dois morfemas lexicais procedentes de línguas diferentes como, por exemplo, o topônimo lugarejo *Nova Tupã*. O vocábulo *Nova* é de origem portuguesa enquanto *Tupã* é de base tupi. *Nova*: “notícia recente; novidade” (HOUAISS, 2001). *Tupã*: “s. nome adotado pelos catequistas católicos para exprimir – Deus – entre os tupis [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 330).

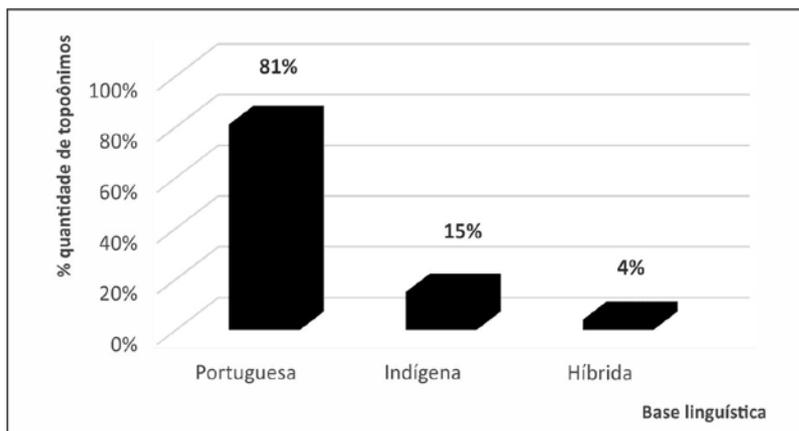
No caso das palavras indígenas, a estrutura em sua maioria reúne mais de um formante. É o caso, por exemplo, de *Piracanjuba* (ribeirão em Ribas do Rio Pardo) que poderia ser interpretada como palavra simples e que, no entanto, configura-se como palavra composta, segundo dados fornecidos por Sampaio (1987, p. 301): “Pirá-acan-yuba, o peixe de cabeça amarela ou dourada. São Paulo”. Outros exemplos são fornecidos por Sampaio (1987, p. 279; 232): *marabá* “Maír-abá, raça de francês (maír), gente que é procedente do estrangeiro. Era como se denominava, entre os índios, o filho do prisioneiro ou estrangeiro”; *genipapo*, ou “Yanipab ou yandipab, podendo escrever-se nhandipab, que se decompõe yandi-ipab, e significa fruto das extremidades que dá suco”. Dick (1992, p. 14) chama atenção para o fato de elementos indígenas de origem tupi concorrem para a formação de inúmeros compostos como, dentre inúmeros outros, *-mirim* (“pequeno”), *-guaçu* (“grande”) e variantes como *-çu*, *-açu*; *-tyba* (sufixo coletivo) e variantes, *-tuba*, *-nduba*, *-nduva*, *-ndiba*.

No que diz respeito a termos compostos, o português tem mecanismos gramaticais para ampliar o seu léxico em função de termos já existentes, processos de composição e derivação. Na composição, utilizam-se dois nomes e cada um conserva a sua individualidade mórfica. Já a derivação caracteriza-se pela criação de adjetivos e substantivos acrescidos de um prefixo ou de um sufixo (CÂMARA JR, 1976). Nos topônimos, são considerados compostos os formados por dois termos, independentemente da presença de hífen. Assim, o que não seria considerado composto nas descrições gramaticais, como, por exemplo, *buriti vermelho*, assume essa concepção na condição de nome próprio (córrego *Buriti Vermelho* no município de Sonora). Podemos citar ainda como outros exemplos de topônimos compostos: *Bom Jardim* (povoado em Bandeirantes), *Capão Redondo* (córrego em São Gabriel do Oeste), *Água Quente* (córrego em Camapuã), *Cervo Novo* (córrego em Rio Verde de Mato Grosso).

2. APRESENTAÇÃO GERAL DOS DADOS

Dos aproximadamente 7.437 topônimos armazenados no Sistema de Dados do ATEMS, à época da realização deste estudo (2011), foram detectados 5.399 topônimos simples, que correspondem a 72,42% do total, 129 topônimos simples híbridos, que equivalem a 1,73%, 1.735 topônimos compostos, com percentual de 23,27% e 192 topônimos compostos híbridos, que equivalem a 2,58% do total, conforme se pode visualizar no Gráfico 1.

Gráfico 1: Distribuição quantitativa dos topônimos, segundo a estrutura morfológica



Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelas autoras e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

O Gráfico 1 demonstra maior índice de ocorrência de nomes de estrutura simples. A escolha desse tipo de estrutura equivale a 72,42% do total de topônimos, e é a mais frequente em todos os municípios, fato esse previsto, já que no léxico da Língua Portuguesa predominam vocábulos de estrutura simples.

Nos quadros 1 e 2, na seqüência, apresenta-se uma amostra de topônimos de estruturas simples e compostas.

Quadro 1: Amostra de topônimos de estrutura simples

Município	Topônimo	Acidente	Língua de origem
Ribas do Rio Pardo	<i>Canivete</i>	Córrego	Portuguesa
Caracol	<i>Sombreiro</i>	Córrego	Espanhola
Pedro Gomes	<i>Sucuri</i>	Córrego	Tupi
Caracol	<i>Tereré</i>	Córrego	Guarani
Jaraguari	<i>Matinha</i>	Córrego	Portuguesa
Angélica	<i>Marimbondo</i>	Córrego	Africana
Ribas do Rio Pardo	<i>Indaiá</i>	Ribeirão	Tupi
Sidrolândia	<i>Cuês, dos</i>	Córrego	Guarani

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelas autoras.

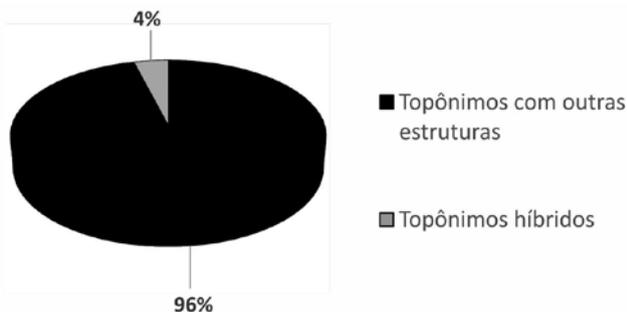
Quadro 2: Amostra de topônimos de estrutura composta

Município	Topônimo	Acidente	Língua de origem
Camapuã	<i>Retiro Velho</i>	Córrego	Portuguesa
Alcinópolis	<i>Bonsucesso</i>	Ribeirão	Portuguesa
Ponta Porã	<i>Santo Antônio</i>	Córrego	Portuguesa
Bataguassu	<i>Terra Queimada</i>	Córrego	Portuguesa
Amambai	<i>Ipuí-pucu</i>	Córrego	Tupi
Água Clara	<i>Pindaíba</i>	Córrego	Tupi
Alcinópolis	<i>Pirapitanga</i>	Córrego	Tupi

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelas autoras.

No Gráfico 2 apresenta-se a quantificação da produtividade dos topônimos com estrutura morfológica híbrida em relação aos constituídos por elementos de uma só língua em sua estrutura. Esse gráfico demonstra que há um número representativo de topônimos com formantes de outras línguas, principalmente, de base indígena, o que será abordado ainda neste texto. As formações mais recorrentes foram tupi + língua portuguesa e língua portuguesa + língua guarani. Há que se destacar que, apesar do número reduzido, registraram-se topônimos com formantes de outras línguas: africana + portuguesa: cinco ocorrências; portuguesa + espanhola: duas ocorrências; espanhol + guarani: duas ocorrências.

Gráfico 2: Distribuição quantitativa dos topônimos híbridos (simples e compostos) em relação à totalidade

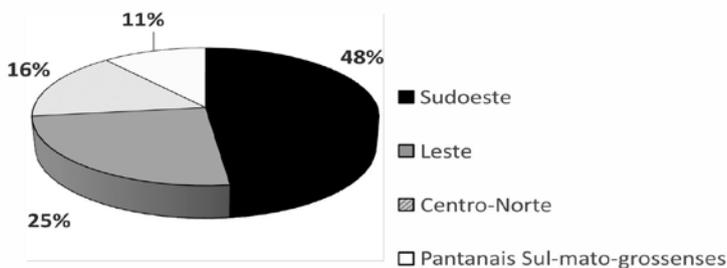


Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelas autoras e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

Como foi destacado no Gráfico 2, o Sistema de Dados do ATEMS reúne 7.455 topônimos e, desse total, 321 são híbridos simples e híbridos compostos e, em sua maioria, compõem-se de elementos da língua portuguesa e línguas indígenas – Tupi e/ou Guarani.

Observou-se que a Mesorregião Sudoeste é a que mais concentra topônimos híbridos, o que pode ser justificado pelos aspectos históricos e culturais de Mato Grosso do Sul, que serão contextualizados na sequência, após o Gráfico 3.

Gráfico 3: Distribuição quantitativa dos topônimos, segundo sua estrutura – formas simples híbridas e compostas híbridas por Mesorregião de Mato Grosso do Sul



Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelas autoras e editado por Luciene Gomes Freitas Marins.

O Gráfico 3 demonstra que dos 321 topônimos híbridos, 155 estão na Mesorregião Sudoeste (48% das ocorrências); 81 na Mesorregião Leste (25,5% das ocorrências); 47 na Mesorregião Centro-Norte (15,5% das ocorrências); 35 na Mesorregião Pantanais Sul-mato-grossenses (11% de registros).

2.1 Os topônimos híbridos: contextualizações histórico-geográficas

A investigação toponímica possibilita o levantamento de informações, se não em sua totalidade pelo menos em parte, de aspectos sócio-histórico-culturais de um grupo alocado em um determinado espaço geográfico, bem como da língua falada nessa região, no presente ou no passado, pois, como atesta Dick (1999, p. 120),

[...] é pela junção de *várias condicionantes lingüísticas* ou de diversos dialetos e falares presentes em um determinado território, *que se estrutura o léxico regional*, considerando não só as tendências normalizadoras da língua-padrão como presença de minorias étnicas ainda participativas ou, mesmo, como dado documental, porque já extintas. *A Toponímia*, principalmente *serve-se dessas circunstâncias de base*, equivalente ou próxima de um substrato vocabular, *para aí deitar suas raízes*, aproveitando-se do material lingüístico que mais se adequa à configuração dos conceitos que deve transmitir. Uma nomenclatura local, ou uma cadeia onomástica que interage com vários segmentos culturais, num aparato semiótico de relações e procedências diversas, constitui, realmente, uma base de pesquisa lingüística altamente produtiva (grifo nosso).

Observa-se que os topônimos, parte integrante do léxico de uma língua, revelam aspectos sócio-histórico-culturais de um grupo. O estudo lingüístico da estrutura morfológica dos topônimos aqui investigados, por exemplo, revelou estratos lingüísticos oriundos das línguas das diferentes etnias presentes na formação da população que habita e/ou habitou o estado de Mato Grosso do Sul.

Conforme informações de Cabral (*apud* TAVARES, 2004), em Mato Grosso do Sul há cinco grupos étnicos indígenas oficialmente reconhecidos, a saber: Guató, Kadwéu, Terena, Guarani/Kaiowá e Ofaié e três que ainda não obtiveram reconhecimento oficial: os Kamba, os Kinikinau e os Atikun.

Atualmente, os grupos Guarani/Kaiowá que se distribuem pela Mesorregião Sudoeste é o mais numeroso do Mato Grosso do Sul. Os indígenas desse grupo ocupam um território, com áreas que se estendem por dezesseis municípios, desde Japorã, no extremo Sul, até Rio Brillhante, no Centro-Sul, e Bela Vista, no extremo Sudoeste, passando por Sete Quedas, Tacuru, Paranhos, Coronel Sapucaia, Amambai, Iguatemi, Eldorado, Juti, Caarapó, Dourados, Douradina, Maracaju, Laguna Caarapã, Aral Moreira, Ponta Porã e Antônio João (CABRAL, *apud* TAVARES, 2004).

A formação de nomes com estrutura morfológica híbrida de topônimos com elementos de base indígena na Mesorregião Sudoeste em relação às outras mesorregiões – Centro-Norte, Pantanaís Sul-mato-grossenses e Leste – conforme já foi assinalado no Gráfico 3, também pode ser justificada pela presença de comunidades indígenas concentradas nesse espaço geográfico.

Outro fato relevante que pode ter influenciado na escolha de nomes de estrutura híbrida formado com elementos de base indígena nos dados examinados são aspectos históricos e econômicos relacionados aos municípios pertencentes à Mesorregião Sudoeste, onde foram mais produtivos os topônimos híbridos. Nessa mesorregião há também a questão da fronteira de municípios como Sete Quedas, Paranhos, Coronel Sapucaia, Aral Moreira, Ponta Porã, Antônio João, Bela Vista e Caracol com o Paraguai, país em que a língua Guarani é oficial. Desse modo, parte-se dessas duas realidades, número significativo de grupos guarani na região e a proximidade com a fronteira paraguaia, para justificar a influência de elementos de base indígena na formação de topônimos que nomeiam acidentes geográficos dessas localidades.

2.2 Topônimos híbridos: alguns exemplos

Os topônimos do Quadro 3 foram classificados como simples híbridos por serem formados a partir do morfema lexical de uma língua associado a um sufixo de outra língua, como demonstrado, pelas considerações estabelecidas acerca de cada um dos exemplos apresentados na sequência do quadro.

Quadro 3: Amostra de topônimos simples híbridos na toponímia sul-mato-grossense

Município	Topônimo	Acidente	Língua de origem
Itaporã	<i>Carumbezinho</i>	Córrego	tupi+portuguesa
Glória de Dourados	<i>Guassulândia</i>	Distrito	tupi+portuguesa
Dois Irmãos do Buriti	<i>Pindaivinha</i>	Córrego	tupi+portuguesa
Paranaíba	<i>Monjolinho</i>	Córrego	africana+portuguesa
Inocência	<i>Mutunzinho, do</i>	Córrego	tupi+portuguesa
Chapadão do Sul	<i>Goiabal</i>	Córrego	tupi+portuguesa
Itaporã	<i>Carumbezinho</i>	Córrego	tupi+portuguesa

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelas autoras.

O primeiro exemplo, *Carumbezinho*, vem de carumbé: “o macho do jabuti. Cara-mbé, o casco achatado, ou aplainado. Designa também um cesto ou gamela de forma cônica, baixa, servindo para o transporte de minério” (SAMPAIO, 1987, p. 219). Segundo Houaiss (2001), *carumbé* é de etimologia tupi “ka-ru’mbé ‘vasilha utilizada para transportar minério do local de extração para o de lavagem; espécie de tartaruga, cuja carapaça serve de vasilha”. No exemplo em questão, une-se ao termo *carumbé* o sufixo diminutivo da Língua Portuguesa -inho.

Já a formação de *Guassulândia* é explicada pela união de *guaçu*, do tupi, ao sufixo *-lândia* do português. *Guaçu* como adjetivo exprime a noção de grande, grosso, largo, amplo. “No tupi primitivo, dizia-se *uaçu*; com o contato do português, apareceu a letra “g” inicial, e se passou a dizer, na língua geral, *guaçu*, como em quase todas as palavras começadas por “u”, da língua

primitiva. Alt. *açu, oaçu, uçu*" (SAMPAIO, 1987, p. 206). O sufixo de base portuguesa, "-lândia", significando 'terra, país, região etc.', extremamente frequente em topônimos [...] (HOUAISS, 2001) é recuperado na formação do topônimo Guassulândia. Sandmann (1991, p. 55), por sua vez, esclarece que *-lândia* é uma "adaptação do alemão/inglês *land/land* "terra/país", semântica de muitos topônimos brasileiros: *Uberlândia, Romelândia, Bragalândia*". O autor acrescenta que "hoje, no entanto, a semântica é menos específica: o significado é 'terra, lugar, loja etc.': *Brinqedolândia, Eletrolândia, Chocolandia* (fábrica de chocolates)" (SANDMANN, 1991, p. 55-56).

Pindaivinha, por sua vez, provém de *pindaíva* (variante de *pindaíba*) + sufixo diminutivo da Língua Portuguesa. Sampaio (1987, p. 300), citando Batista Caetano, registra *pindahyba* como "corr. Pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol. Pode provir ainda de pindá-ayba e significar o anzol ruim". Segundo o estudioso, a "dicção popular – *estar na pindaíba* – é alusão à má fortuna de quem se vê reduzido à vara do anzol para viver". *Pindaíba* designa ainda um "arbusto [...] nativo do Brasil, de ramos flexíveis, cuja casca é us. como bucha para espingarda e fornece fio branco us. em cordoaria..." (HOUAISS, 2001).

O sufixo diminutivo da Língua Portuguesa *-inho* também é usado para formar *Monjolinho*. *Monjolo*, de acordo com Houaiss (2001), nomeia um engenho rudimentar, acionado à água, usado para pilar milho e descascar café. Pode ser, ainda, o bezerro novo, sem chifres; *mujolo*, novilho, ou, ainda, segundo o lexicógrafo, o negro brasileiro empregado como escravo na agricultura colonial. *Monjolo* é uma palavra de "etim. voc. quimb., prov. da designação do povo; a datação é para a acp. 'engenho rudimentar'" (HOUAISS, 2001).

Por sua vez, *Mutunzinho* originou-se de "Motum – My-t-u, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum" (SAMPAIO, 1987, p. 287). A esse vocábulo, mais uma vez, une-se o sufixo diminutivo da Língua Portuguesa *-zinho*.

Já para a formação *Goiabal* uniu-se o termo *goiaba* + al. Teodoro Sampaio considera *goiaba* “alt. do tupi “acoyá ou acoyaba, a-coyaba, o ajuntamento de caroços; agregado de caroço, pinha de grãos”, com a var. guayaba.

Na sequência são apresentados, no Quadro 4, exemplos de topônimos compostos híbridos.

Quadro 4: Amostra de topônimos compostos híbridos na toponímia sul-mato-grossense

Município	Topônimo	Acidente	Língua de origem
Bandeirantes	<i>Capim branco</i>	Povoado	tupi+português
Coxim	<i>Dois Buritis</i>	Vazante	portuguesa+tupi
Alcinópolis	<i>Tapera do Eraque</i>	Córrego	tupi+portuguesa
Amambai	<i>Anselmo - Cuê</i>	Córrego	portuguesa+guarani
Água Clara	<i>Cabeceira do Indaiá</i>	Córrego	portuguesa+tupi
Bela Vista	<i>Apa-mi</i>	Rio	tupi+guarani
Coxim	<i>Monte Jaraguá</i>	Povoado	portuguesa+tupi

Fonte: Sistema de Dados do ATEMS. Elaborado pelas autoras.

Os topônimos incluídos no do Quadro 4 são classificados como compostos híbridos por serem formados por unidades lexicais de diferentes línguas. Assim, *Capim Branco* originou-se de *capim* “caapi i, a planta da folha fina; a erva miúda” (SAMPAIO, 1987, p. 215), do tupi “ka’pii, erva, mato em geral” (CUNHA, 1998, p. 95) e o vocábulo *branco*, relativo à cor.

Já a formação do topônimo *Dois Buritis* se deu pela combinação do numeral *dois* + nome *buriti* que, segundo Sampaio, vem de “mbiriti, árvore que emite líquido. Alt. Murity, mirity, mority” (SAMPAIO, 1928, p. 171). De acordo com Cunha (1998, p. 75), provém de “miriti, espécie de palmeira”.

No Quadro 4, aparecem dois topônimos compostos com nomes de pessoas. O topônimo *Tapera do Eraque*, por exemplo, une o nome pessoal *Eraque* ao item lexical *tapera*, que provém da língua tupi “tab-era, a aldeia extinta, a ruína, local onde existiu uma po-

voação. Alt. Taguéra” (SAMPAIO, 1928, p. 316). Também a formação de *Anselmo-cuê* utiliza um nome de pessoa em composição com a forma “cuê”, que às vezes é classificada pelos estudiosos de línguas indígenas como de base Tupi, e outras vezes como de origem Guarani. Para fins de classificação etimológica, o *cuê*, no âmbito do Projeto ATEMS, foi considerado de origem Guarani, haja vista a marcante presença dessa etnia na região pesquisada e sua forte influência nas localidades em que ocorreram topônimos formados com *cuê*. Além disso, os estudos linguísticos atuais ainda não conseguiram traçar uma clara separação entre as línguas Tupi e Guarani, esta última pertencente ao tronco linguístico Tupi. Considerou-se, para tanto, as definições apresentadas por dicionários da Língua Guarani: KUE – (suf. tôn.) “suf. nominal de passado ou de coisa separada de seu lugar, coisa antiga, usada, equivalente a /ex/” (ASSIS, 2008). KUE: “Sufijo de pasado o de cosa separada de su proprio sitio” (GUASCH; ORTIZ, 1998).

Já o topônimo *Cabeceira do Indaiá* foi formado por *cabeceira* que, dentre várias definições, aparece como “nascente de um rio, riacho; local em que está situada ou a região circunvizinha” ou “trecho de mata coberto com buritis e onde há nascente(s) de rio(s) ou córrego(s)” (HOUAISS, 2001). À unidade léxica *cabeceira* une-se o termo *indaiá* “indayá, corr. de anda-yá, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despençam. É a palmeira *Altalea compta*. Alt. Andayá, Endayá” (SAMPAIO, 1928, p. 223).

A formação de *Apa-mi* ocorre com a união do elemento lexical *apa*, que advém do Tupi e “caracteriza aquilo que é desmoronante, desabado” (SAMPAIO, 1928, p. 153) e *mi*, que é de origem Guarani e designa “aquilo que é pequeno, miúdo, pouco e prolixo” (SAMPAIO 1987, p. 104).

Por fim, o topônimo *Monte-Jaraguá*, resultante da junção do item lexical *monte*, “parte de uma superfície que se eleva em relação ao espaço circundante; morro” (HOUAISS, 2001), com *jaraguá* “Yara-guá, a baixa do senhor, o vale do dono. Pode ser corrupção de yara-quã, que significa o dedo de Deus, a ponta do senhor” (SAMPAIO, 1987, p. 268).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se considerados os 7.437 topônimos, aparentemente, a quantidade de nomes com estrutura híbrida parece pequena. No entanto, o montante de 321 topônimos com formantes de línguas diferentes, em especial de línguas indígenas, mostra uma particularidade da toponímia de Mato Grosso do Sul. A grande quantidade de indígenas que vivem na região, bem como a fronteira com o Paraguai, onde o Guaraní é uma das línguas oficiais, garantiram um registro na língua extremamente importante. A cristalização da língua em um nome de lugar garante tanto a sua perpetuação quanto a valorização da história do povo que a fala. O mesmo acontece com topônimos com formantes da língua espanhola representados pelos nomes córrego *Corro Parrón* (Iguatemi) e córrego *Cabeceira do Pangaré* (Figueirão). No Paraguai, além da língua indígena, fala-se o espanhol, que acaba por também exercer influências na Língua Portuguesa sobretudo das regiões de fronteira.

É importante destacar que, apesar do número reduzido de ocorrências, os nomes com formantes de base africana, grupo étnico que fez parte da formação do povo brasileiro, aparecem em nomes como córrego *Bananalzinho* (Alcinópolis); córrego *Monjolinho* (Bela Vista, Caarapó e Inocência); córrego *Quilombinho* (Rio Brillhante) e córrego *Bananeira* (Paranaíba).

A análise dos topônimos do ponto de vista da sua estrutura pode evidenciar particularidades que nem sempre são óbvias, uma vez que, na observação e estudo sobre a estrutura morfológica dos nomes dos acidentes geográficos, resgata-se uma grande parcela de topônimos formados com palavras já incorporadas à Língua Portuguesa, como *capim*, *tapera*, *goiaba*, o que leva à reflexão sobre como, muitas vezes, a língua de origem quase se perde e sobre a importância de trabalhos dessa natureza como forma de resgate linguístico.

Percebe-se que, apesar de a questão dos processos de *formação das palavras* ser abordada pelas gramáticas normativas e

da existência de trabalhos voltados especificamente para esse aspecto da descrição da língua, ainda são necessários estudos que discutam o assunto de forma mais exaustiva, isso porque “nem sempre é simples classificar as palavras, pô-las em gavetas pré-escolhidas e em que elas fiquem bem comportadas e acomodadas” (SANDMANN, 1991, p. 32).

REFERÊNCIAS

ASSIS, Cecy Fernandes de. *Ñe'ẽryru: Avañe'ẽ-Portuge/Portuge-Avañe'ẽ*. Dicionário: Guarani-Português/Português-Guarani. São Paulo: Edição Própria, 2008.

ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul – UFMS. *Sistema de Dados do Projeto ATEMS*. Campo Grande: UFMS, 2011 (acesso restrito).

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Cultrix, 1984.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Histórico das palavras Portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas. Estudo de caso: o Atlas Toponímico de São Paulo. *Revista Investigações Linguísticas e Teoria Literária*, Recife/UFPE, v. 9, p. 119-148, mar. 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Positivo, 2004.

GUASCH, Antônio; ORTIZ, Diego. *Diccionario castellano-guarani; guarani-castellano*. 13. ed. Assunción: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, 1998.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.

SAMPAIO, Mário Arnaud. *Vocabulário guarani português*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SANDMANN, Antônio. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

TAVARES, Marilze. *Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*. 2004. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2004.



A MACROTAPONÍMIA DOS MUNICÍPIOS SUL-MATO-GROSSEENSES: MECANISMOS DE CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA

Aparecida Negri Isquerdo
Ana Paula Tribesse Patrício Dargel

INTRODUÇÃO

A Toponímia é uma disciplina linguística que se relaciona com variadas áreas do conhecimento humano em seu objeto de estudo, os topônimos, porque se configura como um ramo interdisciplinar, dinâmico, aberto e inacabado da Onomástica¹, tendo em vista que os topônimos de uma região consubstanciam aspectos relacionados às camadas linguísticas, à história, à geografia, à cultura e ao povo de um espaço geográfico.

Nesse sentido, para Dick (1990, p. 35), o estudo dos designativos de uma localidade se constitui como “um complexo *língua-cultural*, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”, ou seja, a pesquisa toponímica de um espaço geográfico revela informações diversas além das de cunho linguístico.

¹ A Onomástica é o ramo da Linguística destinado ao estudo dos nomes próprios e está subdividida tradicionalmente em duas disciplinas genéricas: a Toponímia, estudo dos nomes próprios de lugares, e a Antroponímia que é voltada a estudos a respeito dos nomes próprios de pessoas.

O topônimo, nessa perspectiva, é concebido como o amálgama resultante da relação entre *homem-língua-ambiente-cultura*. Dessa junção, entende-se que a geografia, a história, a cultura, a formação étnica do denominador, enfim, todo o universo físico e social de um grupo pode ser determinante no ato de nomear um lugar. O signo toponímico, um elemento linguístico, incorpora sobremaneira aspectos da relação do homem com o meio circundante, o que remete à visão antropológica da linguagem de Sapir (1969, p. 44), ou seja, a tese de que o ambiente, tanto físico quanto social, revela-se no léxico da língua de uma comunidade.

Nessa perspectiva, neste trabalho tem-se como objetivo mais amplo discutir resultados de um estudo toponímico dos nomes dos municípios sul-mato-grossenses por intermédio da relação estabelecida entre nome próprio e a projeção humana nele simbolizada, no âmbito da macrotoponímia² do Estado. Para tanto, arrolam-se os referenciais toponímicos, as causas denominativas e a classificação quanto à motivação de cada um dos topônimos dos municípios de Mato Grosso do Sul, para, após o registro dessas informações, realizar a discussão sobre os referenciais toponímicos e as taxinomias toponímicas de Dick (1990; 1992; 1997) presentes na macrotoponímia de Mato Grosso do Sul.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE MATO GROSSO DO SUL

Continuando o objetivo de expansão territorial e mercantil dos países da Península Ibérica, a Coroa Portuguesa, logo após 1500, ano considerado marco como descoberta e apropriação de parte do território que hoje é o Brasil, incentivou a vinda de portugueses para o Brasil com os objetivos de reconhecer, defender o litoral e descobrir possibilidades de riquezas. Desse modo, co-

² Macrotoponímia: consideram-se macrotopônimos os designativos de áreas mais extensas em relação a espaços menores. Por exemplo, os nomes dos municípios fazem parte da macrotoponímia sul-mato-grossense.

lonos percorreram o interior do Brasil em expedições de bandeirantes sertanistas à procura de pedras e metais preciosos.

Inicialmente, o território que forma o atual estado de Mato Grosso do Sul não interessava aos sertanistas, haja vista que, na concepção desses desbravadores³, não havia riquezas na parte Sul dessa região considerada à época como sertão⁴. Nessa perspectiva dos bandeirantes, essa área geográfica servia apenas como rota de passagem rumo ao Peru, localidade em que era certo haver metais preciosos. Houve várias rotas utilizadas pelos desbravadores para chegarem ao Peru, entretanto, a preferida era a que percorria o interior do território brasileiro partindo de São Paulo, passando por Assunção, Paraguai, em direção ao Peru. O primeiro bandeirante a utilizar essa rota foi Aleixo Garcia, mais ou menos em 1524,⁵ que, por esse caminho, atravessava a serra de Maracaju, descendo pelos rios Miranda e Paraguai até alcançar Assunção (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1991, p. 13).

Conforme os mesmos historiadores, “o fato é que por Mato Grosso do Sul passaram numerosas bandeiras [...] e as regiões do Iguatemi, do Ivinhema, a serra de Maracaju e a Vacaria eram bem conhecidas dos bandeirantes”. O certo que se tem desse tempo é que os sertanistas conheciam, desde o início, o território do atual Mato Grosso do Sul (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1991, p. 15).

Em 1719, o bandeirante Pascoal Moreira Cabral Leme descobriu ouro na região de Cuiabá, descoberta que provocou a

³ Neste texto não se pretende adentrar no papel dos sertanistas, monçoeiros e bandeirantes referente à dizimação dos povos indígenas brasileiros. Apenas se discute a relevância desses movimentos na história linguística do nome próprio.

⁴ O termo *sertão* tradicionalmente remete ao um espaço marcado pela presença de traços culturais sertanejos que se reportam a uma identidade regional. Contemporaneamente, “o sertão consistiria, nos territórios outrora abrangidos pelo termo, isto é, nos territórios distantes das capitais de Estados litorâneos, ou em uma “categoria do pensamento social” ou em uma simbólica “categoria cultural”” (CORBACHO QUINTELA, 2010, p. 242).

⁵ Nessa época, o estado de Mato Grosso pertencia à coroa espanhola. O seu território só foi incorporado ao do Brasil após a assinatura do Tratado de Madri pelas coroas portuguesa e espanhola em 1554.

‘corrida pelo ouro’ e a conseqüente criação do Arraial de Cuiabá (BRAZIL; DANIEL, 2008, p. 2015)⁶. Para tomar posse do espaço em nome da Coroa Portuguesa, um “termo de certidão” foi lavrado e enviado com amostras de ouro a Dom Pedro de Almeida Portugal, por meio do qual “o sertanista garantia os direitos de descobridor e explorador das minas de ouro encontradas. A partir de então, como prolongamento das bandeiras paulistas, originou-se o chamado “ciclo das monções””. Em 1º de janeiro de 1727, Rodrigo de Menezes que liderara uma monção para Cuiabá, elevou o arraial à categoria de vila, “intitulando-a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá” (SIQUEIRA, 2002, p. 37).

Em viagem a Cuiabá, os irmãos Leme erraram o percurso e chegaram a Camapuã. Ao conhecerem a região, gostaram das terras férteis e resolveram plantar nelas roça de diferentes produtos. Nesse interim entre plantação e colheita, foi formado o primeiro povoado do futuro estado de Mato Grosso do Sul (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1991, p. 17).

Em consequência da descoberta do ouro, a Coroa Portuguesa criou a capitania de Mato Grosso em 1748. O interesse pelo território foi todo voltado ao ouro sem interesse pela parte Sul da capitania. Essa porção, inicialmente, foi utilizada apenas como pontos para paragem dos sertanistas e só se tornou objeto de preocupação quando os espanhóis ameaçaram tomá-la de Portugal, fato que desencadeou a criação da colônia de Iguatemi como “o primeiro passo do governo para a posse efetiva da região de fronteira do que hoje constitui Mato Grosso do

⁶ A notícia da descoberta de ouro atraiu grande quantidade de pessoas que exauriram rapidamente as minas e a busca por outras jazidas. Uma dessas minas “ensejou o nascimento de mais um arraial a que deram o nome de Forquilha. Colocaram-no sob a proteção de Nossa Senhora da Penha de França, padroeira desse segundo achado aurífero e, como era de costume, ali ergueram uma capela em homenagem à santa” (SIQUEIRA, 2002, p. 30-31).

⁷ Isquendo e Dargel (2014, p. 66-70) discutem a relação entre os caminhos das monções e o surgimento e nomeação de municípios dos estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, apontando a hidronímia local como uma das primeiras manifestações da macrotoponímia sul-mato-grossense.

Sul” (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1991, p. 23). Seguiu a essa medida de defesa de território, a formação de outros núcleos nas regiões de fronteira, incluindo a construção do Forte Coimbra às margens do rio Paraguai. Entretanto, o Sul de Mato Grosso só começou a ser efetivamente povoado por volta de 1830.

A diferença de interesses, as grandes distâncias e o abandono das terras do Sul do estado geraram desentendimentos entre o Norte e o Sul de Mato Grosso, crescendo o desejo de separação desse espaço. Segundo Campestrini e Guimarães (1991, p. 139), a primeira tentativa ocorreu em 1892; a segunda, em 1932 – com a Revolução Constitucionalista, quando foi criado o estado de Maracaju; de 1934 a 1946, os políticos do Sul encaminharam abaixo-assinados aos deputados federais, solicitando a criação do estado de Mato Grosso do Sul; na década de 1940, *O Campograndense* (jornal) começou uma campanha pela divisão do território mato-grossense. O período de entrave foi longo e intenso, pois, somente no dia 11 de outubro de 1977, o presidente Ernesto Geisel assinou a Lei Complementar Nº. 31 que criou o estado de Mato Grosso do Sul, por meio de desmembramento do território do então estado de Mato Grosso, elevando Campo Grande à condição de capital da nova unidade da Federação. A implantação do novo Estado aconteceu em 01/01/1979.

Os 79 municípios que integram a malha municipal de Mato Grosso do Sul distribuem-se por quatro mesorregiões que, por sua vez, abrigam onze microrregiões administrativas. Desses, 55 foram criados antes de 1977, ano em que o território de Mato Grosso foi dividido dando origem ao novo estado de Mato Grosso do Sul. Os demais (24 municípios) foram criados a partir de 1980, ou seja, após a instalação da nova unidade da Federação (1979).

Isquerdo (2008) analisa os designativos dos municípios sul-mato-grossenses, na perspectiva da história social do território do grande Mato Grosso e divide a macrotoponímia do Estado em quatro sincronias, tomando como referência o ano de criação oficial dos municípios. Para tanto, considera fatos

marcantes da história de Mato Grosso do Sul, desde a caracterização da Capitania de Mato Grosso (1748), até 1979, quando foi implantado o novo Estado. Assim, considerando dados acerca da história social do Estado, para fins de análise da toponímia dos municípios sul-mato-grossenses, Isquerdo (2008, p. 42-50) definiu quatro sincronias assim distribuídas:

1700-1899 (Corumbá/1778⁸; Paranaíba/1857; Miranda/1857; Nioaque/1890; Coxim/1898 e Campo Grande/1899);

1900-1949 (Aquidauana/1906; Bela Vista/1908; Porto Murtinho/1911; Ponta Porã/1912; Três Lagoas/1915; Maracaju/1928; Rio Brillhante/1929 e Dourados/1935; Ribas do Rio Pardo/1943; Amambaí/1948; Aparecida do Taboado/1948; Bonito/1948; Camapuã/1948 e Rochedo/1948);

1950-1976 (Água Clara/1953; Bataguassu/1953; Caarapó/1953; Corguinho/ 1953; Guia Lopes da Laguna/1953; Itaporã/1953; Jaraguari/1953; Jardim/1953; Ladário/1953; Rio Verde de Mato Grosso/1953; Sidrolândia/1953; Terenos/1953; Cassilândia/1954; Inocência/1958; Nova Andradina/1958; Anaurilândia/1963; Bandeirantes/1963; Batayporã/1963; Brasilândia/1963; Caracol/1963; Fátima do Sul/1963; Glória de Dourados/1963; Iguatemi/ 1963; Ivinhema/1963; Jateí/1963; Naviraí/1963; Pedro Gomes/1963; Anastácio/1964; Antônio João/1964; Rio Negro/1964; Angélica/1976; Aral Moreira/1976; Deodápolis/1976; Eldorado/1976 e Mundo Novo/1976).

1980-2003 (Bodoquena/1980; Costa Rica/1980; Douradina/1980; Itaquiraí/1980; São Gabriel do Oeste/1980; Selvíria/1980; Sete Quedas/1980; Tacuru/1980; Taquarussu/1980; Coronel Sapucaia/1985; Vicentina/1987; Chapadão do Sul/1987; Dois Irmãos do Buriti/1987; Juti/1987; Paranhos/1987; Santa Rita do Pardo/1987; Sonora/1988; Alcínópolis/1992; Japorã/1992; Laguna Caarapã/1992; Nova Alvorada do Sul/1992; Novo

⁸ Em virtude da importância a vila de Albuquerque/Corumbá para a história social do estado de Mato Grosso do Sul, no caso de Corumbá, considera-se neste texto a data da fundação da vila e não a da criação oficial do município que aconteceu em 1850.

Horizonte do Sul/1992; Figueirão/2003 e Paraíso das Águas/2009⁹).

2. MECANISMOS PARA CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA

Diferentes pesquisadores ao longo da história esboçaram mecanismos para a classificação dos designativos quanto à motivação semântica e à estrutura morfológica, considerando, para tanto, a ideia de que no estudo dos topônimos são relevantes todas as informações intralinguísticas e extralinguísticas envolvidas no ato designativo ou transparentes no próprio topônimo. Nesse sentido, o topônimo apresenta peculiaridades que o diferem dos demais nomes próprios.

A primeira sistematização de topônimos foi apresentada por Dauzat (1922), na qual o pesquisador focaliza o problema dos mecanismos toponímicos do ponto de vista do nomeador, estabelecendo, dessa forma, dois princípios básicos em sua orientação, quais sejam: *formação externa* (as nomeações *espontâneas*, quase inconscientes da comunidade, e as nomeações *sistemáticas* que se principiam com atos refletidos de alguma autoridade local) ou *sentidos intrínsecos* (restritos às designações que se emprestam ou da geografia, ou da história, ou de aspectos sociais que se relacionam a pessoas ilustres, ou ainda, de aspectos abstratos ou sociais que envolvem o espaço a ser nomeado). O mesmo estudioso (1922, p. 9) ressalta ainda a dificuldade que um pesquisador de toponímia enfrenta para esclarecer a origem e a motivação de um nome de lugar. Nesse sentido, para Dauzat,

La classification des noms de lieux est assez délicate. S'il existe des séries que la logique group aisément, on passe constamment, comme pour les noms de personnes, d'une

⁹ O município Paraíso das Águas foi criado em 2003, mas o processo de criação foi suspenso na Justiça pelo município de Água Clara, pois a lei que criava o novo município foi considerada inconstitucional após a prefeitura de Água Clara ter recorrido à Justiça. Paraíso das Águas foi de fato considerado município a partir de 03/12/2009, com o anúncio feito pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski.

série à l'autre ou cours de l'évolution du langage. Une ville peut tirer son nom d'une rivière ou vice versa, un territoire d'une ville, un village d'un terroir, un terroir comme une localité d'un accident de terrain. Les frontières sont souvent plus indéfinies qu'en anthroponymie: il est impossible, par exemple, de trouver une délimitation entre les noms de terroir et ceux des accidents de terrain, qui sont toujours amalgamés (DAUZAT, 1922, p. 09).

Como é possível deprender dos argumentos de Dauzat, desde as primeiras tentativas de sistematização dos estudos toponímicos, houve a preocupação com a árdua tarefa a ela inerente. Alguns topônimos podem facilmente ser agregados a uma ordenação, mas outros, por ausência de informações exatas sobre as circunstâncias que envolveram o denominador no ato designativo, não são passíveis de serem incorporados a um modelo de classificação. Os mecanismos propostos por Dauzat (1922), conforme visto, permitiram discernir o processo de surgimento dos nomes próprios de lugar segundo duas ordens bem distintas: formação externa e sentidos intrínsecos.

Em busca de sistematizações para organização dos topônimos, em 1931, Vasconcellos lança a obra *Opúsculos* (Vol. III): *Onomatologia*, em que dedica uma parte para a discussão de quatro critérios de estudos toponímicos. Dentre eles, no item III, Vasconcellos arrola algumas categorias de causas designativas de ordenação de topônimos, a saber: a) originados do reino animal; b) motivados pela flora; c) originados de nomes de santos e de nomes próprios de pessoas; d) outros topônimos, em que apresenta análise etimológica de alguns nomes de lugares.

Nessa mesma obra, Vasconcellos apresenta a Série III – Nomes vários (Panteonímia), em que discute diversas motivações para os topônimos como os fenômenos meteorológicos, a fauna, nome de entidades sobrenaturais, nomes de embarcações, nomes de caráter religioso (genéricos e individuais), nomes de caráter profano, nomes de sinos (religiosos e não religiosos), outros nomes próprios (armas, veículos), resíduo – parte em que o

estudioso informa que poderia introduzir muitos elementos na parte designada *Panteonímia*, tais como nomes sociais, títulos de livros etc., mas que optou por não fazê-lo por considerar que esses nomes se relacionam diretamente à Etnografia ou à História da Literatura (VASCONCELLOS, 1931, p. 357).

Em 1952, Backheuser apresenta uma primeira classificação por categorias para os topônimos brasileiros. Nessa sistematização, o autor assinala que há *duas categorias gramaticais*: o substantivo e o adjetivo e *três figuras de retórica* na nomenclatura onomástica.

Os substantivos na toponímia, segundo Backheuser (1952, p. 163), categorizam-se em três ordens básicas da natureza, a saber: I - de geografia física (de índole geológica ou mineralógica, botânica, zoológica, orográfica, hidrográfica, incluindo os de índole litorânea ou costeira); II - de geografia humana (caminhos, empreendimentos sedentários, estabelecimentos industriais, agrícolas, mineiros e de pecuária); III - de substantivos abstratos, substantivos próprios (nomes de pessoas, de lugares, de santos e a efeméride religiosa, homenagens cívicas ou intelectuais, de povos que habitaram determinadas regiões), de nomes alienígenas.

Os topônimos originados de adjetivos, conforme Backheuser (1952, p. 188-189), são mais abundantes nos acidentes físicos, pois são descritivos em sua maioria. Em relação às figuras da retórica, o pesquisador (1952, p. 169) orienta que a *antonomásia* se refere a um nome comum tomado por nome próprio ou o contrário; o *pleonasm* se relaciona com a presença, geralmente, de um nome em outra língua com o mesmo significado do elemento geográfico nomeado: rio Paraná¹⁰ (em tupi, Paraná significa grande rio ou semelhante ao mar).

¹⁰ Casos como esse são denominados por Dick (1997, p. 45) como arquétipos toponímicos tomados pela cristalização semântica, ou seja, "... expressões padrão que traduzem ou enfocam o mesmo ângulo em relação aos acidentes geográficos. Assim, os diversos sistemas toponímicos apresentam, em seu universo onomástico, o mesmo fato, ou traduzem uma condição semelhante; acidentes físicos, geralmente, se definiam pelo próprio termo comum (pelo menos foi assim em determinadas épocas), ou seja, o termo genérico incorpora o mesmo sentido do termo específico".

Em 1954, Stewart apresentou uma proposta de categorização dos topônimos composta por nove mecanismos, quais sejam: 1 - Descriptive names; 2 - Possessive names; 3 - Incident names; 4 - Commemorative names; 5 - Euphemistic names; 6 - Manufactured names; 7 - Shift names; 8 - Folk etymologies e 9 - Mistake names. Stewart (1954, p. 01) assinala que “toda a nomeação de lugar decorre de um motivo básico, isto é, o desejo de identificar um lugar e, portanto, distingui-lo dos outros. Para tanto, o nomeador faz uso de um dos vários mecanismos diferentes, por exemplo, a descrição”. Tanto Dauzat quanto Vasconcellos, Backheuser e Stewart enfatizaram em suas propostas as causas denominativas dos topônimos.

Nessa perspectiva, Dick¹¹ (1990; 1992) concebe um modelo de categorização toponímica que considera, para fins de classificação, a motivação semântica subjacente ao elemento específico do topônimo, ou seja, toma como princípio a tese de que o topônimo, por ele mesmo, traz aspectos linguísticos e extralinguísticos imbricados em sua formação. Na proposta de Dick (1990; 1992), não há necessidade de se fazer um estudo diacrônico do item lexical elevado à categoria de topônimo para se chegar à sua motivação. O próprio significado do nome do lugar evoca uma motivação semântica no plano sincrônico da língua.

Desse modo, Dick (1990; 1992) propôs um modelo taxionômico¹² que reúne 27 taxes¹³ toponímicas. O modelo originário apresenta uma terminologia particular para classificar os topô-

¹¹ A primeira versão da proposta de classificação toponímica de Dick foi apresentada em 1980 na sua Tese de Doutorado “A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos” que foi publicada em 1990 com o título “A motivação toponímica e a realidade brasileira”, versão essa consultada para este trabalho.

¹² **Taxonomia:** “Ciência da classificação” (AULETE, 2014); “*taxi* (elemento de composição culta que traduz as ideias de «ordem, orientação»; do gr. *taxi* «arranjo, disposição, boa ordem... » + -nomo- + -ia” (MACHADO, 1987); **taxionomia:** “*taxi* + -nomo- + -ia” (MACHADO, 1987).

¹³ **Taxe:** do grego *táxis* (arranjo) (AULETE, 2014); “*taxi* «ordem, orientação»; do gr. *táxi* «arranjo, disposição, boa ordem... » (MACHADO, 1987).

nimos, segundo a motivação do signo toponímico, que é assim descrito pela autora: “adoção de um prefixo nuclear (grego-latino) de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano; acréscimo do termo “topônimo” ao elemento prefixal, para dar a justa medida do campo de atuação da unidade onomástica criada” (DICK, 1999, p. 142). Segundo essa linha de raciocínio, dois critérios são adotados para agrupar as taxes, considerando, para tanto, a natureza do nome: a) taxionomias de natureza física: 11 taxes (Astrotopônimos, Cardinotopônimos, Cromotopônimos, Dimensiotopônimos, Fitotopônimos, Geomorfotopônimos, Hidrotopônimos, Litotopônimos, Meteorotopônimos, Morfotopônimos, Zootopônimos); b) taxionomias de natureza antropocultural: 16 taxes (Animotopônimos, Antropotopônimos, Axiotopônimos, Corotopônimos, Cronotopônimos, Ecotopônimos, Ergotopônimos, Etnotopônimos, Dirrematotopônimos, Hierotopônimos, Historiotopônimos, Hodotopônimos, Numerotopônimos, Poliotopônimos, Sociotopônimos, Somatotopônimos). Segundo esse modelo, o topônimo *São Gabriel do Oeste* (município), por exemplo, classifica-se como um hagiotopônimo por se referir a um santo do hagiológico católico, enquanto o topônimo *Capivara, da* (córrego) é classificado como um zootopônimo porque *capivara* remete a um animal (zoo).

Quando se trata de classificar os topônimos segundo um modelo de categorização, no Brasil, tem sido utilizada a proposta de Dick (1990; 1992) por ser voltada para a realidade brasileira. Entretanto, a própria autora esclareceu que as taxes poderiam não levar em conta todos os topônimos dos espaços brasileiros, o que, conseqüentemente, poderia exigir a proposição de outras taxes que atendessem padrões toponímicos não cobertos pelo seu modelo original e, por extensão, complementassem o modelo de classificação originalmente concebido. A própria Dick abriu esse precedente ao focalizar a amplitude das taxionomias de seu modelo e ponderar o seguinte:

As taxionomias toponímicas [...] não são exaustivas em suas ocorrências e, sim, exemplificativas, podendo ser ampliadas em seus categoremias (fitotopônimos, ergotopônimos, somatotopônimos, etc.), à medida que novas estruturas vocabulares se constituam, respeitando sempre o modelo originário, assim descrito: adoção de um prefixo nuclear (greco-latino) de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano; acréscimo do termo “topônimo” ao elemento prefixal, para dar a justa medida do campo de atuação da unidade onomástica criada (DICK, 1999, p. 142).

Em trabalho posterior, ao focalizar a toponímia urbana da cidade de São Paulo, Dick (1997) discute a noção de referenciais toponímicos em uma perspectiva diferente do modelo taxionômico anteriormente proposto. Entretanto, a pesquisadora não deixou de pautar o estudo no significado que o designativo evoca. Nesse trabalho, a toponimista analisa a toponímia da cidade de São Paulo de 1554 a 1897, assinalando o seguinte:

Se o ponto de apoio buscado é a taxonomia por nós elaborada, a distribuição dos nomes encontrará uma base no que se optou chamar, agora, de *referencial*: uns, tendo um suporte concreto, material, facilmente deduzível porque explícito ou icônico; outros, menos sensíveis, mas igualmente válidos. É aí, então, que a fundamentação classificatória empregada para enquadrar determinados topônimos tornar-se-á mais importante para justificar a inserção de alguns nomes em determinados referenciais (DICK, 1997, p. 147).

A mesma toponimista ressalta ainda que esse método é “mais prático para seguir” e o considerou como “técnica instrumental” para categorização dos topônimos (DICK, 1997, p. 147). Entretanto, a classificação a partir de referenciais toponímicos não é exatamente similar às proposições de Dauzat (princípios), Vasconcellos (categorias conforme os critérios e o caráter), Backheuser (categorias conforme a índole), Stewart (mecanismos toponímicos) que trabalham com a noção de causas denominati-

vas. Dick (1990; 1992; 1997) considera tanto os referenciais como as taxionomias como mecanismos revelados pelo nome, esclarecendo que a perspectiva dos referenciais configura-se como um meio termo entre causa e motivação toponômicas.

Neste estudo, os topônimos dos municípios sul-mato-grossenses são classificados de acordo com a orientação semântica presente no nome (referenciais e taxionomias) e com a causa denominativa. Os dados do *corpus* foram extraídos do Sistema de Dados do Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul). Na sequência, seguem os dados da macrotoponímia sul-mato-grossense com as respectivas análises.

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS MACROTOPÔNIMOS

Neste tópico, são apresentados e analisados os dados da macrotoponímia sul-mato-grossense. Para tanto, os topônimos que nomeiam os 79 municípios foram distribuídos em quadros estruturados em quatro colunas que contemplam, respectivamente, os topônimos, o referencial toponímico (DICK, 1997), a causa denominativa – Dauzat (1922); Vasconcellos (1931); Backheuser (1952); Stewart (1954) – e a taxionomia toponímica – Dick (1992) – em que se enquadra o designativo.

A primeira classificação relaciona-se à vinculação dos topônimos aos referenciais toponímicos (segunda coluna), de natureza antropocultural ou de natureza física. Realizada essa associação, inseriram-se os designativos em mais uma subdivisão: a do referencial toponímico em que se procura determinar a tendência onomástica de cada um dos topônimos (segunda coluna). Essa divisão segue a natureza dos topônimos quanto à tendência neles transparente e auxilia na classificação no âmbito de uma taxionomia toponímica (quarta coluna). Na terceira coluna foram registradas as prováveis causas denominativas que motivaram o surgimento dos topônimos, recurso esse utilizado com o objetivo de apontar a diferença entre causa denominativa e taxionomia toponímica.

Conforme já esclarecido, entende-se causa denominativa como o motivo encontrado para o surgimento do topônimo que pode ser buscado por meio de uma pesquisa histórica acerca do nome analisado. Por exemplo, o topônimo *Sete Quedas* evoca na memória das pessoas as extintas quedas do rio Paraná, mas não se pode classificar esse topônimo como um hidrotopônimo, tendo em vista que no signo linguístico transparece o referencial numerotopônimo e, assim, a taxionomia em que se classifica esse topônimo é a dos *numerotopônimos*. Enfim, a causa denominativa revela o porquê de um lugar ter recebido um determinado nome e não a taxionomia a que pertence esse designativo, uma vez que a *taxe*, conforme Dick, envolve o significado do topônimo como signo de língua registrado em dicionários ou em uso comprovado no âmbito de um léxico regional. Vale ressaltar a pressuposição de que

[...] o homem só denomina o que conhece, chega-se, por ela, à conclusão óbvia de que, uma vez conhecido o local, a necessidade de sua nomeação surge como decorrência natural. À medida que a população vai-se adensando em torno de um núcleo recém-criado, começam a aparecer topônimos identificadores, a multiplicação estando na razão direta do aumento de habitantes, desde que a dilatação do espaço ocupacional obriga a outros recursos apelativos (DICK, 1997, p. 146).

Como se depreende no estudo, a causa denominativa só é descoberta por intermédio de uma pesquisa histórica, ou seja, configura-se como um processo investigativo paralelo ao estudo linguístico, diferente da classificação quanto ao referencial e à taxionomia toponímicos que é realizada por meio da análise do nome *em si e per si*.

Dick (1997), de acordo com o *corpus* em estudo naquele momento, arrola oito categorias de referenciais toponímicos, quais sejam: hiero-hagiotopônimo, antropotopônimo, hidrotopônimo, geomorfotopônimo, litotopônimo, fitotopônimo, animotopônimo e histórico-sociotopônimo, ou seja, em momento algum Dick sublinhou que em outros *corpora* não poderiam ser identificados outros referenciais toponímicos. Assim, tendo em

vista os objetivos deste trabalho e a natureza dos topônimos analisados, além da utilização dos oito tipos de referenciais concebidos por Dick (1997), houve necessidade de ampliação do universo de categorias de referenciais toponímicos em decorrência das características do conjunto de 79 topônimos analisados. Para tanto, seguindo os princípios adotados pela toponimista brasileira, autora do modelo aplicado e considerando a natureza semântica dos topônimos analisados houve a necessidade de proposição, no âmbito deste trabalho, de mais vinte e quatro referenciais, a saber: ânimo-fitotoponímico, ânimo-hidrotoponímico, antropo-animotoponímico, artis¹⁴-antropotoponímico, axiotoponímico, corotoponímico, coro-sociotoponímico, crono-animotoponímico, crono-corotoponímico, ergotoponímico, etnotoponímico, geomorfo-hidrotoponímico, hagiotoponímico, hágio-hidrotoponímico, hierotoponímico, hiero-antropotoponímico, hiero-fitotoponímico, historiotoponímico, história-antropotoponímico, história-axiotoponímico, numerotoponímico, sócio-antropotoponímico, somatotoponímico, zootoponímico.

Entende-se que a expansão das categorias de referenciais tanto facilita a classificação dos topônimos em termos de taxionomias toponímicas quanto reduz a ambiguidade e, conseqüentemente, os equívocos não raras vezes evidenciados entre as concepções de causa denominativa, de referenciais e de taxionomias. Enfim, ao se buscarem os referenciais, com informações explícitas, implícitas e tranquilamente deduzidas pelos dados, evita-se confundir o conceito de causa denominativa (o motivo para o surgimento do nome) com o de taxionomia toponímica (a categoria de classificação desse nome a partir da natureza linguística do nome). Por exemplo, o topônimo *Paraíso das Águas* tem como causa denominativa o *rio Paraíso*, porém, a taxionomia toponímica, considerando como parâmetro o elemento linguístico, é animotopônimo e não hidrotopônimo. O referencial, por sua vez, é ânimo-hidrotoponímico.

¹⁴ Nas páginas 253 e 254, deste texto, discute-se essa nomenclatura e seu respectivo conceito.

3.1 Referenciais de natureza antropocultural

O Quadro 1, a seguir, aplica a proposta retro apresentada aos nomes de 45 municípios do estado de Mato Grosso do Sul cuja denominação se enquadra nos referenciais de cunho antropocultural. Na sequência é apresentada a análise dos dados contidos no quadro.

Quadro 1: Referenciais toponímicos de natureza antropocultural

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA ¹⁵	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Alcinópolis	Antropotoponímico	O topônimo é uma homenagem ao primeiro representante da região, mais especificamente da Fazenda Bananal (local em que foi instalado o povoado), na Câmara de vereadores: Alcino Fernandes Carneiro.	Antropotopônimo
Anastácio	Antropotoponímico	O topônimo Anastácio está relacionado ao sobrenome da primeira família que habitou a margem esquerda do rio Aquidauana, onde na atualidade se localiza a sede do município de Anastácio.	Antropotopônimo
Anaurilândia	Antropotoponímico	O designativo é uma homenagem a Anaurelice Paes Gonzáles, irmã de um dos fundador es da localidade e esposa de outro. No caso, combinou parte do nome da homenageada (<i>Anaurelice</i>) com o formante -lândia (Anauri+lândia).	Antropotopônimo
Angélica	Antropotoponímico	O topônimo foi inspirado no nome da esposa de um empreiteiro que atuava na preparação da erva-mate, Angélica, uma senhora que, além de bonita, era muito bondosa e oferecia, aos forasteiros, comida e hospedagem, fato que levou o local a ficar conhecido como Porto da Angélica. Quando vieram os colonizadores que formaram o povoado, a população local decidiu que a nova cidade deveria receber o mesmo nome do Porto: Angélica.	Antropotopônimo

¹⁵ As informações registradas nessa coluna foram, fundamentalmente, extraídas do Sistema de Dados do Projeto ATEMS e complementadas e ajustadas aos propósitos deste estudo a partir de outras fontes, quando necessário.

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Antônio João	Histório-antropotoponímico	O nome do município homenageia um dos heróis da Guerra do Paraguai, Antônio João Ribeiro.	Historiotopônimo
Aparecida do Taboado	Hiero-fitotoponímico	Homenagem à Nossa Senhora de Aparecida em cumprimento a uma promessa feita pelo doador das terras onde foi instalado o povoado pela cura do seu filho, associado a Taboado, derivado do nome Porto Taboado que nomeava um um porto existente nas margens do rio Paraná. O povoado que surgiu um pouco afastado da barranca do rio, dentre outros nomes, foi denominado como Aparecida [de Nossa Senhora Aparecida] e Taboado [nome do porto]. ¹⁶	Hierotopônimo
Aral Moreira	Histório-antropotoponímico	O topônimo é uma homenagem ao Dr. Aral Moreira, comandante das forças que se aglutinaram em Ponta Porã por ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932.	Historiotopônimo
Bandeirantes	Historiotoponímico	Os primeiros habitantes da região foram os componentes da família de José da Rocha Xavier, proprietário da Fazenda Ceruo, cuja sede localizava-se na margem da estrada que ligava Campo Grande a Cuiabá. Nesse local, surgiu uma hospedaria e um pequeno armazém, dirigidos por Cristóvão Lechuga. Com a permissão da família de José da Rocha, outros moradores instalaram-se na fazenda, dando início a uma nova povoação, local de parada dos bandeirantes em direção ao interior do Brasil.	Historiotopônimo
Bela Vista	Animotoponímico	Estado anímico do denominador diante do novo espaço geográfico.	Animotopônimo

¹⁶ Sobre o assunto, confira Silva e Isquerdo (2017, p. 1294-1296).

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Bonito	Animotoponímico	O item lexical bonito, recuperado para nomear o município em questão, parece evocar a beleza física do ambiente onde ele se localiza, já que o território coberto por esse município é considerado um paraíso ecológico por abrigar uma grande diversidade de vida, da fauna e da flora regionais e, ainda, tem sua paisagem marcada por inúmeras correntes d'água de extrema transparência, ricas em peixes e com inúmeras cachoeiras, além de grutas que atraem turistas pelas suas belezas.	Animotopônimo
Brasilândia	Coro-sociotoponímico	As terras do atual município de Brasilândia originalmente pertenciam à Companhia Inglesa <i>Brasil Land Cattle Co</i> , que foram desapropriadas e incorporadas ao Patrimônio da União. O topônimo é uma referência ao nome da Companhia Inglesa que, por sua vez, recebeu o nome de Brasil, seguido do formante -lândia.	Corotopônimo
Cassilândia	Antropotoponímico	O município recebeu o nome de Cassilândia em homenagem a Cassinha, antigo proprietário das terras onde hoje se localiza a cidade sede do município.	Antropotopônimo
Coronel Sapucaia	Axiotoponímico	O designativo Coronel Sapucaia é o terceiro nome do município e uma homenagem ao herói militar Coronel Orlando Olsen Sapucaia, um catarinense, que viveu muitos anos em Ponta Porã.	Axiotopônimo
Costa Rica	Antropo-animotoponímico	<i>Costa</i> é uma homenagem ao fundador do povoado, José Ferreira da Costa, e rica recupera as belezas naturais da região. Embora a junção de <i>costa</i> + <i>rica</i> evoque a imagem de lugar agradável, como o primeiro formante se configura como um nome próprio de pessoa, o topônimo Costa Rica foi classificado com base nele, em consonância com o modelo teórico adotado (DICK, 1992).	Antropotopônimo

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Deodápolis	Antropotopônimo	A denominação Deodápolis resulta de uma homenagem a Deodato Leonardo da Silva, um dos pioneiros da região. Combina parte do nome do homenageado (<i>Deodato</i>) com o formante <i>-pólis</i> (cidade) (Deoda+pólis).	Antropotopônimo
Dois Irmãos do Buriti	Numerotopônimo	Provavelmente o topônimo Dois Irmãos do Buriti seja uma homenagem a dois rios existentes no município de Anastácio de onde o território desse município foi desmembrado: rio Buriti e rio Dois Irmãos.	Numerotopônimo
Douradina	Corotopônimo	O topônimo Douradina relaciona-se a Dourados, haja vista que, além de os lotes rurais que foram povoados na área do atual município terem pertencido ao Núcleo Colonial de Dourados, originalmente Douradina foi distrito de Dourados de onde herdou o nome.	Corotopônimo
Eldorado	Animotopônimo	Local fictício, pródigo em riquezas e oportunidades que exploradores afirmavam existir na América do Sul.	Animotopônimo
Fátima do Sul	Hierotopônimo	O nome Fátima do Sul foi escolhido em plebiscito pelos habitantes do município e a escolha foi em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora de Fátima.	Hierotopônimo
Glória de Dourados	Hierotopônimo	A localidade teve seu povoamento ligado à implantação da Colônia Federal de Dourados. Não se sabe com exatidão o porquê de Glória, mas é clara a relação religiosa do nome. Há duas versões para a origem do nome. Em 1970 foi celebrada a primeira missa na <i>Vila Glória</i> , pelo Padre José Daniel, numa capela de madeira erigida em louvor de Nossa Senhora da Glória. Assim, a primeira nomeação já representava uma homenagem à padroeira da vila. Posteriormente, o mesmo padre, na época administrador do núcleo colonial, em um discurso teria usado a seguinte frase: "Esta cidade será a glória, a glória de Dourados", expressão que passou a nomear o novo município ¹⁷ .	Hierotopônimo

¹⁷ Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrossodosul/gloriadedourados.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2019.

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Guia Lopes da Laguna	Histório-axiotoponímico	O topônimo Guia Lopes da Laguna é uma homenagem a José Francisco Lopes - O Guia Lopes - cujo túmulo se encontra a 3 km da sede desse município. Guia Lopes é considerado herói da Retirada da Laguna, episódio da Guerra do Paraguai (1864-1870).	Axiotopônimo
Inocência	Artis-antropotoponímico	O topônimo Inocência representa uma homenagem à clássica obra homônima de autoria de Visconde de Taunay, romance regionalista.	Artistopônimo ¹⁸
Japorã	Animotoponímico	Para o topônimo Japorã, há duas possibilidades de tradução para o português: já-porã – aquele que é bonito ou i-a-porã – a montanha, colina bela. Trata-se, provavelmente, de um nome motivado por características do ambiente físico.	Animotopônimo
Ladário	Corotoponímico	Referência à cidade portuguesa Ladário.	Corotopônimo
Maracaju ¹⁹	Ergotoponímico	Maracaju é o nome da serra que divide as duas bacias hidrográficas do estado de Mato Grosso do Sul.	Ergotopônimo
Miranda	Antropotoponímico	O topônimo Miranda foi adotado em homenagem a Caetano Pinto de Miranda Montenegro, 6º Capitão-General das capitânicas de Mato Grosso e Cuiabá que anteriormente também deu nome ao rio Miranda, antes denominado como rio Mondego.	Antropotopônimo

¹⁸ Nas páginas 253 e 254, deste texto, é discutida a proposição dessa taxa.

¹⁹ Maracaju – o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico (SAMPAIO, 1987, p. 279). Segundo Gregório (1980, p. 894), Maracaju vem de “maracá + ju, juba. Para B. Caetano é maracá amarelo, mas P. A. Guasch grafou mbaracayú, num mapa do Paraguay; nome de serra e cidade de Mato Grosso do Sul”.

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Mundo Novo	Animotoponímico	Em 1956, uma área entre a República do Brasil e a República do Paraguai começou a ser colonizada por um fazendeiro de nome Adjalmo Saldanha, que loteou sua fazenda e vendeu lotes para famílias vindas do estado de São Paulo. Em decorrência da prosperidade alcançada pelo sucesso da agricultura, o local se transformou em um “novo mundo” para a população, o que justifica a escolha da denominação Mundo Novo.	Animotopônimo
Nioaque	Somatotoponímico	O nome do município deriva do nome do rio que banha a cidade, o rio Nioaque. ²⁰	Somatotopônimo
Nova Alvorada do Sul	Crono-corotoponímico	A motivação veio de Alvorada do Sul, um município brasileiro do estado do Paraná, pertencente à região Metropolitana de Londrina, que recebeu o formante “nova” para diferenciar do nome do município paranaense.	Cronotopônimo
Nova Andradina	Crono-corotoponímico	A cidade foi fundada pelo mesmo fundador do município paulista Andradina, daí a denominação Nova Andradina.	Cronotopônimo
Novo Horizonte do Sul	Crono-animotoponímico	Em 1986, a área onde se localiza o município foi desapropriada para que fossem assentadas cerca de 800 famílias que retornavam do Paraguai. A área, favorável à agricultura, passou a chamar-se Novo Horizonte e hoje se encontra na condição de município com o nome de Novo Horizonte do Sul, muito provável para se diferenciar de Novo Horizonte, município paulista e município baiano.	Cronotopônimo
Paraíso das Águas	Ânimo-hidrotoponímico	O topônimo do município foi motivado pelo nome do rio Paraíso que banha o município.	Animotopônimo
Paranhos	Antropotoponímico	No início da década de 40, do século XX, foi definida a fronteira Brasil/Paraguai e o município recebeu o nome Paranhos em homenagem ao diplomata de fronteiras José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco.	Antropotopônimo

²⁰ Nioaque deriva de Anhuac (anhu= clavícula + yac= quebrada), variante de Nhuaque. Nioaque é “topônimo de origem terena ou guaicuru” segundo Sampaio (1987).

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Pedro Gomes	Antropotoponímico	Homenagem a Pedro Gomes, desbravador da região.	Antropotopônimo
Porto Murтинho	Sócio-antropotoponímico	A exploração da erva-mate favoreceu o surgimento do povoado de Porto Murтинho, a partir do Porto Murтинho, fundado em 1895, pelos irmãos Murтинho às margens do rio Paraguai, por onde era exportada a erva. Assim, ao redor do Porto foi surgindo o Povoado de Porto Murтинho que passou a município em 1911 (GUIMARÃES, 1999, p. 224).	Sociotopônimo
Santa Rita do Pardo	Hágio-hidrotoponímico	Marca de devoção à Santa Rita de Cássia do hagiológico católico, associada à referência ao rio Pardo.	Hagiotopônimo
São Gabriel do Oeste	Hagiotoponímico	A motivação do nome São Gabriel do Oeste faz referência à homenagem prestada a um dos fundadores do local, o engenheiro Gabriel Abrão, que ajudou a projetar a cidade, que também é devoto de São Gabriel ²¹ . O "Oeste" diferencia esse município do seu homônimo no Rio Grande do Sul.	Hagiotopônimo
Selvíria	Antropotoponímico	O nome decorre de homenagem a João Selvírio, pioneiro da localidade.	Antropotopônimo
Sete Quedas	Numerotoponímico	O nome Sete Quedas foi atribuído ao município em homenagem às já extintas Cataratas do rio Paraná, o salto de Sete Quedas.	Numerotopônimo
Sidrolândia	Antropotoponímico	O topônimo Sidrolândia surgiu como homenagem ao pioneiro Sidrônio Antunes de Andrade, combinando o nome próprio de pessoa Sidrônio com o formante -lândia (Sidro+lândia).	Antropotopônimo
Sonora	Corotoponímico	A origem do topônimo Sonora está ligada à época em que se criou o distrito, no ano de 1985, em homenagem a uma cidade mexicana focalizada com frequência em filmes de faroeste assistidos por um comandante de nome Coutinho.	Corotopônimo

²¹ São Gabriel, mais conhecido como o Arcanjo Gabriel, o "anjo da anunciação" mencionado como o anjo enviado para Zacarias (Lc 1:11-19) e no Livro de Daniel (8: 16, 9 :21) para proclamar a anunciação da Virgem Maria (Lc1:26-38) (magnificat) e é também associado à encarnação de Jesus Cristo.

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Terenos	Etnotopônimo	O topônimo que nomeia o município foi herdado do nome do grupo indígena do mesmo nome que habitava a região. Inicialmente na localidade foi implantada a estação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1914) com o nome Terenos e que, posteriormente, se transformou na sede do novo município.	Etnotopônimo
Três Lagoas	Numerotopônimo	O topônimo é uma referência às três lagoas que existem na cidade sede do município.	Numerotopônimo
Vicentina	Hierotopônimo	O topônimo é uma homenagem a São Vicente Pallotti, patrono dos sacerdotes da Missão Pallottina que exerceram grande influência na colonização da região, a partir da década de 1950, em especial na área educacional, no então distrito de Vicentina.	Hierotopônimo

Fonte: Elaborado pelas autoras com base no Sistema de Dados do Projeto ATEMS.

A análise dos topônimos arrolados considerou a produtividade dos dados apresentados no Quadro 1 e discute os resultados, tomando como parâmetro a ordem decrescente de ocorrência dos referenciais toponímicos de natureza antropocultural na macrotoponímia do estado de Mato Grosso do Sul.

O referencial antropônimo tem sido um dos mecanismos mais produtivos de nomeação na toponímia brasileira, desde o período inicial da colonização do Brasil. Estão inseridos neste referencial, segundo Dick (1997, p. 193), os designativos que se referem a nomes de pessoas, sejam elas indivíduos de baixa condição econômica ou não; morador da rua, ou o proprietário de um estabelecimento, um político ilustre na comunidade ou, ainda, uma tendência bastante recorrente na macrotoponímia, qual seja a referência a um pioneiro ou à sua esposa.

Conforme o exposto e detalhado no Quadro 1, os municípios cuja nomenclatura onomástica vincula-se a referenciais

antropotoponímicos são os seguintes: *Deodápolis*, *Paranhos*, *Selvíria*, *Cassilândia*, *Anastácio*, *Miranda*, *Alcinópolis*, *Pedro Gomes*, *Sidrolândia*, *Anaurilândia* e *Angélica*. O referencial antropotoponímico foi o mais recorrente na macrotoponímia sul-mato-grossense com 11 ocorrências. Os topônimos associados a esse referencial também foram classificados como *antropotopônimos* no âmbito das taxinomias toponímicas de Dick (1990; 1992).

Outro referencial muito produtivo entre os de natureza antropocultural foi o *animotoponímico* com sete ocorrências entre os nomes de municípios estudados: *Eldorado*, *Japorã*, *Mundo Novo*, *Paraíso das Águas*, *Bonito*, *Bela Vista* e *Costa Rica*. Esses topônimos foram classificados, conforme o modelo de Dick (1990; 1992), na taxa dos animotopônimos por revelarem “[...] características subjetivas voltadas à vida psíquica, à cultura espiritual. [...] alegria e tristeza são Estados de ânimo definidos por sensações de prazer ou de mal-estar e incômodo [...]” (DICK, 1997, p. 232-233).

Desde que chegaram ao Brasil, os colonizadores europeus adotaram critérios de nomeação que transpareciam o interesse pela nova terra, religiosidade e valorização do homem. Na macrotoponímia do estado de Mato Grosso do Sul, a religiosidade, por meio do referencial hiero-hagiotoponímico, faz-se representar na nomeação de seis municípios onde prevalece a religiosidade do nomeador. Em relação a esse referencial, Dick (1997, p. 191) assinala que “os hiero e hagiotopônimos, quando aparecem, são decorrência da materialização da substância mística”. A espiritualidade subjetiva do nomeador está refletida nos designativos classificados, conforme Dick (1990; 1992), como hierotopônimos – *Fátima do Sul*, *Glória de Dourados*, *Vicentina*, *Aparecida do Taboado* – e como hagiotopônimos – *Santa Rita do Pardo* e *São Gabriel do Oeste*.

Com a presença em três nomes de municípios, situam-se os referenciais corotoponímicos e numerotoponímicos. Os primeiros se referem a nomes transplantados de países, estados, municípios, enquanto os segundos fazem referência a números. Os três topônimos classificados segundo cada um desses referenciais foram incluídos em termos de modelo de classificação topo-

nímica na taxa dos corotopônimos (*Douradina, Sonora e Ladário*) e na dos numerotopônimos (*Sete Quedas, Três Lagoas e Dois Irmãos do Buriti*).

Tomando como base os dados da macrotoponímia do estado de Mato Grosso do Sul (MS), inseriu-se, aos referenciais propostos por Dick (1997), o histórico-antropotoponímico (*Antônio João e Aral Moreira*). Esses dois topônimos foram classificados como historiotopônimos em termos de taxionomia toponímica por se considerar a importância dos homenageados na história do Mato Grosso do Sul e do Brasil. O topônimo *Guia Lopes da Laguna* foi associado ao referencial histórico-axiotoponímico por revelar em *Guia* um título quando essa unidade lexical anteceder um nome próprio. É o que ocorre com *Guia Lopes* que se reporta ao “guia” das tropas brasileiras durante o episódio bélico conhecido como Retirada da Laguna que marcou o final da Guerra do Paraguai (1864-1870). Entretanto, a despeito desse dado histórico, considerando-se a causa denominativa, o referencial histórico-axiotoponímico e o elemento linguístico *guia*, o topônimo *Guia Lopes da Laguna* foi classificado como axiotopônimo, pois o item lexical *Guia*, na estrutura do topônimo composto, configura-se como uma denominação de honra e distinção atribuída, no caso, ao Lopes da Laguna, pelos seus feitos.

Houve ainda duas ocorrências de topônimos relacionados ao referencial cronotoponímico, classificados, em termos taxionômicos, como cronotopônimos por transmitirem, por meio das formas linguísticas *novo/nova*, noção de temporalidade. A marca temporal reflete a expectativa do denominador de “transportar” a antiga cidade para a nova moradia. Assim, *Nova Andradina* remete a Andradina, cidade do estado de São Paulo. Conforme Dick (1997, p. 182), “o adjetivo anteposto é um expediente normal na nomenclatura, que incorpora o fato recente no tempo, designado pelos adjetivos *novo* e *nova*, ao acidente propriamente dito, para indicar-lhe a modernidade do evento”.

Com ocorrência única, situam-se os seguintes referenciais: ergotoponímico (*Maracaju*), etnotoponímico (*Terenos*), sócio-antroponímico (*Porto Murtinho*), somatotoponímico (*Nioaque*),

coro-sociotoponímico (Brasilândia), axiotoponímico (*Coronel Sapucaia*), artis-antropotoponímico (*Inocência*). As taxes toponímicas (DICK, 1990; 1992) a eles associadas foram, respectivamente: ergotopônimo, etnotopônimo, sociotopônimo, somatotopônimo, corotopônimo, axiotopônimo e artistopônimo.

A última taxe, *artistopônimo*, não figura entre as 27 que compõem o modelo de Dick (1990; 1992). Todavia, considerando os dados da macrotoponímia em exame, associados a resultados de estudos sobre a microtoponímia, em especial a urbana, entendeu-se ser pertinente e necessário apresentar uma proposta de ampliação ao modelo de classificação de Dick (1990; 1992) que contemplasse categorias de topônimos formados por nomes próprios associados a diferentes manifestações artísticas. No âmbito do *corpus* examinado para este trabalho, apesar de *Inocência* ser um nome próprio de pessoa, é de conhecimento amplo que a causa denominativa desse topônimo é uma referência à obra homônima de Taunay. Além disso, a toponímia, em especial a urbana, tem evidenciado a presença de topônimos formados por nomes próprios que remetem a representantes de diferentes ramos de manifestações artísticas, seja homenageando o nome do autor seja o da obra. Há que se destacar ainda que no modelo de Dick há a categoria dos historiotopônimos que contempla “topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes” (DICK, 1992, p. 33), não prevendo, portanto, nomes de destaques nas áreas artísticas, que se vinculam a outro escopo. Em um primeiro olhar, até se poderia tentar classificar topônimos que homenageiam personagens e obras artísticas como historiotopônimos – “topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes” (DICK, 1992, p. 33) –, mas essa opção poderia gerar equívocos, uma vez que a história é uma área distinta da arte em geral, em especial da literatura que costuma ser muito valorizada pela toponímia.

Há que se considerar também que, como não há uma taxe no modelo taxionômico de Dick que contemple as diferentes manifestações artísticas (literatura, teatro, musicais, pintura...) e, como

se tem constatado que a toponímia urbana de diferentes cidades sul-mato-grossenses tem recuperado, com recorrência bastante produtiva, em sua nomenclatura onomástica, nomes de obras literárias e respectivos autores, nomes de quadros famosos e seus pintores, nomes de musicais, de personagens de obras de ficção, dentre outras manifestações artísticas, como atesta, dentre outras, a pesquisa de Amorim (2017)²², faz-se necessária uma taxie que abrigue topônimos dessa natureza. Assim, considerando esse entendimento, propõe-se neste trabalho, com base no mesmo mecanismo proposto por Dick (1990; 1992) para a criação das taxionomias toponômicas, uma nova taxie denominada como **artistopônimo**, termo formado por um elemento base, no caso, *artis* (de origem latina) + o termo *topônimo*²³ que abrigaria “topônimos relativos a manifestações artísticas (literatura, teatro, musicais, pintura...) e a autores de obras relacionadas às diferentes modalidades de arte”.

Na sequência, seguem os dados toponômicos de referenciais de natureza física (34 topônimos), seguidos da respectiva análise dos topônimos arrolados no Quadro 2.

Quadro 2: Referenciais toponômicos de natureza física

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÔMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÔMICA
Água Clara	Hidrotoponômico	O córrego Água Clara motivou o nome do município.	Hidrotopônimo

²² A pesquisa de Amorim (2017), por exemplo, identificou uma grande representatividade de *artistopônimos* na sua pesquisa sobre a toponímia dos logradouros pertencentes à região urbana do Segredo na cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul: 3,48% dos topônimos analisados foram classificados como *artistopônimo*. São nomes de óperas (Barbeiro de Sevilla, Bodas de Fígaro, Madame Butterfly...); de personagens da Turma da Mônica (Anjinho, Cascão, Magali...), de representantes da literatura (Jorge Amado, Clarice Lispector, Florbela Espanca), da música (Chiquinha Gonzaga, Noel Rosa, Braguinha...), para citar alguns casos.

²³ Cf. Dick (1999, p. 142).

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Amambai ²⁴	Fitotopônimo	A serra do Amambaí, situada a noroeste do Paraguai e a oeste do Brasil (Mato Grosso do Sul), e o rio Amambaí, do estado de Mato Grosso do Sul, sudoeste do Brasil, podem ter influenciado na escolha do nome do município. Soma-se a isso o fato de o povoamento da região de Amambai ter sido influenciada pelo monopólio da extração da erva-mate, pois a Companhia Mate Laranjeira firmava o povoamento da região do Amambaí, ligando seu nome à sua história.	Fitotopônimo
Aquidauana ²⁵	Hidrotopônimo	O rio Aquidauana que banha o município motivou o nome da cidade-sede e do município de Aquidauana. “A opção pelo nome “Aquidauana” revela a influência da cultura indígena em várias regiões de Mato Grosso do Sul, que tem diversos municípios nominados com termos comuns a etnias indígenas”. Fonte: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aquidauana/historico . Acesso em: 15 abr. 2020.	Hidrotopônimo

²⁴ “Do guarani *amambai-y*, rio das samambaias” (TIBIRIÇÁ, 1997). Infere-se que o vocábulo *amambai* esteja relacionado à samambaia, uma vez que, em Houaiss (2001), consta a informação de que samambaia, segundo Teodoro Sampaio, tem origem no tupi *cama-mbai*, ‘traçado de cordas’. O mesmo dicionário registra ainda a interpretação de Nascentes: “ham a’ ambae” ‘o que se torce em espiral’, porque as folhas da planta são enroladas na ponta e desenrolam à medida que crescem”. Já Guasch e Ortiz (2001) registram “amambaí: helechos; a roky; los tiernos helechos [...]” e Bueno (1998), “Amambay [...] amã é radical que significa chuva. É possível que a serra seja chuvosa, dando origem ao rio”. Pelo que se observa, não é possível se saber a exata intenção do designador ao nomear o município com esse topônimo.

²⁵ “Segundo a toponímia Guaicuru o termo denomina rio estreito, fino. O nome “Aquidauana” aparece em mapas datados do século XVII, pelo menos 200 anos antes da fundação do povoado” Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aquidauana/historico>. Acesso em: 15 abr.2020.

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Bataguassu ²⁶	Fitotopônimo	Há uma explicação registrada, dentre outras fontes, no site www.ms.gov.br/municipios , de que <i>Bata</i> seria uma homenagem à família de Jan Antonin Bata, proprietário da Companhia Viação São Paulo Mato Grosso. Todavia, no âmbito do Projeto ATEMS, adotamos a posição de Gregório (1980, p. 1270), registrada no campo etimologia, dada a importância da obra desse autor para o estudo das línguas indígenas.	Fitotopônimo
Bataiporã ²⁷	Fitotopônimo	Há uma explicação registrada, dentre outras fontes, no site www.ms.gov.br/municipios , de que <i>Bata</i> seria uma homenagem à família de Jan Antonin Bata, proprietário da Companhia Viação São Paulo Mato Grosso. Todavia, no âmbito do Projeto ATEMS, adotamos a posição de Gregório (1980, p. 1270), registrada no campo etimologia, dada a importância da obra desse autor para o estudo das línguas indígenas.	Fitotopônimo

²⁶ Bataguazu “(bata + guaçu) = espécie de palmeira grande” (GREGÓRIO, 1980, p. 1270). Segundo esse mesmo estudioso de línguas indígenas, a versão corrente local de que Batá deriva da homenagem prestada ao fundador, Jan Antonin Bata, que teria motivado os nomes de Bataguassu e Bataiporã, não pode ser aceita, pois contraria a identificação dos formantes da palavra formada.

²⁷ Bataiporã “(bata + y + porã, poranga) = rio bonito dessas palmeiras; a versão corrente local é Batá, Bataí; não podemos aceitar a informação do Vigário (Pe. Aldo Raimundo), segundo a qual o nome proviria do fundador Bata, tcheco evadido por ocasião da invasão nazista (Bata + yporã = bonito)” (GREGÓRIO, 1980, p. 1270). Além disso, “A grafia errada Bataiporã aparece no Mapa Rodoviário ESSO, no Atlas Geográfico Melhoramentos, do Pe. Geraldo Pauwels – 25ª. Edição, 1966, no Dicionário Geográfico Brasileiro – Editora Globo, e até mesmo no Atlas do Brasil – 1959, do Conselho Nacional de Geografia!” (GREGÓRIO, 1980, p. 1271). Entretanto, considerando o referencial e a causa denominativa explicitados no *site* do município e pela população da localidade poderia ser um antropotopônimo também quanto à taxionomia, mas, considerando-se o elemento linguístico e as informações de Gregório, faz-se a opção pela *taxe* dos fitotopônimos.

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Bodoquena ²⁸	Hidrotoponímico	O município localiza-se na região da serra da Bodoquena de quem herdou o nome.	Hidrotopônimo
Caarapó	Fitotoponímico	A criação e a escolha do topônimo relacionam-se à presença da Companhia Mate Laranjeira na região, empresa que explorou a erva-mate – <i>caá</i> (erva) –, planta nativa na região (século XIX).	Fitotopônimo
Camapuã ²⁹	Geomorfotoponímico	O topônimo Camapuã é de origem tupi, com o significado consagrado pela tradição como seios erguidos ou, ainda, peitos redondos, dada a topografia de dois morros localizados na região.	Geomorfotopônimo
Campo Grande	Geomorfotoponímico	Inicialmente, recebeu a denominação de Arraial de Santo Antônio de Campo Grande, topônimo mais tarde simplificado para Campo Grande. O vastíssimo campo que se estende a sudoeste da cidade é uma das justificativas apontadas para a nomeação da localidade. Outra versão indica haver o topônimo se originado da expressão frequentemente usada pelo fundador quando se dirigia aos que chegavam: “O campo é grande”.	Geomorfotopônimo
Caracol ³⁰	Zootoponímico	Provavelmente, o topônimo teve origem no nome do molusco que fica dentro de uma concha.	Zootopônimo

²⁸ O termo bodoquena, segundo informação no site do IBGE, é de origem tupi-guarani e significa ‘nascente em cima da serra’. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/bodoquena/historico>. Acesso em: 04 abr.2020.

²⁹ “Cama-poã, o peito arredondado; o peito saliente; a colina arredondada; cômoros; a meia laranja. Rio Grande do Sul, Mato Grosso” (SAMPAIO, 1987). Camapuã: “Cama + apuã = elevação arredondada; nome de Rio do Mato Grosso, afluente da margem direita do rio Coxim e cidade, Zona do Rio Pardo” (GREGÓRIO, 1980, p. 540).

³⁰ Não se encontrou com exatidão o porquê de o município ter recebido essa denominação. Entretanto, no âmbito do Projeto ATEMS, decidiu-se, por ora, considerar a origem zoológica do termo. Em Houaiss (2001), encontraram-se definições possíveis: Caracol – “1. Rubrica: malacologia. designativo comum a diversos moluscos gastrópodes, esp. as formas terrestres, da subclasse dos pulmonados com dois pares de tentáculos, o par superior com olhos na extremidade e concha leve; catassol. 2. Derivação: por extensão de sentido. qualquer objeto espiralado. 3. Derivação: por analogia. cami-

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Chapadão do Sul	Geomorfotoponímico	A topografia da região motivou o topônimo.	Geomorfotopônimo
Corguinho	Hidrotoponímico	O povoado se iniciou às margens do Córrego Corguinho de quem herdou o nome.	Hidrotopônimo
Corumbá ³¹	Litotoponímico	O nome de Povoado de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque foi atribuído a atual Corumbá, no ato da fundação do povoado em 21 de setembro de 1778, em homenagem ao capitão General Luis de Albuquerque, mais tarde substituído pelo designativo Albuquerque, a Velha. Isso ocorreu porque em 1796, fora fundado outro povoado com o nome de Albuquerque, hoje, Vila Albuquerque, que ficara conhecida nessa época como Albuquerque, a Nova. Os nomes dos povoados causavam confusão entre os lugares e, assim, em 1868, o povoado passou a categoria de Vila e recebeu o nome de Vila de Santa Cruz de Corumbá. Este último designativo também foi substituído e a localidade passou a se chamar oficialmente Corumbá em 15 de novembro de 1878.	Litotopônimo
Coxim ³²	Zootoponímico	A motivação do topônimo Coxim para nomear o município veio do nome do rio homônimo.	Zootopônimo

nho que dá muitas voltas ou faz zigue-zagues. A terceira acepção registrada pelo lexicógrafo poderia sugerir tratar-se da *taxe geomorfotopônimo*, mas, até onde foi possível apurar, não há características geomorfológicas na região que possam subsidiar outra classificação.

³¹ Sampaio (1987) registra “*corr.* Curú’ mbá, o banco de cascalho. Mato Grosso”.

³² Uma das explicações para a origem do nome Coxim é fornecida por Bueno (1998, p. 13): palavra derivada do dialeto bororo, e significa peixe – cojim = peixe. Já Sampaio (1987) esclarece que o nome “não é tupi. Na língua kaingáng ou bugre, quer dizer filho. Mato Grosso. Alt. Cuxiim”. Tibiriçá (1997) atribui-lhe a origem bororo -*cuji* = peixe, com base em Levy Cardoso (1965). Para a classificação taxionômica do topônimo Coxim, no âmbito do Projeto ATEMS, por ora, foi considerada a posição de Tibiriçá (1997).

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Dourados	Zootoponímico	O rio Dourados, um dos mais importantes da região, originalmente era denominado como rio dos Dourados, numa alusão ao grande número de peixes da espécie dourado, uma espécie de peixe abundante nos rios de Mato Grosso do Sul. O rio motivou o nome da Colônia Militar de Dourados, no final do século XIX, o nome do município de Dourados em 1935 e o nome da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) em 1943.	Zootopônimo
Figueirão	Fitotoponímico	A existência de uma figueira no “Vau da Jesuína” ou “Vau da Figueira” à margem direita do córrego Figueirão, praticamente extinto pelo assoreamento, motivou o nome do município (Fonte: www.ibge.org.br).	Fitotopônimo
Iguatemi ³³	Hidrotoponímico	O município de Iguatemi recebeu o nome do rio que banha a localidade. No século XVIII, foi construído pelos portugueses, à margem esquerda do “rio Ygatemi” a Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi (atual cidade de Mundo Novo), uma colônia militar (presídio), dentre outras construídas no Brasil em áreas estratégicas para defesa do território. Essa fortaleza foi destruída pelos espanhóis em 1909, quando teve início o povoamento do atual município de Iguatemi. Logo, a colônia militar e o município receberam o nome do rio Iguatemi. ³⁴	Hidrotopônimo

³³ Iguá: corr. Y-guá, o seio d'água, o mesmo que igoá (SAMPAIO, 1987). Têmĩ: es participío passivo de presente, la qual particula junta a lo fixo del verbo, es lo mismo que illud quod facio (MONTROYA, 1876, p. 377). De acordo com Sampaio (1987) – do participío passado substantivo, participío que se forma com os prefixos: tembi ou temi, rembi ou remi, sembi ou semi, gembí ou gemi, segundo a gama dos temas. Bueno (1998), por sua vez, registra: “Iguatemi, s. Rio de Mato Grosso, rio Verde-escuro. De *iguá*, enseada, baía; *temi*, alteração de *pembi*, *timbi*, Verde escuro. [...]”.

³⁴ Confira a respeito desse assunto: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/iguatemi/historico>. Acesso em: 05 abr. 2020. http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&cid_fortaleza=158&muda_idioma=ES. Acesso em: 09 abr. 2020.

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Itaporã ³⁵	Litotoponímico	Há, próximo a cidade de Itaporã, uma área rochosa, a chamada pedreira, de onde há muitos anos se extrai cascalho. Provavelmente, a característica pedregosa do solo da região tenha motivado a escolha do topônimo.	Litotopônimo
Itaquiraí ³⁶	Litotoponímico	O topônimo Itaquiraí é motivado pelo nome do rio Itaquiraí que, por sua vez, remete à grande quantidade de pedras existentes na localidade.	Litotopônimo
Ivinhema ³⁷	Litotoponímico	A cidade-sede do município localiza-se às margens do rio Ivinhema, um afluente do rio Paraná que banha diversos municípios da mesorregião Sudoeste de Mato Grosso do Sul. O nome desse importante rio foi a causa do nome do município, da denominação de um vale e de uma bacia, respectivamente: Vale do Ivinhema e Bacia do rio Ivinhema.	Litotopônimo
Jaraguari ³⁸	Zootoponímico	O topônimo deriva do nome do córrego Jaraguari em cujas margens formou-se a povoação.	Zootopônimo

³⁵ Itá, c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro (SAMPAIO, 1987). Porã, (adj. subst.) bonito, lindo, formoso, bacana, bom, útil, agradável, ótimo, beleza, bondade (ASSIS, 2008).

³⁶ “ITAKY O escrito comumente Itaquy; e. itá-ky, a pedra aguçada; a pedra de amolar” (SAMPAIO, 1987). Í, “água, rio, líquido [...]” (BUENO, 1998).

³⁷ Sampaio (1987) registra “IVINHEIMA Não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de yby-eyma, que exprime *sem terra* ou *sem margens*, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado, sem margens distintas”. O mesmo autor registra ainda “YBY s. A terra, o solo, o chão, o mundo (SAMPAIO, 1987)”, mas não traz EYMA. Edelweiss (1969), todavia, complementa: “EYM-A afixo verbal de negação; não”.

³⁸ Jaguari – “Jaguary: yaguar-y, o rio da onça (SAMPAIO, 1987)”.

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Jardim	Geomorfotoponímico	O município de Jardim surgiu no local onde se localizava a antiga fazenda Jardim, situada às margens do rio Miranda e de propriedade de José Francisco Lopes, conhecido após a guerra pela alcunha de Guia Lopes da Laguna. A essa fazenda chegou a Coluna de Camisão, sem seu comandante – Camisão – e sem o proprietário da Fazenda – José Francisco Lopes –, pois esses haviam morrido de cólera no caminho de volta da histórica Retirada da Laguna (GUIMARÃES, 1992, p. 94-95).	Geomorfotopônimo
Jatei ³⁹	Zootoponímico	O topônimo Jateí é uma variante de Jataí, uma espécie de abelha.	Zootopônimo
Juti ⁴⁰	Corotoponímico	Considerando a localização geográfica do município (fronteira do Brasil com o Paraguai), entende-se que, enquanto topônimo, <i>Juti</i> é um nome transplantado do país vizinho Paraguai, <i>Juty</i> , localidade situada no Departamento de <i>Ka'asapa</i> . A cidade paraguaia é uma homenagem a Juty, "un hombre muy sabio; un líder espiritual enteramente dedicado a la revelación de la palabra sagrada". Disponível em: https://mbatovi.blogspot.com/2010/07/el-significado-del-toponimo-yuty.html . Acesso em: 16 mar. 2020.	Corotopônimo
Laguna Carapã ⁴¹	Hidrotoponímico	Topônimo originado do nome de uma grande lagoa existente na região à época da fundação do povoado.	Hidrotopônimo

³⁹ JAT AHY *corr.* Yá-atã-yba, contrato em ya-atã-y, a árvore de fruto duro (yá-atã). É a árvore *Hymenea Cuharil*. Alt. Gitahy, Jutahy. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predileção de se aninhar nesta árvore" (SAMPAIO, 1987). "Jateí: s.f. nome de uma abelha e significa preguiçosa" (BUENO, 1998).

⁴⁰ "Etimológicamente su nombre significaría JU = sagrado y por extensión amarillo (color sagrado de los guarani); y TY = conjunto de cosas. JUTY = Conjunto de todo lo sagrado. La gran obra cultural de JUTY". Disponível em: <https://mbatovi.blogspot.com/2010/07/el-significado-del-toponimo-yuty.html>. Acesso em: 16 mar. 2020.

⁴¹ "Karapã: curvo, arqueado, torcido, agachado (= *ojayvy hina*) (M.)" (GUASCH; ORTIZ, 2001).

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Naviraí	Ânimo- fitotoponímico	Segundo as fontes a que se teve acesso, a causa do nome do município deve ter sido um curso de água com nome Naviraí localizado próximo onde a sede foi estruturada, córrego esse que ainda parece existir no território do município. Já em termos de explicação etimológica há duas versões. Uma delas defende que o nome Naviraí tem sua origem na língua guarani: <i>virã</i> – roxo, arroxado, <i>í</i> (sufixo) – pequeno, <i>iviraí</i> – arbusto pequeno, na – impregnar-se, i (substantivo) – rio. Assim, segundo essa possível explicação, o item lexical Naviraí significaria “pequeno rio impregnado de arbustos roxos” ou “rio impregnado de pequenas árvores arroxeadas”. Essa versão etimológica do topônimo destaca a valorização da flora local. A par dessa versão que destaca a base guarani do topônimo, há outra que explica o nome como de estrutura híbrida refletindo a miscigenação marcante na região, pois registra a história local que a origem de Naviraí tem início com a exploração da erva-mate e quando os colonizadores ali chegaram tiveram contato com os trabalhadores que atuavam nessa atividade. Essa versão é a fornecida pelos pioneiros e ensinada nas escolas do município. Nessa perspectiva	Fitotopônimo/ animotopônimo ⁴²

⁴² Considerando o exposto na coluna “causa denominativa”, optou-se por atribuir, por ora, ao topônimo Naviraí duas taxês toponímicas: fitotopônimo e animotopônimo. A primeira considerando a versão do nome como de base guarani que descreve o nome como “rio impregnado de pequenas árvores arroxeadas”, o que permite a sua classificação como fitotopônimo. A segunda, a versão híbrida do nome, em que o primeiro elemento formante viria do espanhol – NAVI de *Navidad* –, associado a formante guarani RAÍ de RHÃI (versão publicada no jornal O Progresso de Dourados, de 20 de dezembro de 1967, edição nº 899, apud GONÇALVES, 2015, p. 113). Como nessa versão a maior carga semântica recai em NAVI, traduzindo o estado anímico do denominador, a ideia de novo, da terra nova como um lugar de boas perspectivas para se viver, outra opção de classificação seria animotopônimo, ambas as classificações pautadas no constructo teórico de Dick (1990; 1992).

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
		a cristalização do topônimo Naviraí como nome do município testemunha contatos de povos de diferentes etnias nessa faixa de fronteira do Brasil com o Paraguai. Conforme essa versão, o topônimo Naviraí teria sido derivado de <i>Navidad</i> (Natal, nascimento em espanhol) de onde surgiu o NAVI (há versão de o “Navi” era de novidade, nascimento), associado a RAÍ de RHÂI, do guarani, significando “a cor arroxeadada e que caracterizava a folhagem de arbustos locais”. Essa possível explicação associa o caráter anímico do denominador a elementos de ordem física à medida que recupera a vegetação local. Em síntese, a causa denominativa é o nome do córrego existente nas cercanias da sede do município. O impasse etimológico aguarda explicação por ausência de fontes confiáveis em termos etimológicos e científicos. ⁴³	
Paranaíba ⁴⁴	Hidrotoponímico	Paranaíba herdou o nome do principal rio que banha o município. O rio Paranaíba encontra o rio Grande para juntos formarem o rio Paraná.	Hidrotopônimo
Ponta Porã ⁴⁵	Geomorfotoponímico	Guimarães (1992, p. 41), ao recuperar a história da região, destaca que Ponta Porã, antes de denominar o município, nomeava um parapeiro junto a uma lagoa, onde índios e soldados da Colônia de Dourados descansavam. Conforme esclarece o autor, o lugar ao redor era muito bonito, enfeitado pela lagoa de límpidas águas e, por isso, ficou conhecido por esse nome, que quer dizer lugar bonito.	Geomorfotopônimo

⁴³ Fontes: CONHEÇA NAVIRÁI – Revista Informativa do município de Naviraí – MS/Dezembro de 2001. GONÇALVES, Djalma Lino. *A colonizadora Vera Cruz Mato Grosso Limitada e a formação de Naviraí*. 2015. 135f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, 2015.

⁴⁴ PARANAHYBA *corr.* Paranã-ayba, o grande caudal ruim, ou impraticável. 93. Goiás, Mato Grosso. *Alt. Parnahyba* (SAMPAIO, 1987).

⁴⁵ Do guarani porã, bonito, bonita (TIBIRIÇA, 1997).

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Ribas do Rio Pardo	Geomorfo- hidrotoponímico	O município recebeu esse nome porque a povoação teve início às margens do rio Pardo. Por volta de 1900, formou-se um povoado, tendo como primeiros moradores os irmãos João e José dos Santos, mineiros de Uberaba, que fixaram residência e instalaram comércio próximo à confluência dos rios Bota e Pardo.	Geomorfotopônimo
Rio Brillhante	Hidrotoponímico	O município recebe o mesmo nome do rio que banha o município.	Hidrotopônimo
Rio Negro	Hidrotoponímico	O topônimo foi motivado pelo nome do rio que banha a região: rio Negro.	Hidrotopônimo
Rio Verde do Mato Grosso	Hidrotoponímico	O município foi nomeado com o mesmo designativo do rio em cujas margens se iniciou o povoado: Rio Verde. O “Mato Grosso” diferencia o município do seu homônimo de Goiás.	Hidrotopônimo
Rochedo	Litotononímico	O rio Aquidauana corre sobre leito rochoso na periferia da cidade. Presume-se que isso tenha ocorrido para que o povoado, constituído pelos garimpeiros que ali chegaram, tenha recebido a denominação de Rochedo.	Litotopônimo
Tacuru ⁴⁶	Litotononímico	Tacuru é uma palavra em Guarani que significa cupim e o nome da localidade teria sido colocado pelos indígenas que ali habitavam, motivados pelo fato de haver muitos cupins na localidade. Disponível em: http://tacuru.ms.gov.br/novo_site/index.php?nivel=1&exibir=secoes&ID=25 . Acesso em: 20 mar. 2020.	Litotopônimo

⁴⁶ “TACURÚ: (Del guaraní *ita curú*, piedra granulosa.) m. Arg. Par. y Urug. Hormiguero en forma de montículo cónico de sesenta centímetros de altura, de tierra arcillosa y consistencia pétreo, que construye en terrenos húmedos y anegadizos una especie particular de termita parecida a la hormiga” (MORÍNIGO, 1998). “Takurú. Pequenos montes de terra fofo nos campos ruins, alagadiços e banhados. Takurú é feito pela formiga cupim, que ali forma celeiro (Romagueira C.)” (SAMPAIO, 1986).

TOPÔNIMO (MUNICÍPIO)	REFERENCIAL TOPONÍMICO	CAUSA DENOMINATIVA	TAXIONOMIA TOPONÍMICA
Taquarussu ⁴⁷	Fitotoponímico	O nome Taquarussu teria sido atribuído ao município em decorrência da existência abundante de uma das variedades da família dos bambus, conhecida como taboca ou taquarussu, que havia nas matas do município, mais precisamente onde se localiza a sede do município.	Fitotopônimo

Fonte: Elaborado pelas autoras com base no Sistema de Dados do Projeto ATEMS.

A continuidade da discussão dos dados centra-se nos referenciais toponímicos de natureza física. Do conjunto dos 79 municípios que integram a malha municipal de Mato Grosso do Sul, 35 têm como causa denominativa referenciais de natureza física como atesta o conteúdo do Quadro 2.

Uma categoria bastante recorrente na macrotoponímia do Estado foi o referencial hidrotoponímico. Essa alta produtividade é facilmente entendida porque o homem, ao povoar um local, prefere fazer isso nas cercanias de um curso de água, tendo em vista a importância vital desse elemento para a vida humana:

[...] os cursos de água ultrapassam não apenas as fronteiras físicas, mas também levam consigo, e ao mesmo tempo também conservam por meio de seus nomes e de aspectos físicos, traços da cultura psicossocial das pessoas que neles relacionam aspectos da vida (ou até da morte) (ISQUERDO; DARGEL, 2014, p. 72).

Os cursos de água, formação do relevo, fauna e flora costumam apresentar alta produtividade na toponímia em geral. Não se trata de serem mais relevantes, mas sim do fato de serem mais acessíveis em termos de recuperação pela memória humana e, conseqüentemente, indicados com maior frequência

⁴⁷ "Taquaruçú, c. taquar-uçú, a canna grande, a taquara grossa" (SAMPAIO, 1987).

como designativos motivados pelo ambiente físico. Nove municípios de Mato Grosso do Sul contemplam em seus designativos um elemento hidrográfico, a saber: *Laguna Carapã*, *Rio Brillhante*, *Paranaíba*, *Água Clara*, *Rio Verde de Mato Grosso*, *Aquidauana*, *Corguinho*, *Rio Negro*, *Iguatemi*.

Segundo Dick (1997, p. 208), os referenciais hidrotponímicos e geomorfotponímicos são, além dos antropotponímicos e hiero-hagiotponímicos, “dados muito antigos, que aparecem na toponímia dos mais diversos povos. [...] Como motivos ou modelos de designações espontâneas, são dos mais comuns em uma relação paradigmática”. Essa recorrência também pode ser constatada por intermédio da produtividade dos referenciais geomorfotponímicos em nomes de municípios como *Ponta Porã*. *Chapadão do Sul*, *Jardim*, *Camapuã*, *Caracol*, *Campo Grande*, e geomorfo-hidrotponímico em *Ribas do Rio Pardo*. Em relação às taxionomias toponímicas, esses sete topônimos foram classificados como geomorfotopônimos, haja vista que o sema preponderante nesses nomes é a menção a terreno e a formas topográficas.

A fauna e a flora também costumam ser significativamente produtivas na toponímia e, assim, não poderia ser diferente na macrotoponímia do estado de Mato Grosso do Sul. Constatou-se a presença de oito nomes de referencial fitotponímico, quais sejam: *Bataguassu*, *Bataiporã*, *Caarapó*, *Taquarussu*, *Figueirão* e *Amambai*; e de quatro designativos de referencial zootponímico: *Dourados*, *Coxim*, *Jaraquari*, *Jateí*. Os topônimos motivados pela flora e pela fauna local evidenciam a influência do ambiente físico na geração dos nomes. O designador traz nomes de animais e de plantas que se vinculam ao seu cotidiano de vida como motivação para nomear elementos geográficos.

O referencial litotponímico também foi bastante recorrente na macrotoponímia sul-mato-grossense. A influência de índole mineralógica, por exemplo, foi traduzida nos designativos *Itaporã*, *Tacuru*, *Itaquiraí*, *Ivinhema*, *Rochedo*, *Corumbá*. A taxa toponímica em que se classificaram os topônimos de referencial litotponímico foi a dos litotopônimos. Observou-se que os re-

ferenciais de natureza física apresentaram certo equilíbrio em termos quantitativos como motivação nos designativos estudados, ou seja, não houve referencial ou taxionomia que tenha sido muito mais recorrente que outras.

Tendo em vista que neste estudo o foco foi voltado para a macrotoponímia do estado de Mato Grosso do Sul, ou seja, os nomes dos municípios – elementos geográficos humanos, do mesmo modo como nas pesquisas a respeito da toponímia urbana e da humana – diferente de pesquisas sobre a toponímia física, houve o predomínio de topônimos de natureza antropocultural na nomeação dos municípios sul-mato-grossenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo houve o objetivo de apresentar uma discussão a respeito dos mecanismos de classificação semântica dos topônimos. Para tanto, buscaram-se em obras clássicas da Toponímia os subsídios teóricos necessários com vistas à aplicação na macrotoponímia de Mato Grosso do Sul.

Desta forma, o texto foi alicerçado em dois eixos básicos de classificação semântica: referenciais e taxionomias. A fundamentação acerca dos referenciais foi buscada em Dick (1997), enquanto para o segundo eixo foi aplicado o modelo taxionômico de Dick (1990; 1992). A discussão acerca das causas denominativas, com ênfase nas categorias de Dauzat (1922), Vasconcellos (1931), Backheuser (1952), Stewart (1954), teve como propósitos auxiliar no processo de análise em termos taxionômicos e demonstrar que a causa não se confunde com a taxa que, por sua vez, se pauta em informações linguísticas. Nessa perspectiva, os dados classificados e analisados foram inseridos em dois quadros que contemplaram os referenciais de natureza antropocultural e os de natureza física. Nesses quadros, inseriram-se o topônimo e o respectivo detalhamento com referenciais toponômicos, causas denominativas e taxionomias toponômicas.

Procurou-se, pois, estabelecer a diferença entre causa denominativa, ou seja, o motivo que influenciou o designador, referenciais toponímicos que são as informações, implícitas ou explícitas, transparentes no signo toponímico, e taxionomias toponímicas, a informação semântica subjacente ao nome elevado à categoria de topônimo, ou seja, o que significa e transparece na análise do signo toponímico. Vale ressaltar que, por ser um estudo novo, o segundo no que tange à análise de referenciais, muito ainda pode ser acrescentado, lapidado ou modificado de acordo com o *corpus* que o estudioso tiver em mãos.

A análise do *corpus* revelou que predominam na macrotoponímia sul-mato-grossense os designativos de referencial de natureza antropocultural, tendência explicável pela própria natureza do objeto nomeado, ou seja, elementos geográficos humanos, mas que, mesmo assim, a ocorrência de topônimos de referencial de natureza física é bastante produtiva.

Além disso, foi possível propor um acréscimo aos referenciais toponímicos de Dick (1997), considerando-se o universo do *corpus* deste trabalho, e de uma nova *taxe*, *artistopônimo*, para classificação de topônimos com referência às artes de forma em geral (títulos de livros, nomes de artistas, poetas, escritores, esculturas, escultores, pintores e pinturas, músicos e composições musicais etc.).

Vale ressaltar que este estudo não tem caráter exaustivo, tendo em vista que categorias toponímicas podem ser definidas de acordo com os dados que o toponimista analisa, ou seja, se houver algum nome de lugar cuja classificação não exista no modelo adotado, é facultada ao pesquisador a opção de um estudo apurado do problema que poderá resultar ou não na sugestão e adoção de nova *taxe*. O mesmo processo pode ser aplicado aos referenciais. Enfim, os topônimos, o objeto de estudo do toponimista, apontarão os rumos a serem seguidos conforme os objetivos delineados para a pesquisa toponímica. Da parte das autoras deste trabalho, outros estudos nesse mesmo viés encontram-se em andamento.

Espera-se que este estudo forneça contribuições aos pesquisadores de Toponímia e que, de alguma forma, suscite e inspire novos trabalhos nessa linha metodológica.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Bianca da Silveira de. *A Toponímia urbana de Campo Grande/MS: um estudo etnolinguístico da região do Segredo*. 2017. 241 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.
- ASSIS, Cecy Fernandes de. *Dicionário Guarani-Português/Português-Guarani*. São Paulo: Edição da Autora, 2008.
- ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul. *Sistema de Dados*. Campo Grande: UFMS, 2011 (acesso restrito).
- AULETE, Caldas. *iDicionário Aulete Digital*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital Ltda, 2014. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acessos diversos.
- BACKHEUSER, Everardo. Toponímia. Suas regras, sua evolução. *Revista Geográfica*, Rio de Janeiro, v. 9/10, n. 25, p. 163-195, 1952.
- BRAZIL, Maria do Carmo; DANIEL, Omar. Sobre a rota das Monções. Navegação fluvial e sociedade sob o olhar de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista IHGB*, Rio de Janeiro, v. 438, p. 210-226, jan./mar. 2008. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0BydR8nHYLc_KTEI2OTR6Q3pwOU0/edit. Acesso em: 16 abr. 2020.
- BUENO, Silveira. *Vocabulário tupi-guarani-português*. São Paulo: Éfita, 1998.
- CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 1991.
- CORBACHO QUINTELA, Antón. Do sertão ao cerrado do Planalto Central: uma questão de nomenclatura. *Revista UFG*, Goiânia, ano XII, n. 9, p. 242-257, dez. 2010.
- DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Origine et évolution. Paris: Librairie Delagrave, 1922.
- DICK, Maria Vicentina do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina do Amaral. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo, 1954-1897*. São Paulo: Annablume. 1997.

DICK, Maria Vicentina do Amaral. Método e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de Caso: Atlas Toponímico do estado de São Paulo. *Investigações - Lingüística e Teoria Literária*, Recife/UFPE, v. 9, ano XII, p. 119-148, 1999.

EDELWEISS, Frederico G. *Estudos Tupis e Tupi-Guarani: confrontos e revisões*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1969.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980. v. 2.

GUASCH, Antonio; ORTIZ, Diego. *Diccionario castellano-guarani; guarani-castellano*. Asunción, Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Hidronímia e Toponímia: interinfluências entre ambiente e história. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani (Orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. v. VII. Campo Grande: Editora UFMS, 2014. p. 63-80.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. *Prolíngua*, João Pessoa, v. 1, n. 2, p. 34-52, 2008.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Quinto volume (Q-Z). Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Gramatica y diccionarios (arte, vocabulario y tesoro) de la lengua tupi ó guarani*. Vienna: Faesy y Frick; Paris: Maisonneuve y Cia, 1876.

MORÍNIGO, Marcos A. *Nuevo Diccionario de Americanismos e Indigenismos*. 1. ed. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1998.

SAMPAIO, Mario Arnaud. *Vocabulário guarani-português*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional; Brasília, DF: INL, 1987.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SILVA, Camila André do Nascimento da; ISQUERDO, Aparecida Negri. Topônimos de base indígena no município de Aparecida do Taboado (MS): um estudo sobre as taxionomias. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro/CiFEFIL, ano 23, n. 67 Supl.: Anais do IX SINEFIL, p. 1287-1304, jan./abr.2017

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso*. Da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

STEWART, George Rippey. A classification of place names. *Names*, Beckerley, v. II, n. 1, p. 01-13, mar. 1954.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi*: Significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço Editora, 1997.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opusculos*. Onomatologia. v. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

Sites consultados:

AQUIDAUANA. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/aquidauana/historico>. Acesso em: 15 abr. 2020.

BODOQUENA. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/bodoquena/historico>. Acesso em: 04 abr. 2020.

FORTE DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES DE IGUATEMI. Disponível em: http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=158&muda_idioma=ES. Acesso em: 09 abr. 2020.

IBGE@cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/panorama>. Acesso em: 15 abr. 2020.

IGUATEMI. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/iguatemi/historico>. Acesso em: 05 abr. 2020.

MBATTOVI Espaço de la Cultura Bilíngüe Paraguaya. Disponível em: <https://mbatovi.blogspot.com/2010/07/el-significado-del-toponimo-yuty.html>. Acesso em: 16 mar. 2020.

TACURU. História de Tacuru. Disponível em: http://tacuru.ms.gov.br/novo_site/index.php?nivel=1&exibir=secoes&ID=25. Acesso em: 20 mar. 2020.



OS AUTORES

Ana Cláudia Castiglioni



Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP (2014). Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT)/Araguaína, no curso de graduação em Letras, no Mestrado Profissional em Rede (Profletras) e no Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua e Literatura. Pesquisadora na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Toponímia, Lexicografia e Terminologia. Pesquisadora do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul.

E-mail: anacastiglioni@hotmail.com

Ana Paula Tribesse Patrício Dargel



Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) (2011). Pós-Doutora em Letras, área de concentração “Análise, descrição e documentação de línguas naturais” pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPTL). Professora na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Pesquisadora na área de Linguística e atua, principalmente, nos seguintes temas: Lexicologia, Lexicografia, Pedagogia do léxico, Toponímia. Pesquisadora do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul.

E-mail: tribesse@yahoo.com.br

Aparecida Negri Isquerdo



Doutora em Letras, Linguística e Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) (1996). Docente aposentada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora permanente na pós-graduação *stricto sensu* na UFMS: Programa de Pós-Graduação em Letras/Três Lagoas e Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens/Campo Grande. Pesquisadora na área de Linguística, com ênfase em Lexicologia, Lexicografia, Dialetoologia e Toponímia. Coordenadora do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul.

E-mail: aparecida.isquerdo@gmail.com

Carla Regina de Souza Figueiredo



Doutora em Letras, Estudos da Linguagem/ Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2014). Professora na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)/Dourados. Pesquisadora na área de Linguística e atua, principalmente, nos seguintes temas: Lexicologia, Lexicografia, Toponímia, Sociolinguística e Dialetoologia. Pesquisadora do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul.

E-mail: carlarsfigueiredo@gmail.com

Doraci da Luz Gonsalves



Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2004). Professora da Rede Municipal de Ensino de Dourados – Secretaria Municipal de Educação-SEMED, Dourados-MS. Atuou como pesquisadora no Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul de 2005 a 2012.

E-mail: doragonsalvesl@hotmail.com

Marilze Tavares



Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL (2015). Professora na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no curso de Letras. Pesquisadora na área de Linguística e atua, principalmente, nos seguintes temas: Toponímia, Sociolinguística. Pesquisadora do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul.

E-mail: marilzetavares@ufgd.edu.br

Marineide Cassuci Tavares



Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) (2005). Atuou como pesquisadora no Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul de 2005 a 2012.

E-mail: adm@artecamisetas.com.br

Marlene Schneider



Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Três Lagoas (2002). Professora da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul e da Prefeitura Municipal/SEMED em Corumbá-MS. Atuou como pesquisadora no Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul de 2005 a 2012.

E-mail: marleneguice@hotmail.com

Renato Rodrigues Pereira



Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) (2018). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)/Três Lagoas, no Curso de graduação em Letras, no Programa de Pós-Graduação em Letras e no Mestrado Profissional em Letras (Profletras). Pesquisador na área de Linguística, atuando,

principalmente, nos seguintes temas: Lexicologia, Toponímia e Lexicografia Pedagógica. Pesquisador do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul.

E-mail: astrolabiorrp30@gmail.com

Suely Aparecida Cazarotto



Doutora em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) (2019). Professora de Ensino Médio na Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. Pesquisadora na área de Linguística, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Lexicologia, Toponímia e Lexicografia. Pesquisadora do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul.

E-mail: suely.cazarotto@hotmail.com

Aparecida Negri Isquerdo (Organizadora)



Professora permanente nos Programas de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Campo Grande), e em Letras (Três Lagoas), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenadora do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul / UFMS. Membro do Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil como Diretora Científica e Coordenadora do

ALiB-Regional Mato Grosso do Sul. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq.

E-mail: aparecida.isquerdo@gmail.com

Este livro foi editorado com as fontes Palatino Linotype e Myriad Pro.
Publicado *on-line* em: <https://repositorio.ufms.br:8443/jspui/>

A Toponímia, uma das áreas de investigação da Onomástica, tem como objeto de estudo o signo toponímico, itens lexicais da língua que são investidos, pelo uso, de função denominativa. Concebe-se, assim, o ato da nomeação de um lugar como uma forma de apropriação pelo homem do lugar onde habita e exerce suas atividades profissionais. Nesse sentido, os topônimos circunscritos a um espaço geográfico fornecem elementos que podem se configurar como pistas para a interpretação da história do homem e a sua relação com o espaço.

Esta obra, o segundo volume da série TOPONÍMIA, a exemplo do primeiro, divulga resultados do Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul). Os textos que integram esta publicação, à exceção do primeiro que descreve os pressupostos teórico-metodológicos adotados para a produção do ATEMS, abordam vieses que mais se destacaram na toponímia rural dos municípios sul-mato-grossenses. Assim, foram objeto de reflexão tópicos relacionados à motivação, às camadas étnicas e à estrutura dos sintagmas toponímicos, a topônimos que se relacionam com os biomas Pantanal e Cerrado, além de um estudo da macrotoponímia (nomes dos municípios) de Mato Grosso do Sul.

A obra destina-se a pesquisadores da área da Onomástica/Toponímia, a estudantes de graduação e de pós-graduação interessados na área dos estudos lexicais, a professores e a estudantes da Educação Básica, além de estudiosos de áreas afins à Toponímia.

ISBN 978-85-7613-603-3



9 788576 136033